

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

**MICHEL ALVES FERREIRA**

**QUE VERDADES PODEM NOS FAZER LIVRES? DESVELANDO DISCURSOS  
ÈMOTOLÓGICOS DE GÊNERO E RAÇA NOS ESPAÇOS DAS UNIVERSIDADES**

CURITIBA

2021

**MICHEL ALVES FERREIRA**

**QUE VERDADES PODEM NOS FAZER LIVRES? DESVELANDO DISCURSOS  
ÀIMÒTOLÓGICOS DE GÊNERO E RAÇA NOS ESPAÇOS DAS UNIVERSIDADES**

**WHICH TRUTHS CAN MAKE US FREE? UNVEILING ÀIMÒTOLÓGICAL  
DISCOURSES ABOUT GENDER AND RACE IN THE UNIVERSITIES SPACES**

**¿QUÉ VERDADES PUEDEN HACERNOS LIBRES? REVELANDO DISCURSOS  
ÀIMÒTOLÓGICOS DE GÉNERO Y RAZA EN LOS ESPACIOS DE LAS  
UNIVERSIDADES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em  
Tecnologia e Sociedade (PPGTE) como requisito para  
obtenção do grau de Doutor em Tecnologia e Sociedade  
da Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
(UTFPR).

Área de Concentração: Tecnologia e Sociedade. Linha  
de Pesquisa: Tecnologia e Trabalho.

Orientação: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lindamir Salete Casagrande.

CURITIBA

2021



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



MICHEL ALVES FERREIRA

**QUE VERDADES PODEM NOS FAZER LIVRES? DESVELANDO DISCURSOS À MÍTOLÓGICOS  
DE GÊNERO E RAÇA NOS ESPAÇOS DAS UNIVERSIDADES**

Trabalho de pesquisa de doutorado  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Doutor Em  
Tecnologia E Sociedade da  
Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná (UTFPR). Área de  
concentração: Tecnologia E  
Sociedade.

Data de aprovação: 30 de Setembro de 2021

Prof.a Lindamir Salete Casagrande, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Anna Maria Canavarro Benite, Doutorado - Universidade Federal de Goiás (Ufg)

Prof.a Marília Gomes De Carvalho, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Megg Rayara Gomes De Oliveira, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Prof Sidnei Barreto Nogueira, Doutorado - Instituto Livre de Estudos Avançados em Religiões Afro-Brasileiras

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 30/09/2021.

Embora a tese siga as orientações metodológicas e procedimentos científicos para a construção de trabalhos acadêmicos, há aqui um viés político e, em algumas partes, fortemente pessoal (justificado epistemologicamente, inclusive). Deste modo, esta dedicatória é para todos os sujeitos, especialmente às mulheres, pessoas indígenas e pessoas negras de diversas identidades, afetividades, condições socioeconômicas e sexualidades deste continente latinoamericano, que tiveram seus acessos dificultados e/ou negados em diferentes espaços de produção de saberes. Só quem sente isso “na pele”, tal como eu senti inúmeras vezes durante a vida, entende do que estou falando.

## AGRADECIMENTOS

Talvez este não seja o melhor canal para explicitar minha gratidão a tantas pessoas que permitiram que eu chegasse até aqui. Talvez haja formas mais afetivas, diretas e eficientes de simplesmente dizer: muito obrigado! Da mesma forma, é possível que eu cometa deslizes ao esquecer de mencionar alguém, por isso espero que o leitor e a leitora me perdoem antecipadamente.

Entretanto, não posso esquecer de que é Èşù quem apresenta primeiro os caminhos e entrelaçamentos, que vivo e vivi ao longo dessa existência/resistência: ora difícil, ora triste, ora alegre, ora violenta, tortuosa e solitária. É ele quem me lembra de que nem tudo é o que parece ser. É ele quem assevera de que, nas trocas desse mercado chamado vida, se eu não dialogo com a natureza, com o outro e a outra, se eu só peço e esqueço de dar algo de mim, isso é roubo do coletivo e exaltação ridícula do individual, sanha desse sistema capitalista perverso ocidental, que está montado em uma desigualdade sem precedentes. À Èşù, portanto, eu presto reverência, agradeço, e o chamo para esta gira epistemológica/analítica chamada tese. **Laroyê!**

Posso ter me tornado uma pessoa um tanto cética durante meus quarenta anos de vida, mas nunca esqueço da proteção de Òsún, ÒRISÀ esta que me protege e guia os meus caminhos desde que me entendo por gente, ainda que não tivesse a dimensão de sua presença em minha vida. A ela, minha saudação e meu agradecimento carinhoso! **Ora yê yê ô!**

Quero agradecer à todas as professoras, diretoras, diretores e professores, pedagogas, merendeiras, secretárias e secretários, zeladoras, inspetoras e inspetores escolares que tive, desde os meus oito anos de idade, quando fui à escola pela primeira vez, lá em 1989. Mal sabiam elas e eles que cada ensinamento dado, reprimenda necessária e/ou desnecessária, assim como as conversas calorosas nos corredores das escolas onde estive (99% delas públicas e com uma série de carências), foram determinantes para que eu enfrentasse de frente a fome, a tristeza por ter uma família problemática, a sensação de ser um errante eterno no mundo por achar que minha sexualidade era simplesmente vil, pecaminosa, desviante. Mal sabiam todas elas e eles que suas histórias seriam fundamentais para que eu ressignificasse a **minha** história e enxergasse **esperança** onde aparentemente não existia, a partir da **educação**. Certo é que, além de agradecer publicamente, tenho a responsabilidade hoje de ser incentivo à tantas outras pessoas, especialmente as consideradas **abjetas** por segmentos da sociedade brasileira e mesmo latinoamericana. Há esperança se nos ajudarmos **coletivamente** e eu sou a prova disso!

Registro meu agradecimento e carinho também ao PPGTE e ao GeTec, grupo de estudos que me acolheu carinhosamente lá em 2015. Às professoras, professores, pesquisadoras, pesquisadores, funcionárias e funcionários da UTFPR e PPGTE, meu beijo, abraço e muito obrigado!

Não poderia deixar de mencionar à todas as pessoas queridas que me auxiliaram durante o processo de Progressão Direta do Mestrado para o Doutorado em 2017. Todas elas, além de apostarem em mim, acabaram por se tornar queridas amigas e queridos amigos. Um obrigado sincero e especial à Profª Nanci Stancki, à Profª Faimara Strauhs, à Profª Marília Abrahão, ao Prof. Domingos Leite, ao Prof. Nilson Garcia e ao Prof. Ivo Queiroz, todas e todos da

UTFPR. Aos apontamentos realizados pela Profª Maria Rosa Lombardi, da Fundação Carlos Chagas, à época deste processo de Progressão, registro também meu carinho e agradecimento sincero, bem como das Profs. Nadia Veronique Jourda Kovaleski e Marília Gomes de Carvalho, da UTFPR. Da mesma forma, um obrigado e carinho especial à estas pessoas que me incentivaram diretamente em todas as fases do processo: Glacielli, Egre, Ana Maria, Tânia, Janaína, Michelle, Ana Maria colombiana, Gabriela uruguaia, Nabylla, Pricila, Jocelaine, Rho, Kaciane, Patrícia, Adriana, Aline, Mariana, Camila, Elaine, Maureen, Lou, Wesley, Ricardo Alexandre, Cleison, Lucas, Leander, Pedro e Humberto, este último por insistir em me colocar no Congresso LGBTI+ realizado em novembro de 2019, logo depois de ter voltado ao Brasil. Foi por ter apresentado parte da minha pesquisa em uma mesa de debates e ter coordenado um Grupo de Trabalho neste congresso que conheci pessoas incríveis, especialmente o professor mineiro e hoje amigo/irmão filósofo Thiago Teixeira.

Registro, especialmente, toda minha gratidão e carinho sincero à Profª Lindamir Casagrande, minha orientadora. Sempre que posso, digo pessoalmente a ela, e não poderia ser diferente ao registrar estes agradecimentos na tese:  **você não dimensiona o quanto mudou minha vida para melhor!** Esta parceria de duas pessoas **teimosas** parece ter dado mais do que certo! Não só se tornou uma grande mentora acadêmica, como também se tornou uma **amiga querida!**

Agradeço sinceramente as professoras componentes da banca de qualificação de doutorado, realizada em fevereiro de 2018: Carla Cabral, Marília Gomes, Megg Rayara e Nadia Veronique. Não esquecerei a generosidade acadêmica e humanidade de todas estas pessoas admiráveis em suas áreas de estudo, as quais admiro e tenho um profundo respeito. Do mesmo modo, registro minha gratidão às pessoas entrevistadas no Brasil: sem vocês simplesmente não haveria pesquisa!

Agradeço às professoras/es doutoras/es que fazem parte hoje da minha banca de defesa: Sidnei Barreto Nogueira (querido Pai, minha reverência!), Marília Gomes de Carvalho, Megg Rayara Gomes de Oliveira e Anita Canavarro Benite. Simplesmente a troca de saberes e vivências, dialética/dialogicamente, fizeram com que este trabalho estivesse aqui, pronto para ser analisado/criticado. Também registro meu agradecimento sincero à Profª Drª Tania Pérez-Bustos, da Escuela de Estudios de Género da Universidad Nacional de Colombia (UNAL - sede Bogotá), que prontamente me acolheu para a realização do estágio doutoral.

Nem poderia deixar de expressar publicamente minha eterna gratidão às pessoas que me acolheram neste um ano de vivências, experiências e partilhas desta **Colombia, ¡tierra querida!** País este que me encantou desde o momento em que pisei os pés no Aeroporto El Dorado, completamente assustado e ao mesmo tempo imensamente feliz, lá no dia 01 de outubro de 2018. Certamente este tempo passado em solo colombiano mudou (para melhor!) minha forma de enxergar/interpretar o mundo e a **mim mesmo**. Tanto é verdade que quando regressei ao meu país, senti que um pedaço de mim ficou lá!

Registro, assim, meu carinho e agradecimento especial à Profª Mara Viveros e ao Prof. Oscar Quintero, ambos da UNAL, assim como aos psicólogos queridos desta mesma universidade: Laura e Olmo; ao querido Prof. Juan Carlos Burbano e à Profª. Consuelo Orozco, da Universidad Tecnológica de Pereira e a todas as pessoas com quem tive contato nesta universidade espetacular, principalmente às minhas entrevistadas e entrevistados (do Brasil e da Colômbia), uma vez que sem os seus relatos não haveria pesquisa! À Amandita, esta brasileira mais colombiana que conheci, que amorosamente me buscou no aeroporto e se mostrou uma querida amiga. À Norma e Davi, por terem me acolhido em sua casa nas

primeiras duas semanas de Bogotá; ao querido Tomás, que mais do que um colega de apartamento se converteu em um bom amigo e camarada; à Rosita, pelas conversas e partilhas semanais de sua vida todas às terças-feiras; aos queridos e queridas das aulas de Raça e Racismo da UNAL, especialmente à Micaela, Katalina, Petunia, Laura, Eliana, Diana e Carlos (grupo lindamente multi/pluricultural que conheci); à Betina, pelas conversas desprentensiosas e inspiradoras; à Ticiania, esta guerreira brasileira manauara, também turismóloga como eu, que pela convivência em razão do nosso estágio doutoral na Colômbia, se mostrou uma amiga bacana para várias horas.

Às **brujas pereiranas**, não somente por terem me transformado em um **brujo** honorário, mas por me incluírem em suas vidas de um modo muito bonito, sempre pelo intermédio da amada Ana Maria Rivera (minha Ana colombiana preferida!): Mari, Nini (mi esposa, haha!), Ivonne, Gloria e Leidy; à Sandra, por sua forma direta e bacana de enxergar a vida e pelo carinho com que me tratou toda vez que nos encontramos. À Catalina, Beatriz, Juan José, Miguel Pai, Miguel filho, Celeste e Sebastián, por me fazerem sentir amado e acolhido nas vezes em que eu ia à Manizales. Do mesmo modo não posso deixar de mencionar Tepha e Conra: a primeira por me acolher em sua casa nos últimos meses do estágio (junto com seus gatinhos lindos) e ter se tornado uma querida irmã; ao segundo, por ser mais um querido parceiro de amizade para a vida, assim como todas as outras pessoas colombianas que conheci. À Juan Jerónimo e sua *hermanita* Cristina, por ajudarem a deixar meus últimos três meses de Colômbia mais recheados de amor, carinho, paixão, alegria, diversão e leveza.

Do mesmo modo, agradeço às comunidades de Bolsistas Capes/CNPq do *Facebook* e *What's App* em que estive: pelas risadas, histórias compartilhadas, anseios, angústias e descontrações. Um salve grande!!! Também, às queridas/os do coletivo internacional de ativistas e pesquisadoras/es *Campus Comum*, ao qual participo desde 2020 e dos extraordinários/as amores do coletivo *Nosso Mundo Ch'ixi*: vocês todas e todos me ajudam a ser uma pessoa melhor e mais crítica frente a este mundo perverso e desigual! Meu carinho e meu beijo!

Agradeço especialmente algumas pessoas que são fundamentais na minha vida. Início este agradecimento à minha irmã Monica. Saiba que você, irmã querida, me salvou da morte e da fome, ao simplesmente acreditar que eu poderia **ser mais quando nem mesmo eu acreditava em mim**. Você tem o **cerne freireano** sem mesmo se dar conta, amada! Agradeço em seguida ao Willian, meu ex companheiro que durante muito tempo foi revisor de meus textos e até hoje me ajuda com sua amizade e incentivo: **saiba que nunca esquecerei tudo o que fez por mim!** Também registro meu agradecimento aos meus colegas e docentes do curso de Turismo da Unioeste de Foz do Iguaçu: esta faculdade me abriu os olhos para o mundo e às culturas diversas, além de trazer Flávia, Fernanda, Débora e Ana para minha vida, deixando esta (r) existência mais alegre, colorida e divertida. Às minhas amigas e amigos de Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este, sou eternamente grato pelo compartilhamento de momentos bacanas e difíceis durante os dez anos em que vivi lá. Aos meus amigos, amigas, ex amores e amores desta terra curitibana que me acolheu desde 2006, meu muito obrigado por serem simplesmente vocês: Ricardo Alexandre (amado amigo desde 2005), Vitor, Julio, Ottavio, Amanda, Lou, Ana Paula, Andrea, Iriel, Huguito, Luana, Jonathan e Maurício (dengo recém chegado a este círculo de afetos).

Finalmente, agradeço à Capes pela concessão das bolsas que permitiram a realização plena do trabalho, desde a época do mestrado, lá em 2016. Este apoio foi fundamental para a viabilização da pesquisa e subsistência do pesquisador. – código de financiamento 001.

Quando somos **protegidas contra a discriminação racial**, somos protegidas **contra todas as formas de discriminação racial, não apenas contra as que ocorrem para os homens**. E quando somos protegidas da **discriminação de gênero**, somos protegidas **de todas as formas de discriminação de gênero e não apenas das formas que afetam as mulheres da elite que estão protegidas das formas que ocorrem com as mulheres pobres e negras**”

(CRENSHAW, Kimberlé, 2004, p. 15. Grifos nossos).

Quais são os custos de **ser ouvida** ao tentar uma escrita **entre mundos acadêmicos** distintos? Quem **paga** por eles? A quem **importa**? De que **maneira**? Devo dizer que estas perguntas não somente são dirigidas aos **estudos feministas da América Latina**, mas também às pesquisadoras e pesquisadores de **outros campos** de **outras regiões colonizadas** como a minha.

(PÉREZ-BUSTOS, Tania, 2017, p. 70. Tradução nossa. Grifos nossos).

As andanças que fiz por diferentes culturas e lugares do mundo me permitiram avaliar as garantias dadas ao integrar esse clube da humanidade. E fiquei pensando: “Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?”. Será que não estamos sempre atualizando aquela nossa velha disposição para a servidão voluntária?

(KRENAK, Ailton, 2019, p. 8. Grifos do autor).



*Na trama, tudo os drama turvo, eu sou um  
dramaturgo  
Conclama a se afastar da lama, enquanto inflama  
o mundo  
Sem melodrama, busco grana, isso é hosana em  
curso  
Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso  
É um mundo cão pra nóiz, perder não é opção,  
certo?  
De onde o vento faz a curva, brota o papo reto  
Num deixo quieto, num tem como deixar quieto  
A meta é deixar sem chão, quem riu de nóiz sem  
teto*

(EMICIDA; DJ JUH; VASSÃO, Felipe. AmarElo, 2019, faixa 10).

## RESUMO

FERREIRA, Michel Alves. **QUE VERDADES PODEM NOS FAZER LIVRES? DESVELANDO DISCURSOS ÀIMÒTOLÓGICOS DE GÊNERO E RAÇA NOS ESPAÇOS DAS UNIVERSIDADES**. 2021. 246f. Tese (Doutorado em tecnologia e sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

Este trabalho objetivou analisar manifestações àimòtológicas frente a percepções do conhecimento produzido e ignorâncias frente a questões de gênero e raça, de docentes de cursos de pós-graduação da UTFPR e UTP, a partir dos seus respectivos lugares enunciativos. Teve como elemento motivador inicial a dissertação de mestrado, defendida em agosto de 2017, onde esta procurou inserir um olhar de gênero nas métricas publicizadas de produção científica de docentes, de dois programas de pós-graduação do *Campus* Curitiba da UTFPR, a partir das bases de dados oficiais disponíveis. A natureza da pesquisa é qualitativa/interpretativa, localizada, interdisciplinar e situada. Buscou-se o esforço teórico/metodológico de constituir uma trilha analítica discursiva própria, para dialogar com as falas de docentes da UTFPR e UTP entrevistados/as. Adjunto à criação deste instrumento analítico, apresentou-se também um conceito/noção de ignorância sistêmica e coletiva, a àimòtologia. Este conceito teve como fundamentos basilares, para além de literatura científica já produzida sobre a ciência da ignorância, alguns fundamentos coletivos das culturas afro, a partir de diálogos realizados entre 2019 e 2020 com um *Bàbàlòrisà* e uma *Ìyálòrisà* brasileiros. Essas conversas realizadas, com as autoridades coletivas máximas do Candomblé, se converteram finalmente em um dos procedimentos metodológicos/analíticos; os instrumentos de pesquisa utilizados foram entrevistas semiestruturadas com docentes homens e mulheres de cursos *stricto sensu* da área de engenharias e humanidades das duas universidades, combinados as anotações de diário de campo realizadas durante o estágio doutoral e outras pesquisas realizadas no Brasil antes do Doutorado Sanduíche (Edital 47/2017 - Capes). No caso da universidade colombiana, o período de entrevistas compreendeu os meses de março a julho de 2019. Com relação à universidade brasileira, as entrevistas foram realizadas de 2017 (após aprovação de projeto em comitê de ética, processo de progressão direta de mestrado para doutorado e exames de qualificação da pesquisa) até setembro de 2018. A escolha do país e supervisão acadêmica no exterior perpassou pelos seguintes critérios: composição racial, cultural, econômica e social com similaridades à realidade brasileira; contexto de pesquisa com elementos semelhantes à realizada no Brasil; contexto de universidade com características e singularidades à realidade brasileira e/ou latinoamericana e, por fim, supervisão acadêmica de relevância regional/latinoamericana. Observar realidades similares/diferentes da pós-graduação colombiana e brasileira permite pensar novas epistemologias latinoamericanas de produção científica/tecnológica, criticizando o modo como se produz os documentos de divulgação da produção acadêmica de docentes e as questões interseccionais presentes, como cultura de cada país, divisão social e sexual do trabalho, racismos, sexismos e Lgbtfobias, financiamento de projetos, colaboratividade entre pesquisadores/as latino-americanos/as e de outros continentes e, finalmente, formas de pensar a ciência em áreas diversas com as relações de poder entre os/as pesquisadores/as.

**Palavras-Chave:** Ciência e Tecnologia; Gênero e Raça; Discursos; Ignorância; Àimòtologia; Pós-Graduação.

## ABSTRACT

FERREIRA, Michel Alves. **WHICH TRUTHS CAN MAKE US FREE? UNVEILING ÀÌMÒTOLÓGICAL DISCOURSES ABOUT GENDER AND RACE IN THE UNIVERSITIES SPACES.** 2021. 246p. Doctoral Thesis (PhD in Technology and Society) – Postgraduate Program in Technology and Society, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

This study aims to analyze àìmòtológical (ignorances) manifestations towards perceptions of the knowledge produced and gender and race issues, of professors of graduate courses at UTFPR and UTP, from their respective enunciative speeches sphere. As an initial motivational element, a Master's dissertation, which was defended in August 2017, was taken, in which it was sought to insert a gender perspective in the public metrics of the scientific production of professors, of two programs *stricto sensus* of the *Campus* Curitiba of the UTFPR, from the official databases. It should be noted that the nature of this research is qualitative and interpretive, localized, interdisciplinary and situated. A theoretical/methodological effort was sought to establish a discursive analytical path of its own, to dialogue with the speeches of interviewed teachers from UTFPR and UTP. Along with the creation of this analytical instrument, a concept/notion of systemic and collective ignorance was also presented, denominate àìmòtología. This concept had as basic foundations, in addition to the scientific literature already produced on the science of ignorance, some collective fundamentals of Afro cultures, starting from dialogues carried out from held between 2019 and 2020 with a Bàbálórìsà and a Ìyálórìsà. These conversations carried out, with the maximum collective authorities of Candomblé, finally became one of the methodological/analytical procedures of this thesis; the research instruments to be used will be semi-structured interviews with male and female professors from *stricto sensus* technical courses in the field of engineering and humanities from the two universities (combined with notes from the fieldwork carried out during the doctoral internship and other research carried out in Brazil before the Doctorate Sandwich). In the case of the Colombian university, the interview period covered the months of March to July 2019. With regard to the Brazilian university, the interviews were carried out throughout the year 2017 (after approval of the project by an ethics committee, a process of direct progression from master's to doctorate and partial research evaluation by PPGTE postgraduate program) to September 2018. Thus, the choice of the country and academic supervision abroad were under the following criteria: ethnic, racial, culture, economic and social composition with similarities to the Brazilian reality; context of research with elements similar to those carried out in Brazil; context of a university with characteristics and singularities to the Brazilian and / or Latin American reality and, finally, academic supervision of regional / Latin American relevance for the studies of gender in Science and Technology. Observing similar and different realities of Colombian and Brazilian postgraduation allows us to think of new Latin American epistemologies of scientific and technological production, criticizing the way in which documents are produced to disseminate the academic production of professors and the intersectional questions present, such as the culture of each country, social and sexual division of labor, racism, sexism and LGBT phobia, project financing, collaborative work between Latin American and other continents researchers, ways to think of science in diverse areas and the power relations between the researchers.

**Keywords:** Science and Technology; Gender and race; Discourses; Ignorance; Àìmòtology; Postgraduate courses.

## RESUMEN

FERREIRA, Michel Alves. **¿QUÉ VERDADES PUEDEN HACERNOS LIBRES? REVELANDO DISCURSOS ÀÌMÒTOLÓGICOS DE GÉNERO Y RAZA EN LOS ESPACIOS DE LAS UNIVERSIDADES.** 2021. 246h. Tesis (Doctorado en tecnología y sociedad) - Programa de Posgrado en Tecnología y Sociedad, Universidad Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

Este estudio tiene como objetivo principal analizar las manifestaciones àimòtológicas con relación a las percepciones del conocimiento producido e ignorancias de cuestiones de género y raza, de los docentes de los cursos de posgrado en UTFPR y UTP, desde sus respectivos lugares enunciativos. El elemento motivador inicial fue la tesis de maestría, defendida en agosto de 2017, donde buscó insertar una mirada de género en las métricas disponibles de producción científica de docentes, desde dos programas de posgrados del Campus Curitiba de UTFPR y también desde las bases de datos oficiales disponibles. Cabe señalar que la naturaleza de esta investigación es cualitativa e interpretativa, localizada, interdisciplinaria y situada. Se buscó un esfuerzo teórico / metodológico para establecer un camino analítico discursivo propio, para dialogar con los discursos de los docentes entrevistados de la UTFPR y la UTP. Junto a la creación de este instrumento analítico, también se presentó un concepto / noción de ignorancia sistémica y colectiva, llamándolo àimòtología. Este concepto tuvo como fundamentos básicos, además de la literatura científica ya producida sobre la ciencia de la ignorancia, algunos fundamentos colectivos de las culturas afro, a partir de diálogos llevados a cabo entre 2019 y 2020 con un Bàbálórisà y una Ìyálórisà. Estas conversaciones, con las máximas autoridades colectivas del Candomblé, finalmente se convirtió en uno de los procedimientos metodológicos / analíticos de esta tesis; Los instrumentos de investigación utilizados fueron entrevistas semiestructuradas con profesores y profesoras de programas de posgrados de ingenierías y humanidades de las dos universidades, en conjunto con los apuntes del diario de campo realizado durante la pasantía doctoral, además de otras investigaciones realizadas en Brasil antes del Doctorado Sándwich ( Convocatoria 47/2017 - Capes). En el caso de la universidad colombiana, Las entrevistas abarcaron los meses de marzo a julio de 2019. Con respecto a la universidad brasileña, las entrevistas se llevaron a cabo durante todo el año 2017 (después de la aprobación del proyecto por un comité de ética, un proceso de progresión directa de maestría hasta doctorado y exámenes de calificación de investigación) hasta septiembre de 2018. La elección del país y la supervisión académica en Colombia se basaron en los siguientes criterios: composición racial, cultural, económica y social con similitudes a la realidad brasileña; contexto de investigación con elementos similares a los realizados en Brasil; contexto universitario con características y singularidades a la realidad brasileña y/o latinoamericana y, finalmente, supervisión académica de relevancia regional/latinoamericana para estudios de género en ciencia y tecnología. Observar realidades similares/diferentes en los posgrados de Colombia y Brasil permite pensar en nuevas epistemologías latinoamericanas de producción científica/tecnológica, criticando la forma en que se producen los documentos para la difusión de la producción académica de los docentes y las cuestiones interseccionales producidas, como la cultura de cada país, división social y sexual del trabajo, racismo, sexismo y lgbtforia, financiación de proyectos, colaboración entre investigadores en Latinoamerica y otros continentes y, finalmente, formas de pensar sobre la ciencia en diferentes áreas con las relaciones de poder entre los/as investigadores/as.

**Palabras clave:** Ciencia y tecnología; Género y raza; Discursos; Ignorancia; Àimòtología; Posgrado.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 - Mapa conceitual metodológico .....</b>	<b>57</b>
<b>Figura 2 - Sujeitos da pesquisa (Brasil e Colômbia) .....</b>	<b>71</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 - Elementos info/bibliométricos balizantes .....</b>	<b>49</b>
------------------------------------------------------------------	-----------

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Cronograma Brasil .....</b>	<b>43</b>
<b>Quadro 2 - Cronograma estágio doutoral - Colômbia .....</b>	<b>44</b>
<b>Quadro 3 - Elementos validadores das perspectivas metodológicas adotadas .....</b>	<b>55</b>
<b>Quadro 4 - Trilha analítica dos discursos da investigação .....</b>	<b>65</b>
<b>Quadro 5 - Entrevistadas/os brasileiras/os - UTFPR .....</b>	<b>84</b>
<b>Quadro 6 - Entrevistadas/os colombianas/os - UTP .....</b>	<b>88</b>
<b>Quadro 7 - Síntese do mapeamento discursivo de ciência, tecnologia e disciplina - expressões frequentes.....</b>	<b>101</b>
<b>Quadro 8 - Síntese do mapeamento discursivo de ciência, tecnologia e disciplina - expressões não frequentes.....</b>	<b>104</b>
<b>Quadro 9 - Quadro-Resumo das àimões percebidas nos discursos das/os entrevistadas/os .....</b>	<b>131</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Superior
C&T	Ciência e Tecnologia
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UTFPR
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Colciencias	Departamento Administrativo de Ciencia, Tecnología e Innovación, convertido posteriormente no Minciencias
CPGEI	Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica e Informática Industrial
CTEM	Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemática
CTS	Ciência, Tecnologia e Sociedade
CvLAC	Currículum Vitae de Latinoamerica y el Caribe
DANE	Departamento Administrativo Nacional de Estadística (Colombia)
ESOCITE	Asociación Latinoamericana de Estudios Sociales de La Ciencia y la Tecnología
FCLI	Formulario de Consentimento Libre e Informado
FCUISV	Formulario de Consentimiento Informado Para el Uso de La Imagen y el Sonido de la Voz
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
GeTec	Núcleo de Estudos em Gênero e Tecnologia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICETEX	Instituto Colombiano de Crédito Educativo y Estudios Técnicos en el Exterior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada
LABTRANS	Laboratório Humano de Estudos, Pesquisa e Extensão Transdisciplinares em Integralidade do Cuidado em Saúde e Nutrição, Gêneros e Sexualidade
LGBTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexuais e demais identidades/expressões não contempladas nas siglas (+)
MEC	Ministério da Educação

Minciencias	Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación
Mineducación	Ministerio de Educación Nacional
NARP	Negras/os, Afrodescendientes ou Afrocolombianas/os, Raizal e Palenquera/o
NEAB	Núcleo de Estudos Afro Brasileiros
OCyT	Observatorio Colombiano de Ciencia y Tecnología
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPGTE	Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
SENA	Servicio Nacional de Aprendizaje
SNIES	Sistema Nacional de Información de la Educación Superior
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCUISV	Termo de Consentimento Para Uso de Imagem e Som de Voz
UNESCO	Organização das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNAL	Universidad Nacional de Colombia
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo Baiano
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
UTP	Universidad Tecnológica de Pereira



## SUMÁRIO

<b>É UM MUNDO CÃO PRA NÓIZ, PERDER NÃO É OPÇÃO, CERTO?.....</b>	<b>19</b>
<b>1 ;VA SUBIENDO LA CORRIENTE! COMEÇANDO.....</b>	<b>30</b>
<b>1.1 CONTEXTOS PROBLEMATIZADORES E A TESE CENTRAL.....</b>	<b>30</b>
<b>1.2 OBJETIVOS.....</b>	<b>40</b>
<b>1.3 BALIZADORES.....</b>	<b>41</b>
<b>2 E COUBE TUDO NA MALINHA DE MÃO? A TESSITURA METODOLÓGICA....</b>	<b>46</b>
<b>2.1 FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS .....</b>	<b>47</b>
2.1.1 O processo info/bibliométrico balizador da dissertação e que auxiliou para o surgimento desta tese .....	48
2.1.2 As contribuições trazidas pela banca durante o exame de qualificação de dissertação ..	49
2.1.3 Breves considerações sobre banca durante o exame de qualificação de tese e o trabalho de campo em território colombiano .....	50
2.1.4 Perspectivas metodológicas .....	51
<b>2.2 INSTRUMENTAIS DE PESQUISA.....</b>	<b>58</b>
2.2.1 Entrevistas semiestruturadas.....	58
2.2.2 O discurso e a enunciação como inspirações para composição da trilha analítica .....	60
<b>2.3 CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS .....</b>	<b>66</b>
<b>2.4 PARAMETRIZAÇÕES E LIMITES .....</b>	<b>67</b>
<b>3 QUIERO CONTARLE, MI HERMANO Y HERMANA: DE QUE LUGARES ESTES SUJEITOS FALAM? .....</b>	<b>73</b>
<b>3.1 CONTEXTOS DOS ESPAÇOS DE PESQUISA.....</b>	<b>74</b>
3.1.1 a UTFPR.....	75
3.1.2 a UTP.....	77
<b>3.2 SUJEITOS DA PESQUISA E CATEGORIAS ANALÍTICAS.....</b>	<b>83</b>
<b>3.3 PADRÕES DISCURSIVOS E FUNÇÕES DOS DISCURSOS DAS/OS DOCENTES ENTREVISTADAS/OS DA UTFPR e UTP .....</b>	<b>92</b>
3.3.1. Ciência, tecnologia, disciplinas e discursos.....	94
<b>3.4 DIÁLOGOS. DIÁLOGOS? DIÁLOGOS! .....</b>	<b>108</b>
<b>4 QUIS O QUE NÃO QUERIA, COLOCOU A MESA E DEPOIS DESFEZ: CONVERSANDO SOBRE ÀÌMÒTOLÓGIAS.....</b>	<b>113</b>
<b>4.1 AGNOTOLOGIA, O TERMO ÀÌMÒTOLÓGICO E O CONCEITO DE ÀÌMÒTOLÓGIA .....</b>	<b>117</b>

4.1.1 Breves contextualizações sobre gênero .....	125
<b>4.2 QUEIMANDO A LAMPARINA DA IGNORÂNCIA: ÀÌMÒS E OS/AS PESQUISADORES/AS.....</b>	<b>127</b>
4.2.1 Depressa como o vento: àìmòs e a produção científica.....	132
4.2.2 Abrindo e fechando os pontos: percepções institucionalizadas? .....	140
4.2.3 Apagando essa candeia: dos preconceitos, discriminações e estereótipos naturalizados .....	150
<b>5 LOS ESPACIOS DEL CONOCIMIENTO Y DEL OLVIDO: COSTURAS E ARREMATES FINAIS .....</b>	<b>165</b>
<b>ANO PASSADO EU MORRI... MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO? EPÍLOGO .....</b>	<b>173</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>176</b>
<b>APÊNDICE I – PEQUENO GLOSSÁRIO .....</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICE II - ROTEIROS DE ENTREVISTAS UTILIZADOS ANTES E APÓS EXAMES DE QUALIFICAÇÃO DE MESTRADO E DOUTORADO, APROVAÇÃO DA PESQUISA EM COMITÊ DE ÉTICA E TEORIAS PRINCIPAIS À ÉPOCA (BRASIL E COLÔMBIA) .....</b>	<b>194</b>
<b>APÊNDICE III – TCLE/TCUISV, FCLI e FCUISV (BRASIL E COLOMBIA).....</b>	<b>207</b>
<b>APÊNDICE IV - TERMO DE COMPROMISSO, DE CONFIDENCIALIDADE DE DADOS E ENVIO DE RELATÓRIO FINAL À ÉPOCA DO MESTRADO.....</b>	<b>217</b>
<b>APÊNDICE V – BREVES BIOGRAFIAS BRASILEIRAS UTILIZADAS PARA NOMEAR OS SUJEITOS ENTREVISTADOS.....</b>	<b>218</b>
<b>APÊNDICE VI - BREVES BIOGRAFIAS COLOMBIANAS UTILIZADAS PARA NOMEAR OS SUJEITOS ENTREVISTADOS.....</b>	<b>222</b>
<b>APÊNDICE VII - MODELO DE REGISTRO DE DIÁRIO DE CAMPO CRIADO E UTILIZADO NA COLÔMBIA .....</b>	<b>230</b>
<b>ANEXO I - TERMO DE APROVAÇÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 496 APÓS A RECOMENDAÇÃO PARA A PROGRESSÃO DIRETA DE MESTRADO PARA DOUTORADO .....</b>	<b>231</b>
<b>ANEXO II - CARTA DE ACEITE DE ESTÁGIO NO EXTERIOR PELA UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA (SEDE BOGOTÁ) .....</b>	<b>232</b>
<b>ANEXO III - CERTIDÃO DE EX-BOLSISTA PDSE (EDITAL 47/2017 CAPES).....</b>	<b>233</b>
<b>ANEXO IV - PARECERES APROVADOS PELA CAPES DA ORIENTADORA BRASILEIRA E COLOMBIANA, SOBRE AS ATIVIDADES REALIZADAS EM ESTÁGIO NO EXTERIOR.....</b>	<b>234</b>

**ANEXO V - LETRAS DAS CANÇÕES UTILIZADAS PARA INSPIRAÇÃO E  
NOMEAÇÃO DOS CAPÍTULOS E ALGUMAS SEÇÕES DESTE TRABALHO ..... 236**

## É UM MUNDO CÃO PRA NÓIZ, PERDER NÃO É OPÇÃO, CERTO?

São uma hora e trinta e cinco minutos da madrugada do dia 21 de março de 2020. Ao mesmo tempo em que ouço a música AmarElo<sup>1</sup>, olho o cartaz de boas-vindas pregado sobre a parede do meu quarto, recebido quando regressei do meu estágio na Colômbia em outubro do ano passado. Pouco antes disto, termino de ler uma tradução para o português, de um breve texto de Judith Butler falando sobre a perversidade do sistema capitalista, suas contradições e as desigualdades sociais, econômicas, de saúde pública, de gênero e étnico/raciais frente ao COVID-19<sup>2</sup>, o Coronavírus. Estes três elementos (a canção, o texto lido e o cartaz) me fazem duvidar de ter chegado tão longe na vida. Ao mesmo tempo, também sei que é necessário avançar mais, ressignificar mais coisas vividas.

Algumas vezes cansa, é verdade. Porém, ao lembrar da responsabilidade coletiva que também sinto/devo carregar e que esta é invariavelmente posta, parece que toda a dor e cansaço se torna combustíveis para enfrentar as adversidades da vida inerentes a quaisquer sujeitos. Com o adicional de que, por ser um sujeito marcadamente preto, de origem pobre, latinoamericano e gay, busco no mais íntimo de mim as motivações necessárias para reivindicar/localizar um lugar de fala em espaços que, ora silenciosa, ora estridosa, insistem em me negar, justamente para questionar as epistêmes do que está posto nestes espaços, bem como que grupos sociais as determinam violentamente. Tomo, contudo, o devido cuidado para não cair em armadilhas essencialistas/universais de associar o lugar de fala a tão somente identidades e/ou também de não reconhecer que temos uma influência colonialista/capitalista em nossas formas de pensar e produzir conhecimento, como bem assevera a filósofa indiana Gayatri Spivak (1985, p. 57. Grifo da autora): “Mas deve-se, não obstante, insistir que o **sujeito** subalterno colonizado é irremediavelmente heterogêneo”.

Deixo posto ao leitor e à leitora deste preâmbulo que, desde já, comparto das postulações da filósofa feminista estadunidense Donna Haraway (1995)<sup>3</sup> acerca de se produzir

---

<sup>1</sup> Composição de Emicida (também um dos intérpretes, juntamente com Majur e Pablo Vittar), DJ Juh e Felipe Vassão, lançada no fim de 2019. Tomo a decisão de, a cada título dos capítulos e de algumas seções, para além do título central desta tese, homenagear intérpretes e/ou compositoras e compositores negras e negros, LGBTI+, mulheres e indígenas do Brasil e Colômbia, devidamente referenciados/as nos elementos pós-textuais. No anexo V se encontram as respectivas letras das canções utilizadas no trabalho.

<sup>2</sup> O texto pode ser acessado aqui: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>.

<sup>3</sup> Faço a escolha política de mencionar o nome completo das referências utilizadas, sempre que aparecerem pela primeira vez neste texto. Faço isto não somente para visibilizar outros sujeitos produtores de conhecimento que não homens, mas para também demonstrar o caráter sexista das estruturas normativas/metodológicas ao se propor uma linguagem neutra, o que certamente sabemos que ela não é, uma vez que seus signos, sentidos e

saberes localizados e situados, de forma que ressignifique os modos de se produzir ciência e tecnologia. A partir de Haraway (1995), não considero a ciência e as tecnologias (C&T) neutras, nem em si mesmas e tampouco em seus métodos, artefatos e técnicas produzidas. Uma vez que a C&T estão carregadas de ideologias e disputas de poder<sup>4</sup> entre os diferentes grupos sociais que a produzem, produzindo o que a pesquisadora italiana Tereza de Lauretis (1994) sabiamente chamou em seu texto de tecnologias de gênero. Minha interpretação sobre este conceito de Lauretis (1994) está diretamente relacionada a um conjunto de mecanismos, processos e artefatos produzidos historicamente para controlar os sujeitos, seu *self* e seus corpos.

Portanto esta escrita é pessoal, situada em um contexto, localizada e marcada, o que em nada desmerece o rigor teórico/metodológico que o fermentar uma pesquisa interpretativa em ciências humanas e sociais exige, como bem salientou o pesquisador brasileiro Herivelto Moreira (2018).

Por estas razões primeiras elencadas, começo me expondo (tão abertamente) neste texto, o que reconheço que pode causar um certo incômodo em algumas/ns leitoras/es, assim como os seguinte questionamentos: este modo de iniciar uma tese é científico e correto metodologicamente? Não será apenas mais uma forma vitimista e não científica em expressar conhecimento, ainda mais em espaços acadêmicos?

Para responder tal pergunta recorro, primeiro, a Lélia Gonzalez (1984), quando brilhantemente expôs em seu texto, lá na década de 1980, elementos estruturantes da sociedade brasileira que formam a consciência e memória coletiva do que deve, pode e como ser contado/exaltado. Atenção para o modo proposital e político que ela escreveu, ao trazer a coloquialidade de sua época para as suas costuras epistemológicas e psicanalíticas acerca do racismo e sexismo, operantes na consciência e memória estruturante nacional

Por isso, a gente vai trabalhar com duas noções que ajudarão a sacar o que a gente pretende caracterizar. A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência,

---

significados são subjetivos, parciais, localizados e culturais.

<sup>4</sup> Tanto nesta citação, quanto ao longo do trabalho, as concepções de poder são entendidas a partir de Foucault (2008; 2010; 2014).

afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida, tirada de cena (GONZALEZ, 1984, p. 226-226. Grifos da autora)

A chave para se entender este fragmento remete a pensar o exercício dialético proposto pela autora, de forma que, tomando as postulações de Moreira (2018) e da própria Gonzalez (1984), ofereço ao leitor e à leitora um breve relato da minha trajetória pessoal para explicitar como se constituíram os elementos fundantes da tese, uma vez que destas memórias inscritas em meu corpo e em minha vivência pude entender, bem mais tarde, como se opera o racismo, classismo e sexismo nos espaços em que circulei e circulo, ou seja: o discurso da consciência.

Começo dizendo que não recordo exatamente em que dia comprei, mas tenho certeza de que foi em uma das últimas semanas de vivências/experiências acadêmicas e pessoais na Colômbia: estava em uma livraria na cidade de Pereira, durante à tarde e matando tempo enquanto esperava encontrar com uma amiga, quando compro um livro da escritora portuguesa Lídia Jorge (2019, p. 13. Tradução nossa). Assim que pago no caixa e saio da livraria, abro o fino livro e me deparo com a seguinte citação<sup>5</sup>, à qual reproduzo traduzida aqui:

Nunca se sabe o que uma viagem pode trazer ao íntimo do coração. Como se de repente o tempo fluísse de outra maneira, ou incluso mudasse a qualidade de sua hora, e aparecesse uma coisa perdida, uma dúvida cedera, um amor acabara e, subitamente, nascera outro nunca imaginado. Objetos que sempre mantivemos separados se emaranham nas extremidades. Imagens que flutuam desligadas em nossas vidas se juntam e criam uma nova sequência com sentido. Outras vezes, a clarividência da distância se vê tão luminosa que se vê o fim do fim e se deseja retornar, ainda que não seja a nenhum lugar.

Minha própria história de vida poderia ser vista de dois modos, fazendo alusões à citação do texto de Jorge (2019) e a tantas mudanças de lugares/espacos em que passei. A primeira: um filho de nordestinos que não conheceu o pai biológico, largado pela mãe aos seis anos de idade, passando fome quando saiu da cidade de São Paulo, indo parar em Corumbá, na fronteira do Mato Grosso do Sul com a Bolívia, cuidando o quanto pôde de um padrasto (que foi um grande pai, afinal) nos anos de alcoolismo, estuprado algumas vezes, agredido por um policial militar quando tinha catorze anos, apenas porque tive a audácia de contestar sua

---

<sup>5</sup> Texto em espanhol: “Nunca se sabe lo que un viaje puede traer al íntimo del corazón. Como si de repente el tiempo fluyera de otra manera, o incluso cambiara la calidad de su hora, y apareciera una cosa perdida, una duda cediera, un amor acabara y, súbitamente, naciera otro nunca imaginado. Objetos que siempre mantuvimos separados se anudan en los cabos; imágenes que flotan desligadas en nuestras vidas se juntan y crean una nueva secuencia con sentido. Otras veces, la clarividencia de la distancia se vuelve tan luminosa que se ve el fin del fin y se desea retornar, aunque no sea a ningún lugar” (JORGE, 2019, p. 13).

abordagem, simplesmente dizendo “que não poderia falar dessa forma comigo!”, enfrentando alguns padrões abusivos e antiéticos nos lugares onde morei, já em Foz do Iguaçu e em Curitiba. Mas, mesmo assim, pela meritocracia, venceu todos estes obstáculos, tornando um professor aos 26 anos de idade. Este é um jeito de ver as coisas. O que certamente daria uma interessante notinha de jornal, porém simplista e puramente meritocrata/individualista!

O outro jeito, ao qual eu particularmente prefiro, remete a pensar nas inúmeras pessoas que em alguns destes momentos de tristeza e dor relatados neste texto, simplesmente estenderam suas mãos, seus abraços, suas companhias para incutir naquela pessoa **um sentimento de coletividade**, para com tantas outras pessoas que sofrem e/ou sofreram discriminações, violências, preconceitos, dores diversas. Sempre digo para meus amigos e amigas mais íntimos/as que a educação, ética e a bondade sincera de muita gente me salvaram da fome, da violência e da morte. Estas pessoas simplesmente me ajudaram sem esperar absolutamente nenhuma recompensa/vantagens em troca. Talvez por isto eu tenha me tornado um professor anos mais tarde, vai saber!

Talvez por isto os estudos críticos de ciência e tecnologia tenham me escolhido: justamente para contribuir nas costuras epistemológicas acerca dos modos de se pensar/produzir ciências e tecnologias democráticas e abarcantes, às diferentes necessidades de grupos sociais.

Talvez por isto busquei o exercício inicial de se pensar/dialogar com lugares de fala de pesquisadores, especialmente de mulheres pesquisadoras, que devem apresentar os mesmos resultados de produção científica/tecnológica às agências de fomento e às suas universidades/centros de pesquisa, com relação aos seus colegas pesquisadores homens. Conforme descrito na minha dissertação, produzida em 2017: as métricas publicizadas nas bases de dados/informações oficiais não revelam os vieses de gênero, etnia, classe social e raça, imputados a mulheres que, ainda por cima, precisam **dar conta** da sua casa, dos seus dependentes e/ou cônjuges (FERREIRA, 2017).

Do mesmo modo, é pertinente eu dizer que, pensar lugar de fala, remete a olhar este conceito como uma categoria epistêmica/crítica de produção de saberes e não apenas como discursos produzidos/veiculados somente por quem pode ou não pode falar em uma tessitura social. E, sinceramente, é uma desonestidade intelectual e um esvaziamento do próprio conceito se pensá-lo somente pelo discurso produzido/veiculado e o sujeito que o ecoa ou deve ecoar.

Destarte, esta minha forma de dialogar com o conceito de lugar de fala, me faz

lembrar automaticamente das interpretações que Frantz Fanon (2008) realizou, sobre que tessituras sociais e psicológicas estavam inerentes às relações afetivo/sexuais entre pessoas brancas e não brancas de sua época e de seu espaço territorial: as Antilhas Francesas da década de 1950/60. Para este autor, um sujeito antilhano que tem uma identidade constantemente estigmatizada em razão de sua cultura, linguagem e ancestralidades<sup>6</sup>, bem como das suas constituições/características biológicas, tem a sua ontologia negada<sup>7</sup> (não-ser), uma vez que a diferença aqui é vista como um opositor negativo do universal a ser almejado: o sujeito branco, ocidental e francês de sua época

Não quero ser reconhecido como negro e sim como branco. (...) amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco. Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude... (FANON, 2008, p. 69).

Noto, neste pequeno trecho que recuperei, quatro estágios de reconhecimento identitário/social dos homens negros antilhanos, grupo social ao qual o autor menciona especificamente: o primeiro como um sujeito ontologicamente positivo (sujeito branco), o segundo de ser/sentir-se amado da mesma forma que este ideal de sujeito branco ama, o terceiro estágio é da apropriação absoluta desta identidade e o último estágio remete a uma condição “plena e emancipatória”, pois “(...) é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio” (FANON, 2008, p. 69). Condição esta que inexistente, estruturalmente falando.

Do mesmo modo, embora se deva dialogar com Fanon (2008) também a partir do seu próprio tempo e espaço, percebo como esta ontologia negativa é implodida no momento em que penso o lugar de fala como um processo epistêmico de problematização das identidades sociais/culturais, como bem pontua Djamila Ribeiro (2017, p. 29):

---

<sup>6</sup> Cabe salientar que a palavra ancestralidades, nesta tese, será utilizada no plural. Justamente em razão da problemática em se dizer de uma “essência ancestral” e de utilizar a palavra no singular. Primeiro porque é muito complexo pensar em essência, ainda mais para grupos sociais onde os processos violentos do colonialismo moderno, racismos, sexismos e territorialismos, foram reiterados por visões impostas/universalizantes de vida, morte, relações entre os sujeitos, natureza, relações de gênero, família, afeto e o corpo... Dentre muitas outras variáveis que poderiam ser citadas aqui (e cada uma dessas daria uma tese!). Segundo porque esses processos violentos não inibiram as agências de grupos sociais violados em seus direitos (tampouco grupos dominantes que tiveram influências culturais dos dominados, muitas vezes negando-as), uma vez que nos modos de pensar, ser, agir, estar, existir e ver o mundo, também se encontram as contradições, tensões, sincretismos, separações, misturas e não misturas. Ancestralidade (esta no singular), inclusive, que hoje se geram questionamentos sobre as “possibilidades” de modelos de família, do corpo e das relações com o mundo, pautados fundamentalmente na cisgeneridade. Estes questionamentos partiram, para além de todas as referências citadas no trabalho, também da leitura do texto da pesquisadora transfeminista brasileira Viviane Vergueiro (2015), em sua dissertação *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. É a partir dos questionamentos/tensionamentos de autoras/es como Vergueiro (2015) que é possível tecer outras leituras a teóricos como Fanon, obviamente respeitando-se o tempo e espaço vividos; Fanon não deve ser pensado pela perspectiva decolonial e sim anticolonial, registre-se.

<sup>7</sup> Ver também tese de Ivo Pereira de Queiroz (2013), uma vez que este autor discute nesta tese como esta ontologia negada às pessoas negras é justificção para atos de violência, inclusive a partir da tecnologia.



Seguindo nesse pensamento, um projeto de descolonização epistemológica necessariamente precisaria pensar a importância epistêmica da identidade, pois reflete o fato de que experiências em localizações são distintas e que a localização é importante para o conhecimento.

Uma vez que, para se pensar em conhecimentos disruptivos e abarcantes às demandas de grupos sociais estigmatizados, penso que é fundamental ter essa honestidade intelectual em se problematizar o processo social, cultural, biológico e político de construção de identidades, tão necessário para desmascarar os privilégios e opressões que diferentes grupos sociais estão suscetíveis em razão de suas identidades individuais e coletivas. Ainda mais quando penso nos artefatos, métodos, técnicas, processos científicos e tecnológicos produzidos historicamente, quem são as instituições envolvidas e porque certos grupos sociais estão sub-representados ou não estão representados nestes espaços de poder.

É o que a congressista negra e lésbica municipal do Rio de Janeiro Marielle Franco (2018), em texto publicado dois meses antes de ser brutalmente assassinada, diz acerca de mulheres e especialmente mulheres negras reivindicarem, a partir das lutas dos movimentos feministas, demais movimentos sociais e coletivos, os seus espaços de direito e suas demandas específicas na política institucional brasileira<sup>8</sup>

Em meio a tanta desigualdade, ao racismo e ao sexismo que insistem em nos violentar, a chegada da mulher negra à institucionalidade surpreende. Nossa presença assusta o conluio masculino, branco e heteronormativo. Ao mesmo tempo, nos vemos diante do desafio de construir um projeto político que não exclua as questões que nos trouxeram até aqui, que não as torne secundárias e que se mantenha afinado com as lutas dos movimentos (FRANCO, 2018, *Online*).

Por isto mesmo, novamente recorro teoricamente à Ribeiro (2017, p. 31) para demonstrar academicamente a riqueza do lugar de fala:

O que se quer com este debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. Logo, não é uma política reducionista, mas atenta-se para o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimento de outros.

Impossível eu não olhar esta citação e deixar de conectá-la com minha história: de ter sido por muito tempo o único negro de uma família branca, de ter participado do movimento do grêmio estudantil quando fazia o ensino médio, de ter feito parte de movimentos eclesiais da Igreja Católica durante sete anos em Foz do Iguaçu e de, por fim, conviver em certos espaços onde havia pouquíssimas pessoas não brancas. Sabe qual era o sentimento comum

---

<sup>8</sup> Link para o texto: <https://diplomatie.org.br/o-novo-sempre-vem/>

que eu sentia em todos estes espaços? **Frustração!** Hoje penso que esta frustração constante não vinha somente da pouca identificação com relação aos grupos sociais que convivia, ora mais íntimo, ora mais superficial. Este sentimento é reproduzido constantemente por um sistema, na medida em que um conjunto de elementos quer determinar o que seria um cidadão ideal, esperado, desde padrões estéticos, afetividade/sexualidade, até padrões de pensamento/moral.

E, cada vez em que eu contestava algo que me violentasse (mesmo sem entender profundamente), física e psicologicamente, era tachado de **‘o nervoso, criador de caso, irritado, o preto viadinho, o fedido, o esfomeado, o exagerado, o de pouco entendimento intelectual sobre determinado assunto** (essa pérola ouvi mais recentemente) ...’ e tantos outros adjetivos que deixavam a frustração lá. **Latente!** Se engana quem pensa que nunca mais sentiremos este tipo de frustração, que não tem relação nenhuma com a frustração enquanto uma condição humana: temos desejos, anseios e vontades particulares e estas podem não se realizar ao longo da existência. A frustração a qual estou mencionando é imposta violentamente a um grupo social e faz parte de uma configuração onde o racismo, sexismo, classismo e colonialismo são as bases para a destruição da memória e da construção de um discurso da consciência dito universalista, como bem argumentou Gonzalez (1984).

Desde quando, lá com meus 14 anos em 1996, comecei a trabalhar vendendo coxinhas, cervejas e refrigerantes sobre a Ponte da Amizade enquanto ao mesmo tempo tinha de estudar à noite, passando pelas lojas em que trabalhei em Ciudad Del Este (Paraguai) de 1996 a 2000, nos empregos que tive em Foz do Iguaçu durante o fim do ensino médio e toda a graduação em Turismo, chegando até esta Curitiba em 2006 e mais recentemente nas escolas em que trabalhei até ingressar no mestrado em 2016, contestava os abusos de certos supervisores. Mesmo com medo, dificilmente eu me calava. Cansei de ouvir deles algo como ‘você só está aqui porque EU permiti’ ou ‘você está sendo pago para trabalhar e NÃO para pensar’, ou ainda ‘tem um monte de gente lá fora QUERENDO SUA VAGA’. A frustração aparecia com força e era retroalimentada por esse sistema cultural em que quer dizer que tipo de masculinidade eu deveria ter e que tipo de comportamento social deveria possuir em um ambiente onde eu, no fundo, sabia da minha competência e capacidade laboral/cognitiva, com toda a honestidade e limitação natural de cada pessoa. Entretanto, meu discurso era, inúmeras e reiteradas vezes, deslegitimado ou diminuído.

Por estas razões pessoais brevemente destacadas, entendo melhor epistemologicamente como é tecida a experiência/vivência de determinados grupos sociais,

fundamentada em uma **ignorância**<sup>9</sup> como elemento constitutivo de um sistema ideológico que **determina** o que se deve saber, quanto se deve saber, como se deve saber e para que/quem. A professora paranaense travesti e negra Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017, p. 21. Grifos meus) menciona as sensações experienciadas, desde sua infância, acerca das representações de pessoas negras em materiais didáticos

Na maioria das vezes, a população negra era retratada de maneira subalternizada ou, então, reduzida à condição de escravizada, afirmando que os espaços nas sociedades ocidentais eram distribuídos a partir do pertencimento racial de cada pessoa ou de cada grupo de pessoas. Muitas dessas imagens ilustravam os livros didáticos, outras circulavam de outras formas: cartazes, revistas, jornais, novelas e programas humorísticos. Aquelas mais depreciativas da população negra e/ou homossexual eram usadas por colegas de escola, para lembrar que **a minha cor** era sinônimo de **miséria, feiura, criminalidade e submissão** e minha sexualidade uma **doença contagiosa**, portanto, minha companhia deveria ser evitada.

É possível perceber no excerto do texto de Oliveira (2017) a àimò (ignorância), partindo do que este termo significa para a cultura e língua Yorubá<sup>10</sup>: nem se trata apenas de ser um sujeito yòpe (pessoa ignorante, que não tem conhecimento sobre alguma coisa e/ou não quer conhecer) mas sim em uma produção/promoção deliberada e sistêmica de uma cultura da ignorância coletiva. Do mesmo modo, o relato de Oliveira (2017) também pode ser conectado com o excerto da breve fala de um jovem negro e *marica*<sup>11</sup> colombiano, integrante de um coletivo LGBTI+ e Afro, com quem tive duas conversas no ano de 2019, em uma das cantinas da universidade tecnológica colombiana em que estive realizando o trabalho de campo “(...) *creio que a resiliência negra se concebe desde a dor. E acredito que é esta dor que nos move*” (ESTUDANTE LGBTI+ DE COLETIVO AFRO, UTP)

<sup>9</sup> Sobre a ideia de ignorância que eu defendo nesta tese, as principais considerações teóricas partem de Charles W. Mills (2008; 2018) e suas tessituras sobre a ignorância e questões raciais, Robert Proctor (2008) e seu conceito de agnotologia, Londa Schiebinger (2014) e a aplicação do conceito de agnotologia às questões de gênero na ciência e tecnologia, Michael Smithson (1985; 2008) e a teoria social da ignorância e, finalmente, Linda Martín Alcoff (2007), e sua abordagem acerca das epistemologias da ignorância.

<sup>10</sup> É pertinente dizer que tanto a língua Yorubá quanto todo o conjunto de símbolos, signos, religiosidades, artefatos e tecnologias que tem as ancestralidades afro como base cultural, possui também como balizadores fundantes os princípios da oralidade e observação da natureza como fonte de ensino/aprendizagem, respeito aos mais velhos como fontes primeiras de transmissão/guarda de saberes e da relação dialógica com as forças da natureza, representadas comumente a partir de deusas e deuses chamados/as Òrisás, conforme José Beniste (2009), Dalzira Maria Aparecida Iyagunã (2013) e Reginaldo Prandi (2017). Por isso a opção desta tese de discutir a ignorância enquanto conceito também partindo destas observâncias. Registra-se, também, que a grafia da palavra é encontrada tanto com Y, quanto com I, o que não tira em nenhum aspecto o seu sentido e força.

<sup>11</sup> Termo utilizado em diversos países hispano falantes que tem em sua origem a depreciação de sujeitos homossexuais, a partir da matriz cisheteronormativa e da misoginia como elementos fundantes. Ocorre que em alguns países, este termo passa por um processo de ressignificação. Na Colômbia, por exemplo, durante o tempo em que estive, me foi dito por muitas pessoas de todas as cidades em que estive que este termo, quando utilizado na cotidianidade, pode indicar uma relação afetiva próxima/coloquial entre as pessoas. Ao mesmo tempo, a comunidade LGBTI+ de alguns países hispano falantes também se utiliza deste termo, ressignificado do caráter negativo/de estigma inicial da palavra e utilizando como forma de potência identitária política. É o caso deste jovem colombiano com quem conversei durante meu estágio na Universidade Colombiana.

É possível ver aqui, mesmo brevemente, toda uma gama de experiências constituídas pela negação social do sujeito, da dor e sofrimento inerentes, conectado também com as formas de resiliência utilizadas como couraça para existências/resistências outras. Por isto é fundamental produções que subvertam universalizações narrativas e que revelem **àimòs**, tais como discuto nesta tese: se desperta a consciência ao que foi determinado como aconsiente, àquele que a todo instante é marcado como o diferente da norma, humilhado em batidas policiais em razão da sua cor de pele, cabelo, roupas, gênero, afetividade/sexualidade, símbolos religiosos portados e forma de caminhar/falar. Àqueles e àquelas que “não combinam” em espaços de produção científica e tecnológica, mais especificamente relacionando à esta tese.

Partindo de dois breves construtos teóricos levantados neste preâmbulo (a fala como epistême situada/localizada/marcada e a ignorância como sistema intencional), eu ofereça um pedaço da minha própria história para se pensar em diferenças como não opositores únicos de desigualdades, falando neste caso em específico de existências que permeiam os caminhos de tanta gente que produz conhecimento bacana por aí, especialmente àquelas e àqueles consideradas/os desviantes e intelectualmente fracos/incapazes para alguns segmentos da sociedade.

Urge pensar discursos éticos que valoram as diferenças e as diversidades como formas de convivências mais equitativas e, ao mesmo tempo, de resistências contra políticas de morte social e estigmatização, inclusive dentro de espaços de produção de conhecimento, tais como os centros de pesquisa e universidades, formadores de novos sujeitos com uma gama específica de conhecimentos. É o que Thiago Teixeira (2019, p. 105. Grifos do autor) propõe como ética inflexiva do pensamento e da ação, um dos pilares teóricos que busco discutir nesta tese, embora a palavra norte empregada na citação revele uma pequena contradição textual/discursiva

Uma ética inflexiva tem como norte a desarticulação de um sujeito constituído como norma e que desfaz, com a sua existência, a importância do diálogo. Seu corpo e sua presença mantêm como monólogo uma camada fina de realidade. Esse monólogo se encarna nas cenas mais cotidianas da vida como um **poder de afonia**. O contorno mais evidente desse poder está na manutenção de um estado de não manifestação. Ele não quer o silêncio, pois este pode ser rompido. Seu fetiche está na impossibilidade de vida do outro.

Daí, nestas incursões tão pessoais e eticamente inflexivas, faço uma combinação de palavras/termos utilizados, estes agora como um componente do título desta tese e dos fundamentos epistemológicos escolhidos: **àimòtológico** (yorubá + grego), não sem antes

entender o significado das palavras, ter conversas com uma *Ìyálòrìsà* e um *Bàbálòrìsà*<sup>12</sup> recebendo as suas bênçãos. E para que isto?

Respondo esta pergunta recorrendo a um texto ficcional belíssimo de Reginaldo Prandi (2017), ao contar a história de uma menina estigmatizada pela mão colonizadora em razão de ser quem é, separada de sua terra, seu próprio nome, natureza e família, escravizada e morta de tifo já em terras brasileiras.

Ninguém chamava por ela, ninguém se lembrava dela, ninguém sequer sabia que um dia ela existira sobre a Terra. Foi assim que ela acabou esquecendo quem era, de onde viera, a que família pertencia. Esqueceu-se até do próprio nome. Quando a viu passar, um velho de aparência feliz perguntou a uma mulher sorridente quem era aquela menina.

- Aimó omobinrin, respondeu a alegre senhora, palavras que, na língua daquele povo, significavam uma menina esquecida, que ninguém sabia quem era, uma desconhecida.

A menina ouviu o diálogo e imaginou que Aimó era seu nome, a menina Aimó, porque até mesmo da língua falada em casa quando vivia com sua família ela pouco se lembrava. Ficou incrivelmente feliz: já sabia como se chamava.

Agora, por todo lugar a que ia, ela gritava:

- Orucó mi ni Aimó. Meu nome é Aimó.

Ninguém parecia se importar. Ela continuava desconhecida, completamente esquecida por todos e por ela mesma. Então a tristeza de Aimó voltou mais forte, mais difícil de suportar. Ainda naquele lugar sem cores, sem luz, sem nenhum dos prazeres da vida (PRANDI, 2017, p. 11).

Em Orun (nos planos sagrados, segundo as ancestralidades afro e um dos muitos nomes destes planos), esta menina desesperada do conto de Prandi (2017) busca uma conexão com sua história, como eu sinto buscar desde a minha existência em razão de não saber nada do meu pai biológico, tampouco de meus avós maternos, paternos, tias, tios, primas e primos, em razão de toda a dor vivenciada em minha família. Passei por boa parte da minha vida querendo estar em outra família, ser de outra cor, ter outro cabelo, ter outro sexo e outros fenótipos, não gostando inclusive do meu próprio nome. Até que, com a ajuda de muita gente, pude reescrever/buscar outras conexões com minha história, que é **esta que também está circunscrita neste trabalho**. Tal como a Aimó de Prandi (2017), que teve a ajuda de Òrìsàs para desvelar **àimòtológias** e buscar **outras verdades que a fizessem livre**<sup>13</sup> (outro componente fundamental do título desta tese).

De fato, esta tese está buscando desvelar **àimòtológias** em discursos produzidos em

<sup>12</sup> *Bàbálòrìsà* e *Ìyálòrìsà* são os títulos máximos concedidos à pessoas, que tem por missão, ser guardiães das ancestralidades/religiosidade afro, administrando também as vivências e cotidianidades presentes em espaços sagrados de terreiro.

<sup>13</sup> Também o título da tese foi inspirado no samba-enredo 2020, da escola carioca Estação Primeira de Mangueira, sendo composta por Luiz Carlos Máximo, Manu da Cuíca e interpretada por Marquinho Art'samba. A referência completa está nos elementos pós-textuais.

ambientes que formam produtores/promotores de conhecimentos em universidades que, embora sejam da América Latina, são basicamente pensadas por lógicas de conhecimento ainda eurocentradas, tanto do conhecimento em si mesmo, quanto da forma como organizam este conhecimento.

Esta pesquisa, iniciada em 2016 com o ingresso no PPGTE, alcançou caminhos nunca imaginados por mim hoje. Tomou direções interessantes não apenas em razão das escolhas pessoais, mas sim (e principalmente) em virtude das demandas oriundas do próprio processo, o que também busco explicar detalhadamente nos capítulos seguintes, todos estes nomeados a partir de canções que convergem com o tema de investigação.

Hoje consigo entender um pouco melhor o que Gonzalez (1984) queria dizer com conhecimento e memória (falando especialmente de/em mulheres negras) em uma perspectiva dialógica, crítica e situada. Minha própria existência e formas de resistências, analogicamente relacionando, são modos de ressignificar como se vê um mesmo objeto/sujeito e seus contextos coletivos, tal como Geni<sup>14</sup> foi ressignificada, em dado momento, pela cidade fictícia (será?!) de Chico Buarque de Hollanda (1978/1979).

São nove horas e vinte e três minutos do dia 02 de julho de 2021, no auge das contaminações e mortes em decorrência do COVID-19 no mundo, e em particular nos espaços desiguais deste Brasil. No silêncio de minha casa, e com minha gata deitada no sofá, finalizo e reviso estas primeiras linhas. Posso me sentir exausto e desesperançoso em vários momentos, ainda mais ao constatar o escárnio e o desrespeito, dos poderes públicos, às vítimas brasileiras da Covid-19. Mas continuo aqui, existindo e gritando meu nome. Afinal, **perder não é opção para nós, certo?**

---

<sup>14</sup> A personagem título da música de Hollanda (1978/1979) é vista moralmente pela cidade como uma verdadeira Maria Madalena: figura relatada nos escritos bíblicos de uma prostituta. O autor imputa características masculinas ao corpo da Geni e ao mesmo tempo elementos femininos na sua forma de ser/apresentar, sugerindo que poderia ser uma travesti, por exemplo. A letra da música revela hostilizações, xingamentos e agressões à Geni, mas em um dado momento de apreensão vivida na cidade fictícia de Hollanda (1978/1979), é ela quem se torna heroína, para ao final da letra, ser novamente esquecida e agredida.

## 1 ;VA SUBIENDO LA CORRIENTE! COMEÇANDO...

Esta seção objetiva apresentar à leitora e ao leitor deste texto os contextos centrais que fundamentaram o problema inicial da pesquisa e a tese encampada ao longo do trabalho. Em seguida são apresentados os objetivos centrais e os fundamentos teóricos/metodológicos balizadores principais. Sobe-se, enfim, a corrente da tese!<sup>15</sup>

### 1.1 CONTEXTOS PROBLEMATIZADORES E A TESE CENTRAL

Ao apresentar como se dá a cotidianidade das relações entre um pescador, a leitura dos sinais/tempos que a natureza dispõe e os artefatos utilizados para uma pesca qualquer, a intérprete colombiana da canção *El Pescador*<sup>16</sup> Toto de La Momposina, descreve não somente um ofício e uma cultura comum em inúmeros países, mas também é possível dizer que se valora um conhecimento que comumente é desprestigiado por certas formas discursivas ocidentais de dizer o que é uma epistemologia e como esta deve ser. Por que afirma-se isto?

Sabe-se que conhecimentos e saberes produzidos pelos sujeitos e instituições às quais representam concernem a experiências e aprendizagens concretas percebidas entre si historicamente, sendo estes mais do que apenas produtos de uma sociedade. A ciência, a técnica e tecnologias produzidas nos laboratórios e centros de pesquisa estão em constante busca de uma verdade<sup>17</sup> considerada socialmente aceitável e abarcadora, pautados sobretudo pela refutação/confirmação de fundamentos teóricos estabelecidos e da ressignificação de paradigmas científicos e tecnológicos (ALVES, 2002; BASTOS, 2015a; 2015b; HABERMAS, 1975; KUHN, 2006); isto posto tanto em espaços considerados de prestígio de saberes, notadamente o chamado norte global, quanto em espaços que são determinados por estes primeiros, em espaços periféricos de produção/promoção de conhecimento (ALCOFF,

<sup>15</sup> O título de cada uma das seções, assim como da própria tese, tem como fontes de inspiração/homenagem à intérpretes e/ou compositores brasileiros/as e colombiano/as. Deste capítulo em particular, o título é alusivo à canção *El Pescador*, interpretado pela cantora colombiana Toto de La Momposina, encontrando-se devidamente referenciada, juntamente com seus compositores, e a letra completa nos anexos. Também cabe salientar que as respectivas áreas de pesquisa da tese são: Áreas do conhecimento CAPES: Interdisciplinar (90100000) / Sociais e Humanidades (90192000) Áreas do conhecimento CNPq: Outras sociologias específicas (7.02.07.00-3) / Antropologia das Populações Afro-Brasileiras (7.03.05.00-5).

<sup>16</sup> Conforme Jose Barros e Sonia Bazanta (1993).

<sup>17</sup> Conforme o filósofo brasileiro Rubem Alves (2002) e Thomas Samuel Kuhn (2006) descrevem em seu texto acerca do fim da ciência e método científicos empregados: produzir fundamentos considerados verdadeiros à sociedade até que sejam repensados, invalidados, refutados, criando-se aqui paradigmas. Esta verdade pensada por Alves (2002) e Kuhn (2006) também é problematizada por João Augusto de Souza Leão de Almeida Bastos (2015a; 2015b), ao entender a tecnologia como resultado das transformações da natureza impetradas pelos sujeitos, de forma que só são válidas quando a sociedade as legitima. Tecnologia esta carregada de verdades produzidas a partir do método científico empregado.

1992; 2016; CARVALHO, 2011; SPIVAK, 1985).

É pertinente pontuar que esses conjuntos de conhecimentos e saberes, pensando agora em educação científica e tecnológica voltada à formação crítica da C&T, ao mesmo tempo em que é cidadã e interdisciplinar, remetem a entender os discursos produzidos/encampados nas escolas. Estas instituições historicamente, ao mesmo tempo em que encampam ideologias<sup>18</sup> de grupos sociais, constroem/constituem as suas ideologias próprias. Inclusive quando diz respeito às questões de gênero e sexo na formação dos sujeitos e produção de ideologias, especialmente com relação ao acesso à educação das mulheres, para citar um exemplo, onde o acesso em áreas das ciências exatas, engenharias e tecnológicas só se deu efetivamente a partir das lutas feministas do século XIX e das críticas feministas produzidas na academia e movimentos sociais ocorridos no século XX (CABRAL, 2006; FERREIRA, 2017; HARAWAY, 1995; SCHIEBINGER, 2001; 2014).

É possível dizer, portanto, que os estudos sociais sobre a participação e presença de grupos sociais considerados à margem socialmente, no que se refere à emancipação/representação política, econômica, cultural e social na ciência, tecnologia, matemática e engenharias (CTEM), têm por fundamentos visibilizar as relações de poder percebidas entre os sujeitos nas instituições de ensino e centros de pesquisa. Também estes estudos pretendem evidenciar os estereótipos de ordem cognitiva, afetiva e moral da naturalização do desinteresse destes sujeitos em atuar nestes campos do conhecimento e saberes<sup>19</sup>, ao mesmo tempo em que se encampa buscar outras verdades que produzam novas epistemologias.

A partir desta interpretação particular sobre os estudos CTEM, é possível conectar/entender a crítica que a filósofa estadunidense/panamenha Linda Martín Alcoff (2016) perfaz a certos teóricos críticos sociais que tão somente estão em busca de desconstruções teóricas, porém deixam em segundo plano a busca por outras verdades epistemológicas e confrontadas com a realidade social e as teorias dispostas, daí porque esta seção começa com a provocação baseada na canção colombiana *El Pescador*.

Ao mesmo tempo, conforme a autora, em que não se desvaloriza a importância das

---

<sup>18</sup> Entende-se aqui ideologias especificamente conforme postulações de Bárbara Freitag (1980) acerca do papel ideológico da escola no processo formativo dos sujeitos, uma vez que dentre suas referências teóricas utilizadas, é de Louis Althusser quem ela tece suas considerações sobre ideologia e aparelhamento ideológico.

<sup>19</sup> Afirmção sustentada a partir dos trabalhos de Camila Carneiro Dias *Et. Al.* (2013), Carla Giovana Cabral (2006), Léa Velho e Elena Leon (1998), Fanny Tabak (2002), Lindamir Saete Casagrande e Ângela Maria Freire de Lima e Souza (2015; 2016a; 2016b; 2017), Lucas Bueno de Freitas e Nanci Stancki da Luz (2017), Maria Rosa Lombardi (2016), Marília Gomes de Carvalho (2011), Michel Alves Ferreira (2017) e Norma Blasquez Graff (2012).



identidades e as lutas de diferentes grupos sociais. Embora identidade possua limites se posta por **si só**, uma vez que “a identidade social funciona, então, como um grosseiro e falível, mas também útil, indicador das diferenças no acesso às percepções” (ALCOFF, 2016, p. 141). Antes mesmo deste excerto textual, a autora já assevera para estes apontamentos trazidos

O que devemos apreender com isso? É claro que é verdade que nenhuma posição teórica é imune à reutilização, mas, a menos que possamos ir além da crítica e da desconstrução e que estejamos dispostos a arriscar o projeto normativo de melhora do processo de saber, não há nenhuma esperança em neutralizar qualquer tipo de oposição. Teremos de ser capazes de explicar não somente porque a oposição à tese do aquecimento global é politicamente motivada, mas porque essa tese é no mínimo epistemicamente defensável quando comparada a outras teorias explicativas. Para além do debate em torno do aquecimento global, há debates em andamento sobre os efeitos do livre comércio sobre os pobres, sobre a capacidade de as mulheres fazerem matemática e ciências, sobre a adequação da evidência baseada em DNA para reverter condenações de pessoas que se encontram no corredor da morte e sobre as soluções reais para a crise de Aids. Nenhum destes debates pode ser enfrentado somente na esfera da metacrítica. A luta política é, em última instância, travada no plano da verdade (ALCOFF, 2016, p. 132)

Portanto, pode ser passível de espanto para alguns sujeitos, quando algumas destas lógicas desconstrutivas epistemológicas, encampadas por teóricos críticos sociais e mencionadas no texto Alcoff (2016) e associadas à forma como certos segmentos ideológicos/políticos impõem sua visão de mundo e modo de ser/viver às sociedades, são **cooptadas** para **produzir ignorâncias**: não somente com relação a ignorar algo, mas ignorância enquanto um **sistema** à serviço de apagamento, confusões, pânicos, silenciamentos e mortes sociais.

É pertinente trazer brevemente para esta discussão as considerações sobre a ignorância e o conhecimento, de Robert Proctor (2008). Neste texto, o cientista estadunidense trouxe exemplos sobre como a ignorância e o conhecimento foram utilizados, pela indústria do tabaco e alguns cientistas, para esconder os efeitos nocivos do cigarro à saúde de consumidoras e consumidores desde a década de 1950. Para o autor

O conhecimento também tem um rosto, uma casa e um preço - há pessoas ligadas, instituições estabelecendo limites e custos na forma de dinheiro ou oportunidades perdidas. Decisões de que tipo de conhecimento "nós" queremos apoiar também são decisões sobre que tipos de ignorância devem permanecer no lugar (PROCTOR, 2008, p. 26. Grifos do autor).

Destarte, é possível dizer que se retira, assim, a agência e a escuta de grupos contrários frente ao modo de ser, viver e produzir/consumir, uma vez que sequer poderiam saber de outras possibilidades. Exemplo recente e passível de ser correlacionado com estas provocações textuais de Alcoff (2016) e Proctor (2008), são os discursos contraditórios da

Presidência da República brasileira, eleita em outubro de 2018, frente a pandemia COVID-19, a partir de texto do jornalista Bruno Boghossian<sup>20</sup> (2020) ao jornal Folha de São Paulo, uma vez que, de acordo com o presidente, **paciência se alguns morrerem**

Bolsonaro é incapaz de apresentar evidências ou levantamentos sérios para justificar sua reação delirante à mais grave crise de saúde pública desta geração. O presidente se move por palpites, mentiras e interesses políticos. Está disposto a produzir um massacre. Pesquisadores brasileiros que trabalham diretamente no combate à pandemia alertam que há mais mortes por Covid-19 do que as anunciadas até agora. Esses especialistas dizem que algumas vítimas do vírus não recebem o diagnóstico correto. Do sofá do Palácio da Alvorada, o presidente desconfia. Em entrevista à TV Bandeirantes, Bolsonaro disse que outras doenças causaram as mortes registradas até aqui. Ainda contestou, sem provas, as estatísticas do estado de São Paulo. "Não estou acreditando nesse número", afirmou, sem oferecer nenhum dado.

Ao mesmo tempo, também pode não ser espantoso quando estas ignorâncias sistêmicas, que estamos chamando aqui, estejam naturalizadas na cotidianidade das relações sociais de grupos subjugados. Não apenas há a aniquilação dos corpos, mas a morte de uma cultura, costumes, territórios, práticas, tradições e epistemologias, para “salvar” um determinado povo de si mesmo (buscando-se assim uma pretensa e famigerada universalização do sujeito), conforme a discussão crítica de Achille Mbembe (2018) sobre necropolíticas. Ou seja, infelizmente ainda há de se dizer, nesta configuração societal ocidental, colonialista e latinoamericana, que **as carnes mais baratas deste mercado**<sup>21</sup> são os grupos sociais periféricos. Os que, também, não importam a sua morte frente a uma **gripezinha**, já que o Estado é quem determina quem irá morrer. Paciência, como disse o presidente brasileiro, não é?

Neste trabalho e partindo das provocações teóricas desta seção, é pertinente começar trazendo o dado de que as mulheres brasileiras são a maioria dos/das estudantes brasileiros/as graduados/as em números totais<sup>22</sup>. Contudo, no mundo do trabalho, estas mulheres historicamente têm mais dificuldades, em relação aos homens, para serem reconhecidas profissionalmente, bem como galgar em posições/cargos de destaque durante a sua trajetória profissional. Em alguns campos das engenharias, para exemplificar, as mulheres engenheiras

<sup>20</sup> Link para o texto completo: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/brunoboghossian/2020/03/bolsonaro-esta-disposto-a-produzir-massacre-com-suaignorancia.Shtml>.

<sup>21</sup> Interpretação/diálogo com base na canção A Carne, cantada por Elza Soares e composta por Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti (2002).

<sup>22</sup> Mulheres são maioria de trabalhadores com curso superior no país. 18,8% das mulheres ouvidas pelo IBGE na Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD) de 2014 possuem curso superior completo, contra 11% do total de homens ouvidos. Porém maior escolaridade feminina não remete a melhores ganhos salariais para elas. A mesma pesquisa descreve que a diferença de ganho salarial entre trabalhadores homens com ensino superior é de 33% a mais perante as mulheres. Notícia: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-sao-maioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao>. Síntese de indicadores do IBGE: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2014/sintese\\_defaultxls.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2014/sintese_defaultxls.shtm).

não ultrapassam o teto de 30% do total de trabalhadores<sup>23</sup>.

Sobre o território colombiano, a situação é similar<sup>24</sup>: entre os anos de 2001 a 2017, elas representaram 54,97% do total de estudantes formados no país em uma carreira superior, contra 45,03% de estudantes formados homens. Entretanto, conforme dados do próprio Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE), Compendio Estadístico de la Educación Superior Colombiana (2016) e confrontando com a pesquisa realizada por Maria Eugenia Correa Olarte (2005), a maioria dos empregos formais tem os homens como ocupantes. É importante ressaltar que, mesmo no ensino superior público colombiano, famílias ou os próprios estudantes devem subsidiar o sistema (CONSEJO NACIONAL DE ACREDITACIÓN, 2021) a partir do pagamento de quotas e conforme situação econômica/social<sup>25</sup>, o que não ocorre no caso brasileiro em razão da gratuidade do ensino superior prevista em lei.

Pensando na população negra brasileira, os dados oficiais mostram uma situação ainda mais complexa, ao se pensar em acesso à educação superior e representatividade racial. À época da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 54,5% das pessoas ouvidas pela pesquisa se autodeclararam<sup>26</sup> como não brancas, no ano 2014. Porém esta mesma população é a que possui menor escolaridade declarada. De acordo com estudo, também de 2014, do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) acerca da situação social da população negra brasileira, somente 9,6% das pessoas que se autodeclararam como pretas, negras ou pardas brasileiras possuem ensino superior completo; já a população autodeclarada racialmente como branca, de acordo com este mesmo estudo do IPEA, 22,2% disseram possuir algum curso superior completo (FERREIRA; OLIVEIRA; CASAGRANDE,

---

<sup>23</sup> Conforme trabalhos das já citadas Casagrande e Lima e Souza (2015; 2016a; 2016b; 2017), assim como os trabalhos de Fabiane Ferreira da Silva e Paula Regina Costa Ribeiro (2014), Betina Stefanello Lima (2013) e Maria Rosa Lombardi (2016). Cabe ressaltar também que, no caso colombiano, esta situação se repete no campo das engenharias, falando em ensino superior/doutorado: de 2010 até 2017 apenas 29% do total de doutores em engenharia, arquitetura, urbanismo e áreas correlatas eram mulheres. Link: SNIES (2020) <https://www.mineducacion.gov.co/sistemasinfo/Informacion-a-la-mano/212400:Estadisticas>.

<sup>24</sup> Fontes: Compendio Estadístico de la Educación Superior Colombiana (2016), Maria Eugenia Correa Olarte (2005) e Dane - estadísticas por tema mercado laboral (2020).

<sup>25</sup> A Ley 142 de 1994 (2020), a qual regulamentou o regime/sistema dos serviços públicos colombianos, determina que as cobranças tarifárias estejam organizadas a partir de estratos sócio/econômicos, onde grupos sociais que vivem em condições mais precárias (estratos baixos ou 1, 2 e 3) pagariam menos tarifas e grupos que vivem em condições melhores (estratos médios e altos ou 4, 5 e 6) pagariam proporcionalmente mais pelos serviços públicos. Ocorre que esta lei, inicialmente pensada para moradias e buscar maior acesso a estes serviços públicos pelos estratos mais baixos, pode ter adquirido um caráter extensivo a todos os territórios e às pessoas, fazendo parte da cotidianidade da sociedade colombiana e acentuando distintas segregações sociais, econômicas e espaciais de grupos sociais, conforme estudo realizado na capital colombiana por Consuelo Uribe Mallarino, Socorro Vázquez Cardozo e Camila Pardo Pérez (2006).

<sup>26</sup> Entende-se esta autodeclaração a partir dos critérios étnico/raciais descritos pelo IBGE, sendo: amarela, branca, indígena, negra, parda, preta e outras.

2017; IBGE, 2015; IPEA, 2014).

No caso colombiano, com uma população estimada de 48 milhões e trezentas mil pessoas, as mulheres são pouco mais de 51% do total de habitantes (DANE, 2018). Entretanto as categorias de autoidentificação/declaração étnica racial estão dispostas de modo distinto da brasileira, estas em dois grandes grupos: pertença a grupos étnicos/raciais e não pertença a grupos étnicos específicos em Colômbia, estes últimos dispostos na categoria branca e *mestiza*<sup>27</sup>, perfazendo mais de 80% da população autodeclarada (DANE, 2005; 2018). Entretanto, tal como no caso brasileiro, pouco mais de 14% de respondentes do último censo, do total da população autodeclarada NARP<sup>28</sup> colombiana, disseram ter algum curso superior. É menos do que o resultado nacional de aproximadamente 19% do total da população, não autodeclarada em grupos étnicos, que disseram ter algum curso de graduação, conforme o DANE (2018).

Cabe destacar que a categoria *mestiza/o* está carregada de sentidos/significados que não devem ser vistos sob óticas essencialistas. Embora seja posto que historicamente esta categoria/identidade também foi fruto de um processo de violências e apagamentos frente a populações indígenas e afro, escravizadas da América Latina, todas a partir da matriz colonialista predominantemente ibérica, também se percebem teóricas e teóricos que observam o uso deste termo como elemento de ressignificação política positiva de uma identidade estigmatizada. Cita-se o exemplo da socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui (2010) e a proposição da categoria/identidade ch'ixi (pronuncia-se tché-rrê) como forma de luta política, de emancipação de grupos estigmatizados e defesa/redefinição de territórios frente a uma exploração capitalista, racista e de gênero.

Outro elemento complicador, quando se pensa em população afrobrasileira e colombiana na academia, remete ao fato de haver pouquíssimos trabalhos que objetivam identificar a presença negra nestes espaços de CTEM<sup>29</sup>, portanto, espaços de disputas de

---

<sup>27</sup> *Link* do governo colombiano acerca de como se entende mestiçagem e se faz propaganda de um estado multicultural: <https://www.colombia.co/pais-colombia/los-colombianos-somos-asi/colombia-un-pais-pluri-etnico-y-multicultural/>. Esta questão será melhor explicada no terceiro capítulo da tese.

<sup>28</sup> Negra, afrocolombiana, Raizal e Palenquera, equivalente aos nossos quilombos brasileiros (DANE, 2018).

<sup>29</sup> A reportagem de Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi (2017), ao comentar os dados do último censo superior da educação brasileira, realizado em 2016, apresenta a baixa presença de pessoas negras no ensino superior brasileiro, especialmente em carreiras CTEM. Da mesma forma, a reportagem revela a baixa presença de mulheres em CTEM. Cabe ressaltar que tanto a reportagem quanto o documento Notas Estatísticas do Censo da Educação Superior de 2016 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) não especificam a presença de mulheres negras em carreiras CTEM. Do mesmo modo, os dados apresentados no último censo colombiano (DANE, 2018), as estatísticas do SNIES (2020) e do Compendio estadístico de la educación superior colombiana (2016), tampouco apresentam em que carreiras universitárias mulheres NARP colombianas estão. *Link* reportagem: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2017/12/13/G%C3%AAnero-e-ra%C3%A7a-de-estudantes-do-ensino->

poder. Há de se destacar, também, toda a carga histórica brasileira e colombiana de exclusão sistemática e estrutural destes sujeitos a condições dignas de existência, bem como do silenciamento dos conhecimentos produzidos pelas pessoas pretas, especialmente das mulheres negras (ANGULO GRANADA, 2018; FERNANDES, 2016; FERREIRA; OLIVEIRA; CASAGRANDE, 2017; NASCIMENTO, 1978; OLIVEIRA, 2017; RIBEIRO, 2017; TOKARNIA, 2015; VIVEROS, 2015).

Os dados trazidos brevemente até aqui não remetem somente a uma questão de representatividade nos diferentes espaços da sociedade por grupos sociais historicamente subjugados, mas de reconhecer também que determinados saberes produzidos nestes grupos por vezes são simplesmente descaracterizados, tal como pontua em artigo a antropóloga colombiana Mara Viveros Vigoya (2016) acerca da interseccionalidade<sup>30</sup> como uma epistemologia em formação, e do “esquecimento” desta a partir das lutas/vivências de mulheres negras, sendo utilizada frequentemente em espaços acadêmicos como um conceito guarda-chuva que abarca todos os sistemas de opressão

Contudo, ao converter a interseccionalidade na “metáfora feminista mais difundida na Europa e nos Estados Unidos”, muitos dos trabalhos escritos sobre interseccionalidade perderam conexão com os movimentos sociais aos quais deram origem e ignoraram contribuições importantes feitas fora dos contextos universitários do Atlântico Norte e escritos em línguas distintas do inglês. A pergunta sobre quem produz o conhecimento, que conhecimento é válido e quem tem o poder para dizer estas questões segue tendo pertinência em um campo de conhecimento que não está acima tampouco fora das assimetrias na produção e circulação do conhecimento nem na participação e representações políticas (VIGOYA, 2016, p. 14<sup>31</sup>. Grifos da autora)

Também vale ressaltar, agora falando em métricas, que são pouco encontradas acerca das mulheres em CTEM, assim como das poucas métricas disponíveis acerca de outros grupos sociais, notadamente a população afro e indígenas nestes espaços produtores de saberes, não

---

[superior-no-Brasil-por-curso-e-%C3%AAlrea](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf). Notas Estatísticas do Censo da Educação Superior 2016 do INEP: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2016/notas\\_sobre\\_o\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf).

<sup>30</sup> Kimberlé Crenshaw (2004) é uma das principais articuladoras deste conceito. Esta feminista negra estadunidense apresentou este termo pela primeira vez em 1989. A princípio, este conceito seria um dos balizadores teóricos desta tese. Entretanto o trabalho de campo, especialmente o realizado durante estágio doutoral, mostrou outros elementos importantes, forçando a revisitação e a realização de mudanças nos escopos teórico/metodológicos, que são os apresentados neste documento final.

<sup>31</sup> Texto original: “Sin embargo, al convertirse la interseccionalidad en la “metáfora feminista más difundida en Europa y los Estados Unidos”, muchos de los trabajos escritos sobre interseccionalidad perdieron conexión con los movimientos sociales que le dieron origen e ignoraron contribuciones importantes hechas por fuera de los contextos universitarios noratlánticos y escritos en lenguas distintas al inglés. La pregunta sobre quién produce el conocimiento, qué conocimiento es válido y quién tiene el poder para decidir estas cuestiones sigue teniendo pertinencia en un campo de conocimiento que no está por encima ni por fuera de las asimetrías en la producción y circulación del conocimiento ni en la participación y representación políticas.

mostram elementos pertinentes à divisão social, racial e sexual do trabalho, tais como cuidado com o lar/dependentes e a maternidade, estes recaindo primeira e majoritariamente sobre as mulheres. Problematizar estes elementos da divisão social/sexual do trabalho contribui para evidenciar o viés masculino na pressão sofrida por mulheres cientistas pela produtividade científica na academia (FERREIRA, 2017; HIRATA; KERGOAT, 2007).

Se se entende, a partir destas provocações, os motivos pelos quais 63 milhões de meninas no mundo inteiro não tenham acesso à escola neste século XXI<sup>32</sup> justamente em razão de questões de gênero estarem naturalizadas nas culturas e espaços diversos da sociedade, não permitindo o acesso destas meninas à educação desde os seus primeiros anos. Assim se entende, também, porque há escassez de exemplos de sujeitos considerados periféricos por grupos detentores de poder na academia, uma vez que a não identificação por estas carreiras está estruturada por incutir também o sentimento de não pertença a estes lugares.

Destas considerações introdutórias surgiu em 2016 o interesse em investigar questões de gênero para além das métricas de participação e produção científica, especialmente a participação feminina na docência/pesquisa de dois programas de pós-graduação paranaenses (um da área das engenharias e outro da área de humanas e natureza multidisciplinar/interdisciplinar) mais antigos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), existente como universidade há pouco mais de uma década porém com trajetória centenária no país<sup>33</sup>.

Do mesmo modo, esta tese, iniciada a partir do trabalho de Ferreira (2017)<sup>34</sup>, pretende tecer uma discussão analítica acerca de como são pensados/produzidos/ditos os discursos do conhecimento acadêmico de docentes da UTFPR e docentes da Universidad Tecnológica de Pereira, esta uma instituição pública colombiana regional de prestígio e com sede na cidade

---

<sup>32</sup> Conforme Atlas da Desigualdade de Gênero na Educação, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), de 2015. *Link*: <http://www.tellmaps.com/uis/gender/#!/tellmap/-1195952519>.

<sup>33</sup> Conforme trabalhos de Domingos Leite Lima Filho e Gilson Leandro Queluz (2005) e UTFPR (2017).

<sup>34</sup> A dissertação, iniciada em março de 2016, teve como finalidade estabelecer comparativos entre a produção científica docente masculina e feminina dos programas de pós-graduação selecionados, de forma que se buscou inserir um olhar de gênero para os índices apresentados de documentos produzidos. Em inúmeros casos, a pesquisa de Ferreira (2017) demonstrou que as mulheres docentes do CPGEI e PPGTE produziram mais documentos científicos em comparação aos seus colegas docentes homens, porém só foi possível a visualização ao se introduzir médias e percentuais aos números absolutos de volume de produção científica. Uma vez que o respectivo trabalho, com aval da banca de qualificação realizada em 16 de maio de 2017, recomendou a profundização da pesquisa e a progressão direta para o doutoramento do autor desta tese, importa ouvir os discursos das/os docentes dos respectivos programas sobre percepções do produzir ciência e tecnologia e questões étnico/raciais e de gênero incutidas no ofício docente e da pesquisa, inclusive comparando as percepções/discursos das/os docentes da UTFPR com outros espaços e universidades semelhantes, buscando identificar ignorâncias sistêmicas.

homônima ao seu nome, a partir da escuta de docentes de um programa da área das engenharias e outro da área de humanidades, tal como na UTFPR.

Este interesse de pesquisa descrito desenha a tese de que a baixa presença de sujeitos histórico/hierarquicamente considerados abjetos<sup>35</sup>, quando se fala em produção científica e tecnológica, se deve a práticas racistas, sexistas, misóginas e Lgbtfóbicas manifestadas na cotidianidade das relações sociais, ocorridas desde a gênese da universidade e que podem estar naturalizadas/mascaradas discursivamente quando se pensa CTEM como eminentemente masculinas e brancas<sup>36</sup>. Significa dizer que discursos de conhecimentos objetivos, neutros, universais e racionais, tão presentes nestes espaços, mascaram ignorâncias enquanto um sistema e uma ciência (ou àimotologias como disposto nesta tese) que objetivam subjugar/aniquilar diferenças ao formar novos acadêmicos/profissionais. O texto de Alcoff<sup>37</sup> (2007, p. 39-40. Tradução nossa. Grifos da autora) auxilia nesta interpretação/justificação teórica tecida

Mesmo na epistemologia convencional, o tópico da ignorância como espécie das mais práticas epistêmicas não é novo, mas o que é novo é a idéia de explicar a ignorância não como uma característica da prática epistêmica **negligente**, mas como uma prática epistêmica **substantiva** em si mesma. A idéia de uma epistemologia da ignorância tenta explicar e contar o fato de que tais práticas substantivas de ignorância - ignorância voluntária, por exemplo, e práticas justificativas socialmente aceitáveis, mas defeituosas - são estruturais. Isso quer dizer que existem identidades, localizações sociais e modos de formação de crenças, todos produzidos por condições sociais estruturais de vários tipos, que são em alguns casos epistemicamente desfavorecidos ou defeituosos. Aqui, a epistemologia social se cruza de maneira mais intensa do que o habitual com a teoria social e política.

---

<sup>35</sup> Sujeitos abjetos aqui são entendidos a partir das considerações teóricas acerca de sujeito e abjeção, estas de Abdias do Nascimento (1978), Danúbia de Andrade Fernandes (2016), Djamila Ribeiro (2017), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Julia Kristeva (1982, Lélia Gonzalez (1984; 1988), Linda Alcoff (1992) e Michel Foucault (1977): remete àquelas pessoas consideradas por segmentos produtores de poder na sociedade desprezíveis hierarquicamente e de pouco valor para ocupar determinados espaços e produzir conhecimentos, inclusive dentro da academia. Do mesmo modo, o trabalho de Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) também auxilia na composição do entendimento de sujeitos abjetos, ao pensar na divisão social do trabalho como elemento hierarquizador de atividades a partir do viés de gênero, fazendo com que atividades relacionadas ao lar/cuidado (primeiramente imputadas às mulheres) sejam pouco valorizadas, reconhecidas e até mesmo remuneradas. Se faz a utilização deste termo para evidenciar preconceitos, estereótipos e violências sofridas por determinados grupos sociais.

<sup>36</sup> Esta tese inicial, além do referencial teórico trazido, está pautada nos trabalhos anteriores produzidos pelas então alunas do PPGTE: Nadia Jourda Veronique Kovaleski (2014) e Joyce Correa Muzi (2011), além do já citado Ferreira (2017).

<sup>37</sup> Texto original: “Even in mainstream epistemology, the topic of ignorance as a species of bad epistemic practice is not new, but what is new is the idea of explaining ignorance not as a feature of *neglectful* epistemic practice but as a *substantive* epistemic practice in itself. The idea of an epistemology of ignorance attempts to explain and account for the fact that such substantive practices of ignorance—willful ignorance, for example, and socially acceptable but faulty justificatory practices—are structural. This is to say that there are identities and social locations and modes of belief formation, all produced by structural social conditions of a variety of sorts, that are in some cases epistemically disadvantaged or defective. Here, social epistemology intersects in a more intense way than usual with social and political theory (ALCOFF, 2007, p. 39-40).

Deste modo, também se constitui em importante elemento analítico as anotações realizadas durante o trabalho de campo realizado em território colombiano, para dar sustentação às análises discursivas realizada com os docentes. Assim como, também, pesquisa realizada por Michel Alves Ferreira, Glacielli Thaiz Souza de Oliveira e Lindamir Salette Casagrande (2017) na UTFPR acerca dos espaços de pessoas negras na pós-graduação do *Campus* Curitiba com parte dos resultados apresentados em um importante congresso internacional da área de gênero.

Ademais, como um outro aporte justificativo teórico, é pertinente mencionar o trabalho realizado pelas pesquisadoras brasileiras de gênero e CTEM Casagrande e Lima e Souza (2015). As autoras destacaram as microagressões de sexo, raça/etnia e gênero sofridas, especialmente por bacharelandas e licenciandas de duas universidades federais brasileiras, sendo os cursos de graduação analisados do núcleo *hard* (exatas/engenharias) e *soft* (humanidades, sociais e sociais aplicadas). Casagrande e Lima e Souza (2015) chamaram essas microagressões, em seu trabalho, de violência simbólica de gênero, a qual para esta pesquisa se busca, também, verificar como estas microagressões de sexo, raça/etnia e gênero estão presentes no ofício docente de homens e mulheres das universidades escolhidas a partir dos seus discursos produzidos/ditos e respectivos lugares de fala; também se busca verificar como estes elementos interferem na produção científica/tecnológica.

Com relação às justificativas práticas, cabe enfatizar que a pesquisa corrobora com os fundamentos propostos pela linha pesquisa de Tecnologia e Trabalho do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), no sentido de que se discutem os fundamentos ontológicos do trabalho e tecnologia, atividade humana sujeita a relações de poder entre os diferentes grupos sociais, neste caso, os estudos de gênero e etnia/raça.

Da mesma forma, é pertinente destacar as inferências realizadas pela supervisora acadêmica<sup>38</sup> na Colômbia, ao destacar o acerto em se escolher a Colômbia como também um espaço de pesquisa, ademais da UTFPR.

Postos os argumentos de justificativas e delineamento do cenário de como tudo

---

<sup>38</sup> A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tania Pérez-Bustos é referência latinoamericana para os estudos críticos de gênero, ciência e tecnologia; foi membro do Comitê Diretivo da Asociación Latinoamericana de Estudios Sociales de La Ciencia y la Tecnología, para o período 2016-2018. Está vinculada à Escuela de Estudios de Género da Universidad Nacional de Colombia, em Bogotá. Por sugestão da referida professora, que aceitou prontamente supervisionar esta pesquisa, optou-se por realizar a coleta de dados junto à Universidad Tecnológica de Pereira em virtude de algumas similaridades com a UTFPR (universidade de relevância regional e surgimento a partir de cursos das engenharias e tecnologias), de forma que se pudessem estabelecer comparativos entre as duas universidades. *Link*: <https://taniaperezbustos.jimdo.com/yo-mujer-maestra-cient%C3%ADfica/> (sítio oficial da supervisora acadêmica); <http://www.esocite.la/> (sítio oficial da Asociación Latinoamericana de Estudios Sociales de La Ciencia y la Tecnología).



começou, a pergunta de pesquisa que se desenha concerne a: como se manifestam as ideologias frente a percepções de gênero e raça nos discursos/lugares enunciativos de docentes de cursos de pós-graduação da UTFPR E UTP?

Com relação aos resultados esperados, salvas as limitações naturais de ordem epistemológica dos efeitos da pesquisa, pois essa temática não é estanque e tampouco se esgotam as suas discussões, bem como os recursos disponíveis durante os seus movimentos (financeiros, humanos e tecnológicos): a tese espera contribuir para a construção de um panorama crítico acerca das percepções discursivas de gênero, etnia/raça na pós-graduação, bem como servir de elemento para que se possam tomar decisões que objetivam o combate de preconceitos ocorridos nos espaços da pós-graduação das duas universidades elegidas, além da possibilidade em se evidenciar estereótipos cognitivos, discursivos e hierárquicos entre saberes sobre a capacidade e a força dos sujeitos considerados abjetos na pesquisa e docência, especialmente a partir da análise das falas das/dos pesquisadoras/res docentes e análises de outras informações complementares coletadas.

## 1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral desta tese é analisar manifestações ideológicas frente a percepções do conhecimento produzido e questões de gênero e raça, de docentes de cursos de pós-graduação da UTFPR e UTP, a partir dos seus respectivos lugares enunciativos.

Com relação aos objetivos específicos, estes são dispostos em quatro itens:

- Analisar as percepções das/os docentes de cada programa de pós-graduação escolhido para a pesquisa, acerca das relações de gênero e raça em suas atividades;
- Comparar as percepções discursivas dos/das docentes de todos os programas selecionados para a pesquisa, considerando os contextos locais e observações/interações realizadas durante trabalho de campo;
- Verificar se as/os docentes percebem a interferência de racismos, sexismos e Lgbtfobias na inserção, permanência e produção de conhecimento, nos programas pesquisados;
- Identificar obstáculos que se impõe a pesquisadores/as de um sexo e não às/aos de outro no exercício das funções de docência/pesquisa.

### 1.3 BALIZADORES

Se trata de uma pesquisa eminentemente qualitativa, interpretativa, situada e interdisciplinar, embora sejam utilizados elementos quantitativos para dar suporte às análises, a partir do trabalho de Ferreira (2017). Alguns dos balizantes teóricos/metodológicos centrais estão fundamentados a partir das considerações de Moreira e Luiz Gonzaga Caleffe (2006; 2008; 2011), assim como Antônio Joaquim Severino (2002), Donna Haraway (1995), Moreira (2018), Henrique Cunha Junior (2006), Gonzalez (1984; 1988), Maria Cecília de Souza Minayo (2002), Martin Bauer, George Gaskell e Nicholas Allun (2002), Michel Foucault (2008; 2010; 2014), Milton Santos (1996), Rosalind Gill (2003) e UTFPR (2008).

Cabe salientar que a escolha destas autoras e autores convergem com o problema de pesquisa e embasamento teórico selecionados da tese. Busca-se aqui a efetivação do exercício dialógico social, em se pensar nos respectivos **lugares discursivos** do conhecimento produzido por docentes das universidades analisadas e as respectivas **lógicas que mascaram percepções** racistas, sexistas, misóginas e Lgbtfóbicas.

Da mesma forma, ao assumir a pessoalidade e subjetividade do pesquisador em cada etapa da tese, exerce-se também o conhecimento situado proposto por Haraway (1995). Converte-se, assim, com os fundamentos de pesquisa qualitativa/interpretativa pensados por Moreira e Caleffe (2006, p. 73) quando argumentam que “(...) a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente”. Desta maneira, o compromisso do/a pesquisador/a com os significados sociais apresentados pelo sujeito/espço de pesquisa, o processo de interpretação de um contexto é interdependente entre investigador/a e investigado/a em pesquisas sociais e que utilizam a abordagem qualitativa para interpretação de fenômenos e apreciação de informações (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

Com relação a coleta de dados, esta se deu por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas (e transcritas literalmente) com docentes (homens e mulheres) de programas de pós-graduação da UTFPR (Brasil) e da UTP (Colômbia), compreendendo os anos de 2017 a 2019. Do mesmo modo e especificamente na Colômbia, foram utilizados como suportes para a análise das entrevistas com os docentes, as anotações realizadas durante o trabalho de campo, compreendendo o período de dezembro de 2018 a setembro de 2019.

Para a análise dos dados foram privilegiadas as considerações sobre análise discursiva, embora se trate de uma **trilha analítica própria/pensada** para esta tese, a partir de Alcoff (2007; 2016), Cunha Junior (2006), Foucault (2008; 2010; 2014), Gonzalez (1984; 1988);

Grill (2003) e Haraway (1995). Uma vez que é fundamental analisar a mensagem utilizada para identificar que discurso sobressai, interpretar estes conteúdos, atentando-se aqui que a linguagem é um veículo de transmissão de uma mensagem subjacente. Neste sentido, considerações teóricas trazidas nesta tese sobre a análise discursiva para a constituição da trilha analítica se prestaram a verificar em que aspecto a relação de poder se dá nos conteúdos/signos/posicionamentos dos docentes entrevistados da UTFPR e UTP, frente às suas concepções de mundo e de conhecimento. Interpretando/dialogando com Foucault (2008, p. 55. Grifos do autor), uma análise discursiva que corrobora com a trilha analítica pensada para esta tese, então seria

(...) práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse **mais** que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever

Neste sentido, este mais ao qual o autor se refere e, relacionando à esta tese, busca revelar que àimõtologias estão presentes no discurso aparentemente neutro, objetivo, universal e racional que mascaram os sexismos, racismos e lgbtfobias.

Com relação a escolha dos cursos, considerou-se elementos como a quantidade de estudantes matriculados/as, áreas do conhecimento inseridas (dois nas exatas/engenharias e outros dois nas ciências humanas, respectivamente no Brasil e na Colômbia), representatividade masculina e feminina no corpo docente e contexto regional de cada universidade.

Com relação as etapas da pesquisa: os quadros 01 e 02 explicitam cronologicamente as fases executadas em território brasileiro e colombiano. É importante salientar que, em razão dos próprios tempos e movimentos da pesquisa, acrescidos da pandemia Covid-19, houve ajustes nas fases finais da construção deste texto.

**Quadro 01:** Cronograma Brasil.

Nº	ETAPAS DO PROCESSO	2017	2018			2019			2020			2021		
		3º quadrimestre (18-09 a 08-12)	1º quadrimestre (01-03 a 29-05)	2º quadrimestre (04-06 a 14-09)	3º quadrimestre (21-09 a 14-12)	1º quadrimestre (07-03 a 01-06)	2º quadrimestre (10-06 a 14-09)	3º quadrimestre (23-09 a 14-12)	1º quadrimestre (02-03 a 22-05)	2º quadrimestre (01-06 a 11-09)	3º quadrimestre (21-09 a 11-12)	1º quadrimestre (01-03 a 22-05)	2º quadrimestre (16-06 a 04-09)	3º quadrimestre (27-09 a 20-12)
1	Disciplinas do Programa de Doutorado	X	X											
2	Reformulação do Projeto de Pesquisa	X	X											
3	Levantamento de Referencial Teórico	X	X											
4	Análise e Revisão do Material Bibliográfico	X	X	X										
5	Leitura da Bibliografia Selecionada	X	X	X	X	X								
6	Elaboração do Referencial Teórico da tese		X	X	X	X								
7	Seleção dos Instrumentos de Pesquisa		X											
8	Qualificação e Entrega da Versão Prévia		X											
9	Pré-testes dos Instrumentos de Pesquisa			X										
10	Coleta de Dados e Informações (Entrevistas Brasil)			X										
11	Descrições e Transcrições das Entrevistas			X	X	X	X							
12	Construção da Análise e Interpretação							X	X	X				
13	Adequação da Tese								X	X	X			
14	Revisões											X	X	
15	Finalizações												X	
16	Apresentação e Entrega da Versão Final													X

\*: RESPEITANDO OS PRAZOS FINAIS DE DEFESA DE TESE E AJUSTES EM RAZÃO DA PANDEMIA COVID-19

Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2019). Todos os direitos reservados.

**Quadro 02:** Cronograma Estágio Doutoral – Colômbia.

Nº	ETAPAS DO PROCESSO	2018	2019		
		3º quadrimestre (21-09 a 14-12)	1º quadrimestre (07-03 a 01-06)	2º quadrimestre (10-06 a 14-09)	3º quadrimestre (23-09 a 14-12)
1	Início do Período de Estágio na Colômbia*	X			
2	Participação em Disciplina (ouvinte) - Bogotá (UNAL)	X			
3	Montagem do Plano de Trabalho com Supervisora	X			
4	Chegada ao Local do Trabalho de Campo - Pereira (UTP)	X			
5	Aproximação com Sujeitos da Pesquisa e Universidade		X		
6	Reuniões com Coletivos da Universidade e Instâncias Administrativas		X	X	X
7	Construção do Diário de Campo		X	X	X
8	Coleta de Dados e Informações (Entrevistas)			X	X
9	Descrições e Transcrições das Entrevistas		X	X	X
10	Construção da Análise e Interpretação				X
11	Elaboração de Relatório Final de Estágio				X
12	Revisões e Finalizações				X
13	Avaliação do Processo com Supervisora - Bogotá (UNAL)				X
14	Fim de Período de Estágio na Colômbia*				X
* Período de estágio: 01 de outubro de 2018 a 30 de setembro de 2019					

Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2019). Todos os direitos reservados.

Sendo assim, **sobe-se esta corrente!** Após estas breves explicitações introdutórias teórico-metodológicas que fundamentam o problema e objetivos propostos, somadas aos fragmentos dos relatos pessoais apresentados no preâmbulo, o trabalho foi pensado:

- Na descrição dos fundamentos metodológicos (capítulo 2), são dispostos os caminhos analíticos que atenderam à tese central delineada, uma vez que esta é uma posição situada, marcada e epistemológica frente a um problema, nunca uma mera descrição de procedimentos, métodos e técnicas, embora estes sejam relevantes. Aqui se encontra a explicação do processo de fala e escuta desta pesquisa.
- Em analisar que lugares discursivos os/as docentes brasileiros/as e colombianos/as apresentaram, no sentido de como entendem, pensam e difundem os saberes na pós-graduação da UTFPR e UTP. É a localização epistemológica e de que lugares estes sujeitos enunciam seus discursos (capítulo 3).
- Na descrição das àimòtologias encontradas durante a realização do trabalho de campo, confrontando com os excertos do diário de campo colombiano e de anotações/pesquisa realizadas em território brasileiro no período pré estágio sanduíche (capítulo 4). Neste caso se trata de como são mascaradas, percebidas e naturalizadas as percepções racistas, sexistas, misóginas e lgbtfóbicas (capítulo 4).
- Em tecer as reflexões finais, estas situadas em um tempo e parciais em um momento e espaço (capítulo 5).

Finalmente, são dispostos os elementos pós-textuais.

## 2 E COUBE TUDO NA MALINHA DE MÃO? A TESSITURA METODOLÓGICA

A canção Zero, interpretada e composta pela mulher trans negra brasileira Liniker (LINIKER E OS CAMELOWS, 2015), é quem dá o tom para o título deste capítulo. Difícil caber as inquietações deste pesquisador em processo constante e ininterrupto formativo, quando se percebe que o processo de investigação não é somente dado a partir da interação, mas é a consciência do inacabamento enquanto sujeito, conforme Paulo Freire (1987). A busca pelo **ser mais** é, a partir de Freire (1987), coletiva no sentido de que os papéis do pesquisador e o campo de pesquisa aprendem e apreendem um com o outro. E cabe tudo na malinha de mão pretensa dos pressupostos definidos na pesquisa, sem observar estes elementos? É evidente que pela própria natureza desta tese, a resposta é não e sim, uma vez **que muitas outras malinhas** serão necessárias para se dialogar em uma pesquisa.

Este capítulo objetiva discutir, portanto, os fundamentos metodológicos que constituíram a tessitura da tese. É importante salientar que a metodologia pensada surgiu a partir da problemática e pergunta de pesquisa postos, que concerne pensar como se manifestam as metodologias frente a percepções de gênero e raça nos discursos/lugares enunciativos de docentes de cursos de pós-graduação da UTFPR E UTP.

Das considerações postas no primeiro capítulo e da problemática de pesquisa sintetizada no parágrafo anterior, se apresenta uma tese metodológica que fundamenta a tese central deste trabalho: só é possível emergir os elementos teóricos centrais de lugar discursivo/enunciativo e a metodologia se pensar na pesquisa de modo dialógico/situado e parcial, tal como propôs a já citada Haraway (1995).

Portanto a tese metodológica, que fundamenta a tese central deste trabalho, exerce o esforço de se pensar em pesquisas/epistemologias generificadas, racializadas, circunscritas em seus espaços e que sejam minimamente disruptivas/críticas aos processos de se fazer/publicizar ciência e tecnologias produzidas nas universidades e/ou centros de pesquisa. Se diz minimamente disruptivas justamente porque, por mais que se estabeleçam previamente parâmetros teórico/metodológicos em uma investigação acadêmica, é o campo de trabalho, com suas tensões, disputas, dinâmicas próprias de relação/interrelação e interesses diversos, que trará os balizadores de uma pesquisa, forçando inclusive a modificações do olhar sobre determinado fenômeno, fato, evento social. Inexiste, portanto, verdades únicas.

Ademais, citando Cunha Junior (2006, *online*) e correlacionando com a personalidade da pesquisa, marcadamente posta nas vivências e existências do autor deste trabalho, este um

homem preto, latinoamericano e gay, é bom lembrar que

Os pesquisadores das afrodescendências estão longe da perspectiva de neutralidade científica e os (de) separação entre sujeito e objeto da pesquisa. Mantêm uma relação de interesse comum, de vivências e valores comuns como os Territórios de Maioria afrodescendentes. Este interesse comum Introduce uma Possibilidade de uma visão diversa de outros enfoques metodológicos e mesmo da visão da ciência como forma de produção de conhecimento. Leva (a) uma produção de conhecimento da realidade transformadora e pesquisa do pesquisador. A pesquisa tem (na) Afrodescendente os conteúdos de uma pesquisa de intervenção na realidade. O pesquisador reconhece-se na pesquisa, também como se modifica durante a pesquisa devido aos novos conhecimentos. (CUNHA JUNIOR, 2006, *online*)

Sendo assim, o pensar proposto parte principalmente dos lugares enunciativos/discursivos das/os docentes brasileiras/os e colombianas/os que aceitaram voluntariamente participar das entrevistas.

Com relação a organização deste capítulo: a primeira seção busca explicitar os fundamentos e perspectivas metodológicas. Já na segunda seção há o esforço em descrever que instrumentais são pertinentes para se discutir a tese de pesquisa e a tese metodológica subjacente, proposta neste trabalho. A terceira seção objetiva a caracterização dos espaços de pesquisa. A quarta e última seção pretende explicitar os parâmetros e limites da própria pesquisa.

## 2.1 FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS

Esta pesquisa, iniciada em 2016, com a dissertação *PARA ALÉM DAS MÉTRICAS: produção científica de docentes no contexto de dois programas de pós-graduação da UTFPR e questões de gênero*, buscou discutir questões de gênero na produção de documentos científicos em dois programas de pós-graduação de uma universidade paranaense, a UTFPR.

Uma das questões que permeou o trabalho à época remeteu a pensar que grupos sociais e/ou indivíduos dificultaram e/ou negaram o acesso das mulheres a espaços produtores de saberes científicos e tecnológicos. A pesquisa evidenciou que foram os grupos sociais eminentemente masculinos,

(...) produtores de ciência, tecnologia, informação e inovação que disseram que esses campos do conhecimento e atividade humana não eram lugar para elas. Em certos aspectos, essa negação se deu inconscientemente devido à naturalização dos papéis sociais destinados aos homens e às mulheres, estas últimas associadas à fragilidade/incapacidade cognitiva e emocional de pensar ciência e ao seu papel no cuidado da família e de modo especial, dos/as filhos/as (FERREIRA, 2017, p. 64).

Do mesmo modo, ao se pensar em pessoas negras e, especialmente, em mulheres negras que adentram em espaços de ciência e tecnologia, a resposta de Ferreira (2017) pode



ser corroborada, salvos os devido escopos analíticos, às produções já citadas de Gonzalez (1984), Oliveira (2017) e Ribeiro (2017), cabendo destacar que: pessoas negras, hoje, ainda são vistas por segmentos da sociedade como incapazes de produzir conhecimento técnico, científico e tecnológico, devido à violência posta dos seus papéis sociais ao longo da história desta América Latina, materializado em estereótipos cognitivos, afetivos e morais imputados.

Portanto, os três subitens a seguir, concernem a explicitar os elementos antecedentes que se tornaram fundamentais para a construção desta tese e seu *corpus* teórico/metodológico, este detalhado no quarto e último subitem.

### 2.1.1 O processo info/bibliométrico balizador da dissertação e que auxiliou para o surgimento desta tese

Uma questão que permeou os fundamentos da pesquisa, resultantes desta tese, concerne ao processo info/bibliométrico<sup>39</sup> realizado por Ferreira (2017) entre 2016 e 2017, para se verificar os panoramas da temática de pesquisa no mundo, levantamento de estado da arte de artigos científicos produzidos durante um espaço temporal de cinco anos e divulgação do conhecimento produzido sobre mulheres produtoras de ciência e tecnologia. Destacou-se que, dos 1676 documentos analisados em cinco bases<sup>40</sup> de dados/informações *online*, 47 foram os artigos científicos diretamente relacionados à grande área temática de pesquisa: gênero, mulheres, ciência e tecnologia. Conforme Ferreira (2017), destes 47 artigos recuperados ao final dos cinco meses do processo info/bibliométrico, 14 são brasileiros e quatro latinoamericanos; os outros 29 artigos estão distribuídos da seguinte maneira: 18 estadunidenses, sete europeus, três do oriente médio e um asiático.

A tabela 1 concerne aos elementos que nortearam o processo info/bibliométrico.

---

<sup>39</sup> O processo tratou da combinação de elementos componentes de um processo quantitativo/métrico que envolve recuperar dados/informações produzidos em documentos diversos disponíveis em bases *online*. Info/bibliométrico é a combinação de dois termos oriundos dos estudos métricos desenvolvidos pelo campo do conhecimento interdisciplinar da ciência da informação e documentação: bibliometria e infometria. O processo realizado no trabalho de Ferreira (2017) durou aproximadamente cinco meses, de forma que no trabalho se encontram explicitados o detalhamento de todas as fases do processo realizado. *Link:* [http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2609/1/CT\\_PPGTE\\_M\\_Ferreira%2C%20Michel%20Alves\\_2017.pdf](http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2609/1/CT_PPGTE_M_Ferreira%2C%20Michel%20Alves_2017.pdf).

<sup>40</sup> Duas bases de dados nacionais, uma base de dados latinoamericana e duas bases de dados internacionais. Ferreira (2017) destacou que os critérios utilizados para a escolha das bases foram o prestígio acadêmico e o alcance das bases. Cabe dizer que antes da realização do processo de busca nestas bases, foi realizada uma pesquisa *online* no *Google Scholar*, afim de verificar o alcance do tema de pesquisa da dissertação no mundo, a partir das palavras chaves elegidas. Destaca-se, também, que foram utilizados durante o processo de busca elementos da literatura dos estudos métricos, bem como elementos disponíveis de busca das próprias bases.

**Tabela 1:** Elementos info/bibliométricos balizantes

<b>Elementos do Levantamento</b>	<b>Crítérios de Seleção</b>	<b>Ferramentas/Instrumentos</b>
Relevância da Temática de Pesquisa	Alcance/Revocação e Precisão da busca	Google Scholar
Palavras Chaves	Aparentes no Texto Completo/ Aderência ao Tema de Pesquisa	ABNT:NBR 6028
Escolha de Bases	Referências Nacionais/ Internacionais em Gênero, Ciência e Tecnologia	SciELO, Revista de Estudos Feministas e Cadernos Pagu (nacional); Web of Science e Scopus (internacional).
Obsolescência das Publicações	Levantamento de produção dos últimos 5 anos (2012-2016)	Filtro de busca das bases escolhidas.
Volume de Citações das Publicações	Quantitativo e Pelos Seus Pares	Indicadores de citação recuperados nas bases escolhidas.
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>8</b>

Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2017). Todos os direitos reservados – elaborado a partir de literatura científica da área.

Dentre as inquietações e outras considerações postas, ainda discutindo acerca do processo info/bibliométrico realizado por Ferreira (2017), destacou-se: baixíssima interatividade/colaboratividade entre países, pensando nas temáticas dos artigos científicos; o interesse crescente de pesquisas direcionadas à temática de gênero, ciência, tecnologia e mulheres; são elas, as mulheres, as principais autoras e coautoras dos documentos recuperados durante o processo info/bibliométrico.

### 2.1.2 As contribuições trazidas pela banca durante o exame de qualificação de dissertação

É importante destacar aqui o papel do exame de qualificação de dissertação, este realizado em 16 de maio de 2017, como um dos elementos que contribuíram para se desenhar os fundamentos e perspectivas metodológicas deste trabalho final.

À época de realização das primeiras entrevistas com docentes de dois programas de pós-graduação do *Campus* Curitiba da UTFPR<sup>41</sup>, sugeriu-se o desmembramento da pesquisa

<sup>41</sup> Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 62662716.1.0000.5547. Parecer Consubstanciado de Aprovação nº 1.914.693, em 10 de fevereiro de 2017. Parecer Consubstanciado de Aprovação (notificação junto ao Conselho, de mudança de pesquisa de mestrado para doutorado) nº 2.533.729, em 08 de março de 2018. Parecer Consubstanciado de Aprovação (notificação junto ao Conselho, de envio de

realizada até então, de modo que os elementos quantitativos perfizessem o corpo central da dissertação, enquanto os elementos qualitativos, estes despertados a partir das falas transcritas e instrumentais apresentados à época, pudessem ser aprofundadas durante a construção da tese.

Outro elemento, sugerido pela banca de professoras da época, remeteu a pensar na construção de exercícios comparativos com outros espaços aos quais se possibilitasse ouvir as/os docentes, aprofundando as questões/percepções de gênero, raça e produtividade científica/tecnológica.

Por fim, o fato da pesquisa ter sinalizado, à época, o indicativo de que as mulheres docentes, dos programas de pós-graduação selecionados, produziam mais documentos<sup>42</sup> científicos com relação aos seus colegas docentes homens, assim como o fato das mulheres, em um dos programas analisados serem, proporcionalmente, a maioria de pesquisadores bolsistas de agências de fomento, suscitou indagações de se aprofundar questões de gênero que poderiam estar ocultas nas métricas divulgadas, ou seja: se há (ou como há) diferenças no modo de se pensar, produzir, divulgar e compartilhar o conhecimento, bem como das relações entre seus pares.

### 2.1.3 Breves considerações sobre banca durante o exame de qualificação de tese e o trabalho de campo em território colombiano

À época da realização de exame de qualificação para a tese, em 22 de março de 2018, as professoras arguidoras destacaram a relevância das escolhas teórico/metodológicas distintas, especialmente o lugar de fala como instrumento/potência em se colocar em suspeita a neutralidade do conhecimento pensado nas universidades, ao mesmo tempo em que se tomasse o devido cuidado em não incorrer em discussões essencialmente identitárias e descaracterizadas do *locus social* discursivo, tal como já explicitado brevemente no preâmbulo. Embora caiba destacar que o processo de realização de qualificação tenha sido

---

relatório final), nº 5.100.135, de 11 de novembro de 2021. É possível a consulta pública pelo link: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>. O período de realização dessas primeiras entrevistas compreendeu os meses de março a maio de 2017, totalizando quatro respondentes: dois docentes homens (um do Programa de pós-graduação em Engenharia Elétrica e Informática Industrial – CPGEI e outro do já citado PPGTE) e duas docentes mulheres, sendo também uma de cada programa.

<sup>42</sup> Pensando aqui em teses e dissertações orientadas por docentes homens e mulheres, assim como produção de artigos científicos, livros e/ou capítulos de livros e trabalhos publicados em eventos científicos. Todos estes documentos foram contabilizados pensando em autoria e coautoria masculina/feminina. O que, com a defesa da dissertação, realizada em 21 de agosto de 2017, acabou por comprovar as sinalizações dadas anteriormente, à época do exame de qualificação.

realizado com certa antecedência<sup>43</sup>.

Do mesmo modo, as conversas realizadas com a futura supervisora de estágio doutoral, iniciadas pessoalmente em novembro de 2017, quando ela ministrou uma semana de curso no Brasil, foram fundamentais para se definir os parâmetros das atividades realizadas na Colômbia, descritas anteriormente no Quadro 2 (página 43). Chegando no país em 01 de outubro de 2018, optou-se por mudar o local de realização do trabalho de campo, mas não alterando os fundamentos já aprovados em projeto do estágio, uma vez que a natureza da pesquisa seria a mesma.

Explicitados os elementos antecedentes, passa-se a delinear os elementos metodológicos desta tese.

#### 2.1.4 Perspectivas metodológicas

Moreira e Caleffe (2011), ao pontuar os desafios do processo de se fazer pesquisa e o ensino de perspectivas metodológicas em cursos de pós-graduação, asseveram acerca da importância das razões elencadas pelo/a pesquisador/a ao escolher determinados caminhos de investigação acadêmica. Destarte, entender os pressupostos que levaram à escolha de determinados métodos, técnicas, instrumentais e principalmente epistemologias metodológicas que conversam com o aporte teórico, além de ser elemento de validação científica da própria pesquisa, fornece uma retórica balizante de defesa de justificativas e resultados encontrados aos seus pares (MOREIRA; CALEFFE, 2006; 2008; 2011).

Do mesmo modo, Bauer, Gaskell e Allun (2002, p. 18-19) pontuam que

A investigação da ação empírica exige a) a observação sistemática dos acontecimentos; inferir os sentidos desses acontecimentos das (auto-) observações dos atores e dos espectadores exige b) técnicas de entrevista; e a interpretação dos vestígios materiais que foram deixados pelos atores e espectadores exige c) uma análise sistemática.

A partir das autoras e autores utilizados nesta tese, destaca-se que os fundamentos metodológicos balizantes estão centrados em uma pesquisa de natureza **interpretativa, parcial, interdisciplinar, dialógica e qualitativa**, utilizando-se também de instrumentos

---

<sup>43</sup> Conforme as exigências descritas pelo Edital 47/2017 – Capes, em que se apresentaram as regras para concessão de bolsas para estágio no exterior (Doutorado Sanduíche), o candidato/a á bolsa deve ter realizado exame de qualificação ou ter completado o primeiro ano de curso. No caso em específico desta tese e pela natureza de haver sido realizada a Progressão Direta para o doutorado em 2017, o autor deste trabalho em questão, à época do exame de qualificação de doutorado, contava com oito meses como estudante. Conforme consulta à Capes, ao PPGTE e à Comissão de Bolsas constituída para este edital, foi autorizada a participação no Edital 47/2017, contanto que se realizasse o exame de qualificação.

quantitativos para fornecer suporte à natureza metodológica da tese. Deste modo, este pesquisador, a partir das já citadas Gonzalez (1984; 1988), Ribeiro (2017) e Teixeira (2019), ao situar seu discurso enquanto pessoa preta latinoamericana, gay e acadêmica, busca estabelecer uma relação dialógica de sua história com os lugares enunciativos/discursivos das/os docentes entrevistadas, nas universidades brasileira e colombiana, situando o conhecimento produzido conforme as ponderações de Haraway (1995).

Ao longo do tempo do estágio sanduíche e, especialmente a partir das anotações do diário de campo, às metodologias foram sendo reveladas em observações de eventos realizados nas dependências da UTP, em conversas telefônicas e/ou pessoais, conforme exemplo deste registro do diário de 14 de fevereiro de 2019 com uma docente de um dos programas analisados que, também à época do trabalho de campo, coordenava outro programa de mestrado que não fazia parte da seleção de amostragem

*A partir da troca de e-mails e na própria reunião, a professora se mostrou bastante resistente em participar da pesquisa, pois segundo ela, elementos de gênero e raça podem gerar mais vitimizações dos sujeitos. Para ela, como antropóloga, o olhar principal seria a partir do ser humano e da cultura onde o mesmo está inserido, uma vez que estes conhecimentos produzidos, especialmente de gênero, não contribuem para promover a emancipação do ser humano, tanto homens quanto mulheres. Depois de muita conversa, a docente aceitou ser entrevistada, ainda que quase todas as suas respostas foram dicotômicas ou buscando essa pretensa neutralidade e objetividade, contrastante com o discurso observado por mim. Foi interessante perceber como esse olhar objetivo, neutro, racional da produção do conhecimento está impregnado em seu discurso, ainda que suas preocupações enquanto pessoa e intelectual sejam para a formação de cidadãos. É um contraste com o que Londa Schiebinger (2014) trabalha como agnotologia de gênero, e seus lugares de fala enquanto mulher e pesquisadora (a professora com quem conversei). Foi muito rico este encontro (DIÁRIO DE CAMPO, PEREIRA DOCENTE, UTP).*

É importante trazer aqui o fragmento do texto lembrado, à época da anotação do diário de campo, da pesquisadora Londa Schiebinger (2014, p. 87), falando sobre ignorância e gênero

O problema é que, em grande parte, o viés de gênero é algo não consciente, ou seja, é praticado, involuntariamente, por cientistas e engenheiros altamente educados, inteligentes e, de outra forma, bem intencionados. Este tipo de ignorância sistêmica é difícil de ser erradicada. Cientistas e engenheiros ficam, alternadamente, irritados ou desorientados quando, finalmente, aprendem a “ver” gênero.

Do mesmo modo, já no Brasil, as partilhas realizadas com a *Íyálòrìsà* acerca da ignorância para as ancestralidades/religiosidade afro, asseveraram a intolerância como um elemento importante para a constituição da ignorância enquanto um saber e mesmo uma ciência

*Então a ignorância que eu acho que é... um dos (elementos) que cria a intolerância, não é? Através da ignorância que se cria a intolerância. E que quem acha que sabe vai pra cima do outro com o seu saber. E o outro também tem uma bagagem e que ele não consegue respeitar porque ele não consegue entender a ignorância na questão do outro. E aí vai pra cima! E assim vai se dando na cadeia (de relações). (ÌYÁLÓRÌSÀ, 27 DE MARÇO DE 2020).*

É interessante perceber que, os fragmentos de anotação do diário de campo e a própria transcrição autorizada oralmente pela *Ìyálòrìsà* para esta tese, são exemplos de como a naturalização de ignorâncias, especialmente no tocante a questões de gênero e raça, permeia toda a formação de saberes para uma dita neutralidade e objetividade do conhecimento, impactando o pensamento desses/as cientistas mediante um fenômeno, evento, fato analisado e o diálogo com a sociedade, conforme também posto por Schiebinger (2014).

Neste sentido, foi a experiência no campo de trabalho e os diálogos realizados que apontaram para uma análise acerca das ignorâncias de gênero e raça, ou as *àmòtologias*, termo cunhado nesta tese. Foi o campo que forçou revisitar as escolhas teórico/metodológicas, assim como em buscar o entendimento da ignorância a partir da coletividade, conforme apontou o *Bàbálòrìsà* em uma conversa *online* compartilhada em junho de 2020

*Pra nós de terreiro é um carrego: a gente tá carregando alguma coisa que... pesada, e tem a ver com a ignorância, tem a ver com essa noção de ignorância. Que a ignorância... ela tem a ver com a despotencialização do *Àşę*<sup>44</sup>. Ela tem a ver com trocas que não são igualitárias, não é? Com trocas que não atendem à comunidade (BÀBÁLÓRÌSÀ, 11 DE JUNHO DE 2020).*

Portanto é possível dizer que foi o conjunto de atividades realizadas em campo, especialmente as realizadas em território colombiano, que chamou à atenção para ignorâncias sistêmicas, uma espécie de amálgama entre os lugares de fala/enunciativos e as diferenças entre os sujeitos para proposição de uma ética que seja inflexiva frente a estas questões, dentro das universidades. Sobre diferença e identidade para a construção de epistemologias pautadas em realidade de lugares onde o conhecimento é subvalorado (portanto disruptivas e revolucionárias em alguma medida), Linda Alcoff (2016, p. 141) diz, já ao fim de seu texto, que

Ao contrário, a diferença epistêmica está no que se pode ver a partir de um ponto de vista vantajoso. O que uma pessoa pode ver subdetermina o conhecimento ou articula interesses, mas a correlação entre possibilidades de percepção e identidades

---

<sup>44</sup> *Àşę* é um termo que erroneamente é associado apenas à energia, em uma perspectiva individualista. Como os modos de ser, estar, viver e atuar no mundo, para as ancestralidades afro, são diferentes da cosmovisão ocidental (uma vez que inexistente essa separação entre a “alma” e corpo), *Àşę* pode ser compreendido como a força dialética e dialógica, vital a todos os seres. Se o *Àşę* passa a ser compreendido deste modo, resgata o caráter ético, moral, da natureza e coletivo desta força, que é concreta e material, não apenas circunscrita como abstrata, individual e espiritualizada.

requer que levemos a identidade em consideração ao formularmos corpos de tomada de decisão ou instituições de produção do conhecimento.

Assume-se, portanto, os elementos subjetivos ao se produzir esta tese e o exercício em se constituir um *corpus* de pesquisa parcial, dialógico/situado com as/os docentes dos cursos de pós-graduação elegidos para análise, complementando os fundamentos teóricos descritos com as asseverações de Moreira e Caleffe (2008, p. 42), acerca dos paradigmas de pesquisas qualitativas

Neste sentido, é de suma importância que os pesquisadores qualitativos entendam os pressupostos filosóficos subjacentes a esta perspectiva paradigmática para utilizar critérios coerentes com estes pressupostos que assegurem a qualidade e o rigor nas pesquisas. As premissas que definem os paradigmas de pesquisa podem ser resumidas pelas respostas dadas pelos proponentes de qualquer paradigma às questões ontológicas, epistemológicas, metodológicas e axiológicas. Estas questões são fundamentais e, são de tal maneira inter-relacionadas, que a resposta dada a uma questão, em qualquer ordem, determina as respostas as outras questões.

As ponderações de Moreira e Caleffe (2008), além de corroborar com a interpretação dos excertos de Haraway (1995) e o posicionamento de Cunha Junior (2006, *Online*) acerca de metodologias afrodescendentes, desmontam estereótipos imputados às pesquisas qualitativas, apontadas pelo senso comum presente em certos setores da academia de que estas são puramente tendenciosas, carecem de rigor científico e não buscam verdades social e cientificamente validadas/aceitáveis.

Assim, a partir da fundamentação explicitada neste capítulo, postas as perspectivas metodológicas da tese partindo de quatro elementos<sup>45</sup> componentes desta pesquisa, que objetivam, primariamente, a validade frente aos estudos críticos da ciência, tecnologia, gênero e raça, uma vez que este processo iniciou ainda em 2016, com a dissertação.

---

<sup>45</sup> Os elementos Credibilidade, Transferibilidade, Dependibilidade e Confirmabilidade podem ser consultados nos trabalhos de Guba (1981) e Moreira (2018). Buscou-se, portanto, fazer a devida adaptação destes quatro critérios para a realidade da tese.

**Quadro 3:** Elementos validadores das perspectivas metodológicas adotadas

<b>Elementos</b>	<b>Construtos/Características</b>	<b>Instrumentos Validadores</b>
CREDIBILIDADE	Verificação dos dados pelos participantes da pesquisa e outras/os pesquisadoras/es;  Acessibilidade dos dados, métodos e técnicas que embasaram as escolhas do pesquisador	1) TCLE/TCUISV e demais termos;  2) Parecer Comitê de Ética UTFPR;  3) Verificação dos dados pelos pela banca de qualificação e participantes da pesquisa;  4) Revisões das escolhas teóricas/metodológicas pelo pesquisador, orientadora e supervisora de estágio doutoral sanduíche, mediante incursões no campo.  1) Processo info/bibliométrico realizado em 2016-2017
TRANSFERIBILIDADE	Apreciação dialógica dos movimentos de pesquisa	1) Leitura atenta do roteiro de entrevistas e termos aos sujeitos de pesquisa;  2) Descrição detalhada dos movimentos de pesquisa
DEPENDIBILIDADE	Como se fez? O que foi feito? Por que foi feito? Para quais finalidades? Quando foi feito?	1) TCLE/TCUISV e demais termos;  2) Parecer Comitê de Ética UTFPR;  3) Processo info/bibliométrico realizado em 2016-2017  4) Anotações do pesquisador durante entrevistas.  5) Trilha analítica dos discursos dos sujeitos de pesquisa
CONFIRMABILIDADE	Corroboração dos dados de pesquisa às fontes e aportes teóricos utilizados	1) Mapa conceitual.  2) Trilha analítica dos discursos dos sujeitos de pesquisa

Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2020). Todos os direitos reservados. Fundamentado em Ferreira (2017); Guba (1981); Haraway (1995); Moreira; Caleffe (2006; 2008; 2011); Moreira (2018) e Ribeiro (2017).

Ao apresentar os quatro elementos que objetivam validar as perspectivas adotadas na tese, buscou-se o exercício de identificar onde se encontram as lacunas discursivas de *àimòs* (ignorâncias) da UTFPR e UTP, frente a questões de gênero e raça no exercício da pesquisa,



formação de futuros profissionais e futuros docentes. Corrobora-se, assim, com as asseverações e perspectivas de pesquisas futuras apontadas nos trabalhos de Ferreira (2017), Kovaleski (2014) e Muzi (2011), desmentindo conclusões equivocadas de que mulheres, para citar um exemplo, em determinados espaços, especialmente em áreas das engenharias e exatas, produzem/publicizam menos conhecimento do que seus pares homens. Do mesmo modo, os quatro elementos citados (credibilidade, transferibilidade, dependibilidade e confirmabilidade) asseveram um problema institucional da UTFPR detectado no trabalho de Ferreira (2017, p. 111) e que corroboram com as teorias utilizadas

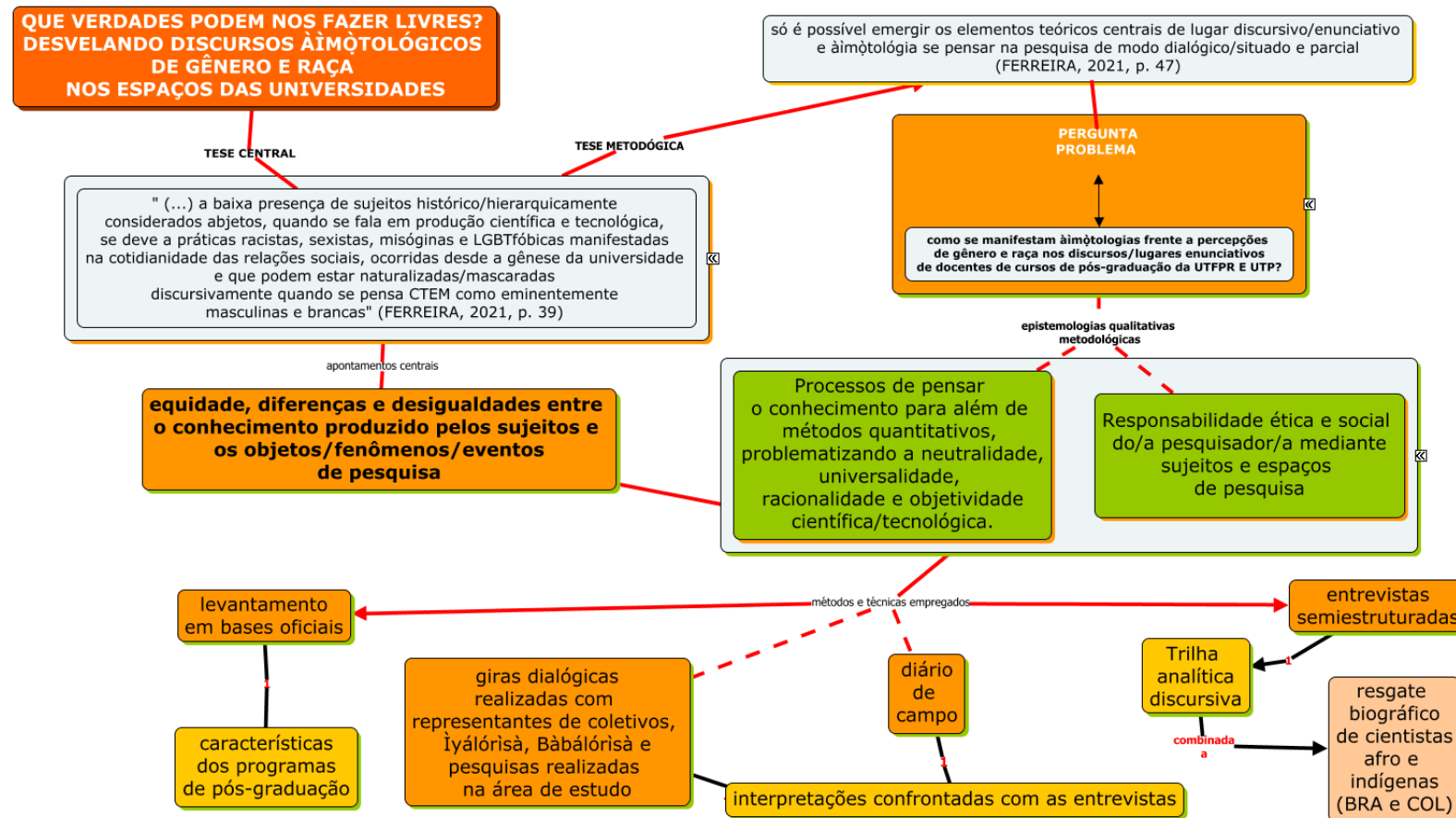
Outro elemento, que merece problematização, está relacionado à constatação de que nas bases oficiais consultadas para esta pesquisa inexistem informações sobre etnia/raça das/os docentes e discentes dos programas consultados. Publicizar estes elementos nas bases oficiais contribui para não só visibilizar estes sujeitos e combater estereótipos e preconceitos diversos, mas discutir como se dá a presença e participação de asiáticas/os, indígenas, negras/os, e tantas/os outras/os, em espaços produtores de ciência e tecnologia.

Doutro modo, a baixa presença de mulheres, pessoas LGBTI+ e pessoas autodeclaradamente afro/negras, em espaços fermentadores de saberes perpassa pelo sentimento violento inculcado de não representatividade e não identificação destes espaços, ao não se reconhecerem como capazes e/ou pertencentes a estes. Este sentimento de não pertença, conforme Ferreira, Oliveira e Casagrande (2017) e Oliveira (2017) pontuaram em suas pesquisas, remete a raízes estruturantes na cultura de vieses sexistas, racistas e classistas, em razão do enxergamento das diferenças entre os sujeitos de uma forma ameaçadora à grupos hegemônicos, pois ao

“(…) se exigir tratamento e deveres iguais a sujeitos que historicamente são sujeitados a um sistema que não permite que se acesse aos direitos previstos na sociedade e legislação (...). Ou, quando acessam a estes direitos e espaços, estão sujeitados, também, à toda sorte de microagressões sistemáticas, travestidas pelo discurso da neutralidade, isonomia e cientificismo tão presentes em espaços acadêmicos. Estas microagressões podem fazer com que até as pessoas pertencentes as minorias considerem injustas as políticas que tentem minimizar estas desigualdades (FERREIRA; OLIVEIRA; CASAGRANDE, 2017, p. 10).

Postos os argumentos que balizaram as perspectivas de pesquisa, se apresenta um mapa conceitual, objetivando apresentar uma síntese/características centrais do caminho metodológico.

Figura 1: Mapa conceitual metodológico



Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2020). Todos os direitos reservados. Elaborado a partir de software gratuito CmapTools (IHMC, 2016) e fundamentado em Alcoff (2007; 2016); Bauer, Gaskell e Allun (2002), Cunha Junior (2006, *online*), Ferreira (2017); Foucault (2008; 2010; 2014); Gill (2003); Haraway (1995); Minayo (2002); Moreira; Caleffe (2006; 2008; 2011); Moreira (2018), Ribeiro (2017); Santos (1996) e Severino (2002).

## 2.2 INSTRUMENTAIS DE PESQUISA

Esta seção objetiva explicitar os instrumentais de pesquisa selecionados para a tese, de modo que se busque a validação dos critérios de pesquisa estabelecidos no quadro 3 e Figura 1.

A pergunta de pesquisa que é como se manifestam as ideologias frente a percepções de gênero e raça nos discursos/lugares enunciativos de docentes de cursos de pós-graduação da UTFPR E UTP, pede a combinação de múltiplos instrumentais, bem como do levantamento de dados/informações quantitativos nas bases oficiais das universidades colombiana e brasileira, a fim de caracterizar os espaços de pesquisa e produção científica de docentes vinculados aos programas selecionados. Passa-se a descrição dos instrumentais utilizados.

### 2.2.1 Entrevistas semiestruturadas

As entrevistas são um dos elementos pertinentes para todo/a pesquisador/a que se propõe interpretar, entender e dialogar com a visão de mundo dos/as entrevistados/as. Além disso, oportuniza um mapeamento efetivo da temática estudada e problema de pesquisa, a partir da técnica solicitada pelas teorias fundantes do trabalho, a habilidade em conduzir conversas pelo/a entrevistador/a e um roteiro de perguntas elaboradas que não desviem completamente do assunto pesquisado. Deste modo, as entrevistas semiestruturadas combinam a liberdade do/a entrevistado/a em transitar verbalmente pelo tema de pesquisa, embora contenha um protocolo de perguntas/tema que direcionem a conversa, geralmente com uma introdução, desenvolvimento e conclusão da entrevista (GASKELL, 2002; MOREIRA; CALEFFE, 2006; 2008; MINAYO; 2002).

Deste modo, é fundamental que o/a entrevistador/a tenha sensibilidade em explicitar os objetivos e condições da entrevista para o/a participante, em razão desta ser um evento único, não se obtendo informações valiosas para a pesquisa se for malconduzida e mal direcionada (MOREIRA; CALEFFE, 2006; 2008; 2011).

A entrevista objetiva, portanto, a explicitação do fenômeno analisado em decorrência dos limites do próprio levantamento bibliográfico, quantitativo e da observação. Nessa interação proporcionada na entrevista entre o sujeito da pesquisa, objetos de pesquisa e pesquisador/a, especialmente pela subjetividade, é que se identificam elementos ocultos que interferem no fenômeno pesquisado.

Nesta pesquisa, adotou-se como método de coleta de dados a entrevista

semiestruturada conforme roteiros de entrevistas (português e espanhol) apresentado no Apêndice II, por ser o instrumento mais adequado para atingir o objetivo desta pesquisa que concerne a analisar manifestações àimòtológicas frente a percepções do conhecimento produzido e questões de gênero e raça, de docentes de cursos de pós-graduação da UTFPR e UTP, a partir dos seus respectivos lugares enunciativos.

Os roteiros de entrevistas, tanto em português quanto em espanhol, contaram com estruturação semelhante, respeitando obviamente características específicas à cada país e universidade. Foram 22 perguntas<sup>46</sup> agrupadas em dois grandes blocos. O primeiro bloco objetivou investigar que percepções os/as docentes têm acerca da universidade e do conhecimento acadêmico, de sua própria produção científica e da relação com seus colegas docentes de pós-graduação, objetivando atender principalmente o segundo e quarto objetivo específico delineado para esta tese<sup>47</sup>.

Já o segundo bloco, mesclando perguntas de cunho mais pessoal, tais como entender de que modo eram percebidas as relações de gênero e raça em toda a trajetória escolar dos/as atuais docentes de pós-graduação entrevistados, com perguntas sobre percepções/silenciamentos (mesmo àimòs) de discriminações, preconceitos e racismo, ocorridos no ambiente acadêmico, atendendo ao primeiro e terceiro objetivo específico<sup>48</sup>.

Destarte, os nomes reais das/os docentes entrevistadas/os foram substituídas/os, para fins de preservação de imagem/identidade. Como critério de escolha dos pseudônimos, privilegiou-se pessoas integrantes de grupos sociais com pouca presença, participação e visibilidades na academia, na memória acadêmica, histórica e, também, em áreas CTEM brasileira e colombiana: negras/os e indígenas, de modo que foram anexadas, ao final deste trabalho, uma pequena biografia (apêndices V e VI).

Do mesmo modo, nomes de outras pessoas (que não as/os docentes entrevistadas/os) com quem este pesquisador teve contato durante toda a pesquisa, também foram ocultados mas não substituídos/renomeados. Uma vez que excertos das anotações e conversas também foram incorporados às análises, para efeitos de complementação.

---

<sup>46</sup> Mais eventuais perguntas de aprofundamento (caso houvesse necessidade em razão de respostas consideradas insuficientes/insatisfatórias), uma vez que o roteiro é para entrevistas semiestruturadas.

<sup>47</sup> Comparar as percepções discursivas dos/das docentes de todos os programas selecionados para a pesquisa, considerando os contextos locais e observações/interações realizadas durante trabalho de campo; Identificar obstáculos que se impõe a pesquisadores/as de um sexo e não às/aos de outro no exercício das funções de docência/pesquisa.

<sup>48</sup> Analisar as percepções das/os docentes de cada programa de pós-graduação escolhido para a pesquisa, acerca das relações de gênero e raça em suas atividades internas; Verificar se as/os docentes percebem a interferência de racismos, sexismos e Lgbtfobias na inserção, permanência e produção de conhecimento, nos programas pesquisados.

Cabe explicitar que de modo algum se pretendeu, aqui, deslegitimar a autoidentificação étnica/cultural/racial das/os docentes entrevistadas. O que se quis neste trabalho também, além de discutir os objetivos/problema de pesquisa propostos, foi evidenciar as dificuldades das pessoas negras e indígenas em não somente ascenderem à academia, mas serem visibilizadas por suas conquistas em quaisquer áreas, já que são poucas/os, embora façam parte de uma grande parcela da população<sup>49</sup>.

### 2.2.2 O discurso e a enunciação como inspirações para composição da trilha analítica

Sabendo que os discursos, a partir de uma perspectiva foucaultiana, podem ser entendidos como práticas interdependentes e reflexivas da enunciação, uma vez que a manifestação se dá por uma intencionalidade, importa saber, para as pesquisas qualitativas, como se dão os posicionamentos assumidos por quem enuncia e como o pesquisador estabelece as suas interpretações, impressões, diálogos.

Sobre o discurso, para Foucault (2008, p. 136-137)

(...) ele aparece como um bem - finito, limitado, desejável, útil - que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas "aplicações práticas"), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política.

Neste sentido, importa entender não somente como algo é descrito por quem enuncia, mas também como as palavras e os significados empregados em um discurso produzem algo a mais. Em outro texto da década de 1970, Foucault (2014), ao tecer acerca do discurso como o objeto de embates por excelência das relações, anuncia logo nas primeiras páginas, três tipos de interdições, que objetivam controlá-los e moldá-los a favor de grupos privilegiados em uma organização social

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: **Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo** do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (FOUCAULT, 2014, p. 9. Grifos nossos).

É interessante perceber que a interdição dos discursos, para este autor visto por segmentos da academia como pertencente à corrente pós-estruturalista, pode ser traduzida pelos seguintes questionamentos, desmontando aparentes neutralidades e transparências

---

<sup>49</sup> DANE 2017; 2020; IBGE, 2015; IPEA, 2014; Movimiento Cimarrón 2017; Vivas, 2019.

discursivas, especialmente quando se pensa em questões de sexualidade e política: quem pode falar? Sobre o que se pode falar? Quando se pode falar?

Rosalind Gill (2003, p. 247), autora de influências pós-estruturalistas que também estuda o discurso, apresenta quatro linhas gerais para analisá-lo

É proveitoso pensar a análise de discurso como tendo quatro temas principais: uma preocupação como discurso em si mesmo; uma visão da linguagem como construtiva (criadora) e construída; uma ênfase no discurso como uma forma de ação; e uma convicção na organização retórica do discurso.

Portanto, destas breves considerações, é possível afirmar que uma análise de um discurso, é um método interpretativo/dialógico que objetiva analisar a mensagem utilizada para identificar o seu discurso e interpretar o conteúdo, atentando-se aqui que a linguagem é um veículo<sup>50</sup> de transmissão de uma mensagem subjacente. Ademais, importa não somente desvelar o que está oculto, para além das palavras, de modo que a linguagem é interdependente das interações entre os sujeitos, mas sim entender que há no discurso historicidades, disputas e ideologias (BARDIN, 1977; FOUCAULT, 2008; 2014; GILL; 2003; ROCHA; DEUSDARÁ, 2005).

Ademais, e a partir de Cunha Junior (2006, *Online*; 2010), salienta-se a responsabilidade de pesquisadores/as negros/as em entender, a partir das ancestralidades, que todos os fenômenos vivos da natureza têm componentes do conhecimento e ao mesmo tempo são o próprio conhecimento interdependente, subvertendo não somente a lógica de pensamento neutro, racional e distante entre o **sujeito e objeto** de pesquisa, mas ressignificando o próprio sentido do objeto de pesquisa como objeto. De modo que

A palavra com um fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento da existência. A população, a comunidade é expressa pela palavra Bantu. A comunidade é histórica, é uma reunião de palavras, como suas existências. No Ubuntu, temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 26).

Respeitando os escopos analíticos e tempos/movimentos históricos, é possível estabelecer algumas conexões entre as considerações sobre a palavra para Cunha Junior (2010), e as considerações acerca da enunciação, do linguista sírio/francês Émile Benveniste

---

<sup>50</sup> Esse veículo mencionado remete a exemplos destacados nos textos de Laurence Bardin (1977) e Décio Rocha e Bruno Deusdará (2005), justamente para reforçar as suas argumentações de que é limitante a objetividade e neutralidade proposta por métodos como a análise de conteúdo, por exemplo, praticada com base na quantificação, nos construtos e epistemologias informacionais e comunicacionais, na maneira behaviorista presente no método. Ademais, registra-se que esta tese faz a escolha metodológica de privilegiar, no tocante às análises discursivas, algumas considerações foucaultianas acerca dos discursos, perfazendo uma espécie de costura acerca do conceito de enunciação e textos afrocentrados, citados ao longo deste trabalho.

(1976; 1989), pertencente à corrente de pensamento estruturalista e um dos pioneiros no conceito de enunciado e enunciação.

Para este linguista, a enunciação seria um conjunto de operações da língua, dispostos em decorrência dos atos individuais da sua utilização. Significa dizer que, uma vez que o locutor de um discurso apresenta quem está falando, em sua própria fala, ao mesmo tempo dispõe o outro diante do discurso e de si mesmo. Considera-se o ato enunciativo, os contextos em que este ato ocorre e/ou ocorreu e, por fim, que instrumentos da língua foram utilizados para a sua materialização

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância do discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, 1989, p. 83-84)

É interessante perceber que, para Benveniste (1976; 1989), não apenas se toma em consideração a agência do sujeito (o eu), como que também quais marcas inerentes a este são postas na enunciação que gera o discurso. A palavra, portanto, é um fio condutor no momento em que esta enunciação é materializada/reiterada nos discursos, por esta razão a proximidade com o que Cunha Junior (2010) entende como palavra, embora seja fundamental ressaltar aqui que, para este último, o ato enunciativo é sempre coletivo em função de como se entende a oralidade e a coletividade. Ademais da enunciação aqui ser percebida como uma função interdependente dos discursos (não separada), aproximando-se mais Cunha Junior (2010), portanto, do entendimento de Foucault (2008; 2014).

É preciso pontuar as diferenças, no entendimento de discurso e enunciado, entre Benveniste (1976; 1989) e Foucault (2008; 2014). Para o segundo importa muito mais pensar nos atravessamentos aos quais os discursos permeiam as experiências humanas e, portanto, que tensionamentos/disputas sociais existem; perfaz-se do discurso, finalmente, produtor de uma verdade que dá legitimação ao enunciado posto, uma vez que o enunciado

(...) é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2008, p. 98. Grifos do autor)

Já para o linguista Benveniste (1976; 1989), para além das considerações sobre o

enunciado descritas anteriormente, o discurso cumpriria prioritariamente a função da expressão da língua em um processo comunicativo, estando mais atrelado à posicionalidade, intencionalidade e a individualidade do locutor.

Finalmente, traz-se a já citada Gonzalez (1984) para esta discussão acerca do discurso e da enunciação. Tanto esta autora, quanto Benveniste (1976; 1989), se valem das contribuições psicanalíticas acerca do eu, do desejo, do sujeito e objeto, pertinentes para realizar alguns de seus trabalhos, obviamente respeitando os seus respectivos escopos de análise em que trabalharam.

No caso específico do texto *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, Gonzalez (1984), ao discutir a posição das mulheres negras em seu tempo e como o racismo e sexismo operam na composição cultural brasileira, se vale das noções psicanalíticas de consciência e memória para ilustrar o que aqui pode ser correlacionado com a ignorância sistêmica (a àimõtologia discutida neste documento), presente no discurso e na linguagem hegemônica

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí fora. Não sacam que tão falando pretuguês (GONZALEZ, 1984, p. 238. Grifos da autora).

Ao dizer que o lixo irá falar por si<sup>51</sup>, esta autora não apenas perfaz o ato enunciativo descrito por Benveniste (1989), como também denuncia nele mesmo o apagamento social relegado às mulheres negras brasileiras, ao historicizar as figuras da mucama, mulata, das domésticas e das mães pretas na composição do que seria esse Brasil que valoriza a falácia da democracia e harmonia racial. Ao mesmo tempo, e semelhante a Cunha Junior (2006; 2010), também este ato enunciativo carrega a coletividade, a oralidade, o saber, as resistências e os apagamentos das memórias de povos do continente africano, dando um outro sentido/olhar ao ato enunciativo e ao próprio conceito de enunciado.

Destarte, também é possível estabelecer alguma aproximação entre este fragmento do texto de Gonzalez (1984) com a noção de identidade dos sujeitos, presentes nos textos de

---

<sup>51</sup> Gonzalez, fundamentando-se também em Jacques Lacan, utiliza deste recurso retórico para estabelecer uma crítica contumaz ao estatuto social atribuído às pessoas negras em uma sociedade marcadamente racista e sexista, como a brasileira. Afinal, quem é mesmo o lixo aqui? Como esse “lixo” foi sendo estabelecido como tal? E, quando Gonzalez diz que esse mesmo lixo irá falar, e “de boa” (estabelecendo aqui uma relação entre a expressão *numa boa* que a autora utilizou em seu texto da década de 1980, com o “*de boa*”, este utilizado atualmente nas conversas informais brasileiras, especialmente entre pessoas LGBTI+), quer denunciar? Neste jogo que Gonzalez sagazmente utiliza, há um exemplo do que ela quer dizer sobre a consciência e memória ao longo de todo o texto.



Foucault (2008; 2014) trazidos para esta seção, respeitando obviamente seus focos temporais e epistemológicos, uma vez que para este autor, a noção de identidade do sujeito é constituída pelo discurso.

Para esta tese e por toda a trajetória acadêmica iniciada em 2016, ainda no mestrado, é perfeitamente coerente com as teorias utilizadas, assim como da personalidade/posições políticas deste pesquisador, explicitadas desde o preâmbulo, pensar na construção particular de uma **trilha analítica**, em vez de reproduzir integralmente métodos analíticos de dados, informações e diálogos realizados em campo. Certamente é um risco!

Entretanto se assume este risco, até porque foram as incursões em campo que apontaram para uma ignorância sistêmica frente a questões de gênero e raça nos discursos das/os docentes entrevistadas/os, forçando este pesquisador a buscar outras teorias que dialogassem com o que as pessoas ouvidas desde 2017 estavam dizendo nas entrevistas, especialmente no tocante à ignorância sistêmica, mas que à época não se conseguia entender melhor.

Doutro modo, essas costuras realizadas, acerca dos entendimentos de enunciação e discurso, convergem com metodologias de pesquisas de campos interdisciplinares, como é o caso desta desenvolvida no PPGTE, assumidamente privilegiando perspectivas foucaultianas sobre o discurso e o enunciado, mas sob olhares afrocentrados<sup>52</sup> nessas encruzilhadas epistemológicas.

Finalmente, provocado também pelo *Bàbálòrìsà*, se cunha o termo àimõtologia como forma de demonstrar o caráter situado, afrocentrado e coletivo desta pesquisa (e, por conseguinte, do seu discurso), prestando memória e reverência à todas as pessoas negras que circulam e circularam nestes espaços. O trecho transcrito da conversa *online*, realizada em junho de 2020, respeitando os devidos lugares epistemológicos, também pode ser conectado às considerações de Foucault (2008; 2014) sobre o discurso, trazidos nesta trabalho

*Então eu penso que o seguinte: a gente tem uma (pausa longa) ... a grande questão é, ou a grande pergunta é: quem legitima o conhecimento? Quem legitima o que é produzido? E aí o que acontece? O que que eu tenho feito? Eu tenho falado cada*

<sup>52</sup> Molefi Kete Asante, cientista político e filósofo estadunidense, é um dos nomes reconhecidos internacionalmente que difundem a ideia de pensar o mundo, assim como o agir e dialogar, por uma perspectiva que combata a supremacia colonial branca como central, positiva, universal e superior, esta violentamente imposta às populações africanas e mesmo as outras que não estão circunscritas neste padrão ocidental branco. Pensar em paradigmas afrocentrados, para este autor, remete desestabilizar e, essencialmente, implodir posições hegemônicas que imputam ao outro (povos africanos, neste caso) uma categoria ontológica negativa permanente (ASANTE, 2009). Neste sentido o esforço nesta tese perpassa, também, por trazer alguns olhares afrocentrados no analisar e dialogar com as especificidades da metodologia, não apenas das/os autoras/es negras/os chamados à esta gira epistemológica, mas da oralidade materializada nas conversas que o pesquisador teve com a *Ìyálòrìsà* e o *Bàbálòrìsà*.

*vez mais com pessoas, eu criei um espaço de trocas de saberes, tenho conversado com as pessoas que também acreditam nessa epistemologia de terreiro e aí a gente coletivamente... olha que interessante, coletivamente, do outro lado da trincheira, tem legitimado essa ideia de uma epistemologia preta, de terreiro. Mas uma epistemologia preta ancestral. Porque na verdade, o que acontece... e aí faz muito sentido o teu trabalho, existir um tipo de ignorância que é produzida e legitimada. E legitimada como verdade única. 'Ó, agora a gente já falou sobre isso, agora é só pegar e seguir!'* (BÀBÁLÓRÌSÀ, 11 DE JUNHO DE 2020).

Quatro foram, portanto, os elementos centrais de composição analítica da trilha:

- Primeiro elemento: A identificação dos padrões discursivos das/os docentes, no tocante às questões de ciência e tecnologia, conhecimento produzido na universidade e relação com a sociedade à época da realização das entrevistas, uma vez que esse “retrato” é dinâmico.
- Neste segundo elemento, as funções dos discursos se interrelacionam com o do tópico anterior, no sentido de buscas dos termos frequentes utilizados pelas/os docentes, e identificação da ação/organização discursiva, externalizada nas entrevistas.
- O terceiro elemento explicitou as convergências e divergências sobre ignorâncias frente às questões de gênero e raça, sobretudo.
- O quarto elemento, interdependente aos três anteriores, esteve relacionado a assumir as falas da *Ìyálórìsà* e do *Bàbálórìsà* como um **procedimento metodológico/analítico da tese**, inclusive no tocante à constituição dos termos postos em debate, especialmente no quarto capítulo.

**Quadro 4:** Trilha analítica dos discursos da investigação

Elementos	Critérios	Como se deu?
A) IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES DISCURSIVOS	1) Diferenças e convergências narrativas 2) Consistências e inconsistências discursivas	Mapeamento discursivo do entendimento de ciência, tecnologia e dos programas de pós-graduação (UTFPR e UTP)
B) FUNÇÕES DOS DISCURSOS	1) Quais são os enunciados discursivos? 2) Como se deu a organização e a ação?	Análise discursiva da primeira parte do roteiro de entrevistas (Termos frequentes e a visão de universidade a partir do discurso dos docentes UTFPR e UTP)
C) AIMÕS E O/A PESQUISADOR/A	1) Diferenças e convergências narrativas sobre gênero, raça e sexualidade	Análise discursiva da segunda parte do roteiro de entrevistas a partir do conceito de àimõtologia

Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2021). Todos os direitos reservados. Elaborado a partir de Alcoff (2007; 2016); Foucault (2008; 2010; 2014); Cunha Junior (2006; 2010); Gonzalez (1984); Gill (2003); Haraway (1995); Mills (2008; 2018); Proctor (2008); Schiebinger (2014); Vigoya (2016).

É salutar dizer que o tempo de construção da trilha, bem como a sua execução analítica compreendeu o período de 02 de março até 25 de agosto de 2021 (QUADRO 1), uma vez que os diálogos discursivos/analíticos foram construídos concomitantemente com a tecedura teórica de cada capítulo. Deste modo os elementos A e B da trilha analítica discursiva estarão explicitados no terceiro capítulo e o elemento C no quarto capítulo.

### 2.3 CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Os espaços de pesquisa para esta tese são pensados/problematizados a partir das ponderações de Haraway (1995), Ribeiro (2017) e Milton Santos (1996). É possível entender espaços como um conjunto de elementos interdependentes e que se interrelacionam entre si, atribuindo a estes signos, sentidos e significados.

Pensar as interações entre os diferentes sujeitos nos espaços de pesquisa significa, a partir das ancestralidades afro, estar em diálogos interativos e permanentes. É a capacidade de afetar-se e de sentir afeto nestes lugares. O excerto do diário de campo da última atividade de campo realizada durante estágio sanduíche (conversa com dois estudantes pertencentes aos coletivos afro e LGBTI+ da cidade de Pereira e da UTP) traduziu este sentimento de **afeto e afetar-se**, um dos estudantes, ao dizer a este pesquisador que só aceitou falar sobre vivências e experiências na universidade porque, como uma pessoa negra, vivências racistas poderiam ter sido comuns a este pesquisador, ainda que haja diferenças culturais

*Falar com estes estudantes, sentir a resistência dos outros em participar da pesquisa e entender que para eles pouco muda em seus processos de formação universitária (e mesmo em suas vidas/contextos sociais, afetivos, econômicos e culturais) é o principal contraponto a muitas das coisas que percebi nas entrevistas com o público principal da pesquisa (...) e também das observações deste diário de campo. Sinal de que a pesquisa segue seu curso e aponta para estabelecer pontes entre o dito nas entrevistas e o que está posto nas observações de campo (DIÁRIO DE CAMPO, 13 DE SETEMBRO DE 2019).*

Ademais, pensar em saberes localizados e lugares de fala/enunciação nestes espaços de pesquisa da UTFPR e UTP remeteu a observar também os seguintes elementos: discentes matriculados/as, áreas do conhecimento distintas, sendo a área de exatas/engenharias e humanidades, representatividade de gênero e racial e antiguidade dos cursos frente ao histórico da universidade. Cabe destacar que os programas escolhidos no Brasil são o Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica e Informática Industrial (CPGEI) e o Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), estes localizados no *Campus* Curitiba que possui a maior quantidade de programas de pós-graduação e discentes

matriculados da UTFPR. Do mesmo modo e a partir de Ferreira (2017), estes dois programas são os que possuem melhor avaliação institucional junto aos órgãos oficiais de Fomento, especialmente a Capes.

Com relação aos programas de pós-graduação colombianos, os mesmos critérios citados anteriormente foram pensados com relação aos programas selecionados na UTP, resultando na escolha do Programa de Doctorado en Ciencias de la Educación – Área Pensamiento Educativo y Comunicación e Programa de Doctorado en Ingeniería, estes no *Campus* da UTP, em Pereira.

No caso em específico da UTP, embora as áreas de engenharias tenham contribuído decisivamente para o surgimento da universidade no futuro departamento (o equivalente ao nosso estado, na divisão político-administrativa brasileira) de Risaralda, é a Facultad de Ciencias de la Educación da UTP quem concentra a maior quantidade de estudantes de toda a universidade (CORREA RAMÍREZ; AGUDELO CASTAÑEDA; NIÑO POSADA, 2018), atualmente sendo o Doctorado en Ciencias de la Educación o primeiro programa de pós-graduação criado na universidade, em 2005, este um programa em rede<sup>53</sup>. No caso em específico do Doctorado en Ingeniería, este somente surgiu no ano de 2010.

## 2.4 PARAMETRIZAÇÕES E LIMITES

Pensar em elementos amostrais e os caminhos que apontaram para tais opções remete a considerar a representatividade do universo a ser pesquisado. Embora as pesquisas qualitativas tenham como características serem parciais, interpretativas e situadas, é pertinente a validação dos resultados quando se define a amostra que represente efetivamente um retrato plural dos espaços/universos e sujeitos de pesquisa (MOREIRA; CALEFFE, 2006; SEVERINO, 2002; BAUER; AARTS, 2002).

Desta forma, a partir dos objetivos e problemática de pesquisa, assim como os quatro critérios validadores de pesquisas qualitativas<sup>54</sup>, proposto por Moreira (2018), e as demais ponderações descritas neste capítulo, são dispostas em tópicos as parametrizações que embasaram a amostragem intencional/aleatorizada:

- Primeira parametrização: a representatividade entre os sujeitos dos programas

---

<sup>53</sup> Se trata de uma rede de nove universidades públicas colombianas (Rudecolombia), localizadas em diferentes regiões do país, que tem por finalidades formar pesquisadores atrelados às demandas educativas regionais e da própria Colômbia.

<sup>54</sup> Credibilidade, transferibilidade, dependibilidade e confirmabilidade.

de pós-graduação brasileiro (FERREIRA, 2017) e, mais tarde, colombiano. Buscou-se ouvir a perspectiva das/os docentes presentes nos respectivos programas, desconsiderando as/os afastados de suas funções por quaisquer motivos. Especificamente com relação à presença masculina, o critério adotado para a escolha remeteu às subáreas de trabalho a que pertencem em seus programas, objetivando buscar a pluralidade de visões.

- Segunda parametrização: as indicações/perspectivas de pesquisas futuras, dispostas nos trabalhos de Ferreira (2017), Kovaleski (2014) e Muzi (2011), especialmente nos espaços da UTFPR, combinadas às perspectivas de saberes situados/localizados de Haraway (1995), ao se pensar na presença e atuação de mulheres e homens (discentes especialmente) em determinados campos do conhecimento, bem como da baixa presença, vivências e atuações de determinados grupos sociais em áreas CTEM, especialmente de pessoas negras, pessoas LGBTI+ e pessoas indígenas.
- Terceira parametrização: a escolha do país a ser realizado o estágio doutoral. Pesou na decisão a realidade econômica, política, acadêmica, racial, social e histórico de colonização com semelhanças ao ocorrido no Brasil. Neste aspecto, a Colômbia atendeu o quesito. Da mesma forma, a escolha da universidade a se replicar a pesquisa, tal qual na UTFPR, remeteu a escolha de uma universidade que possui relevância regional e gêneses semelhantes à parceira brasileira e a UTP também atendeu a estes critérios.
- Quarta parametrização: as observações de campo realizadas na Colômbia com estudantes, docentes aposentados/as, dirigentes sindicais e dirigentes administrativos da UTP; pesquisa realizada por Ferreira, Oliveira e Casagrande (2017) acerca da presença de pessoas negras nos espaços da pós-graduação *Campus* Curitiba da UTFPR. São de fundamental importância estabelecer comparativos entre estes materiais com as análises discursivas realizadas a partir das entrevistas, identificando arestas, convergências e visões distintas do conhecimento, da universidade e de questões que a afetam, uma vez que esta faz parte da sociedade: racismos, sexismos, misoginias, lgbtfobias.

Cabe salientar que outros elementos também pesaram na escolha da amostragem, se demonstrando em limites amostrais e da pesquisa em si: os tempos da investigação e de

conclusão do doutoramento, recursos materiais/financeiros disponíveis e exigíveis<sup>55</sup> para o bom andamento do trabalho.

Desta maneira, a amostragem inicial anteriormente definida para o aprofundamento das análises, pensando nos programas de pós-graduação da UTFPR: foi escolhida como total para as mulheres vinculadas ao CPGEI e PPGTE em 2016 (16 docentes/pesquisadoras) e amostragem masculina aleatória, de igual representatividade à feminina (16 homens), com o mesmo recorte temporal. Da mesma forma, a amostragem, com relação à UTP, também foi pensada a partir dos mesmos critérios estabelecidos para a UTFPR, à época.

Quanto aos limites encontrados, um deles já apontado em exame de qualificação, está relacionado à quantidade de entrevistas anteriormente definidas: 32, nos programas brasileiros escolhidos. Outro dificultador remeteu ao processo de contato com os/as docentes: em inúmeras ocasiões o pesquisador teve de estabelecer mais de quatro contatos (pessoais, por telefone ou correio eletrônico) com cada docente da UTP e UTFPR e este processo levou muitos meses para ser concluído, atrasando o cronograma estabelecido e influenciando na quantidade e adesão dos/as participantes.

Por outro lado, o processo de acercamento/envolvimento dos/as docentes partícipes favoreceu para que as entrevistas seguissem com poucas intercorrências. Por fim, em razão da natureza desta própria pesquisa e de todo o processo de progressão direta do mestrado para o doutorado, realizado em 2017, fez com que o tempo total fosse de aproximadamente um ano a menos para conclusão e defesa.

Desta forma, com base nos parâmetros estabelecidos, chegou-se ao número de 23 entrevistas, gravadas e transcritas, assim subdivididas, conforme a Figura 2:

- Brasil: oito entrevistas, sendo duas entrevistas-piloto e seis definitivas, realizadas entre 2017 e principalmente 2018, todas devidamente aprovadas conforme Comitê de Ética. Destas oito entrevistas, três são do CPGEI e cinco do PPGTE. Cabe ressaltar que não foram realizadas mais entrevistas em razão da não resposta à participação da pesquisa, uma vez que é livre a participação/interrupção da mesma em quaisquer momentos.
- Colômbia: quinze entrevistas, sendo quatro entrevistas-piloto e onze definitivas, realizadas entre março e julho de 2019. Das quinze entrevistas, cinco são do Programa de Ciencias de la Educación e dez do Programa de

---

<sup>55</sup> Conforme Edital nº 47/2017 – Capes e Bolsa de Demanda Social (DS), esta última existente desde o tempo do mestrado em 2016.

Ingeniería. No caso colombiano, a aderência à pesquisa foi maior por parte de docentes das engenharias, especialmente das duas únicas professoras mulheres concursadas que atuam neste doutorado. Duas das pessoas partícipes se mostraram um pouco resistentes à pesquisa em princípio (uma de cada programa), mas depois de pelo menos três conversações com cada uma delas (entre e-mail e pessoal), estas se mostraram solícitas a participar num segundo momento. As demais pessoas do programa não responderam aos contatos estabelecidos pelo pesquisador.

Para além dessas 23 entrevistas, foram realizados, também, cinco encontros (três no Brasil e dois na Colômbia). Dos três encontros ocorridos no Brasil, dois deles foram autorizados a sua gravação oral e posterior transcrição<sup>56</sup>, sendo com a *Íyálórìsà* e com o *Bàbálórìsà*.

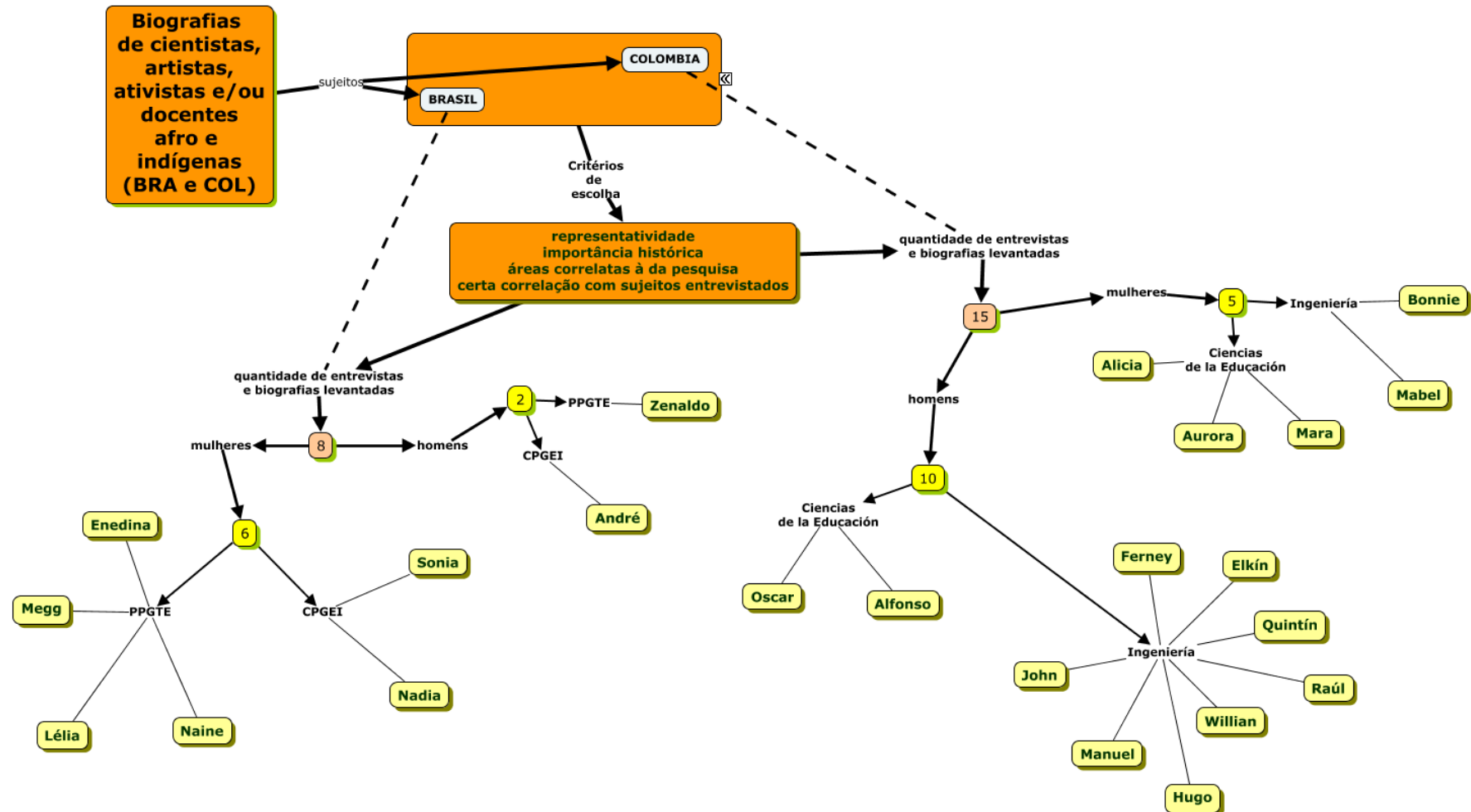
Quanto aos dois encontros gravados e realizados durante o estágio doutoral, um deles aconteceu com dois membros dos coletivos LGBTI+ e afro da cidade de Pereira e da UTP. Já o segundo ocorreu com uma professora aposentada e de importância histórica para a Faculdade de Ciencias de la Educación e para a própria UTP, pois durante pouco tempo exerceu o cargo de reitora desta universidade, sendo a única mulher que realizou este feito. Embora estes cinco encontros não façam parte das amostras, foram de fundamental importância para a composição das análises realizadas.

Portanto, todas as conversas gravadas somaram 25 horas, 43 minutos e nove segundos, tendo uma média de 57 minutos e nove segundos por cada conversa. Cabe salientar que optou-se pela **transcrição literal** de cada entrevista audiogravada e, adjunto ao processo transcritivo, foram realizadas repetidas leituras de todo o material produzido e transcrito (MOREIRA; CALEFFE, 2006; 2008) no *Word*, justamente em razão de verificação dos relatos produzidos e composição das análises posteriores, buscando identificar os pontos de semelhanças e diferenças discursivas sobre ciência, tecnologia, conhecimento, universidade, gênero e raça. Em razão do volume extenso produzido, foram trazidos para a construção deste texto final fragmentos de cada transcrição realizada.

---

<sup>56</sup> Em respeito a *Íyálórìsà* e ao *Bàbálórìsà*, os seus respectivos nomes foram omitidos neste documento. Do mesmo modo, a autorização dada foi oral, uma vez que a lógica burocrata, acadêmica e ocidental não foi aplicada nos diálogos travados, também em sinal de respeito à essas pessoas que gentilmente cederam do seu tempo para conversar com o pesquisador, bem como das instituições às quais elas representam.

Figura 2: Sujeitos da pesquisa (Brasil e Colômbia)



Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2020). Todos os direitos reservados. Elaborado a partir de software gratuito CmapTools (IHMC, 2016).



Por fim, as conversações realizadas com a *Ìyálòrìsà* e com o *Bàbálòrìsà*, em memória e honra às ancestralidades afro, também serviram de suporte fundamental, não somente para a construção da terminologia àimò usada, mas sim do termo àimòtologia que está posto nesta tese. Uma vez que, aliado a trilha analítica tecida (quadro 4), a àimòtologia busca situar como se dão as concepções de conhecimento e as lacunas racistas, sexistas e lgbtfóbicas, presentes nos discursos produzidos por quem está em espaços de formação de novos cientistas. Ademais, pensar em construções de outros conceitos que sejam propositivos em projetos de sociedade que valore as diferenças é um desafio de qualquer tese. O tempo é a chave para estes projetos propositivos, a partir de tensionar os modos de se pensar uma ciência, uma tecnologia produzida, um artefato tecnológico em uma sociedade qualquer.

Respondendo novamente à pergunta: coube tudo na malinha de mão desta tessitura metodológica? Se tomarmos como substratos as teorias pensadas nesta tese e especificamente neste capítulo, a resposta é não e sim! Ao mesmo tempo em que se acredita que a contestação das àimòtologias na pós-graduação é salutar na desconstrução de preconceitos e estereótipos racistas, sexistas e lgbtfóbicos, inúmeras vezes naturalizadas nas diferentes instâncias de saber, também há de se reconhecer que existe uma experiência e uma historicidade que formam os sentidos do ser, o viver e todos estes estereótipos também estão presentes na universidade.

Prandi (2017, p. 169), ao narrar em seu conto a jornada de Àimò, não só a ignorada/ignorante, mas a que é ignorada porque lhe foi retirada sua historicidade, assevera que “viver, omó bi, é refazer sempre a busca permanente de nós mesmos, é decifrar de novo todos os segredos, redescobrir quem somos, é reinventar o mundo. É para isso, omó bi, que a vida serve: para viver”. Significa dizer que de nada adianta estabelecer critérios de validação da pesquisa (quadro 3) se ainda nas práticas o/a cientista, em vez de dialogar com a realidade e com outros sujeitos, simplesmente a interpreta a partir de seus princípios e não reconhece os seus próprios limites.

Neste sentido, esta tese e este capítulo é um esforço de diálogo, de busca permanente e de auxiliar na desvelação de processos históricos que colocam determinados sujeitos em condições subalternizadas ao pensar o conhecimento na universidade, naturalizando discursos tidos como neutros, racionais, objetivos e universais.

### 3 QUIERO CONTARLE, MI HERMANO Y HERMANA: DE QUE LUGARES ESTES SUJEITOS FALAM?

Em agosto de 2020, sob o horror da pandemia Covid-19, um grupo de amigas e amigos, dentre eles o autor desta tese, tiveram a iniciativa de fazer encontros virtuais mensais, com o objetivo de discutir as ideias de um texto ou livro qualquer, para além de mitigar os efeitos do distanciamento social e das incertezas frente a um contexto nacional de banalização das mortes dessa terrível doença. O primeiro livro escolhido para o debate, da escritora nigeriana Ayòbámi Adébáyò (2018), dentre outras questões interessantes, chama a atenção para as contradições dos costumes tradicionais nigerianos e os códigos morais, em questões como a maternidade, casamento, sexo e sexualidade, condições das mulheres e homens, família, dinheiro e trabalho.

A partir de uma pergunta central, que poderia ser como “em que medida estamos dispostas/os a realizar sacrifícios em nome de uma tradição, cultura e, principalmente, família?”, o texto envolve a leitura logo de princípio, a partir das narrativas das personagens principais: Yejide, que em Iorubá significa a imagem da mãe, e Akinyele, que significa energia. Aliás: para a cultura e tradições provindas do Iorubá, os nomes têm essa simbologia forte na determinação, inclusive, de como será a vida das pessoas nominadas<sup>57</sup>.

Neste sentido, importa para Adébáyò (2018) explicitar, às leitoras e leitores de seu livro, de que lugares esses sujeitos falam e como vivem/constroem os códigos morais, a partir da cotidianidade de suas relações, tal como o exercício construído no prólogo desta tese. Do mesmo modo, também é possível relacionar as considerações desta autora com canções do artista e cantor afrocolombiano Joe Arroyo, falecido em 2011.

Uma delas, chamada La Rebelión, é a que inspira o título deste capítulo. Ferreira e Casagrande (2020a, p. 4-5), ao debater a ignorância sistêmica de gênero e raça, partem de exemplos sócio/históricos ocorridos no Brasil e na Colômbia, para realizar o seguinte questionamento:

(...) quem ou que grupos sociais, ao ignorar questões de gênero e etnia/raça, enquanto pensar o conhecimento produzido nas universidades e formação de futuros acadêmicos, contribuem para não só perpetuar a ignorância da ciência disfarçada pela neutralidade, imparcialidade e objetividade, mas também para não permitir que certos sujeitos adentrem nestes espaços?

---

<sup>57</sup> A partir de Adébáyò (2018), podemos citar como exemplo a palavra Iya (mãe), que em tradições poligâmicas também pode ser referida à primeira esposa.

Destarte, também para esta canção de Joe Arroyo (1999), é importante usar o ritmo e a linguagem empregadas na Salsa, para narrar as violências que as populações escravizadas do continente africano sofriam no século XVII, nessas terras do continente americano. O artista debate, simultaneamente, o racismo, o sexismo, e os seus lugares discursivos enquanto cidadão colombiano de seu tempo, uma vez que a música *La Rebelión* foi lançada na metade dos anos de 1980<sup>58</sup>

Nos anos de mil e seiscentos / quando o tirano mandou / Nas ruas de Cartagena / Aquela história passou / Quando ali chegavam esses negreiros [navios] / africanos em cadeias / beijavam minha terra / escravidão perpétua (...) / Um matrimônio africano / escravos de um espanhol / ele os maltratava muito / e a sua negra ele [o espanhol] a tomou / E foi ali / se revelou o belo negro / tomou vingança por seu amor e ainda se ouve / das grades [da prisão] / não tome a minha negra (...) / Escute homem! / Não tome a negra (...) (ARROYO, 1999, faixa 3).

A partir dos excertos da obra de Adébáyò (2018), da canção de Arroyo (1999) e de Ferreira e Casagrande (2020a), este capítulo tem, por função principal, analisar os lugares discursivos das/os docentes brasileiras/os e colombianas/os entrevistadas/os, ao produzir e pensar o conhecimento, ao formar novas/os profissionais e/ou docentes e ao se pensar nos diálogos entre a universidade e a sociedade. A base para se estabelecer os diálogos, e as análises com os sujeitos das entrevistas, são os pontos A e B da trilha analítica discursiva (Tabela 3). Finalmente, se apresentam as conclusões do capítulo.

### 3.1 CONTEXTOS DOS ESPAÇOS DE PESQUISA

É pertinente iniciar esta seção, ao destacar que tanto a UTFPR quanto a UTP, estão localizadas em regiões sócio/economicamente ricas de seus países, que as duas universidades tiveram importância fundamental para o desenvolvimento local e regional e que, finalmente, estão localizadas em regiões com os menores percentuais de grupos étnicos autodeclarados em seus países, respeitando obviamente as especificidades de cada lugar. Como exemplo: Curitiba, capital do estado do Paraná, com uma população estimada em 2017 de 1 milhão e 752 mil habitantes, constava à época dos dados disponíveis nos censos oficiais, com apenas 2,96% da população curitibana que se autodeclarou como negra ou indígena (IPARDES, 2017).

---

<sup>58</sup> Trecho original em espanhol: En los años mil seiscientos / cuando el tirano mandó / las calles de Cartagena / aquella historia vivió. / Cuando allí llegaban esos negreros / africanos en cadenas / besaban mi tierra / esclavitud perpetua (...) / Un matrimonio africano, esclavos de un español/ Él les daba muy mal trato / y a su negra le pegó / Y fue allí / se reveló el negro guapo / tomo venganza por su amor y aún se escucha / en la verja, no le pegue a mi negra (...) / Oye man! / No le pegue a la negra (...).

### 3.1.1 a UTFPR

A UTFPR é um espaço acadêmico brasileiro resultante de uma série de transformações em sua estrutura administrativa e funcional, que culminaram na sua criação em outubro de 2005<sup>59</sup>: de uma Escola de Aprendizes Artífices, em 1909<sup>60</sup>, de cunho eminentemente assistencialista e voltada à adolescentes (meninos em sua grande maioria) em situação de vulnerabilidade econômica/social, transformou-se no Liceu Industrial do Paraná em 1937. É importante salientar que, neste período histórico, dada a concepção sobre educação, ciência e tecnologia do país ser pensada de modo eminentemente tecnicista e industrial, somada à organização social da época, contribuiu não somente para que houvessem poucas estudantes mulheres, mas que também os cursos oferecidos à elas estivessem voltados para as funções domésticas, o que contribuiu para reforçar os estereótipos de carreiras eminentemente masculinas e femininas (CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, 1937; FERREIRA, 2017; KOVALESKI; 2013; LIMA FILHO; QUELUZ, 2005; MUZI, 2011).

Já em 1978, liceus que existiam no país se transformaram nos Centros Federais de Educação Tecnológica<sup>61</sup>, os CEFETs, permitindo que o readequado CEFET/PR pudesse expandir para outras cidades paranaenses. A atual UTFPR, única universidade tecnológica brasileira, possui 13 *Campi* universitários, tendo como sede da universidade o *Campus* Curitiba, onde também se concentra a maior quantidade de programas/estudantes de pós-graduação *Stricto Senso* (FERREIRA, 2017; KOVALESKI, 2013; MUZI, 2011; UTFPR, 2017; UTFPR, 2021).

Com relação ao CPGEI, um dos dois programas *Stricto Senso* onde foram realizadas quatro das oito entrevistas: é o programa de pós-graduação mais antigo da universidade e mesmo do antigo CEFET/PR, uma vez que iniciou as suas atividades em 1988.

Este curso foi originário de um curso lato sensu de Informática Industrial, em 1987, realizado inicialmente em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Surgiu da necessidade de se criar no estado do Paraná um curso que atendesse a demanda de especialistas na indústria e academia, já que nesta época havia apenas um doutor em informática atuando no estado. Em 1999, este programa passou a ofertar o curso de doutoramento (FERREIRA, 2017, p. 83).

<sup>59</sup> Lei nº 11.184, de 07 de outubro de 2005. Acesso: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/111184.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111184.htm)

<sup>60</sup> Decreto de nº 7.566 de 23 de setembro de 1909. [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto\\_7566\\_1909.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf)

<sup>61</sup> Lei nº 6.545 de 1978. Link: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6545.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6545.htm)

Ao analisar as métricas de produção docente e os dados gerais do programa, foi detectado que o CPGEI era um dos cursos de pós-graduação com a maior quantidade de estudantes matriculados/as à época, mas, com a menor representação feminina, tanto de discentes, quanto de docentes (FERREIRA, 2017). Do total de 48 docentes vinculados no ano de 2016, sete eram mulheres. Destas sete, duas participaram da pesquisa. Dos 41 docentes homens vinculados à época, um deles participou da entrevista.

O PPGTE, programa de pós-graduação da área das ciências sociais e humanidades, de natureza interdisciplinar, foi o segundo curso criado pela universidade e, também, pelo então CEFET/PR, em 1995 (FERREIRA, 2017). À época da realização do levantamento quantitativo, juntamente com o CPGEI, era um dos programas com a melhor avaliação da universidade frente às agências de fomento.

Seus fundamentos baseiam-se nos estudos críticos às interações entre ciências, técnicas, tecnologias e sociedade. Por esta razão, agrupa pesquisadoras/es das ciências exatas, linguísticas, humanas, engenharia, ensino, sociais aplicadas, ciências da terra, artes, dentre outras (FERREIRA, 2017, p. 88)

Dos trinta docentes credenciados em 2016, havia dez mulheres, sendo que quatro participaram da entrevista. Já com relação aos docentes homens: dos vinte, um participou da pesquisa. Agora, pensando em termos quantitativos, a pesquisa de Ferreira (2017) detectou à época que o PPGTE era um dos programas com a maior quantidade de mulheres estudantes de toda a universidade, bem como o segundo, no volume total de estudantes matriculadas/os (dentre homens e mulheres), sendo que o CPGEI, em 2016, era o que possuía a maior quantidade.

É importante registrar que, desde o início desta pesquisa, no ano de 2016 e ainda no mestrado, as universidades, centros de pesquisa, institutos e laboratórios, sofreram com os progressivos cortes de recursos públicos (LUC, 2021; SINDUTFPR, 2021). De acordo com relato do entrevistado André, do CPGEI, em entrevista realizada em 2017, há o apontamento de uma irregularidade histórica desses aportes de recursos, pelo menos com relação à sua área de estudo e atuação

*Na época a infraestrutura era bem complicada, tá? Então, por exemplo (gestos com as mãos): não tinha laboratório, não tinha nem computador. Então teve colegas que me disponibilizaram... O microcomputador do laboratório dele (refere-se a um colega docente em específico) pra usar na minha sala, como professor. Dividimos o laboratório até hoje, porque mesmo agora não é... Por exemplo: eu divido o laboratório (cita o laboratório) dividindo com o espaço que o Fulano (omitiu-se o nome do colega docente) usava... Eu também usei o espaço do professor Beltrano (omitiu-se o nome de outro colega docente) (...) (ANDRÉ, CPGEI, UTFPR).*

Lamentavelmente, estas questões de irregularidades no aporte de recursos, percebida no relato do professor André, do CPGEI, certamente dificulta e precariza a produção nacional de conhecimento acadêmico, especialmente em tempos de pandemia (WESTIN, 2020), tendo o Brasil como um dos epicentros dessa calamidade sanitária. Ficam os questionamentos expandidos, a partir do relato de André e aplicados à este contexto atual de 2021: Como produzir ciência nessas condições? Como é possível, em um país com expertise em campanhas de vacinação, demorar tanto para se produzir insumos para as vacinas nacionais do Covid-19? Como pensar nos processos educativos/formativos, especialmente nestes tempos?

### 3.1.2 a UTP

De acordo com pesquisa historiográfica realizada por Jhon Jamie Correa Ramírez, Natalia Agudelo Castañeda e Christian Javier Niño Posada (2018) a Universidad Tecnológica de Pereira (UTP) surgiu no início dos anos 1960 para atender aos interesses públicos e das elites da região em formar profissionais, primeiramente das Engenharias e, no fim desta mesma década, com o surgimento da Faculdade de Ciências da Educação para formar docentes, inicialmente para a educação básica. Até 2019, a UTP contava com dez faculdades<sup>62</sup>, todas localizadas em um único *campus*.

Cabe ressaltar que a UTP surgiu antes mesmo da divisão político-administrativa do departamento de Caldas, que resultou na criação do departamento colombiano de Risaralda em 1967, tendo a cidade de Pereira como sua capital (CORREA RAMÍREZ; AGUDELO CASTAÑEDA; NIÑO POSADA, 2018; UTP, 2020). Do mesmo modo, havia, até a época de realização do estágio doutoral, outras três universidades colombianas públicas tecnológicas<sup>63</sup>.

Risaralda contava, à época do estágio de doutoramento, com 14 municípios, 19 distritos e uma população de aproximadamente 840 mil pessoas, de acordo com o censo 2018 de DANE (2020) e Gobernación de Risaralda (2020). A localização geográfica de Risaralda e, especificamente da cidade de Pereira, fizeram com que esta fosse a segunda cidade mais

---

<sup>62</sup> Facultad de Bellas Artes y Humanidades, Facultad de Ciencias Ambientales, Facultad de Ciencias Básicas, Facultad de Ciencias de la Educación, Facultad de Ciencias de la Salud, Facultad de Ciencias Empresariales, Facultad de Ingeniería Mecánica, Facultad de Ingenierías, Facultad de Tecnología e Facultad de Ciencias Agrarias y Agroindustria (UTP, 2020).

<sup>63</sup> Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, Universidad Tecnológica de Bolívar e Universidad Tecnológica del Chocó –Diego Luis Córdoba. Para além destas universidades denominadas tecnológicas, o país também conta com institutos, centros e escolas técnicas e tecnológicas semelhantes às que existem no Brasil, destacando o Servicio Nacional de Aprendizaje - SENA (EL OBSERVATORIO DE LA UNIVERSIDAD COLOMBIANA, 2021; SENA, 2021).

populosa da região paisa (a primeira é Medellín), onde a maior parte do território paisa também é conhecido como Eixo Cafeeiro colombiano (ALCADÍA DE PEREIRA, 2020; GOBERNACIÓN DE ANTIOQUIA, 2020; GOBERNACIÓN DE RISARALDA, 2020). Pereira conta, conforme dados dos censos DANE (2005; 2018) com aproximadamente 490 mil habitantes e com uma composição autodeclarada de grupos étnico raciais (negros, mulatos/as, afrocolombianos/as, afrodescendientes, raizales, palenqueros/as, gitanos/as e indígenas) de aproximadamente 6,5%.

É importante ressaltar que movimentos sociais da Colômbia perfazem críticas à forma de condução dos censos pelos governos nacional e locais, facilitando que a invisibilização de grupos étnicos e raciais apresentados nos resultados não se permita a criação, para estes grupos, de demandas específicas pelo estado, conforme críticas realizadas pelo Movimiento Nacional Cimarrón (2017; 2020) e em reportagem de Julián Vivas (2019); estima-se que aproximadamente 30% da população colombiana seja negra, conforme movimentos sociais.

Ademais, de acordo com estudo realizado por Laura Vanessa Pachón Bello *et. al.* (2017), é fundamental que se combatam, a partir da comunicação positiva, os estereótipos afetivos, cognitivos, econômicos e morais imputados as pessoas afrocolombianas, uma vez que outras sociabilidades existem para além da violência, pobreza, e trabalhos braçais.

Antes de mencionar acerca dos dois programas de pós-graduação da universidade colombiana selecionados para a pesquisa, cabe ressaltar duas diferenças importantes na educação pública superior deste país, frente ao sistema brasileiro:

- A Ley 30 de 1992, que fornece diretrizes da educação pública superior colombiana, diferentemente da legislação brasileira (Lei nº 9394/96, artigo 3º, item VI), não menciona acerca da gratuidade/universalidade. Significa dizer que quem deseja ingressar em cursos de graduação e pós-graduação, deve fazer aportes financeiros conforme os regulamentos de cada instituição pública e as normativas descritas nesta lei (CONSEJO NACIONAL DE ACREDITACIÓN, 2021; LEI Nº 9.394 DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996, 2020).
- Em 17 pontos da Ley 30, especificamente se trata da questão financeira, tanto em contexto do ingresso financeiro pelo Estado, quanto de captação de recursos pelas universidades por matrículas e, finalmente, de bolsas destinadas a estudantes que não conseguem pagar as cotas mediante sua situação econômica/social. Ou seja: os cursos de graduação e pós-graduação só podem ser inaugurados mediante estudos que atestem viabilidades sociais e

econômicas (CONSEJO NACIONAL DE ACREDITACIÓN, 2021). Frequentemente, em razão das questões elencadas e também pelos relatos das/os docentes entrevistadas/os, a oferta e preenchimento de vagas não são contínuos, diferentemente do que ocorre no Brasil.

De acordo com o site oficial do Programa de Ciencias de La Educación (DOCTORADO EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, 2020) e conversas realizadas entre dezembro de 2018 a agosto de 2019, com a coordenadora e secretária do programa, durante o estágio sanduíche, se obtiveram os seguintes dados:

- À época do levantamento realizado, o programa contava com 17 docentes, sendo: seis mulheres e 11 homens. Do total desses 17 docentes, três eram professores/as visitantes estrangeiros/as. E, dentre todas/os, apenas quatro eram os/as professores de planta, equivalente aos/às concursados/as brasileiros/as: três homens e uma mulher. Todas as outras/os tinham contratos temporários, estes renovados a cada período e conforme o interesse ou disponibilidade da universidade/departamento. Desta modalidade de docente universitário, no Brasil conhecida como professor/a substituto/a, há outras duas subdivisões: os/as professores/as transitórios/as, com praticamente todas as funções de um/a professor/a de planta (concurado/a) e finalmente as/os professores/as catedráticos/as, que são contratadas/os prioritariamente para ministrar aulas, recebendo apenas por hora/aula dada.
- Com relação aos/as discentes: até o fim de 2018, havia 52 egressos/as, desde a criação do programa, em 2005, sendo 22 mulheres e 30 homens. Com relação aos/as estudantes matriculados: 38, não havendo informações sobre quantos desses eram homens ou mulheres. Ademais, há mais oito estudantes, que na época, estavam em processo de admissão.
- Inexiste informações disponíveis acerca da autodeclaração étnica ou racial, tanto nas bases oficiais, quanto nas planilhas encaminhadas pela secretária do programa ao pesquisador, situação semelhante encontrada na pesquisa de Ferreira, Oliveira e Casagrande (2017), nos cursos de pós-graduação do *Campus* Curitiba da UTFPR.
- A integralização da carga horária é com o mínimo de dois e máximo de



cinco anos. A oferta/admissão é bianual, diferentemente do que ocorre no Brasil.

- Valores a serem pagos pelos/as estudantes a cada ano letivo: 23 salários-mínimos colombianos no primeiro e segundo ano de curso, que à época correspondia a aproximadamente R\$ 22 mil reais. Já no último ano, cumpridos os créditos em disciplinas, o montante a ser pago é de 15 salários-mínimos colombianos, correspondentes a aproximadamente R\$ 9 mil e 500 reais, à época.
- Não foram repassadas/encontradas nas bases consultadas a quantidade de estudantes desistentes, bolsistas e, tampouco, de valores pagos.

Já com relação ao Programa de Doctorado en Ingeniería, iniciado no ano de 2010, obteve-se as seguintes informações, baseadas nas conversas realizadas entre março e agosto de 2019, com o coordenador do programa, e site oficial (DOCTORADO EN INGENIERÍA, 2020):

- Não foram repassados ao pesquisador o total de estudantes matriculados, mas sim os percentuais de estudantes bolsistas: 95% de todos/as estudantes deste programa recebiam, à época, algum tipo de bolsa de estudos, em sua maioria com 100% dos custos pagos, seja por outras universidades públicas/privadas colombianas, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - Minciencias (antigo Colciencias), da própria UTP ou de outras agências de fomento. 5% destes não recebiam nenhum tipo de bolsa.
- Total de estudantes egressos, desde 2010, até à época da entrega do relatório ao pesquisador e consulta ao *site*: 12 homens e uma mulher haviam concluído o curso.
- Valores a serem pagos, por semestre, em 2019: 10 salários-mínimos colombianos, correspondente, à época, a R\$ 6 mil e 900 reais.
- Nove foram os/as estudantes desistentes, até o momento do levantamento.
- Com relação à quantidade de docentes de todas as faculdades de engenharias, foram encontrados/as: 39 docentes de planta, sendo três mulheres e 36 homens. Quanto aos/às docentes transitórios/as, foram: 03, sendo dois homens e uma mulher. Dessas quatro mulheres, à época apenas duas delas atuavam no doutorado em engenharia, sendo uma de planta

(concurada) e a outra transitória (substituta).

- Também nas bases consultadas não existiam informações sobre critérios de autodeclaração étnica e racial das/os estudantes da pós-graduação.
- Em conversas com o coordenador do doutorado e com outros docentes, todos relataram a dificuldade em se criar, no país, programas de doutorado em áreas específicas das engenharias, uma vez que os mesmos precisam ser autofinanciáveis em seus projetos aprovados, junto à universidade e ao Minciencias e Mineducación, justamente em razão da Ley 30. E como as demandas de estudantes são irregulares, é viável se criar programas de mestrado e doutorado mais genéricos e fazer as divisões por linhas de pesquisa.

Cabe destacar que o levantamento realizado acerca das características gerais dos Programas de Ciencias de la Educación e Ingeniería, convergem com a dissertação defendida em 2017 deste pesquisador, no sentido de que “(...) questões de gênero estejam naturalizadas nos próprios modos de se fazer/difundir C&T, operantes a partir de práticas sexistas que são complexas/difíceis de serem visibilizadas/percebidas” (FERREIRA, 2017, p. 88).

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer a precariedade de recursos públicos, bem como de políticas de fomento à ciência e tecnologias destinadas às universidades, especialmente no caso colombiano. É chocante perceber a irregularidade na concessão/distribuição de bolsas de pesquisa, apenas para citar um exemplo, apesar do reconhecimento, percebido nas falas das pessoas entrevistadas, do esforço governamental em se aumentar o orçamento ao longo do tempo. Assim como, também, da enorme quantidade do corpo docente da UTP com contratos de trabalho temporários.

Dois destes docentes temporários, sob condição de anonimato e mesmo não fazendo parte das/os docentes selecionados para as entrevistas, revelaram ao pesquisador em 2018, durante alguns cafés nos quiosques da UTP, dos baixos salários e condições de trabalho das/os professoras/es temporários, especialmente durante os protestos e paralisações estudantis ocorridos naquele ano, à época em que se estava realizando o estágio doutoral<sup>64</sup>. Vários/as dos

---

<sup>64</sup> Desde agosto de 2018, quando assumiu a presidência, o governo de Iván Duque é questionado por setores da população colombiana acerca dos recursos destinados à educação, saúde, moradia, à taxação de impostos de determinados grupos de alimentos e/ou serviços, ao assassinato de lideranças sociais/políticas, ao modo com que se conduz os acordos de paz realizados na gestão anterior, que à época também receberam questionamentos de diversos setores da sociedade (BBC, 2019; SEMANA, 2021). À época da realização do estágio doutoral, houve uma grande paralisação nacional das/os estudantes universitários, durando mais de 60 dias. Se por um lado houve atraso no início das atividades previstas em cronograma, por outro foram frutíferas as aproximações de

professores/as catedráticos/as não recebiam seus salários em razão do seu contrato de trabalho (o pagamento é apenas por aula dada) e o sindicato dos/as docentes negociava uma solução, à época, junto à universidade.

Do mesmo modo, também é possível suspeitar que, em virtude da pouca preocupação institucional da UTP em se visibilizar as autoidentificações raciais das/os estudantes, pode ser um indicativo de forte característica de se difundir a ideia de uma universidade plena de isonomia, de meritocracia, universalidade e neutralidade nas relações entre os sujeitos e o conhecimento. Uma das respostas de questionário *online*, aplicado em pesquisa de Ferreira, Oliveira e Casagrande (2017, p. 10. Grifos dos autores), às/aos estudantes de pós-graduação do *Campus* Curitiba da UTFPR, ilustra estas afirmações, inclusive ao questionar a capacidade cognitiva de pessoas cotistas de graduação em espaços acadêmicos.

Igualdade é direito igual a todos. Não importa a cor da sua pele. Pessoas que entram na universidade por motivo de "cotas" burlaram o sistema. "ROUBARAM" é a palavra correta. Roubaram porque esse sistema foi feito por políticos que tinham apenas a sua reeleição em mente. Ao invés de usarem esse investimento para melhorar o ensino básico público, e garantir uma educação melhor desde criança, preferem botar pessoas nas universidades porque essas são os troxas que votam e não conseguem passar do primeiro ano da faculdade (RESPONDENTE 83, homem, branco, não bolsista, estudante das engenharias).

O respondente demonstra, inclusive, certa irritação, quando é solicitado a comentar sobre a presença de pessoas negras nesses espaços, especificamente na pós-graduação. Nota-se que Ferreira, Oliveira e Casagrande (2017) optaram por deixar as respostas com os erros de grafia, não somente em respeito ao respondente, como que também para revelar as contradições argumentativas das críticas, expostas na linguagem e discurso empregados.

Feitas estas contextualizações dos espaços da pesquisa, é importante salientar que embora com especificidades, contradições e mesmo violências (no tocante a questões de gênero, sexualidade e raça) há de se reconhecer/registrar todo o labor em pensar/produzir conhecimento em condições complexas e adversas, tanto na UTFPR, quanto na UTP, uma vez que as universidades são também reflexos da sociedade e de seu tempo/momento histórico.

---

campo com estudantes, docentes e funcionários/as, rendendo até mesmo maior receptividade nas entrevistas posteriores realizadas. Teve-se, portanto, uma oportunidade única de aprendizagem e respeito ao tempo e momento histórico vivido. Também se teve a chance de entender que os caminhos da pesquisa não se limitam a elaboração de receituários, mas sim na força e capacidade em lidar com a imprevisibilidade, a instabilidade, para daí tecer uma metodologia que respeite o campo, os territórios, os sujeitos de pesquisa, como pontua Rivera Cusicanqui (2010).

### 3.2 SUJEITOS DA PESQUISA E CATEGORIAS ANALÍTICAS

Esta seção objetiva descrever as/os docentes entrevistadas/os, as características centrais das entrevistas, categorias trazidas a partir de suas falas e as interpretações/análises realizadas, partindo dos pontos A e B da trilha analítica.

Como fundamento teórico justificador desta opção de visibilizar negras/os e indígenas, de áreas semelhantes às das pessoas entrevistadas, a partir de suas biografias e da atribuição, finalmente, dos pseudônimos apresentados nesta tese, teve-se em Gonzalez (1984; 1988) um de seus principais fundamentos. Gonzalez (1988) propositalmente trocou as letras dos termos latino e americanidade na criação de seu termo/conceito amefricanidade, para destacar o que chama de racismo disfarçado/sutil existente no Brasil e em outros países do continente latinoamericano, em contraste com a manifestação do racismo na sociedade estadunidense.

O amefricano e ladinoamefricano, para Gonzalez (1988), resgata a história e cultura não somente dos povos que foram forçados a vir para este continente americano e os que já estavam no continente, mas ressignifica a identidade deste povo para além da hegemonia anglo-saxã e latina, emancipando os sujeitos que comumente tendem a valorizar somente aspectos destas duas culturas hegemônicas. Evidencia-se ao mesmo tempo para Gonzalez (1988), as práticas racistas (e mesmo sexistas) sociais incorporadas no continente latinoamericano.

**Quadro 05:** Entrevistadas/os brasileiras/os - UTFPR

Nº	Nome Atribuído	Idade na época	Áreas de Atuação Formação	Programa Vinculado	Tempo de Atuação no Programa	Autodeclaração racial
1	André	52	Engenharia Elétrica e Biomédica	CPGEI	14 anos	Morena
2	Nádia	57	Engenharia Elétrica	CPGEI	30 anos	Nenhuma
3	Sonia	46	Engenharia da Computação e Redes	CPGEI	13 anos	Branca
4	Enedina	56	Engenharia de Produção, Redes Colaborativas e Gestão do Conhecimento	PPGTE	12 anos	Morena
5	Lélia	49	Ciências Humanas e Representações	PPGTE	07 anos	Branca
6	Naine	52	Comunicação e Semiótica, Artes e História	PPGTE	14 anos	Morena
7	Megg	50	Artes Plásticas, Comunicação e Semiótica	PPGTE	21 anos	Morena
8	Zenaldo	59	Engenharia Elétrica, de Produção, Gestão e CTS	PPGTE	16 anos	Branca

Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2021). Todos os direitos reservados.

Todas/os as/os entrevistadas/os se encontravam, à época da realização das entrevistas, na faixa etária entre 45 e 59 anos. Duas participantes da pesquisa (Nádia e Megg) estão vinculadas aos seus programas de atuação desde o seu surgimento. Zenaldo e Lélia (PPGTE), assim como Sonia (CPGEI), se autodeclararam pessoas brancas. Quatro pessoas se autodeclararam como pessoas morenas, sendo André (CPGEI), Enedina, Naine e Megg (PPGTE). Já Nádia frisou que não se identificava com nenhuma das opções de autodeclaração racial<sup>65</sup> descritas no protocolo à época, inclusive demonstrando certa irritação quando perguntada sobre esta questão.

*Nenhuma! Eu me recusei inclusive a responder essa questão no censo do IBGE. Eu acho que isso aqui não faz sentido pra mim. (NÁDIA, CPGEI, UTFPR)*

<sup>65</sup> Cabe destacar que as opções seguiram estritamente os critérios propostos a partir do IBGE à época, sendo estes amarela, branca, indígena, negra, parda, preta e outra. Deu-se a opção no protocolo de entrevista de especificar qual seria a autodeclaração se assinalada a opção outra. Com relação à categoria morena, também incluída no protocolo de entrevistas, as considerações/fundamentações teóricas e, principalmente críticas, foram baseadas nos trabalhos de José Luis Petruccelli (2013) e da já citada Gonzalez (1984; 1988).

Ao final da entrevista de Nádia, quando instada pelo entrevistador se havia alguma pergunta que havia deixado constrangida, ela explicita o porquê de não se identificar com nenhuma das opções de autodeclaração étnica/racial apresentadas.

*Não... só a que me encheu o saco é essa do, do, da declarar a raça. Até eu tenho um exemplo bem interessante: quando eu fui para os Estados Unidos eles queriam que eu também declarasse. Mas pra que que você quer isso (indaga ao requerente nos Estados Unidos, que responde em seguida)? Ah, não... porque a gente se encaixa você na cota do hispânico, na cota do oriental (então Nádia apresenta sua resposta). Bom: então vocês estão ferrados comigo! Porque a minha mãe é japonesa, então tem um lado que eu posso me encaixar como oriental e meu pai é brasileiro, poderia entrar como... Uh, sei lá, latino... Mas eu não sou nada disso! Então declaro coisa nenhuma! (NÁDIA, CPGEI, UTFPR)*

É complexo tecer entendimentos acerca das razões elementares e/ou ocultas que levaram Nádia a não se identificar com nenhuma das alternativas de autodeclaração racial, dispostas na entrevista. Porém a fala de Nádia demonstra plena ciência de suas origens familiares étnicas e raciais.

Especialmente quando ela menciona ao agente estadunidense sobre seu pai ser brasileiro, Nádia indica, ainda que de modo bastante rudimentar, a complexidade do que seria a brasileira, o brasileiro e o povo latinoamericano, o que pode ser corroborado e complexificado com o argumento de Gonzalez (1988), acerca da formação do povo brasileiro no campo cultural e, especialmente, no campo do inconsciente.

A autora se vale, neste texto da década de 1980, de contribuições psicanalíticas para descrever o que chama de neurose cultural acerca da identidade nacional, que apenas valora positivamente e reconhece como superior a identidade do colonizador europeu, relegando à invisibilidade povos indígenas originários e populações africanas que vieram forçadas para estas terras. Tem-se, conforme Gonzalez (1988), o racismo como sintoma principal desta neurose, mas disfarçado na cotidianidade das relações em populações colonizadas por povos ibéricos.

O texto de Gonzalez (1988) perfaz uma crítica contundente aos critérios determinados pelo IBGE de sua época, sobre a identificação racial, especialmente de brancas e brancos que enxergam como positivas as suas origens étnicas e raciais, oriundas do continente europeu, ao passo em que vê como negativa, estranha e depreciativa outras identidades, sendo que “(...) nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os *pretos e pardos* do IBGE) são *ladinoamefricanos*” Gonzalez (1988, p. 69. Grifos da autora).

Por outro lado, o trabalho realizado por José Luis Petruccelli (2013, *online*) ao IBGE no ano de 2011, reconhece as dificuldades, desafios e problemáticas de adoção de

classificações étnico raciais por órgãos oficiais para a autodeclaração, e mesmo quando estas são determinadas por entrevistadoras/es às pessoas participantes de pesquisas oficiais, a chamada heteroidentificação. Em suas conclusões, o autor destaca que

Entretanto, esta talvez seja apenas uma maneira de encarar um aspecto do problema, e não o sistema de classificação em toda sua complexidade, uma vez que, mesmo atualizando os termos utilizados, incorporando novos, ou substituindo os até agora utilizados, ainda assim se permaneceria dentro da perspectiva de mensuração unidimensional do fenômeno. Uma maneira mais abrangente de abordar a questão começaria por pensar quais as dimensões implicadas no fenômeno sujeito a mensuração e como as mesmas seriam operacionalizadas (PETRUCCELLI, 2013, *online*).

Os resultados dessa pesquisa, apresentados pelo autor à época, demonstraram também que havia uma tendência maior das pessoas se autodeclararem morenas (21,7%) em pesquisas do IBGE, frente às que eram heteroidentificadas por seus entrevistadores (9,3%), fato confirmado pelas/os docentes da UTFPR que aceitaram participar das entrevistas desta tese: 50% delas se autodeclarou como moreno/a.

Registra-se que foi intencional a escolha pela inclusão da categoria morena, na autodeclaração racial dos formulários de entrevistas. A suspeita era de que as/os docentes respondentes poderiam ver, talvez inconscientemente, como negativas as classificações que estivessem mais próximas de preta e negra, mesmo com toda a gama teórica produzida no país pelos estudos críticos da raça, assim como das críticas realizadas por diversos movimentos/coletivos<sup>66</sup>.

O tornar-se uma pessoa negra, como assevera Gonzalez (1984;1988) é um processo de revisitação da memória coletiva e de desmascaramento de uma consciência neutra que resultou na pretensa e famigerada democracia racial brasileira, da harmonia, entre muitas aspas, das relações cotidianas. Um/a das/os docentes entrevistadas/os que se autodeclarou como pessoa morena, inclusive, possui características fenópticas muito semelhantes às do autor<sup>67</sup> desta tese. Outra, também autodeclarada pessoa morena, ao responder acerca de como se relacionava com seus colegas de turma enquanto era estudante, diz que o entrevistador, em

---

<sup>66</sup> Aqui cabem os seguintes questionamentos para o/a leitor/a deste documento: Por que e como, ainda nos anos 2021, é tão complicado de se entender, para boa parte das sociedades, que raça é elemento fundamental para combater as violências estruturais? Inclusive no tocante a se entender a pré discursividade (VERGUEIRO, 2015), pensando em sexo e gênero, que certamente influencia a categoria raça e toda a operação violenta racista, sexista e lgbtfóbica?

<sup>67</sup> Sobre esta passagem cabe contar brevemente aqui um caso particular, ocorrido no Censo do IBGE de 2010. Ao receber a visita de uma entrevistadora e ser perguntado sobre a identificação racial, o autor desta tese não titubeou em dizer que é uma pessoa negra. Por mais de uma vez, a entrevistadora disse algo como 'mas você não é uma pessoa negra, você é quase branco, você não tem as características de uma pessoa negra, você é pardo!'. Explicitamente, este exemplo do cotidiano corrobora com as costuras psicanalíticas realizadas por Gonzalez (1984), acerca de consciência e memória do ser uma pessoa negra.

sua percepção

*Eu acho que você (aponta para o entrevistador), na tua função, deve ter tido tantas dificuldades quanto eu: pelo fato de ser mulato... não é negro, mas você é mulato, mestiço, né? Eh... e eu acho que você tem outras barreiras além disso que... né? E a gente aprende a brigar com as armas que a gente tem! E qual é a maior arma que a gente tem? (Gestos com as mãos) O conhecimento! Essa é a maior arma.*  
(DOCENTE UTFPR)

Consequentemente, é possível afirmar, com base na nota de rodapé 67 e no relato da/o docente acima, que há uma espécie de “tentativa” do mascaramento do racismo, estrutural e estruturante da sociedade brasileira, quando se utiliza a categoria morena na cotidianidade das relações sociais, por esta razão a inclusão no protocolo de entrevista. Cabe salientar que a categoria morena não é reconhecida por grande parte dos movimentos sociais brasileiros enquanto identidade/pertença racial e, tampouco, pelo autor desta tese.

É honesto dizer, a partir da recuperação deste relato de uma das/os docentes entrevistadas/os, que não houve ali uma intenção **direta** de expressar algum tipo de preconceito ou discriminação racial, por essa razão não será exposto aqui quem fez esse comentário durante a entrevista. Entretanto, partindo de Gonzalez (1984; 1988) é desse processo de consciência coletiva, que atua o imaginário inconsciente predominante brasileiro acerca do que é, do ser e tornar-se uma pessoa negra, que comentários desse tipo ainda sejam naturalizados e pensados sem a sua devida importância e violência estruturante carregada. Apenas este excerto daria uma outra pesquisa, registre-se!

Por outro lado, seria pertinente comentar que a recusa de Nádia em se explicitar como latina, quando menciona sobre seu pai ao agente, pode indicar um entendimento oculto negativo do que venha a ser, para ela, a identidade do povo latinoamericano.



**Quadro 06:** Entrevistadas/os colombianas/os – UTP

Nº	Nome Atribuído	Idade na época	Áreas de Atuação Formação	Programa Vinculado	Tempo de Atuação no Programa	Autodeclaração racial
1	Alfonso	61	Processos de Formação Virtual, Comunicação Educativa e Economia	Ciencias de la Educación	05 anos	Mestizo
2	Alicia	59	Psicologia da Educação	Ciencias de la Educación	15 anos	Mestiza
3	Aurora	40	Ciências da Educação, Pedagogia Infantil e Comunicação Educativa	Ciencias de la Educación	03 anos	Mestiza
4	Mara	56	Ciências Políticas, Antropologia e Linguística	Ciencias de la Educación	18 anos	Mestiza
5	Oscar	52	História, Ciências Políticas e Ciências da Educação	Ciencias de la Educación	01 mês	Mestizo
6	Bonnie	49	Engenharia Industrial e Estatística	Ingeniería	13 anos	Mestiza
7	Elkín	45	Engenharia Elétrica	Ingeniería	05 anos	Mestizo
8	Ferney	53	Engenharia Mecânica	Ingeniería	19 anos	Mestizo
9	Hugo	51	Engenharia de Materiais	Ingeniería	03 anos	Mestizo
10	John	56	Engenharia Automobilística e Mecânica	Ingeniería	22 anos	Blanco
11	Mabel	47	Projetos de Inovação em Engenharias, Produtos e Processos	Ingeniería	1 ano e meio	Blanca
12	Manuel	45	Engenharia Mecânica	Ingeniería	07 anos	Mestizo
13	Raúl	44	Engenharia Mecânica	Ingeniería	04 anos	Ninguna
14	Quintín	71	Sistemas Automotivos de Produção e Engenharia Mecânica	Ingeniería	12 anos	Negro
15	Willian	51	Engenharia Química	Ingeniería	15 anos	Mestizo

Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2021). Todos os direitos reservados.

Com relação às/os entrevistadas/os colombianas/os: as idades encontradas, à época, eram entre 40 a 71 anos. Em razão das especificidades dos cursos de graduação e pós-graduação na Colômbia, uma vez que a gratuidade no ensino, a periodicidade na oferta de vagas e a quantidade de bolsas destinadas a estudantes e docentes, são distintas do Brasil, oito dos/as quinze docentes entrevistados/as se encontravam nos respectivos programas desde a sua criação: Alicia e Mara (Ciencias de la Educación), assim como Bonnie, Ferney, John, Manuel, Quintín e Willian (Ingeniería).

Dois dos/as quinze docentes, se autodeclararam brancos, conforme os critérios do

DANE descritos à época, sendo do programa de Ingeniería. O único docente autodeclarado negro é, também, o docente mais idoso entrevistado, tanto do Brasil quanto da Colômbia. Também este docente (Quintín) é o único entre todos/as os/as docentes que não possuía, à época da pesquisa, curso de doutorado em sua formação. Quintín, aliás, deixou registrado que exerce a função docente, não apenas na universidade, há pelo menos 43 anos, e que nem se imaginava como professor quando começou suas atividades.

Oscar, docente a menos tempo vinculado ao programa de Ciencias de la Educación, porém com extensa atividade docente na universidade e, à época, coordenando o Programa de Mestrado em História, ponderou acerca do autodeclarar-se enquanto homem mestiço

*Eu pessoalmente não gosto de me identificar em nenhuma questão étnica, porém obviamente não posso negar que não (gestos com as mãos) sou nem branco, nem indígena... ou seja que eu seria mais mestiço. Então isso é um problema... Como eu me catalogo? Não, não tenho... Mas sim, eu seria mais mestiço que... Certo? (OSCAR, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)*

Por outro lado, Raúl, do programa de Ingeniería, foi o único docente que não se sentiu contemplado em nenhuma das alternativas dispostas no formulário de entrevistas, acerca da autoidentificação étnica e racial, dando resposta semelhante à da brasileira Nádia

*Então... O que é mestiço? Mas mestiço é a combinação de branco e negro, então não...(Suspira) nenhuma dessas (alternativas) eu me considero (RAÚL, INGENIERÍA, UTP).*

Peter Wade (2003) e Mara Viveros Vigoya (2015), afrocolombiana que inclusive serviu de inspiração para a substituição do nome de uma das entrevistadas<sup>68</sup>, perfazem discussões críticas pertinentes à mestiçagem e a branquidade que auxiliam na complexificação desta identidade: enquanto que o autor destaca o caráter híbrido do termo partindo de análises pontuais de fenômenos ocorridos no Brasil, Colômbia e Venezuela, a autora tece uma discussão crítica sobre como o processo social de branqueamento da sociedade colombiana foi determinante para a constituição de uma pretensa identidade nacional, influenciando inclusive a interpretação de multiculturalismo e pluralidade étnica na Colômbia pela Constituição de 1991 e que pode ter influenciado a utilização da categoria *mestiza* pelo estado colombiano como forma resultante de uma “cultura diversa”.

Daí se entende a complexidade desta identidade e de porque a maioria da população colombiana se autodeclara como *mestiza* ou até mesmo, em menor proporção, como branca, nos censos oficiais, o que não foi diferente no caso desta pesquisa. Onze, das/os quinze

---

<sup>68</sup> Todas as vezes que se citar apenas o primeiro nome nesta tese, se está referindo ao pseudônimo escolhido das/os docentes brasileiras/os e colombianas/os entrevistadas/os.

docentes entrevistadas/os se autodeclararam *mestizas/os*.

Ao mesmo tempo, dada a resposta direta e de surpresa de Raúl frente a pergunta, se percebe o apagamento das populações indígenas no tocante ao que ele define e entende como mestiço.

Outro ponto a se destacar é que, dentre as opções de autodeclarações constantes no protocolo de entrevista, as escolhas realizadas pelas/os entrevistadas/os, foram todas entre feminina e masculino. Sobre isto, é pertinente trazer as ponderações de Oliveira (2017), no sentido do baixo número de pessoas trans como docentes e discentes nos espaços escolares<sup>69</sup> e, ainda, como essas discussões são postas de modo tacanho e violento em muitos espaços educativos.

O trabalho desta pesquisadora é um dos pioneiros no Brasil, registre-se, uma vez que ela tece suas discussões dos lugares de uma travesti negra e, ao mesmo tempo, de uma professora e pesquisadora. Oliveira (2017), ao utilizar a interseccionalidade como componente fundamental de sua tese, transforma os termos analíticos bicha, travesti e bicha preta como categorias de análise. Não apenas esta pesquisadora deu um outro sentido a estas marcações, mas afirmou que o conhecimento produzido é generificado e contém elementos estruturantes na sociedade de cunho racistas, sexistas e classistas, que causam incômodo ao serem evidenciados, a partir dos próprios instrumentos utilizados por quem oprime. De modo que, para a autora, a sua simples presença em determinados espaços é elemento chave para uma discussão interseccional, pois

Até eu entender que o problema era o preconceito, demorou muito. **Não era um castigo duplo.** Eu não nasci preta e trans por acaso, nasci com uma oportunidade muito grande de reverter a situação – e eu vou pra cima! (...) nos lugares onde as pessoas menos me querem, é onde mais eu quero estar. Minha presença é uma presença política, e eu vou continuar brigando por quem tem medo e por mim mesma. O meu corpo não é uma instituição apenas biológica, mas também é um discurso – e aqui estou (OLIVEIRA, 2017. Grifos da autora).

Há, finalmente, uma afronta necessária em ocupar espaços produtores de poder, uma vez que essas pessoas deixam de ser meros/as fontes de dados/pesquisa e passam a ser também agentes. Como outro exemplo, a bióloga colombiana Brigitte Baptiste, uma das primeiras pessoas trans a ocupar um cargo de reitora em uma universidade latinoamericana, mostra que para além da representatividade em espaços, é necessário também repensar a

---

<sup>69</sup> Em 2019, Oliveira (2017) cedeu entrevista para a Revista Cadernos de Gênero e Tecnologia, no dia 17 de maio, dia internacional de combate à Lgbtfobia, falando sobre a sua trajetória pessoal e acadêmica (FERREIRA; CASAGRANDE, 2019). Por fim, Oliveira (2017) também é uma das biografias apresentadas nos apêndices deste trabalho, em reconhecimento por sua luta, labor e presença na academia. É importante e político registrar essa memória.

própria universidade, conforme entrevista dada a Michel Alves Ferreira e Ana María Rivera Fellner (2021, p. 12. Tradução nossa)<sup>70</sup> à revista *Cadernos de Gênero e Tecnologia*

Repensar a universidade é um exercício derivado do questionamento ao modo que se produz, se distribui e se operacionaliza o conhecimento em nossa sociedade contemporânea. Talvez essa sociedade ou com isso que seja o princípio do peso que se voltou o conhecimento e as ciências (...) Não sei, em todo caso, a noção de que as ciências são a verdade com V maiúsculo é, às vezes, opressiva. Não quer dizer que não dependamos da ciência para sobreviver e prosperar enquanto humanidade. Sem a ciência, realmente não teríamos ido muito longe. Mas sim, a forma com que, especialmente depois do século 20 e dentro do paradigma de desenvolvimento, se expressaram as ciências como um conjunto de dispositivos extremamente autoritários, extremamente inevitáveis (...). A universidade deve então retomar e reposicionar o gozo da construção do conhecimento, deve recriar espaços para questioná-lo, para que a ciência volte a retomar o seu valor inicial de construção de verdades intersubjetivas, ou seja: hipóteses comprovadas por certo ponto, pelos dados e sempre suscetíveis de serem melhoradas ou substituídas por outras noções de verdade. Porque a ciência está constantemente em mudança, está em constante mutação e suas verdades sabemos todos que são temporárias (FERREIRA; FELLNER, 2021, p. 12. Tradução nossa).

Passa-se a analisar os pontos A e B da trilha analítica.

---

<sup>70</sup> Citação no original: Repensar la universidad es un ejercicio derivado del cuestionamiento a la manera que se produce, se distribuye y se operacionaliza el conocimiento en nuestra sociedad contemporánea. Tal vez esa sociedad o con eso que sea el principio de lo pesado que se ha vuelto el conocimiento y las ciencias (...) no sé, en todo caso la noción de que las ciencias son la verdad con mayúscula es, a veces opresiva. No quiere decir que no dependamos de la ciencia para sobrevivir y prosperar como humanidad. Sin la ciencia realmente no habríamos ido muy lejos. Pero si, en la forma en que especialmente después del siglo 20 y dentro del paradigma de desarrollo se expresaron las ciencias como un conjunto de dispositivos extremadamente autoritarios, extremadamente ineludibles (...) La universidad debe entonces retomar y reposicionar el goce de la construcción del conocimiento, debe recrear espacios para cuestionarlo, para que la ciencia vuelva a retomar su valor inicial de construcción de verdades intersubjetivas, es decir hipótesis comprobadas hasta cierto punto por los datos y siempre susceptibles de ser mejoradas o de ser reemplazadas por otras nociones de verdad. Porque la ciencia está constantemente en cambio, está constantemente mutando y sus verdades sabemos todos que son temporarias.

### 3.3 PADRÕES DISCURSIVOS E FUNÇÕES DOS DISCURSOS DAS/OS DOCENTES ENTREVISTADAS/OS DA UTFPR e UTP

Durante as incursões investigativas realizadas na UTP entre 2018 e 2019, o pesquisador pôde assistir alguns eventos de divulgação científica nos diferentes espaços da universidade. Um desses, promovido pela Facultad de Ciencias Ambientales, realizado em abril de 2019, tratava acerca das presenças das mulheres nas ciências, com o subtítulo: um caminho cheio de espinhos. As anotações descritas em diário de campo ilustram as características gerais notadas

*Se buscou fazer uma exposição de mulheres cientistas importantes para a história das ciências, partindo de três grandes elementos: o resgate do papel das mulheres nas ciências, as desigualdades de gênero e as espinhas, que segundo a professora, estavam localizadas no patriarcado, em instituições religiosas (sobretudo cristã) e na composição das sociedades, e suas desigualdades produzidas. Com respeito aos presentes, era perceptível que havia um certo equilíbrio entre estudantes homens e mulheres. Antes, o professor responsável por organizar o evento apresentou a professora responsável pelo seminário. Ao final da sua fala, se abriu espaço para a realização de perguntas (AUDITÓRIO DA FACULTAD DE CIENCIAS AMBIENTALES, 4 DE ABRIL DE 2019).*

O interessante das anotações realizadas neste dia, para além da importância de eventos que procuram destacar a presença e participação feminina em determinados campos do conhecimento, foram duas percepções sobre alguns comportamentos e falas, que são trazidas para esta seção:

- Primeiro: a fala da professora, ao ser questionada por um dos presentes (homem), se acreditava em alguma divindade, ao que a mesma responde que *eu não creio em um deus, mas eu acredito na ciência*”, em si mesma não é problemática. Entretanto, cada vez em que a mesma era instada pela plateia acerca de religião e ciência (o que em determinado ponto se havia tornado uma crescente de perguntas), havia nesta docente uma defesa tão enfática da ciência produzida na universidade, que argumentos como *“ciência para o bem estar da humanidade*’, ou mais ainda: *‘a ciência serve para combater todas as ideias pseudocientíficas’*” poderiam sugerir que apenas o conhecimento produzido nestes espaços são considerados válidos e nem toda a ciência, lamentavelmente, foi produzida para se pensar no bem estar da humanidade. Está aí o exemplo deplorável da eugenia<sup>71</sup> como fundamento de

<sup>71</sup> O trabalho da geneticista e professora Luzia Aurelia Castañeda (2003), é um dos tantos que atestam que o

que a ciência não é universal e tampouco neutra. Afinal, de que humanidade e de que ciência estamos falando?

- Segundo: no auditório, assim como nos slides projetados pela docente, havia algumas biografias de cientistas e de seus feitos para a humanidade ou para o que a docente entende por ciência. Nenhuma delas era latinoamericana, tampouco colombiana. Fica a dúvida em saber por quê.

Neste sentido, o registro do diário de campo, relatado nesta seção, ilustra acerca dos processos de disputas que existem nos diferentes espaços formativos da universidade. Ao mesmo tempo, estes também são reflexo da sociedade e podem reproduzir violências de diversas ordens. Em certos aspectos, essas violências não são perceptíveis nos discursos produzidos, mas em gestos, atitudes ou modos de se comunicar ou enunciar algo, uma vez que, como já asseverou Foucault (2008, p. 137) sobre os discursos, “(...) um bem que é, por natureza, o objeto de luta e de uma luta política”.

Destarte, arrisca-se dizer aqui de que o conhecimento acadêmico pode, certas vezes, ser surdo<sup>72</sup> aos diferentes modos de se ver, sentir, experienciar e dialogar com um fenômeno, espaço, práticas e grupo social. Respeitando os escopos teóricos e metodológicos, é o que Thomas Samuel Kuhn (2006) asseverava, ao se pensar nos paradigmas científicos estabelecidos e apreendidos desde quando se faz a iniciação científica, perfazendo um alerta: ao mesmo tempo em que se valoriza o rigor, que é característico na constituição de fundamentos teóricos estabelecidos pela ciência, corre-se o risco de “(...) forçar a natureza a esquemas conceituais fornecidos pela educação profissional”. Para Kuhn (2006, p. 24), os interesses e disputas de diferentes grupos sociais são elementos determinantes para validar paradigmas científicos e tecnológicos.

A partir destas ponderações, passa-se a analisar os pontos A e B da trilha analítica. Esta análise (identificação dos padrões discursivos e as funções dos discursos das/os docentes) foi subdividida em dois itens:

---

conhecimento científico e tecnológico também pode servir a interesses de aniquilamento de determinados grupos sociais, em razão de uma crença biológica de certos grupos serem superiores, frente a outros. Neste texto, a autora analisa de que modo os fundamentos da eugenia influenciaram a política, o direito e a saúde brasileira, citando exemplos de medidas públicas voltadas ao controle dos corpos das mulheres (o exame pré nupcial é um dos exemplos citados).

<sup>72</sup> Empresta-se o termo surdo a partir das considerações da feminista Glória Anzaldúa (1988) sobre um mundo que é surdo ao mal estar produzido pelo sistema capitalista/colonial aos povos do sul global, ou terceiro mundistas, como a autora chama neste texto.

- No primeiro deles, buscou-se realizar uma espécie de mapeamento do que as/os docentes entendem por ciência e tecnologia, como este entendimento pode influenciar na formação de seus estudantes e, finalmente, convergências e divergências entre estes entendimentos em seus discursos.
- Já o segundo item concerne a pensar como, a partir da perspectiva das/os docentes entrevistadas/os, percebem os diálogos (ou não) entre a sociedade e a universidade.

O objetivo destas subdivisões remete a estabelecer um exercício de diálogo entre as pessoas entrevistadas, o tempo e os espaços de pesquisa, de maneira que se entenda de que lugares/localizações epistemológicas esses sujeitos falam. Para esta tese, são trazidos excertos das transcrições que ilustram as categorias analíticas.

### 3.3.1. Ciência, tecnologia, disciplinas e discursos

Em texto escrito no fim da década de 1990, Marília Gomes de Carvalho (1998) apresenta a tecnologia a partir de construtos da cultura, uma de suas áreas de formação em antropologia, e exemplos sócio-históricos. A autora destaca a fragilidade e liquidez das relações sociais determinadas pela lógica de uma ciência e tecnologia instrumentalizadas pelo capital. Destaca que uma formação crítica e integral em todas as dimensões humanas, não somente pela educação, é um caminho de contraponto a uma visão fomentista e triunfalista da tecnologia, ao qual esta geraria benesses à sociedade. O argumento central deste texto poderia ser sintetizado na seguinte frase: “a visão cartesiana da construção do saber e da tecnologia separa e hierarquiza” (CARVALHO, 1998, p. 100).

O interessante no argumento dessa autora brasileira é que, passados mais de 20 anos da produção do texto, é na atualidade crítica que reside a sua força argumentativa, frente a discursos, ainda presentes na universidade, que insistem em ver ciência e tecnologias como fontes únicas de bem-estar para a humanidade, tal como exposto aqui sobre os fragmentos das anotações de diário de campo, do evento realizado na Facultad de Ciencias Ambientales da UTP.

Sobre os discursos, vale recuperar o que Foucault (2014, p. 28-29) assevera acerca da natureza das disciplinas, tão valorizadas na ciência e tecnologia, para produção destes.

Uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor. (...) é aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados. Para que haja disciplina é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de formular indefinidamente, proposições novas.

Neste sentido, o erro em pensar as disciplinas residiria em achá-las que estas são fixas em suas verdades, que não cabem refutações, ou ainda que não caberia pensar em outros modos de ver, pensar, sentir e dialogar com o mundo. Embora haja grupos sociais, registre-se, que insistem em vender a ideia de verdades fixas para afirmar suas posições de dominação, prestígio, hierarquização e poder, ora sutil, ora violentamente.

É o que se pode perceber no discurso crítico sobre disciplina e o conhecimento, trazido por Naine, professora do PPGTE do campo da história, história das artes, comunicação e semiótica. Ao contar acerca de como se interessou pela sua área de estudo ao entrevistador em 2017, Naine se aproxima do entendimento de Carvalho (1998) sobre o conhecimento, respeitando aqui evidentemente os devidos escopos argumentativos, temáticos e de olhares, de cada uma dessas mulheres.

*Essa diferença... mesmo... essa hierarquia entre disciplinas, né? Porque não é uma disciplina diretamente ligada ao mercado, não é uma disciplina eh... (gestos com as mãos) assim, que constrói diretamente, né? Ela é muito crítica, ela é muito reflexiva. Então eu tinha... eu lembro de professores que entravam na minha sala, assim (gestos com as mãos), 'pra que que serve tua matéria?'. No meio da aula, assim! Eu fiquei num departamento de desenho industrial, passei assim, uns vinte anos explicando porque que a gente tem que estudar história do design e história da arte. Isso é bem cômico, mas é uma outra (risos)... Um outro mundo (NAINE, PPGTE, UTFPR).*

A partir de uma perspectiva foucaultiana, ainda que as disciplinas tenham por objetivo ditar, ordenar e construir o conhecimento, são dos discursos que se percebe o poder e a disputa de verdades, como relatado no exemplo de Naine. Para Foucault (2008; 2010; 2014), é bom registrar que é o poder que produz os saberes, portanto este seria positivo.

Neste sentido, a fala de Lélia, outra professora entrevistada do PPGTE em 2018, converge com as ponderações críticas acerca de tecnologia, que Carvalho (1998) escreveu há mais de 20 anos, bem como de sua colega do PPGTE Naine, ao pensar nas disciplinas e o conhecimento sob uma perspectiva foucaultiana

*Ai ai... (Suspiro) você tá fazendo umas perguntas difíceis, porque assim: são muitas vezes coisas que a gente não para pra racionalizar, né? Embora em termos (gestos com as mãos) empíricos a gente acabe operacionalizando essas questões, pra racionalizar isso... o que eu entendo por ciência e tecnologia? Bom, eu tô dentro de um programa de Tecnologia e Sociedade, eu vou entender ciência e tecnologia como produções humanas interessadas (pausa). Produções humanas atravessadas, essas*



*por relações de poder. Podemos pensar dentro da chave de Michel Foucault como regimes de verdade validados a partir de um lugar privilegiado que é a academia, que supõe-se ser o lugar onde o conhecimento é produzido (risos), né? Quando a gente fala isso a gente já coloca uma série de hierarquias que a gente precisa relativizar justamente pensando quem é que faz estas classificações (gestos com as mãos), o que tá em jogo com essas classificações, quem ganha com isso, quem perde, quais são os cuidados dos conhecimentos que são desqualificados nesse processo, não é? Então eu acho que a gente pode entender o que é ciência e tecnologia como esse jogo de forças e espaços de disputas (LÉLIA, PPGTE, UTFPR)*

Interessante destacar que o entendimento da entrevistada Lélia, acerca de ciência e tecnologia, se aproxima do que Haraway (1995) menciona acerca do que esta autora defende politicamente como objetividade feminista para se pensar em saberes localizados, que é o mesmo entendimento defendido neste trabalho, desde as suas primeiras páginas

Saberes localizados requerem que o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso, e, finalmente, nunca como um escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento "objetivo". A observação é paradigmaticamente clara nas abordagens críticas das ciências sociais e humanas, nas quais a própria agência das pessoas estudadas transforma todo o projeto de produção de teoria social. De fato, levar em conta a agência dos "objetos" estudados é a única maneira de evitar erros grosseiros e conhecimentos equivocados de vários tipos nessas ciências. Mas a mesma observação deve valer para os outros projetos de conhecimento chamados de ciências (HARAWAY, 1995, p. 36-37. Grifos da autora).

Ademais, o esforço em situar a personalidade do pesquisador, especialmente no prólogo desta tese, permite que as lutas políticas encampadas ao longo de toda a vida, somadas às experiências violentas sofridas de racismo e lgbtfobia desde a infância, também fazem corpo ao discurso localizado/teórico do que seria ciência e tecnologia, somados aos discursos trazidos das/os docentes entrevistadas/os nesta seção.

Destarte, parece óbvio, mas é salutar registrar que verdade, ciência e tecnologia são interdependentes e, aqui, se convergem com o que Alcoff (2016) postula acerca de epistemologias que sejam reconstrutivas e não apenas críticas/descriativas de uma realidade social. Até porque inexiste verdade única, neutra e universal, por mais que determinados grupos sociais queiram impô-la violentamente

O que nomeio como “obstáculo epistemológico” é, portanto, a recusa a se engajar no trabalho reconstrutivo da epistemologia para seguir além do ceticismo crítico e reconstruir a maneira de fazer verdadeiras reivindicações responsáveis pela realidade política, assim como confiáveis e adequadas à complexidade da realidade. O projeto de “mudar a geografia da razão” requer este trabalho reconstrutivo, bem como reclama de nós o desvelamento e a reavaliação dos conhecimentos rejeitados e o esclarecimento dos fundamentos de nossas próprias demandas de adequação ou de progresso epistêmico (ALCOFF, 2016, p. 133. Grifos da autora).

Alcoff (2016) se conecta com o riso percebido pelo entrevistador na resposta de Lélia, quando ela revela acerca do privilégio dos espaços acadêmicos em, por vezes, arrogar-se como os únicos produtores de ciência e tecnologia. Do mesmo modo, o texto de Alcoff (2016) e o riso da Lélia, estão conectados com o modo que a *Ìyálòrìsà* intercambia os conhecimentos, apreendidos em seu ofício ancestral e em seu ofício relatado enquanto também acadêmica.

*Não. E criticam muito, viu? Fui criticada por isso também, por estar na academia. Porque a gente tem que ficar centrada e tal, dentro do terreiro. Entendeu? Eu acho que não! A gente tem que buscar esse conhecimento pra ajudar a gente nos nossos ofícios do terreiro. Não que nós vamos mudar agora porque faz um curso, aprende uma coisa, vai se graduando e vai se distanciando.... Não! Tô levando junto. Se me perguntaria hoje o que é mais importante pra mim é o terreiro! É evidente! É ali que eu mantenho minha identidade, é ali que eu me reconheço, é ali que eu tenho um nome, não é? Esse nome não veio do nada! Eu não inventei, através desse nome eu posso me identificar de que região eu sou, em África... é através desse resgate mesmo. Não gosto dessa palavra resgate, mas é através dessa conexão, não é? Com nova... nova conexão, mas de África, senão a gente não consegue. (ÌYÁLÓRÌSÀ, 27 DEMARÇO DE 2020).*

Destarte, pensando agora em práticas pedagógicas, também é o que poderia ser percebido/aproximado no discurso de Quintín, ao relatar sobre o conhecimento que este docente estabelece com seus estudantes. Nota-se que, por ser o professor mais idoso entrevistado, o único autodeclarado negro na pesquisa e o único a não possuir título de doutorado, é perceptível a aproximação de seu discurso com uma perspectiva foucaultiana acerca da disciplina e a relação com a ciência e tecnologia ensinada durante as aulas. Ainda que neste último caso Quintín tenha entendimentos, sobre o que seria ciência e tecnologia, muito próximos da maioria das/os entrevistadas/os do campo das engenharias, tanto da UTP quanto da UTFPR

*Porém eu creio que o professor universitário, independentemente se for doutor ou mestre, ou graduado, ou especialista... Homem... De acordo com os seus níveis de conhecimentos... Minha experiência precisa servir para alguma coisa, certo? Eu como docente, devo criar minhas próprias estratégias e minhas próprias metodologias para estas nas aulas. Não compartilho muito da ideia de que se façam (gestos com as mãos) sempre as mesmas coisas e nunca se inove... Ai dizem que os princípios físicos nunca irão mudar, que as leis de Newton nunca irão mudar, mas sim deve mudar cada maneira como eu explico! Devo pensar como explicar de cada maneira para que facilite as coisas para o meu estudante, não? Então eu preciso ajudar para que meus estudantes estudem, compreendam a coisa e amem... Que seja fácil e que tenham carinho pela coisa, compreende? E eu como docente universitário devo ter isso como uma cartilha (gestos com as mãos), pois! (QUINTÍN, INGENIERÍA, UTP).*

Ferney, também do Programa de Ingeniería da UTP, aponta para o mal que a ciência pode fazer frente a determinados grupos sociais, embora também em seu discurso seja perceptível a disciplina como ordenamento primeiro para validar o discurso científico e

tecnológico. Especialmente, em sua definição de tecnologia, o mesmo a vê como um subproduto da ciência

*Bom, digamos que seria uma série de conhecimentos, certo? Que se tem de estruturar de tal maneira que se possa colocar com eles, ou fazer; ou produzir determinado benefício, digamos assim, para a sociedade. Porém aí há algumas coisas, um engenheiro pode desenvolver uma arma e isso necessariamente não é um benefício para a humanidade. E está aproveitando umas ferramentas tecnológicas para solucionar (gestos com as mãos) um problema, uma necessidade. Então aí surgem umas (risos), algumas questões éticas que uma pessoa poderia se questionar, certo? Porém em termos gerais seria aceitar o fazer... Nestes termos de professor de engenharia, aproveitar de todas essas leis, físicas, todo esse conhecimento e essas ferramentas tecnológicas para produzir algo que trate de beneficiar a sociedade (FERNEY, INGENIERÍA, UTP).*

A brasileira Sonia, do CPGEI, também possui um discurso próximo da/os outras/os colegas brasileiras/os e colombianas/os acerca do que seria ciência e tecnologia, marcadamente pensando enquanto disciplina e, novamente, a tecnologia enquanto subproduto da ciência

*Tá, o que eu entendo por ciência e tecnologia? Ah... (suspiro) como uma matéria mesmo, como uma disciplina... pra mim ciência e tecnologia é você... (gestos com as mãos), é sempre pensando num problema, numa maneira de facilitar ou de resolver as coisas, facilitar a vida das pessoas, né? Então de que forma isso envolve? Tudo, assim: ah, eu tenho um determinado... por isso que eu penso muito, quando a gente fala em projetos de pesquisa, eu sempre penso em problemas reais da população, eu trabalho muito com cidades inteligentes, eu penso 'o que o pessoal tem de problema real?', por mais que a gente tá na pesquisa e eu falo em protocolos e tal, o que que é... não só uma coisa abstrata, eu gosto dos problemas que eu tenho mesmo, né? 'Ah, eu tenho um problema real!' (Gestos com as mãos), então de que forma o meu conhecimento pode auxiliar pro que realmente existe e facilitaria. Não só alguma coisa simples, mas de uma forma mais elaborada, mais pensada... mesmo que leve anos pra gente pensar. Mas sempre de problemas reais. De que forma essa ciência... todo... aplicar todo um conhecimento e toda a tecnologia que já foi desenvolvida, ou criar novas tecnologias pra resolver um problema. Então é de que forma a gente soluciona muito (gestos com as mãos) ... Eu penso muito, pra mim tá muito ligado a problemas e a solução de problemas. Tanto a ciência quanto a tecnologia. A ciência como conteúdo e a tecnologia como aplicação desse conteúdo, né? Vou criar uma tecnologia baseada numa ciência para resolver um problema, não sei, eu vejo dessa forma (SONIA, CPGEI, UTFPR)*

Megg, pseudônimo da professora entrevistada do PPGTE, relata sobre a sua experiência pós doutoral, acerca da dificuldade de diálogo entre campos dos saberes majoritariamente disciplinares e outros com diálogos interdisciplinares

*E aí, o que aconteceu foi que as pessoas perguntavam assim: oh... eu tava dentro de um instituto de artes e design... não era um instituto interdisciplinar. Era disciplinar. Então eles (refere-se a pessoas do instituto onde fez seu pós-doutorado. A entrevistada narra o diálogo travado neste lugar) falavam assim: o que você faz? Eu dizia: como assim, que que eu faço (risos)? Eu sou professora, pesquisadora. Você não entendeu. O que que você faz? Eu dizia: bom... eu pesquiso e dou aulas. Não... você não entendeu! O que que você faz... Até eu responder aquarela! E eu respondi aquarela... porque eu não aguentava mais que me perguntassem... o que eu fazia! Nada do que eu*

*fazia não era importante naquele lugar: Nada. Nenhuma pesquisa. Então o que aconteceu comigo? Eu falei: bom, eu acho que essa é uma faceta da minha, da minha pessoa que eu preciso desenvolver (MEGG, PPGTE, UTFPR)*

Destarte, Megg parte seu entendimento do que seria ciência e tecnologia de outros olhares, o que pode explicar a sua concepção ampla e não hierarquizada entre esses dois campos, onde a segunda seria a aplicação da primeira, contrastando com os relatos trazidos aqui de Ferney (UTP) e Sonia (CPGEI).

Diz-se outros olhares não em razão (e apenas) por estar em um programa interdisciplinar, mas por suas vivências anteriores enquanto artista e cantora, antes de se tornar docente universitária, conforme relato em entrevista. À época da realização da mesma, Megg relatou certos avanços frente à Capes no tocante a pensar em produções artísticas que também são científicas e tecnológicas

*Hoje na Capes a gente consegue conversar... e consegue abaixar documentos de área que defendem o papel do artista. Tá começando a aparecer duas coisas muito interessantes. A primeira delas... eh, são textos do, do artista na universidade: quem é esse sujeito, artista na universidade, né? Isso me ajudou bastante, né? Porque são pessoas que já tinha visto citado, eu já tinha visto em palestra, eu já tinha trombado estudando história da arte, teoria da cor, essas coisas. Bom, eh... a arte em tecnologia? Zero, zero... do jeito que a gente, eh... encara a tecnologia? Menos um. Não tem. Você tá entendendo (dirigindo-se ao entrevistador)? O que é história da arte, a teoria da cor no mestrado em arte e tal... agora, pensar a tecnologia nesse universo? Está bem distante, assim, né? E é por isso que a gente consegue trabalhar. Então aqui no PPGTE eu trabalho com essa aproximação (do artista na universidade e do entender a tecnologia aplicada em sua área de estudo/pesquisa) ... assim. Deixa eu olhar pra arte com essa grande questão da tecnologia e sociedade (MEGG, PPGTE, UTFPR)*

A interdisciplinaridade, elemento sensível e perceptível nos relatos de Megg, Naine e Lélia, do PPGTE, também se aproxima das considerações do colombiano Oscar, da UTP, acerca do que ele entende por ciência e tecnologia

*Hum... Eu pertencço a uma área do conhecimento que é da história e das ciências sociais, onde eu acredito que muitos dos debates recentes ou... (Gestos com as mãos) Até que ponto o que fazemos é ciência, certo? É um pouco o debate das ciências duras e das ciências moles. Porém eu sinto que meu papel, dentro da... Ou seja, meu perfil de historiador, assumo a história como uma (gestos com as mãos) disciplina acadêmica, cujo rigor se cinde a métodos de pesquisa. Então eu vejo que sim, desde o campo das ciências sociais, se desenvolve uma história, certo? Que... Que cumpre com os parâmetros científicos em termos de veracidade, confrontação, certo? Qualquer projeto de pesquisa que realizamos requer primeiro um estado da arte... Então há uma série de métodos, que são como pois... Os adquiridos desde a graduação. Ainda que eu reconheça que a história, como muitas das outras disciplinas das ciências sociais, também é mais flexível, e requer como que outros métodos, não necessariamente positivistas, certo? Então é bastante interessante olhar isso porque permite acercar-se a outros (gestos com as mãos) objetos, a outros processos, a outros sujeitos... Com um olhar não tão rígido! Em termos da relação sujeito e objeto, do conhecimento, porque neste caso são sujeitos e sujeitos, certo? E então eu tenho a ideia de que sim, se trabalha com o rigor acadêmico, mas*

*com elementos muito qualitativos. Para mim, então é importante a interdisciplinaridade, que eu posso levar aqui com outras disciplinas, certo? (...) Eu vejo que a tecnologia não deve ser vista apenas a partir das áreas de produção, certo? Que tenham uma função diretamente industrial, mas que a tecnologia para mim tem relação com o melhoramento dos processos de pesquisa, na possibilidade de adequar desenvolvimento de conhecimento a necessidades, por exemplo, com comunidades, ou a processos formativos dentro da universidade, certo? (OSCAR, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)*

As percepções acerca do que seria ciência e tecnologia, para Oscar, são diferentes das relatadas por sua colega Mara, do Programa de Ciencias de la Educación, da UTP, também interdisciplinar como o PPGTE.

Foi notado que existe uma maior proximidade entre o relato da Mara e das/os outras/os docentes entrevistadas/os, quando instadas/os a falar sobre ciência e tecnologia.

*Ciência e tecnologia? (Pausa longa). Produzir conhecimentos para mudar o mundo. Para... Construir conhecimentos para melhorar a qualidade humana, a vida humana. (Pausa longa) (MARA, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)*

A partir de todos os excertos trazidos nesta seção, bem como as análises realizadas ao longo de todo o terceiro capítulo, com base em todo o volume produzido das transcrições literais, se realiza um esforço de sintetizar os discursos percebidos, suas funções discursivas e as percepções acerca da disciplina, ciência e tecnologia das/os docentes entrevistadas da UTP e UTFPR, onde se partiu dos pontos A e B da trilha analítica.

**Quadro 07:** Síntese do mapeamento discursivo de ciência, tecnologia e disciplina - expressões frequentes

Item	Síntese das expressões frequentes nas falas das/os entrevistadas/os	Fragmento (exemplo)
Ciência	Descrição de fenômenos, produção de teorias	“Correto. Inclusive em um dos cursos que eu ministro eu faço a distinção entre o que é ciência e o que é tecnologia. Os cientistas se encarregam de estudar fenômenos no laboratório. E determinam (gestos com as mãos) leis, processos, tiram hipóteses... E depois colocam isso em algum documento, pode ser um texto, pode ser um artigo... E até aí a gente chama de ciência” (HUGO, INGENIERÍA, UTP)
	Colaboratividade entre estudantes e/ou colegas docentes	“Então pra que eu possa produzir um artigo o aluno tem que desenvolver um trabalho, eu tenho que desenvolver parte do trabalho, junto com ele, não é? Então não tem como, não é... Isso acontecer. Hoje, é o que é possível ser feito” (ANDRÉ, CPGEI, UTFPR)
	Produção de benefícios à sociedade	“Que entendo por ciência e tecnologia? A busca, produção... De conhecimentos (gestos com as mãos) e a capacidade de fazer a transferência desse conhecimento à sociedade (...)” (ALICIA, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)
Tecnologia	Aplicação da ciência	“(...) tem a ver com toda a gama de elementos que tem permitido a interculturalidade, a multiculturalidade, a conexão com outros lugares do mundo em tempo real. Eu creio que é importante essa conexão e como é importante a utilização dessas conexões nas aulas... Bom... as habilidades que os estudantes... as habilidades tecnológicas que eles têm são impressionantes (gestos com as mãos). De fato representa um desafio para nós como professores, porque somos de outra geração” (AURORA, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)
	Solução de problemas	“(...) pra mim ciência e tecnologia é você... (gestos com as mãos), é sempre pensando num problema, numa maneira de facilitar ou de resolver as coisas, facilitar a vida das pessoas, né? (...)” (SONIA, CPGEI, UTFPR)
	Ferramentas formativas	“(...) para nós é uma das ferramentas fundamentais para formar, adiante, um estudante, para a formação do estudante. Que a aplicamos? Sim, todos os dias, desde a parte teórica até a parte experimental (...)” (WILLIAN, INGENIERÍA, UTP)

Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2021) – Fundamentado a partir de Alcoff (2016); Carvalho (1998); Foucault (2008; 2010; 2014); Gonzalez (1984; 1988); Haraway (1995); Kuhn (2006). Todos os direitos reservados.

Este quadro tratou de mapear e sintetizar que expressões/funções poderiam ser diretamente correlacionadas aos relatos das/os entrevistadas, quando instadas/os a expressar o que entendem por ciência e tecnologia. Neste sentido, é bom recuperar novamente as palavras de Foucault (2008) acerca das disciplinas: ao mesmo tempo em que estas, enquanto também um procedimento interior de controle e interdição dos discursos, se tratam de um conjunto de requerimentos que objetivam buscar e formular enunciados, reafirmando posições, estas também são “(...) tão incertas de suas fronteiras, tão indecisas em seu conteúdo, que se chamam história das ideias, ou do pensamento, ou das ciências, ou dos conhecimentos” (FOUCAULT, 2008, p. 23), uma vez que aí se encontram disputas e narrativas de poder.

Basta pensar, como um dos exemplos trazidos no quadro 07, o discurso do professor Hugo, da Ingeniería da UTP: para este docente, há uma radical separação entre o que seria a ciência e, principalmente, em que espaços esta se encontra circunscrita. Pode deixar subentendido em seu discurso que tudo o que não é pensado e estudado fora dos laboratórios, centros de pesquisa, institutos, universidades... Enfim, dificilmente poderia ser chamado e considerado de ciência. Inclusive, o começo de sua resposta remete ao argumento de autoridade, um dos elementos constitutivos das disciplinas, de “(...) *Inclusive em um dos cursos que eu ministro eu faço a distinção entre o que é ciência e o que é tecnologia (...)*”. Por conseguinte, seu entendimento de tecnologia é reproduzido a seguir, para corroborar com a observação discursiva de disciplina, ciência e tecnologia, percebidas ao longo de toda a entrevista realizada em 2019

*Quando outro pesquisador pega esses conceitos e os transforma em realidade, se transformam em práticas, faz o uso deles, digamos, para fabricar bens de uso, pessoal... Um bem comum... A isso já se chama tecnologia. Aí está a diferença entre a ciência e a tecnologia. Nós, na universidade, praticamente fazemos ciência, certo? A tecnologia é pouca. Contudo, no nosso programa, que é tecnológico, buscamos muito a que os estudantes se aproximem do fazer, certo? Do fabricar coisas... E não somente que as coisas funcionem. Há outros aspectos que alguém que fabrica objetos são importantes, como por exemplo a estética. Então é importante fabricar objetos úteis e bonitos. Porque muitas vezes a estética é a que determina (gestos com as mãos) se um usuário compra ou não compra isto. (HUGO, INGENIERÍA, UTP)*

É fundamental registrar, quantas vezes for necessário: para além de questões relatadas em toda a tese e, especialmente, ao longo deste terceiro capítulo, como os sucessivos cortes de recursos públicos brasileiros destinados à educação superior e a pesquisa, somadas às diferenças da natureza pública do ensino superior em cada país, há duas precariedades particulares no caso colombiano: boa parte dos docentes universitários (especialmente de graduação) têm contratos temporários e inexistente a gratuidade do ensino superior público

prevista em lei, obrigando com que os programas de pós-graduação sejam auto gerenciáveis financeiramente para sobreviver, o que certamente afeta não apenas como se faz ciência e tecnologia, mas o próprio entendimento das mesmas. John, da Ingeniería da UTP, explicita

*É uma profissão difícil pela situação política, (gestos com as mãos), intelectual, emocional... Que há na Colômbia. E é uma profissão subvalorizada, precisamente pelo tipo de pessoas que têm estado no poder em Colômbia, politicamente. E pela condução que se tem dado à política, tanto interna quanto externa do país. Isso afeta muito o trabalho docente porque afeta de um modo muito direto (JOHN, INGENIERÍA, UTP).*

Por outro lado, pensar em uma visão de ciência e tecnologia de modo separado, cartesiano e hierarquizado (CARVALHO, 1998), dificulta pensar a interdisciplinaridade entre diferentes campos do saber. Mais: pode, inclusive, promover a falácia da mesma na prática, tanto ao se desconsiderar os outros campos quanto desconsiderar espaços que podem não estar circunscritos na academia, mas que produzem sim conhecimento, ciência e tecnologia. As já citadas Carvalho e Casagrande (2011) trazem exemplos, neste trabalho realizado em conjunto, de mulheres parteiras, benzedeiras e curandeiras que tiveram seus saberes expropriados, invisibilizados e estigmatizados historicamente, fazendo com que esses saberes incorporassem as práticas disciplinares das ciências. Não apenas é uma violência contra essas mulheres, como que também é uma violência contra o próprio conhecimento produzido.

O mesmo professor John, da UTP, que assevera acerca das condições políticas complicadas de seu país, possui um entendimento de ciência e tecnologia que converge com a maioria das/os docentes entrevistadas/os (especialmente das engenharias), tanto brasileiras/os quanto colombianas/os

*Pois... A ciência como eu vejo se trata de descrever modelos sobre a... Modelos da natureza, como funciona a natureza e como que... Modelos mais que tudo matemáticos de como se vê ou como se comporta... O que é a natureza e como se comporta, como se descrevem os fenômenos. Agora a tecnologia, como eu a vejo e como me ensinaram é precisamente a aplicação de parte da ciência... À criação de bens, certo? Ou seja, em nosso caso, a tecnologia se refere à fabricação, à realização... Então é como a vejo. (JOHN, INGENIERÍA, UTP).*

Enquanto o quadro 07 tratou de sintetizar o que foi mais frequentemente percebido pelo pesquisador acerca dos entendimentos de ciência e tecnologia, o quadro 08 versou sobre apresentar as diferenças discursivas, com relação ao quadro anterior, frente ao que foi postulado pelas/os docentes.



**Quadro 08:** Síntese do mapeamento discursivo de ciência, tecnologia e disciplina - expressões não frequentes

(Continua)

Item	Síntese das expressões não frequentes nas falas das/os entrevistadas/os	Fragmento (exemplo)
Ciência	Produções humanas interessadas e a interdisciplinaridade	<p>“Então colocar esses jogos de tensão, pensar sobre essas hierarquias que envolvem grupos distintos, grupos sociais distintos que muitas vezes são desqualificados nesse processo todo... essas coisas todas, me interessa pensar o design nesse contexto. Quais são os conhecimentos que estão sendo deixados de fora, o que que a gente coloca como central dentro da... em termos hegemônicos dentro da atuação profissional e da formação de estudantes, o que que tá ficando de fora... então me interessa muito discutir esse jogo (gestos com as mãos) do que que entra e do que que sai, o que que é validado e o que que não é... Pensar que sujeitos estão ficando de fora dessas preocupações. (LÉLIA, PPGTE, UTFPR)</p> <p>“Da computação, veja (aponta para os computadores da sala) os computadores, os celulares, essas coisas, certo? Isso é tecnologia mas está aí a aplicação da ciência, dos conhecimentos científicos, percebe? Então quando há essa formação... Ou melhor dizendo, quando há esse apoio... Aí sim ficamos satisfeitos, porque uma pessoa tem uma ideia e às vezes não se encontra espaço ou ressonância... Que não saíram os resultados que se esperavam... Porque se encontram aí coisas que não esperavam no caminho e por aí não saíram certas as coisas, percebe? Tudo isto é importante, porque se eu... Uma coisa que eu considero e que às vezes se pensa é que se cre que os resultados tem de ser positivos (gestos com as mãos) e eu digo, não senhor! Eu posso fazer a minha pesquisa cheia de resultados que eu não esperava, mas que... Os resultados encontrados não eram o que eu esperava, e o que eu faço?” (QUINTÍN, INGENIERÍA, UTP)</p>
	Dar respostas à sociedade	<p>“O primeiro critério que orienta a minha pesquisa é sua pertinência acadêmica, social e política (...) Então sempre há (gestos com as mãos) olhar crítico, dos temas que se pensam nos temas de pesquisa, dos temas que desenvolvo com os estudantes na pesquisa. Então eu considero que seria dar respostas à cidade, à sociedade, certo?” (OSCAR, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)</p>

**Quadro 08:** Síntese do mapeamento discursivo de ciência, tecnologia e disciplina - expressões não frequentes

(Conclusão)

Item	Síntese das expressões não frequentes nas falas das/os entrevistadas/os	Fragmento (exemplo)
Tecnologia	Interdependência da/com a ciência e interdisciplinaridade	<p><i>“Mas no instituto de artes, então, na verdade foi uma quebra de preconceitos... vários, né? Porque eu saí das artes e fui parar na engenharia, que é... Era o único lugar que tinha computadores. Eu queria arte com o computador. Então eu passei a ilustrar dentro da engenharia elétrica o que tava se desenvolvendo como ciência mesmo. Então daí eu voltei pro instituto de artes porque eu não conseguia fazer o mestrado na engenharia elétrica. Então eu voltei pro instituto de artes porque tinha um mestrado interdisciplinar aonde eu podia estudar arte e tecnologia, pelo instituto de artes, através do instituto... mas usando os computadores da engenharia elétrica. Então na verdade essa coisa interdisciplinar, né?”</i> (MEGG, PPGTE, UTFPR)</p> <p><i>“Porém, eu acredito que a ciência e a tecnologia, longe de estarem divorciadas, estão sim é conectadas, mais do que nunca. E devem estar conectadas!”</i> (AURORA, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)</p>

Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2021) – Fundamentado a partir de Alcoff (2016); Bastos (2015a; 2015b); Carvalho (1998); Foucault (2008; 2010; 2014); Gonzalez (1984; 1988); Haraway (1995); Kuhn (2006). Todos os direitos

Este quadro tratou de mapear e sintetizar as percepções discursivas que, de certo modo, convergem com as perspectivas teórico metodológicas abordadas neste trabalho. Aqui se observou a inexistência da separação cartesiana e hierárquica entre o que seria ciência e o que seria a tecnologia, observados na maioria dos relatos das/os docentes da UTFPR e UTP. Destarte a interdisciplinaridade, pensada aqui nesta tese e também percebida nas falas, remete a uma abordagem que é relacional e subjetiva ao se pensar a ciência e tecnologia. Sobre este aspecto, o professor João Augusto de Souza Leão de Almeida Bastos (2015a, p. 18) explicita, ao pensar na imaterialidade da tecnologia

No entanto, há que se ponderar que a informática e mesmo a tecnociência não são nada mais do que formas hiperdesenvolvidas da própria subjetividade. Com efeito, cada sociedade produz e conserva seus tipos de máquinas como expressões sociais capazes de lhes fazer nascer e delas se servir como verdadeiros órgãos da realidade nascente. Cada tecnologia suscita questões relativas a sua consistência enunciativa específica, que se articula com a produção discursiva de uma sociedade num determinado momento.

Bastos (2015a), influenciado pela teoria crítica, tem como um de seus fundamentos teórico/metodológicos, para se pensar na imaterialidade da tecnologia, Jürgen Habermas (1975). É interessante a crítica que este último teceu em seu texto, a respeito da racionalidade e objetividade voltadas à técnica e a ciência, pensadas sob a perspectiva weberiana. Para o autor, esta racionalidade e objetividade urge por uma metodologia que instrumentaliza a natureza e a enxerga, conseqüentemente, enquanto elemento bruto que precisa do fomento humano. Uma vez que, desse modo de agir e interagir com a natureza, do ponto de vista histórico e sob outra forma senão a dominação, acaba sendo ilusória.

É o que pode ser percebido em trechos do relato, reproduzido a seguir, da professora da Ingeniería da UTP Bonnie, acerca dessa racionalidade e objetividade da ciência sob essa perspectiva weberiana, que Habermas (1975) critica. Neste sentido o argumento de autoridade da disciplina discursiva é a matemática em si mesma.

*Eu penso que a ciência e a tecnologia são dos ramos que tem de comunicar-se entre si. A tecnologia é a aplicação da ciência, dos aspectos teóricos. Considero que se eu serei um consultor, eu vou fazer desenvolvimentos tecnológicos, tenho de (gestos com as mãos) ter uma base, um cimento. E essa base, nas engenharias, é o conhecimento em matemática. Se você tem boa base em matemática, isso te permite ser transversal a muitas disciplinas. Então é essa transversalidade que permite fazer a parte de desenvolvimento tecnológico. Se eu não tenho essa transversalidade e se eu não tenho essa formação básica, eu não tenho... Em matemática, então é difícil fazer desenvolvimento tecnológico. As duas obviamente tem de estar interligadas, mas se a base não está robustecida, em áreas como a engenharia... Porque a engenharia é matemática aplicada. Basicamente é isso um engenheiro. Quem sabe aplicar matemática sabe resolver um problema. (BONNIE, INGENIERÍA, UTP).*

Não se está aqui nesta análise negando a importância da matemática para as engenharias ou invalidando o relato de Bonnie. Entretanto, os inúmeros questionamentos que foram levantados, depois dessa entrevista realizada em 2019, remetiam a: será que a engenharia é apenas a matemática aplicada? Quem não sabe aplicar a matemática, do modo que a professora coloca e entende como aplicação, não sabe resolver problemas em engenharia? Ou não sabe resolver problemas de toda ordem, uma vez que não se tem, de acordo com a professora Bonnie, o cimento, que seria o conhecimento em matemática?

E, pensando também a partir das reflexões trazidas pelo quadro 08: como se deu o processo de ensino e aprendizagem da matemática de pessoas da engenharia? Por que palavras aparecidas no enunciado da professora Bonnie da UTP, tais como **difícil** e **aplicar** parecem, na verdade, contradizer a palavra **transversalidade**? Não seria necessário saber conhecimentos da filosofia, sociologia, assim como de interpretação, abstração e formulação de texto para se entender um problema, uma equação, um teorema? Que interesses estão

imbuídos em quem ensina matemática para as engenharias? Que vieses culturais, de gênero, raça, sexualidade e classe perpassam o saber da matemática para a engenharia desta professora?

Não são perguntas simples de serem resolvidas e honestamente, para cada uma delas, seria necessário formular uma tese e, desde o mestrado lá em 2016, esta pesquisa encontra mais incertezas e dúvidas do que olhares fixos de um fenômeno... E ainda bem! Entretanto, se está partindo dos olhares situados, conforme Haraway (1995) postula, há possibilidades analíticas interessantes de se pensar a ciência e a tecnologia enquanto produções humanas interessadas, recheadas de disputas e interdisciplinaridades, circunscritas, enfim, em um escopo localizado e parcial. Uma vez que o conhecimento não vem do nada, não é puro, tampouco tem essência e a disciplina, conforme Foucault (2008; 2010; 2014), tem uma vontade de verdade em tornar-se eloquente em seus argumentos, fundamentos e esquemas.

É o que a professora Aurora, do programa de Ciencias de la Educación da UTP, apresentou ao responder a última pergunta da entrevista, no sentido da formação de novos doutores e doutoras

*(...) Não, eu creio que as perguntas que você fez foram bastante acertadas. Eu não sei (pensativa), de pronto que esperaria... qual é o aporte do doutorado ou dos doutores à sociedade? Porém eu acredito que a resposta é evidente: (gestos com as mãos) é aportar para a qualidade educativa, à transformação, à que desde a educação não somente impacte aos processos educativos, mas que também mostrem apostas que transcendam o social. Então que nós não nos concentremos que o estudante de doutorado aprenda conteúdos mas qual a influência desses conteúdos na aplicação com a sociedade e na melhora da qualidade de vida. Como fazer melhores seres humanos a partir da educação (AURORA, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)*

É importante ter esse olhar que a professora Aurora salientou, na formação de novos doutores e doutoras, acerca das apostas transcendentais para além do que um doutorando e doutoranda deve saber de tal campo do conhecimento. Mas necessário é também trazer o olhar dessa sociedade à universidade, de modo que transcenda o acadêmico e o entendimento de ciência, tecnologia e o próprio conhecimento<sup>73</sup>.

---

<sup>73</sup> É interessante as perspectivas que o texto jornalístico de Carlos Juliano Barros (2021) trata da tecnologia, partindo do exemplo recente e lastimável de bilionários irem ao espaço “fazerem turismo”, em meio ao contexto pandêmico global, acentuamento das desigualdades e, conseqüentemente, ao endurecimento de políticas públicas migratórias por parte das nações de elite. Se por um lado os conhecimentos científicos e tecnológicos empregados para a construção das espaçonaves podem direta e indiretamente influenciar a vida cotidiana, por outro esse entendimento tacanho e cartesiano da ciência e tecnologia, como assevera Carvalho (1998) nos fazem pensar nas perguntas: mas tecnologia para quem? Com quais finalidades? Ajunte-se ao fato de, nesse “fazerem turismo” descaracterizar e estereotipar ainda mais um campo de estudo sério, mas que, infelizmente, ainda é tratado de modo rudimentar, enquanto políticas públicas e planejamento, no Brasil. Uma vez que em certos casos pode materializar experiências racistas, sexistas, misóginas e lgbtfóbicas, inclusive no tocante as tecnologias utilizadas. Sobre este tema, Ferreira e Casagrande (2018; 2020b) escreveram dois textos abordando a temática.

Aliás, há uma passagem do texto da Haraway (1995, p. 37-38) que é belíssima enquanto ilustração argumentativa que poderia, muito bem, sintetizar toda a ideia defendida neste terceiro capítulo: de que olhares se está partindo no tocante ao conhecimento, ciência e tecnologia.

Reconhecer a agência do mundo no conhecimento abre espaço para algumas possibilidades desestabilizadoras, inclusive para a percepção de um senso de humor independente do mundo. Tal senso de humor não é reconfortante para os humanistas e outros que percebem o mundo como um recurso. Figuras ricamente evocativas estão disponíveis para visualizações feministas do mundo como um agente espirituoso. Não precisamos apelar para uma mãe primordial que resiste a se tornar recurso.

A partir desta Haraway (1995) irônica e cheia de humor, que tal pensar um pouco nos diálogos estabelecidos entre esses conhecimentos produzidos e a sociedade?

### 3.4 DIÁLOGOS. DIÁLOGOS? DIÁLOGOS!

Viu-se, ao longo de todo o terceiro capítulo, como é importante entender os contextos em que os relatos, dentro dos espaços da UTFPR e da UTP, foram produzidos, assim como as especificidades de cada país e universidade. Os relatos, trazidos para esta tese sob olhares parciais e circunscritos a uma realidade pontual e íntima do pesquisador, são pertinentes para reafirmar acerca da inexistência de se produzir verdades unas, neutras e universais.

Cada vez em que se percebia nas falas a hierarquização, somada à rigidez cartesiana entre o que se entende por ciência e tecnologia, perde-se oportunidades outras de pensar a universidade, a formação de novos/as graduados/as e os diálogos (ou não) estabelecidos com a sociedade. É o que a pesquisa quantitativa, da dissertação, já apontava desde 2016, mas, de modo tímido todavia

Problematizar os dados consultados para esta dissertação, e que estão dispostos nas bases oficiais, remete a discutir os próprios modos de se produzir C&T na universidade e programas estudados. Remete também à forma como se publicizam estes dados para a comunidade (FERREIRA, 2017, p. 107).

É certo, também, que produzir conhecimento em espaços com cada vez menos recursos públicos, acrescidos ao desgaste da carreira docente e de pesquisador/a, dificulta ainda mais se entender o discurso produzido na universidade por segmentos da sociedade. Está aí a realidade do Covid-19 para escancarar mais a tragédia anunciada, há anos, acerca da desvalorização do trabalho acadêmico que ocorre nos dois países e a falta de insumos, pessoas, dinheiro e tecnologias nos laboratórios, institutos e centros de pesquisa, apenas para citar um exemplo. Soma-se, ainda a essas questões, segmentos da sociedade tacanhos,

perversos e reacionários, dizendo que a todo instante que o que se faz, se fez e se fazia nesses espaços, é balbúrdia<sup>74</sup>. Essas questões podem ser perceptíveis no relato de Quintín

*Primeiro, eu considero que em Colômbia se pesquisa muito pouco, porque... Primeiro, (gestos com as mãos) eu creio que Colômbia não é um país em vias de desenvolvimento, é um país subdesenvolvido, porque os países em vias de desenvolvimento são aqueles que eu considero, deveriam ter um alto nível de pesquisa e de educação. Refletido também no PIB, percentualmente falando. Em Colômbia, se você olha... É muito pouco o que se destina à educação. Creio que não chega nem a dois por cento, ou seja, é muito baixo. Então eu acredito que pelas pesquisas realizadas na Colômbia, é muito baixo o que se destina, é limitado. Aqui na universidade, por exemplo: o orçamento para a pesquisa é muito pouco! (...) O docente, o professor, se é muito inquieto, ele trata de fazer alguma coisa. Mas (gestos com as mãos) com suas mãos, com suas unhas, como dizemos por aqui. É muito pouco o que se destina aqui. Mas hoje aumentou, nem que seja por tentativa. Tem professores que tentam, 'esse professor tentou fazer algo,' entende? Aqui temos uma diretoria de pesquisa e ensino, na universidade, mas como eu te digo... É muito limitado. Igual à carreira docente. (QUINTÍN, INGENIERÍA, UTP)*

Por outro lado, quando se pensam nos diálogos com a sociedade, é importante também reconhecer que a academia é um espaço privilegiado/elitizado da produção do conhecimento e de disputas de narrativas, pensando nessas disputas conforme o já citado Foucault (2008; 2010; 2014); ademais de políticas públicas criadas e relativamente recentes<sup>75</sup> de acesso e permanência de estudantes.

---

<sup>74</sup> Em uma rápida busca no Google, a palavra balbúrdia, esta um substantivo feminino, remete à trapalhada, complicação e confusão. Nomeações, neste caso, que muito bem poderiam ser aplicadas à desastrosa forma com que certos governos, ao redor de todo o mundo, conduziram a pandemia. Vide o trágico caso brasileiro: excetuando o período de escravização oficial e o genocídio de populações africanas e indígenas, é um dos períodos históricos onde mais se morreu gente em tão pouco tempo e a naturalização dessas mortes, bem como de todas as desigualdades envolvidas, é um escárnio. Entretanto, se observar um pouco mais, esses discursos violentos explicitados pela pandemia tem sua raiz, ademais da ignorância sistêmica, na deslegitimação de espaços que contestam. Vide a passagem conturbadíssima de um dos ministros da educação do atual governo federal, uma vez que foi ele quem disse que o que se fazia nas universidades era balbúrdia. Reportagem de João Ker (2020), de fevereiro do ano passado, portanto antes da deflagração da pandemia Covid-19, sintetizava algumas das atitudes e declarações espantosas do então ministro da educação, tomadas durante sua gestão. Aqui há a escolha política em não nominar este sujeito neste trabalho. Link: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia.c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html>

<sup>75</sup> São citados como exemplo, no caso brasileiro, a Lei nº 12711 de 29 de agosto de 2012 (BRASIL, 2012), que estabelece nas instituições federais cotas de acesso de estudantes de escolas públicas, bem como de renda de até um salário mínimo e meio por pessoa da família e de cotas raciais e étnicas, dando uma outra cara à universidade pública e gratuita brasileira. Também há o Projeto de Lei nº 3489/2020 (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2020), em tramitação na Câmara Federal, que objetiva estender as políticas de ingresso de cotas também à pós-graduação, alterando a Lei nº 12711/2012, uma vez que as iniciativas, dentro da pós-graduação, todavia são pontuais. Já no caso colombiano, para além das bolsas disponibilizadas pelo Colciencias e que são poucas, há o Decreto nº 978, de 07 de junho de 2018 (REPÚBLICA DE COLOMBIA, 2018), que regulamenta as condições para acesso de bolsas à estudantes de estratos baixos (1,2 e 3) ao ensino superior. Porém a natureza desta lei em particular diverge da brasileira, uma vez que esta depende de doações e de deduções de impostos, para que os recursos sejam aportados às universidades e finalmente aos/as estudantes, tanto públicas quanto privadas. Há também o Instituto Colombiano de Crédito Educativo y Estudios Técnicos en el Exterior, o ICETEX (2021), que objetiva fornecer crédito a estudantes que desejam realizar seus estudos. Há algumas similaridades com os brasileiros Fundo de Financiamento Estudantil - Fies, e o Programa Universidade Para Todos, o Prouni.

Assim como, também, da realização de projetos de extensão que objetivam, para além de sua devida importância, mitigar essas imagens/sensos comuns de uma academia completamente distante e desconectada da sociedade. Mesmo que na pós-graduação brasileira e colombiana especificamente, essas discussões das cotas, por exemplo, são mais recentes e, como já mencionado anteriormente, haja características diferentes em cada país.

Neste sentido, o professor Alfonso, do Programa de Ciencias de la Educación da UTP, menciona eventos complexos da história recente colombiana, e como os diálogos com a sociedade poderiam estar mais conectados com questões que marcam a cotidianidade do país

*Eu acredito que esse diálogo é um pouco tímido e um pouco lento (gestos com as mãos) A universidade... Eu sinto que está um pouco desconectada dos contextos da vida social. Nós estamos encerrados (gestos com as mãos) nos termos do que produzimos, dos nossos problemas que são um pouco diferentes dos problemas sociais ... Todavía pesquisamos coisas que tenham relação com os nossos interesses particulares. Então aí me parece que há um problema que se vive de maneira latente. Não somente na pesquisa, mas em torno da construção do currículo das universidades, não somente nos níveis de graduação mas nos níveis de pós-graduação... Mestrados e doutorados... (Gestos com as mãos) Me parece que há, de alguma forma, uma desconexão... Que pouco a pouco começa a se trabalhar um pouco... Pensar nos problemas associados ao pós-conflito, aos problemas associados dos processos de paz, associados à integração da sociedade. Porém eu sinto que todavía há uma distância muito grande entre o que fazemos, o que nos preocupa enquanto universidades...E entre o que se faz e se preocupa à sociedade. (ALFONSO, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP).*

Do mesmo modo, a fala da professora Lélia, do PPGTE e reproduzida a seguir, é bastante pertinente para alertar que embora esses espaços sejam elitizados, há sim conexões com a sociedade que precisam ser valorizadas/reconhecidas, conforme a totalidade das/os docentes mencionaram em suas entrevistas: quer de um jeito cartesiano e hierárquico entre a academia e a sociedade, quer de um jeito mais integrativo, crítico de seus papéis e interdependente.

De modo algum se percebe aqui que o relato a seguir de Lélia é destoante de seu colega colombiano, Alfonso, do programa interdisciplinar. São complementares, e considerando os *lócus* sociais de cada docente, há a preocupação de se pensar em uma universidade mais diversa, democrática, sensível ao contexto local e mais conectada da cotidianidade

*Olha: (gestos com as mãos) eu acho que a gente precisa ter muito cuidado quando vai responder esse tipo de questão, porque a gente corre o risco de validar o senso comum, que diz que a universidade está desconectada. Claro que temos problemas, temos uma tendência elitista, temos uma tendência de olhar pro próprio umbigo dentro da universidade, mas existem também muitas iniciativas de trabalho com a comunidade, de extensão, de preocupação com questões candentes no contexto social. Então acho que apesar de a estrutura estar montada pra funcionar, no*

*sentido de reproduzir um determinado status quo, né... com essas estratificações todas de favorecer um determinado tipo de conhecimento em detrimento de outros, que não são validados, que não são reconhecidos, que muitas vezes não estão dentro da universidade, não é... apesar disso eu acho que a gente tem iniciativas muito bacanas. Tanto no que diz respeito a extensão, quanto nas próprias pesquisas que são feitas nos cursos de pós-graduação, quanto na situação das cotas (sociais e raciais). Eu acho que as cotas são muito importantes no sentido de... por isso que as cotas incomodam tanto: porque muda o perfil da universidade e isso de certa maneira demanda uma mudança dos próprios professores e professoras, das coisas que tão sendo colocadas como válidas ou não, em termos de conhecimento. Então as cotas são fundamentais no sentido de abrir a produção do conhecimento por meio de um questionamento, de um enfrentamento que se dá, né... no momento em que existe um corpo de pessoas mais heterogêneas dentro da universidade e que quer ser enxergar lá dentro, não é? (LÉLIA, PPGTE, UTFPR)*

É possível pensar em conexões interteóricas, se é que se pode escrever deste modo, quando a entrevistada Lélia menciona acerca do incômodo que as cotas sociais e raciais causam nas universidades brasileiras e com o que Ribeiro (2017) tratou em seu texto, acerca da obrigação de grupos sociais privilegiados perceberem que certas atitudes, comportamentos, falas e ações, enfim... Cada vez mais são e serão questionadas.

No entanto, é bom salientar que questionamentos esvaziados de proposições críticas e, principalmente reconstrutivas da realidade social, como salienta Alcoff (2016), de nada servem senão para transformar os discursos produzidos em apenas interditos e em representatividades bastante problemáticas, por vezes diretamente violentas. Já nos anos de 1990, Alcoff (1992, p. 8. Tradução nossa)<sup>76</sup> asseverava, ao pensar no conceito de lugar de fala, que

Nenhuma solução fácil para este problema pode ser encontrada simplesmente restringindo a prática de falar pelos outros para falar por grupos dos quais um é membro. Além disso, adotar a posição de que só se deve falar por si levanta questões igualmente problemáticas

E, pensar em epistemologias reconstrutivas requer, nos espaços da academia e para citar um exemplo, o que bem pontuou a entrevistada Lélia: mudar as coisas que são postas e naturalizadas como válidas ou não válidas em termos de conhecimento. Muda-se, assim, a própria noção do que é conhecimento e objetividade, conforme já asseverou Haraway (1995). Mudam-se, assim, as formas dos diálogos produzidos, que certamente irão produzir disputas e outros sistemas de controle e poder.

Novamente a professora Lélia é chamada, para pensar aqui de que lugares esses sujeitos estão falando, provocação que deu título a este terceiro capítulo

---

<sup>76</sup> Texto original: “No easy solution to this problem can be found by simply restricting the practice of speaking for others to speaking for groups of which one is a member. Moreover, adopting the position that one should only speak for oneself raises similarly problematic questions” (ALCOFF, 1992, p. 8).



*O próprio enfrentamento que existe entre as hierarquias de quem sabe e quem não sabe dentro da academia, quem pode falar e quem não pode, também eu acho que é uma dificuldade de lidar com isso, né? E muitas vezes eu sinto também que falta também.... As vezes as pessoas não sabem muito bem o que é pesquisa, né? Fazem uma outra ideia quando chegam aqui, talvez não seja bem isso que elas queriam, porque... muitas vezes a gente vê também uma certa falta de engajamento, uma certa falta de envolvimento que se espera, né? Mas que eu acho que tem a ver com esse encontro com uma coisa nova mesmo, né? Se as vezes idealiza algo, romantiza o negócio achando que vai ser um... Quando se vê o buraco é mais embaixo, daí (risos)... (LÉLIA, PPGTE, UTFPR)*

Outra vez é o riso da Lélia que, para este pesquisador que desde 2016 é provocado pelos caminhos da pesquisa, está conectado com as costuras de Foucault (2014), pensadas para dialogar com um discurso

Há, sem dúvida, em nossa sociedade e, imagino, em todas as outras, mas segundo um perfil e facetas diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso (FOUCAULT, 2014, p. 47-48).

Foram diferentes costuras que ajudaram a materializar os pontos A e B da trilha analítica. É sabido que os lugares discursivos dos/as docentes ouvidos/as na pesquisa e as funções dos seus discursos tanto oprimem quanto são oprimidos, tanto podem conter violências quanto também são extremamente necessários e combativos a injustiças, uma vez que estes são reflexos de um tempo, espaço e história. Se é celebrada hoje presenças como a da já citada professora, artista e pesquisadora travesti Oliveira (2017) na academia, ao mesmo tempo sabe-se que é preciso avançar nos olhares e modos de se pensar ciência e tecnologia, tal como refletido nos excertos dos relatos trazidos.

Foram os olhares situacionais, localizados e circunscritos deste pesquisador negro, gay e latinoamericano, que intercambiaram com os lugares de cada pessoa que esteve em contato com esta pesquisa, desde lá em 2016. Parafraseando Foucault (2014): o medo de dizer as coisas no mestrado e doutorado (ou a logofobia), pouco a pouco foi se transformando apenas em entender que retirar a soberania do significante em um discurso, requer finalmente pensar em verdades, jamais Verdade com v maiúscula e no singular.

Por isso a genialidade da canção de Joe Arroyo (1999), que também serviu para dar nome a este capítulo: sem estar na academia (e nem precisava, diga-se), esse afrocolombiano já detinha olhares de verdades livres, situadas e críticas à historiografia há muito tempo. Tudo isto combinado a muita salsa, resistências e diálogos.

#### 4 QUIS O QUE NÃO QUERIA, COLOCOU A MESA E DEPOIS DESFEZ: CONVERSANDO SOBRE ÀIMÒTOLÓGIAS

A partir da trágica história de Inês de Castro (1325?-1355)<sup>77</sup>, a única rainha portuguesa coroada postumamente, Denis Mariano, Octavio Camargo e Janine Mathias (2021) deram, em sua composição musical, outros sentidos à história de amor, poder e violências de gênero vividas no século XIV por essa mulher, brutalmente assassinada por três nobres, a mando do rei Dom Afonso IV.

Motivo? Inês, considerada na época filha ilegítima de um nobre, tinha um relacionamento com o filho de Dom Afonso IV, o futuro rei Pedro I de Portugal. Inês não era considerada adequada para o futuro rei, tanto que mesmo com um casamento arranjado e, mais tarde, da morte de sua esposa, Pedro I e Inês de Castro mantiveram a relação, sendo essa considerada um escândalo para a corte portuguesa. Aproveitando de uma saída para caça de Pedro, seu pai, também por pressão da corte, ordena o assassinato de Inês. Assim que seu pai falece, Pedro I, o novo rei, manda coroar Inês como rainha póstuma de Portugal e mata dois dos três nobres que a assassinaram.

Inês Rainha, o nome da composição materializada na voz de Janine em 2020, durante a pandemia do Covid-19 e enquanto estava grávida, chama à letra da música outras mulheres pouco reconhecidas ou esquecidas historicamente, para dialogar com a história da portuguesa Inês de Castro. Tal como Clementina de Jesus (1901-1987)<sup>78</sup>, sambista, cantora e compositora negra brasileira, que apenas aos 63 anos de idade começou a ser ouvida e conhecida nacionalmente. Janine Mathias, em sua condição de uma mulher negra brasileira, cantora e compositora, circunscrita em Curitiba, explica o sentido da canção e dessas mulheres relatadas, ao portal Top Wiew (2021, online)

Aos meus ouvidos, Inês é sobre uma mulher que não tolerou a opressão, tudo a ver com o que sou e com o que nós mulheres lutamos todos os dias. Podem tentar, mas nada nos destituirá. Ela reina em toda mulher que faz de sua existência uma revolução.

<sup>77</sup> É possível consultar a história completa de Inês de Castro a partir da fundação que leva o seu nome. Criada no ano de 2005, esta objetiva promover a memória e a história desta mulher e de lugares que ela passou (FUNDAÇÃO INÊS DE CASTRO, 2021). Link: <https://fundacaoinesdecastro.com/ines-de-castro/>

<sup>78</sup> Conforme tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, de Carlos Alberto Silva da Silva (2016), tendo como título: Clementina de Jesus: um corpo cultural, ancestral e da indústria cultural.

É possível conectar a história da canção composta por Mariano, Camargo e Mathias (2021), com a saga da menina Àimò, narrada no conto do já citado Prandi (2017). Esta menina esquecida, sem a memória coletiva que Gonzalez (1984) mencionou em seu texto, a que não tinha história porque foi escravizada em África, separada de sua família quando veio para o Brasil colonial, morta de tifo, enfim... Também não aceitou essas violências, uma vez que mesmo sem essa memória, Àimò queria saber seu nome e principalmente quem ela era, enquanto estava em Orun. Queria deixar de ser a menina desconhecida.

De seu choro e de sua vontade de verdades que a fizesse livre, pensando agora também a partir de Foucault (2008; 2010; 2014), a menina Àimò de Prandi (2017) denunciou em sua história como é que a ignorância<sup>79</sup>, mais do que apenas desconhecimento individual de algo (e, portanto, inerente à condição humana), pode ser utilizada para confundir, enganar, levar ao erro e violentar coletivamente.

Sobre a ignorância: na década de 1980 o pesquisador australiano Michael Smithson (1985) já explicitava nesse texto, que hoje é uma das referências no campo de estudo, os motivos do porquê ela deveria ser estudada a partir de outros atributos, que não a remetessem apenas ao negativo, a individualidade, a ausência do saber e, portanto, à marginalidade.

Para Smithson (1985), seria mais pertinente dizer que a ignorância se trata de uma construção social, produtiva, coercitiva, negociada e, ainda, recheada de disputas nos processos de socialização dos sujeitos, até em razão da ignorância possuir efeitos diversos na vida cotidiana.

Por isto, para o autor, conceitos como ideologia, dentro de perspectivas marxistas<sup>80</sup> por

---

<sup>79</sup> A tese de doutoramento de Lenin Bicudo Bárbara (2018), defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, estabelece uma abordagem sociológica da ignorância muito interessante, neste sentido é citada aqui como referência complementar para aprofundamento do tema, a quem possa interessar. O autor tomou como exemplos analíticos a homeopatia e o masculinismo, crenças estas consideradas para ele insustentáveis, frente as considerações tecidas na tese sobre o que seria conhecimento e ignorância. Bárbara (2018) buscou estudiosos/as que dialogaram com perspectivas da sociologia cognitiva e cultural. Não é o objetivo desta tese do PPGTE apresentar uma espécie de genealogia da ignorância, uma vez para além do tempo e espaço deste trabalho serem outros (circunscritos em um programa interdisciplinar), há também uma produção vasta nos campos da filosofia, literatura, sociologia, psicologia e antropologia, apenas para citar alguns, com diferentes olhares e modos de entendimento sobre a ignorância. O que está sendo costurado, nesta tese, é apenas mais um desses, sob uma perspectiva situada e interdisciplinar.

<sup>80</sup> Sobre este tema, ideologia: é importante salientar que existe diferenças de sentidos, significados, aplicações políticas e interpretações dentro do campo marxista, o que torna difícil e complexa a tarefa de conceitua-la nesta tese. Ademais, é cuidadoso e honesto entender os contextos históricos em que conceitos, categorias e aportes teóricos foram utilizados, sob pena de esvaziamento total, distorção e descaracterização do que se disse, se escreveu, se pensou, se aplicou, tão comum nestes tempos atuais. Taí as *fake news* como exemplo dessas distorções. Aqui são recomendadas duas leituras para aprofundamento sobre o tema ideologia: a primeira se trata do livro *A ideologia Alemã*, de Karl Marx e Friedrich Engels (2007), onde ali é possível perceber como estes autores costuram o entendimento de ideologia aplicada a seu tempo, enquanto o contrário de uma realidade social que não oprima a classe trabalhadora, portanto pensado por uma perspectiva crítica negativa, falando aqui muito simplificadamente. A segunda leitura recomendada se trata do livro de Marilena Chauí (2008), onde esta

exemplo, podem não dar conta de entender e abarcar, acerca da complexidade da ignorância de outros lugares, que seja apenas dentro de um subitem da ideologia

A ignorância é multifacetada e seu papel na vida social geralmente não é o oposto do papel do conhecimento. Que a ignorância é socialmente construída decorre da observação de que é virtualmente impossível falar inteligivelmente sobre ignorância sem se referir pelo menos de maneira implícita, a um padrão social de verdade e falsidade, ou irrelevância. A ignorância é possível pela própria natureza da interação social e da linguagem; e está incorporada em uma variedade de normas sociais, ocasiões, configurações, papéis, roteiros e identidades. A ignorância também é negociável e pode ser estrategicamente criada ou manipulada. A natureza multifacetada da ignorância também deveria estar evidente agora, especialmente em termos de uma divisão entre cognições errôneas e irrelevantes. Segue-se que a fronteira entre conhecimento e ignorância é complexa, e que as pessoas possam "administrar" estrategicamente esse limite<sup>81</sup> (SMITHSON, 1985, p. 168. Tradução nossa. Grifos do autor).

Pensando a partir de Smithson (1985), poderia ser citado como exemplo um/a pesquisador/a encontrar em sua pesquisa resultados totalmente diferentes do planejado, advindos de caminhos outros que, durante o processo de escolha dos aportes teóricos/metodológicos e realização de um trabalho de campo, foram deixados de lado intencionalmente no início da pesquisa.

O que se quer registrar, tomando como fundamento inicial Smithson (1985), é que a ignorância está também atrelada ao conhecimento, é seletiva e, em certos casos, pode ser intencionalmente produzida para gerar determinados efeitos. Este sentido de entender a ignorância permite que se pense para além do *nescius*, o sujeito considerado ignorante, retirando a carga totalmente negativa imposta ao seu conceito, bem como da única responsabilização dada ao sujeito ignorante. Ademais, enquanto teoria social, ela é coletiva.

Assim, é possível entender, sob a ótica da ignorância de Smithson (1985), o papel desastroso das *fake news* contra determinados grupos sociais e/ou a instituições, bem como estas servem para fins ideológicos e políticos diversos. O texto jornalístico de Matheus Pichonelli (2020, *online*) é pertinente para se entender das dimensões que uma notícia falsa pode gerar na pandemia, por exemplo

---

autora procura fazer uma espécie de quadro analítico sobre o que poderia ser entendido de ideologia. Seu entendimento particular também se aproxima do conceito de Marx e Engels (2007).

<sup>81</sup> Texto original: Ignorance is multifaceted, and its role in social life often is not the opposite of the role of knowledge. That ignorance is socially constructed follows from the observation that it is virtually impossible to speak intelligibly about ignorance without referring at least implicitly to a social standard of truth and falsehood, or irrelevance. Ignorance is made possible by the very nature of social interaction and language; and it is embedded in a variety of social norms, Occasions, settings, roles, scripts, and identities. Ignorance also is negotiable and may be strategically created or manipulated. The multifaceted nature of ignorance should also be evident by now, especially in terms of a division between erroneous and irrelevant cognitions. It follows that the boundary between knowledge and ignorance is complex, and that people may strategically "manage" that boundary (SMITHSON, 1985, p. 168).

Antes de serem desmentidas, as notícias falsas ou erradas circulam livremente na corrente sanguínea das redes, tirando do isolamento e dando a sensação de pertencimento a cidadãos desinformados que se conectam e passam a ser direcionados e municiados com os argumentos mais fajutos. A mesma rede que permite viajar, baixar livros, filmes ou fazer visitas virtuais a museus do mundo todo colocou na mesma linha do tempo quem queria apenas postar fotos de gatinhos ou despejar a frustração com um mundo num sábado à tarde. São o alvo fácil para quem jura ter explicação sobre todos os seus fracassos profissionais, existenciais e morais. Como Sherazade, grupos organizados entregam meias verdades e teorias da conspiração a conta gotas para prender a atenção dos cidadãos que entram no negócio com apenas dois ativos: medo e raiva.

O texto de Pichonelli (2020, *online*), chamado de Pandemia da Ignorância, é didático ao conceituar a ignorância e o sujeito ignorante, dando como exemplo a tragédia da pandemia do Covid-19 e a condução tomada pelo governo federal à época da publicação do texto.

Em março, ele anunciou que o número de infectados pelo coronavírus na região norte do país era pequeno, porque grande parte da população local usava a cloroquina como "vacina" contra a malária. Semanas depois, o colapso no serviço de atendimento de saúde e funerário em Manaus precisou ser desmentido com mentiras de que caixões eram enterrados vazios com o intuito apenas de apavorar a população.

Sob esse olhar, chega a ser desrespeitoso e ultrajante às memórias das milhares de pessoas falecidas em decorrência do Covid-19 no Brasil, bem como de suas famílias enlutadas, de que a condução pelos poderes públicos municipais, estaduais e principalmente o federal, foi desastrosa e atrapalhada. Em realidade, se pensarmos na menina Àimò de Prandi (2017), o período sanitário cruel que o país vive é sim um projeto político articulado e, até o presente momento, tem sido muito bem conduzido por essa gente perversa.

Àimò foi arrancada de sua terra, sua cultura e sua família, para vir a falecer de tifo, longe de tudo, nem sendo tratada como gente. E, se não fosse sua coragem, ela simplesmente seria ignorada de ter o direito saber quem era e, finalmente, de poder expandir seus olhares. A menina ignorada, parafraseando a Inês Rainha de Mariano, Camargo e Mathias (2021), desfez essa mesa feita para ela: a mesa do desconhecimento e da ignorância sistêmica, perversa, coletiva.

É sobre isto que este capítulo irá tratar: de como são percebidas lacunas de ignorância nos discursos, as àimòtologias sobre raça, gênero e sexualidade, a partir do item C da trilha analítica, aplicadas às entrevistas realizadas com docentes da UTFPR e UTP.

#### 4.1 AGNOTOLOGIA, O TERMO ÀIMÒTOLÓGICO E O CONCEITO DE ÀIMÒTOLÓGIA

Assim como Smithson (1985), o já citado historiador e cientista estadunidense Proctor (2008) entende a ignorância enquanto uma produção cultural, de maneira que o olhar para ela seja pensado para além do sujeito ignorante e do vazio/ausência do conhecimento

Precisamos pensar sobre a produção consciente, inconsciente e estrutural da ignorância, suas diversas causas e conformações, sejam provocadas por negligência, esquecimento, miopia, extinção, sigilo ou supressão. A questão é questionar a *naturalidade* da ignorância, suas causas e sua distribuição (PROCTOR, 2008, p. 3. Tradução nossa. Grifo do autor)<sup>82</sup>

Neste sentido, no ano de 1992, Proctor (2008) convida o linguista Iain Boal para pensar na criação de um termo que pudesse contemplar o que ele defende como uma ciência da ignorância, chegando ao termo e conceito de agnotologia. “Minha esperança para conceber um novo termo era sugerir (...) a historicidade e artefactuação do não-saber e do não-conhecido – e a fecundidade potencial de estudar essas coisas” (PROCTOR, 2008, p. 27. Tradução nossa)<sup>83</sup>

Esta palavra, a agnotologia, é a junção de dois termos gregos: O primeiro é *agnosia*, que remete a estados do não saber, uma vez que a letra a tem a função de negação de *gnosis* ou estados do saber. O segundo, *logia*, advinda de *logos*, que pensando a partir das postulações do filósofo Heráclito (540 a.C-470 a.C) poderia ser traduzido, para esta tese, como noções da razão, também levando em consideração o trabalho de Celso de Oliveira Vieira (2010)<sup>84</sup> sobre *logos*.

Para além dos dois termos gregos que inspiraram a formação da palavra e conceito de agnotologia, Proctor (2008) e seu colega Iain Boal, pensando na composição desta, acrescentaram a letra t enquanto função de marcador pessoal, no sufixo *ologia*, formando *agno + t+ ologia*.

O que é interessante e perceptível, na história relatada por Proctor (2008), é que essa

---

<sup>82</sup> Texto original: We need to think about the conscious, unconscious, and structural production of ignorance, its diverse causes and conformations, whether brought about by neglect, forgetfulness, myopia, extinction, secrecy, or suppression. The point is to question the *naturalness* of ignorance, its causes and its distribution (PROCTOR, 2008, p. 3).

<sup>83</sup> Texto no original: “My hope for devising a new term was to suggest (...) the historicity and artifactuality of non-knowing and the non-known-and the potential fruitfulness of studying such things (PROCTOR, 2008, p. 27).

<sup>84</sup> A dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, de Vieira (2010), procurou estabelecer uma discussão crítica sobre o que este filósofo, nascido na atual região pertencente à Turquia, entendia sobre cosmologia, epistemologia e lógica. Vieira (2010) utiliza em seu trabalho o termo noção, em vez de conceito, uma vez que *logos*, dependendo do contexto, pode ter outros sentidos nos discursos. Aqui para esta tese, também utilizaremos o termo noção para referir a *logos*, uma vez que converge com todo o olhar situado, parcial e localizado adotado, a partir de Haraway (1995).

função de marcação da palavra não tem apenas um sentido e sonoridade linguística, mas também remete à personalidade do próprio pesquisador, que como já foi dito, se debruçou a entender como se dava essa ignorância dentro de laboratórios, centros de pesquisa e institutos, apresentando a forma como a indústria do tabaco e determinados grupos de cientistas subservientes a esta, lidaram com dados que mostravam os efeitos nocivos do cigarro às pessoas, simplesmente escondendo as informações do grande público.

De todas essas considerações, salienta-se que desde a primeira vez em que o autor deste trabalho começou a ler textos que versavam sobre a agnotologia, lá em 2016, havia muito interesse em entender o modo como a ignorância, para além de ser um elemento da vida cotidiana, poderia ser utilizada coletivamente para fins perversos. Em particular, o texto da já citada Schiebinger (2014), acerca dos vieses de gênero aplicados ao conceito de agnotologia, à época da leitura em uma das disciplinas obrigatórias da linha de pesquisa de mestrado, permitiram visualizar como é que se davam os pontos cegos da ciência e tecnologia produzidas.

Entretanto, cada vez em que a pesquisa avançava, surgiam inúmeras questões latentes e incômodas: como pensar a agnotologia partindo de outros lugares? O que é que se estava deixando de enxergar nesses espaços acadêmicos tão complexos? Por que é que pensar o conhecimento tem de ser fonte de sofrimento (inclusive valorizado!), como certas vezes se ouviu nos corredores da UTFPR, em algumas disciplinas cursadas, em rodas de conversas com colegas pesquisadoras/es e mais recentemente, durante momentos da realização do trabalho de campo? Como fugir de reproduções de comportamentos aparentemente sutis, mas violentos, no tocante ao conhecimento, gênero e raça?

Quais eram as reais intencionalidades das/os docentes, escondidas em discursos do método científico/investigativo, tão necessários às pesquisas? Que raio de objetividade é essa, que falam como se fosse um ente universal e fixo, que inclusive influencia a forma de apresentação, linguagem e escrita de textos acadêmicos há bastante tempo, dizendo o que seria uma tese e o que não seria, por exemplo? Haverá emprego decente depois de todo esse processo de cinco anos, entre mestrado e doutorado? E, se houver, como será?

E finalmente: Por que, por mais que se pregue e se busque a interdisciplinaridade, a isonomia, a neutralidade e o livre acesso, ainda é difícil por vezes conseguir se enxergar, e se sentir pertencente a esses espaços acadêmicos, sendo marcadamente um homem negro, de origens pobres e gay?

Primeiro: que em certos processos de socialização, requer o entendimento de que

“desvantagens” de ordem cognitiva, moral, de gênero e de espaço, pensando espaço a partir de Milton Santos (1996) e as metamorfoses políticas da geografia dos espaços habitados, são intencionais, fabricadas e postas em operação para reforçar uma imposta ontologia negativa<sup>85</sup>. Por esse motivo se entende, por exemplo, que raça é inventada, mas o curioso é que quem inventou a raça desconsidera que também é racializado, uma vez que esse povo que se arrogou como universal realmente acha que é o modelo ideal, neutro e arracial de sujeito. Por isso a cegueira quando uma recrutadora de recursos humanos de uma empresa multinacional, por exemplo, disse que não contrata negros/as, gordos/as, pessoas LGBTI+ e que contrata seres humanos, indiferente dos “itens”<sup>86</sup>. Essa mulher, branca inclusive, foi aplaudida por inúmeros outros recrutadores/as de outras grandes empresas na postagem em rede social, em sua maioria brancas/os também. Fica a pergunta: quem seriam esses seres humanos, para ela, para essas/es outras/os recrutadoras/es e, principalmente, para as empresas?

Segundo: que esse modelo ideal imposto de sujeito universal, que tem raízes na colonialidade pela ocidentalidade<sup>87</sup>, registre-se, perpasse para todos os campos da atividade humana, e por vezes é difícil de ser percebida as suas gêneses violentas. Sobre este ponto, o pesquisador jamaicano Charles Wade Mills (2008; 2018), ao discutir a ignorância branca, afirma que enquanto houver normativas que atestem a “igualdade” de sujeitos em um grupo, no tocante a direitos e deveres, mas que não se reconhecem o longo histórico de privilégios que pessoas brancas tiveram, o que se tem na realidade é um apagamento das desigualdades estruturais violentas e de outras fontes de dominação.

Terceiro: pensando ainda a partir de Mills (2008; 2018) e chamando a já citada Gonzalez (1984; 1988), embora partam de matrizes epistemológicas/temporais diversas: a memória é fundamental para a constituição de resistências políticas nessas identidades marcadas. Sendo assim, é ela quem irá desmascarar essas irracionalidades fundamentadas em uma ignorância branca de sujeito universal, que pode perpassar inclusive como se pensa o conhecimento, a ciência e a tecnologia.

Citam-se dois exemplos para explicitar este terceiro ponto: a pesquisa realizada por Vander Luiz Lopes dos Santos e Anna Maria Canavarro Benite (2018), acerca do repensar os

<sup>85</sup> Categoria trabalhada pelo já citado professor Queiroz (2013), em sua tese acerca de Frantz Fanon, racismo e a tecnologia. Por essa razão as aspas em desvantagens, nesta frase.

<sup>86</sup> Esse caso foi denunciado na rede social de um rapaz chamado Antonio Isuperio (2021). O rapaz, inclusive, narra nessa postagem a sua experiência de racismo vivida, ao ter dificuldades em conseguir trabalho, mesmo com qualificação. Link: <https://www.instagram.com/isuperio/>.

<sup>87</sup> Uma importante referência para os estudos sobre o colonialismo é Aimé Césaire (1978). Em seu livro, o autor questiona ideias como civilização e a humanidade, circunscritas dentro do sistema capitalista, ao qual fortemente ele critica. Propõe pensar humanidade a partir de outros lugares que não estejam fundamentados na desumanização das relações entre o colonizado e colonizador.



conhecimentos e o ensino, no campo da química, para a promoção de uma educação antirracista, é um modo de desestabilizar as noções universais de sujeito, asseverado por Mills (2008; 2018) e Gonzalez (1984; 1988), mesmo que suas costuras teóricas partam de lugares distintos. Do mesmo modo, o trabalho de pesquisa e divulgação científica realizado pelo Laboratório Humano de Estudos, Pesquisa e Extensão Transdisciplinares em Integralidade do Cuidado em Saúde e Nutrição, Gêneros e Sexualidade, o LABTRANS, coordenado até então pela Professora Doutora Fran Demétrio<sup>88</sup> (DEMÉTRIO *Et. Al.*, 2018), também vão nessa linha de valorização da memória enquanto campo de construção de lutas políticas e lutas dentro do campo científico. Neste segundo exemplo, ações desenvolvidas pelo LABTRANS, como o Transcine, que é uma atividade de extensão de exibição de vídeos à comunidade acadêmica e externa, primam por discutir criticamente questões de gênero, raça, saúde e sexualidades, especialmente voltadas à grupos sociais estigmatizados.

A partir dos dois exemplos explicitados neste terceiro ponto, Mills (2018, p. 435. Grifos do autor), afirma sobre a ignorância branca

A ignorância branca tem sido capaz de florescer todos esses anos porque uma epistemologia da ignorância branca a protegeu contra os perigos de uma negritude e uma vermelhidão iluminada, protegendo aqueles que, por razões “raciais” precisaram não saber. Apenas ao começarmos a quebrar essas regras e meta-regras é que podemos começar o longo processo que irá levar à eventual superação dessa escuridão branca e à realização de um esclarecimento que é genuinamente multirracial.

Neste sentido e para além dos entendimentos acerca da agnotologia de Proctor (2008) e Schiebinger (2014), bem como dos entendimentos de ignorância das/os autoras/es citadas/os, aliados ao conjunto de questionamentos suscitados durante todo o processo de pesquisa, realizou-se nesta tese um esforço de dialogar com os sentidos e significados da ignorância a partir das ancestralidades afro, dadas também as aproximações e interesses pessoais deste pesquisador. Por quê? Justamente pensando, também de outros lugares e localizações discursivas, o conhecimento produzido nas universidades e centros de pesquisa, ao mesmo tempo em que não se imputa a um “nicho” de discussões a cultura e ancestralidades afro, circunscritas a tratar apenas de racismos e religião, por exemplo.

A dissertação da já citada Iyagunã (2013) é um belo e real exemplo do tímido esforço

---

<sup>88</sup> Aqui é dever de se registrar o pesar e a dor do falecimento da líder do LABTRANS, professora Fran, primeira professora trans da Universidade Federal do Recôncavo Baiano e uma das poucas professoras trans negras brasileiras (e mesmo de pessoas negras na academia, registre-se), ocorrido em 28 de julho de 2021 (UFRB, 2021). O autor desta tese a conheceu em novembro de 2019, durante o Primeiro Congresso Internacional LGBTI+, realizado na cidade de Curitiba, ficando encantado por sua força teórica e modos de pensar o conhecimento, a ciência e a tecnologia dentro do seu campo de estudo.

que se fez aqui neste documento final. Afinal, se o título de doutorado a ser defendido aqui é em tecnologia e sociedade, pois que se discuta esses temas partindo de horizontes diversos também, oras! É pedindo licença à essas forças ancestrais, esforçando em ter esse olhar crítico da objetividade, ao qual Haraway (1995) teorizou em seu texto sobre a objetividade, disruptiva e feminista, para a ciência e tecnologia.

Segue-se: os conceitos sobre o bem e mal, morte e vida, anjos e demônios, espíritos e santos (comuns em certas religiões monoteístas e também em vertentes filosóficas/morais), ou mesmo como se sistematizam os conhecimentos em um processo educativo, são um pouco diferentes nas ancestralidades afro; o **nome** dos sujeitos, a **oralidade** e a **escuta** são elementos centrais, conforme o já citado Prandi (2001, p. 24) mencionou, mas agora trazendo aqui outro livro seu como referência, o reconhecido *Mitologia dos Orixás*, fruto de décadas de pesquisas e diálogos

Na sociedade tradicional dos iorubas, sociedade não histórica, é pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida. Como os iorubas não conheciam a escrita, seu corpo mítico era transmitido oralmente.

Portanto, a divisão entre o que é natural e o que é social, entre a racionalidade e a emoção, são pensadas por outras lógicas. Sobre esse tema, o professor Sidnei Barreto Nogueira (2020, p. 29), em seu livro *Intolerância Religiosa*, alerta acerca de como a imposição dos modos de explicar, ver e ser do/para/com o mundo, aliadas ao colonialismo e capitalismo (conforme CÉSAIRE, 1978), busca a aniquilação de outras verdades para o estabelecimento de uma Verdade, esta com V maiúscula, abarcante e universal. É o que se está falando, na citação a seguir, do que seria essa colonialidade cosmogônica

A Colonialidade Cosmogônica é o efeito responsável pela invisibilidade, pela descredibilidade e pela destruição dos sistemas gnoseológicos. Ou seja, essa colonialidade ignora a filosofia que trata dos fundamentos do conhecimento. A noção de gnose emerge como disponibilidade conceitual para pensarmos os princípios explicativos e as potências ausentes em outros modos de sentir, ser, fazer, saber e pensar para além dos limites da racionalidade moderna ocidental. Na base da colonialidade cosmogônica está a divisão binária natural/social, apartando ancestralidade – espiritualidade da realidade material. Esse princípio do colonialismo arranca bruscamente o espiritual do social. A relação milenar entre os biofísicos mundiais, os humanos e os espirituais, incluindo os ancestrais, o sustento dos sistemas integrais de vida e mesmo da humanidade não são possíveis nesta colonialidade do poder (NOGUEIRA, 2020, p. 29).

Finalmente: por que não chamar, para este diálogo da tese, as noções de agnotologia de Proctor (2008) e a agnotologia de gênero de Schiebinger (2014), costurando-as com modos de ser, agir, ver e estar com o mundo de ancestralidades afro? Por que não trazer termos

analíticos que remetam à essas ancestralidades, para dialogar com a trilha de análise dos discursos das/os docentes dessa pesquisa? Como valorizar noções como tradições orais, coletividade de um espaço e processos de escuta, materializados em certas palavras? Como pensar a interdisciplinaridade de outros espaços, que não apenas a academia e o conhecimento dito valorizado e “verdadeiro”? Como respeitar as ancestralidades afro e não fazer delas mais um processo de apropriação acadêmica e de universalização do entendimento, inclusive de ancestralidades?

São destas perguntas que nasceram as palavras **àìmòtológico** e **àìmòtológia**. Cinco são os pontos, aos quais é possível sintetizar todo o processo de construção:

- Para a língua e cultura Iorubá, a palavra *àìmò* tem alguns significados. Além de ignorância, pode remeter ao desconhecido, ao que não se sabe (BENISTE, 2009). É interessante que a palavra remete à coletividade, por isso o emprego dela no conto de Prandi (2017) para nomear sua personagem. Para o sujeito ignorante, o que não sabe, que não tem conhecimento, ou que não quer conhecer, a palavra é outra: *yòpe* (BENISTE, 2009).
- *Àìmò*, uma vez que tem essa carga coletiva no termo, dialoga perfeitamente com a noção de *agnosia*, do grego, mencionado por Proctor (2008). Aliás, a língua Iorubá não apenas influenciou muitas palavras utilizadas no Brasil, como também é uma das línguas mais antigas faladas e ainda em atividade, por cerca de 30 milhões de pessoas<sup>89</sup>, com suas mais diferentes variações regionais.
- As noções de *logos* de razão (VIEIRA, 2010) e de *ologia* (PROCTOR, 2008) também podem ser conectadas, uma vez que há o interesse em se estudar o desconhecido, a ignorância.
- Em razão da palavra *àìmò* ter sua origem em uma cultura negra, pouco

---

<sup>89</sup> Conforme Portal Geledés (2009). Link: <https://www.geledes.org.br/yoruba-lingua-memoria-e-parte-da-consciencia-do-povo-negro/>. Cabe ressaltar que não é o objetivo desta tese fazer uma discussão profunda de linguística, uma vez que faltaria fôlego e tempo para tal. Como recomendação de leitura, há a tese produzida pelo já citado Nogueira (2008), ao Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP). Nela, o autor perfaz uma profunda análise da língua Iorubá, (uma vez que faz parte da família das línguas de origens tonais, tal como o mandarim) a partir da melodia proferida em cânticos, nos espaços dos terreiros de Candomblé. É da palavra cantada nos terreiros brasileiros, conforme Nogueira (2008), que ocorre a materialização de uma cultura, que foi violentamente arrancada de seus espaços, em África, nesses processos de colonização (CÉSAIRE, 1978). Simultaneamente, são exemplos de existências e resistências. O canto, aqui, adquire um caráter concreto, para além do lúdico, do entreter. Nas palavras de Nogueira (2008, p. 28. Grifos do autor): “(...) trata-se de ações concretas de sujeitos históricos que não cessam de lutar para ‘liberar a vida aí onde ela está aprisionada’”

valorizada (infelizmente) enquanto uma ciência e tecnologia, há aqui a afirmação política de chamar a mesa esses saberes, para dentro da academia. Há o esforço em oferecer outros sentidos ao que se entende por ciência e tecnologia, ao mesmo tempo em que se evidencia desconhecimentos, ignorâncias sistêmicas de gênero e raça durante a formação de novos/as doutores/as. Essa afirmativa, parte-se, evidentemente, dos relatos analisados das/os docentes da UTFPR e UTP.

- A oralidade, um elemento muito forte e presente, também compôs a construção do termo. Por essas razões e, em respeito à essas coletividades e as ancestralidades, houve as conversas com o *Bàbálòrìsà* e a *Ìyálòrìsà* entre novembro de 2019 a junho de 2020, materializando-as, inclusive, em um procedimento metodológico da pesquisa.

Neste sentido Ferreira (2020, *online*. Grifos do autor), ao apresentar pela primeira vez as palavras *àimòtòlógicò* e *àimòtòlógia* em um texto, esboçou uma primeira definição, bastante rudimentar, do que seria: “(...) mas no sentido de uma promoção de uma cultura para a ignorância coletiva, uma *deliberação de determinar o que se deve dizer, como se deve dizer, o que se deve esconder e, por fim, para quem se deve dizer coletivamente*”.

Um dos pontos trazidos pelo *Bàbálòrìsà*, na conversa virtual realizada em junho de 2020, conecta a noção de ignorância, que se está tentando costurar na tese, com a noção de **miséria imposta** à determinados grupos sociais pelo colonialismo. Sobre este ponto, é bela, profunda e interessante a analogia que este faz da ignorância com o dendezeiro

*Tem um conceito muito interessante, ao qual eu tenho trabalhado, que é o conceito de abundância. Eu tenho usado pouco a palavra prosperidade e tenho usado mais a palavra abundância. Quando eu tô falando de abundância, não tô falando que eu quero de modo algum adotar uma lógica capitalista, não se trata disso. Não tem a ver com acumulação e bens de consumo. Abundância é um conceito interno (...) a palavra que eu tenho adotado, que mais me agrada, que eu gosto, é Opolopo Igi Ôpê<sup>90</sup> e Igi Ôpê é o dendezeiro. (Pausa). E aí, não é... Quer dizer, se a gente for*

---

<sup>90</sup> Abundância (Opolopo), associada a importância do dendezeiro, remete à conexão da coletividade com a natureza, os Orixás, com a colaboratividade, com as diferenças, que é esta a ideia que o *Bàbálòrìsà* quis trazer com este conceito. Para saber mais sobre o significado do dendezeiro e de como a utilização destas palavras servem para remeter à ideia de abundância trazida pelo fragmento da conversa, é possível consultar a dissertação da já citada Iyagunã (2013) e a Tese de Doutorado em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, de Yumei de Isabel Morales Labañino (2017), esta última falando acerca dos objetos sagrados utilizados nos ofícios da Santería Cubana. Também é possível a consulta, sobre a importância do dendezeiro, nos textos de Fernando D’Osogiyán (2016), publicado no blog Ilé Àsè Oṣòlúfón-Íwìn (link: <https://ileaxeoxolufaniwin.wordpress.com/>), e do Ilé Àsè Opô Omidewá Indesco – Instituto de Desenvolvimento Social e Cultural Omidewá (2021), pelo link: [http://omidewa.com.br/public\\_html/arquivos/751](http://omidewa.com.br/public_html/arquivos/751)).

*olhar a partir de uma perspectiva dos iorubas, uma perspectiva que nós deveríamos adotar no Candomblé... mas isso é uma coisa que a gente começa pensar agora. O Igi Ôpê é o dendezeiro, e o dendezeiro é uma palmeira naturalmente coletiva. Quer dizer, o dendezeiro demora de três a três anos e meio para começar a produzir, quando ele começa a produzir, produz de 30 a 35 anos e o dendezeiro, tudo o que ele produz se aproveita, né? Quer dizer, o dendezeiro não produz só o óleo... pro óleo de dendê. Quer dizer: tudo o que ele produz.... Então aí você já vê uma noção, ele não produz para uma pessoa, ele produz para a comunidade, ele produz para Ègbé (sociedade, em Yorubá). Então nós temos vivido, nós a comunidade tradicional de terreiro, temos vivido uma miséria/ignorância imposta, inclusive sobre nós mesmos, sobre quem nós somos (BÀBÁLÓRÌSÁ, 11 DE JUNHO DE 2020).*

Diante de todas essas considerações, por fim se apresenta um conceito, ou melhor dizendo, uma noção, situada e circunscrita a este trabalho, do que poderia ser a àimòtologia e o àimòtológico: **é um estudo da produção cultural de ignorâncias, uma vez que estas fazem parte das vivências humanas cotidianas e, ao mesmo tempo, também podem ser utilizadas para apresentar, manipular e/ou uniformizar determinadas narrativas às sociedades.**

Aqui se percebe, no conceito posto à mesa de debates, o esforço em contemplar elementos como:

- A coletividade (traduzida pelos termos empregados e às referências culturais do Iorubá e do Candomblé) e a desestabilização que se tenta provocar, ainda que tímida, acerca da valorização pelo senso comum de epistêmes coloniais consideradas como universais/culturais. Simultaneamente, se reconhece a influência destas na forma como se vive e interage com o mundo em povos como a América Latina, tal como o exemplo asseverado na página 36 desta tese, pela já citada Rivera Cusicanqui (2010), ao tratar de forma bastante interessante a questão da mestiçagem e da força política que poderia se pensar a partir do que a autora chama de uma identidade e mundo *Ch'ixi*.
- A individualidade, uma vez que ignorâncias fazem parte da condição humana – ninguém sabe absolutamente tudo, e em certos casos nem deveria e/ou teria como saber.
- A não rigidez dos termos, uma vez que existe uma situacionalidade e localização, conforme Alcoff, (1992; 2007), Gonzalez (1984; 1988), Ribeiro (2017) e Haraway (1995): essas vivências cotidianas estão circunscritas a um espaço (SANTOS, 1996), tempo/momento, interesses e quem/que grupos enunciam (Foucault 2008; 2010; 2014).

- Se é uma produção cultural, então se retira unicamente o caráter negativo dado à palavra ignorância como a antítese do conhecimento, tal como posto nos trabalhos de Alcoff (2007), Proctor (2008), Mills (2008; 2018), Schiebinger (2014) e Smithson (1985; 2008).
- Ao mesmo tempo, elas podem servir para produzir misérias humanas, termo emprestado da entrevista realizada com o *Bàbálòrìsà* em junho de 2020, uma vez que a ignorância pode ser usada para confundir, levar ao erro e esconder algo.

Se nesta tese se está pensando em analisar, conforme o item C da trilha analítica, as diferenças e convergências narrativas sobre gênero, raça e sexualidade, é importante dizer de onde se está pensando gênero e qual é a perspectiva adotada nesta tese que dialogue com a àimòtologia, uma vez que é um campo de estudo com uma produção vasta de mais de quarenta anos, com muitas perspectivas e disputas analíticas.

#### 4.1.1 Breves contextualizações sobre gênero

Tanto os *gays studies*, quanto os *women studies*, assim como também para os estudos críticos acerca das relações sociais entre os sujeitos a partir da década de 1960, a heterossexualidade, mais do que um arranjo e imposição históricos do século XIX, é uma invenção que foi sendo naturalizada pelos discursos biológico, científico, ético/moral, religioso e cultural de grupos sociais majoritariamente masculinos e brancos.

Discutir esta matriz heterossexual inventada e violentamente imposta não significa provocar, contudo, antagonismos com sujeitos que se identificam como heterossexuais na sua cotidianidade. Estas discussões apenas querem desmontar algo que supostamente é dado como natural, antigo e ideal de prazeres/práticas sexuais<sup>91</sup>, até porque a partir da invenção da heterossexualidade é que se categorizam/estigmatizam<sup>92</sup> os sujeitos considerados desviantes dessa norma, autorizando inclusive a produção de violências contra estes.

Neste sentido, o texto da historiadora estadunidense Joan Scott (1995), publicado em inglês pela primeira vez em 1986, é um texto salutar para o campo da história e historiografia das mulheres e, mais tarde, tornou-se uma das referências consideradas base para estudiosas e estudiosos do campo.

---

<sup>91</sup> Conforme o já citado Foucault (1977) e a já citada Vergueiro (2015), além dos estadunidenses Jonathan Katz (1996) e Gayle Rubin (1985;1993), bem como da mexicana Marta Lamas (2013).

<sup>92</sup> As considerações sobre estigmas são pensadas a partir do cientista social canadense Erving Goffman (1988).

É importante destacar que, da metade da década de 1970 até o fim dos anos 80, muitos outros textos críticos surgiram, aos quais são destacados aqui dois, que alargaram os debates sobre os até então chamados estudos das mulheres, estudos gays, assim como os então recém pensados estudos de gênero: o Manifesto Ciborgue da já citada Haraway (2009), este na década de 1980, e Problemas de Gênero, da feminista e filósofa estadunidense Judith Butler (2003), este publicado pela primeira vez em inglês no início dos anos 1990.

Estes dois textos trazidos como exemplos, além do texto de Scott (1995), foram importantes para se pensar o gênero em muitos horizontes, inclusive para os posteriores estudos críticos de gênero, ciência e tecnologia. É importante salientar que muitos desses textos só se tornaram conhecidos no Brasil graças a acadêmicas/os importantes do país, onde se citam, reconhecendo o seu labor, a educadora Guacira Lopes Louro e o professor Tomás Tadeu da Silva (tradutora e revisor do texto de Scott de 1986, respectivamente).

Por outro lado, os estudos de homens trans, das travestis, transsexuais, de masculinidades, estudos *queer*<sup>93</sup>, estudos sobre a interseccionalidade, e mesmo estudos sobre gênero e territorialidade, apenas para citar alguns, são estudos que surgiram um pouco mais recentemente, das experiências/vivências cotidianas desses sujeitos, adicionado ao movimento (mais recente ainda) de parte destes ocuparem espaços de produção do conhecimento acadêmico, ocorrendo aí, também, outras necessárias disputas de narrativas.

Há dois elementos importantes a se destacar, sobre o ponto apresentado no parágrafo anterior: o primeiro deles concerne a estes grupos serem os protagonistas das próprias narrativas, ao mesmo tempo em que se questiona o modo universalista de pensar o conhecimento, as práticas sociais cotidianas e o próprio gênero, raça, classe e espaços. Em outras palavras: é ocupar a academia para passar a escrever a partir delas próprias.

É importante salientar que Scott (2019), em texto publicado no ano 2000, revisita o seu conceito/categoria analítica de gênero de 1986, inclusive apontando limites em seus usos, tais como: a confusão no emprego do termo (completamente desassociado da crítica à linguagem), a associação do mesmo como sinônimo de sexo, mulheres ou mesmo o antônimo destes. Que, lamentavelmente, pode servir muito bem a determinados grupos conservadores e neoconservadores para combater avanços equitativos econômicos, morais, culturais, religiosos e sociais.

---

<sup>93</sup> Que inclusive há uma polêmica teórica e de alguns movimentos sociais, acerca do pensar o queer enquanto identidade dentro da comunidade LGBTI+, justamente em razão dos seus pressupostos de questionar o próprio conceito de identidade, bem como da imposição de parte da academia em nomear práticas e modos de vida dos sujeitos – crítica esta feita por parte desses movimentos.

O segundo ponto está relacionado as disputas internas de poder e de narrativas entre disciplinas acadêmicas e movimentos sociais. Isso pode ser explicado em parte pela crise das instituições acadêmicas em dialogar com a sociedade (obrigando a discutir como se dão esses diálogos e o próprio sentido de ser universidade, especialmente na América Latina), em parte pela deslegitimação, precarização e mercantilização da própria ciência e tecnologia e, novamente, por sistemáticos ataques de grupos neoconservadores à estas instituições acadêmicas, alguns desses ocupando funções administrativas e de controle nos Estados em todo o mundo. Desmontam-se essas instituições acadêmicas de dentro, refinando (sim, é esta a palavra) velhas práticas de opressão e precarização.

Destarte, não apenas são pertinentes os dois pontos anteriores brevemente levantados nesta tese, como também os mesmos servem de base para a construção de novas produções. Um dos textos mais recentes da já citada Oliveira (2018), desestabiliza questões de gênero e raça nas práticas sociais, ao questionar os motivos de boa parte da recusa em abraçar e lutar, em conjunto, com as pessoas trans, especificamente de travestis e mulheres transsexuais em movimentos sociais de pessoas negras. O texto inclusive inova, ao apresentar nove proposições de diálogo com e para esses movimentos. Oliveira (2018, p. 176) argumenta que essas ações enfatizam

Discutir racismo implica considerar o fato de que sua forma de operação é diferente, pois envolve questões de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, dentre outros. Assim, a naturalização de identidades binárias, rígidas, cristalizadas, surgem como um obstáculo a mais no caminho de pessoas negras que escapam a essas normalizações e normatizações.

Portanto, a partir dessas breves linhas acerca de gênero e, sendo coerente com todo o debate teórico/metodológico costurado nesta tese, é utilizado também como um dos fundamentos o conceito de Scott (1995, p. 86), sendo uma categoria “(...) constituinte das relações sociais entre os sujeitos percebidas pelas suas diferenças sexuais (...)”. Para a autora, há o entendimento do gênero enquanto uma categoria relacional e atrelada às relações e disputas discursivas de poder, conforme Foucault (2008; 2010; 2014).

#### 4.2 QUEIMANDO A LAMPARINA DA IGNORÂNCIA: ÀMÔS E OS/AS PESQUISADORES/AS

Já em suas primeiras páginas, o texto de Alcoff (2007, p. 39. Tradução nossa)<sup>94</sup> ao tratar da ignorância enquanto uma “(...) prática epistêmica substantiva em si mesma”, busca

---

<sup>94</sup> Texto original: “(...) as a substantive epistemic practice in itself” (ALCOFF, 2007, p. 39).



entender não apenas acerca da sua intencionalidade, mas também como é que a ignorância também está a serviço de um discurso público do anti intelectualismo.

A pergunta central que permeia toda a discussão do texto é “o projeto normativo da epistemologia está suficientemente bem formulado para assumir o desafio que uma ignorância generalizada e presente representa?” (ALCOFF, 2007, p. 39. Tradução nossa)<sup>95</sup>.

Partindo das considerações da autora, se pensar em elementos como as localizações identitárias/discursivas, os privilégios e opressões de cada grupo social, para além das normas cognitivas que definem e rotulam o sujeito ignorante, é possível afirmar que uma ignorância sistêmica independe de que espaços e lugares que elas ocorrem, novamente pensando nas considerações de Santos (1996) sobre os espaços habitados.

Mesmo que partam de matrizes epistemológicas distintas, é muito interessante o que Santos (1997), em outro texto que é originário de um discurso proferido no ano de 1997, alertava acerca da universidade e seu ofício de pensar, assim com o que Alcoff (2007) assevera acerca da ignorância pensada enquanto uma epistemologia produtiva e sistêmica. Ignorância não apenas a serviço de uma dominação ideológica, mas também de um anti intelectualismo.

Santos (1997), ao mencionar acerca do papel dos intelectuais, dos desafios de seu tempo, do papel do conhecimento e a universidade, esta cada vez mais presa a critérios de produtividade e “internacionalização”<sup>96</sup>, apresenta a questão da instrumentalização do trabalho acadêmico como elemento de ruptura do que seria uma universidade em sua missão originária, de *universitas*. Sobre isto, Santos (1997, p. 19-20) diz que

E, afinal, há a instrumentalização, também, pela carreira, e aqui a própria universidade tem uma culpa extremamente forte, quando, através de relatórios obrigatórios e de certas comissões que ainda estão presentes na vida acadêmica, arrastam para a burocracia os professores, sobretudo aqueles mais jovens, ou os que não podem ter voz. Essa instrumentalização acaba por transformar jovens promissores em carreiristas, uma enorme ameaça de dentro, que devemos rapidamente conjurar. Essa busca permanente e frenética de publicar, comparecer e aparecer, é, no médio prazo, danosa. A carreira é necessária, porque a universidade

<sup>95</sup> Texto original: “Is the normative project of epistemology sufficiently well formulated to take up the challenge that a widespread and growing ignorance poses?” (ALCOFF, 2007, p. 39).

<sup>96</sup> As aspas é no sentido de que esta internacionalização é posta a partir de critérios estabelecidos por centros acadêmicos de poder, que ditam inclusive acerca das métricas e parâmetros da produção científica. O trabalho de Ferreira (2017), ainda que em pequeníssima escala e de modo um pouco rudimentar, já apontava para essas questões. Então de que internacionalização se está falando? E a partir de quais critérios, que inclusive ditam hoje até mesmo quantas páginas, a estrutura e, finalmente, como deve ser a linguagem e a língua proferida em um documento científico, para além dos critérios do que se considera conhecimento e ciência? Por que se insiste em usar determinadas referências que estão “consagradas” em certos espaços, deixando pouco espaço para outras? Ou seja: que interesses ocultos estão proferidos aí nesses discursos aparentemente neutros e objetivos da internacionalização? E, por que essa internacionalização é valorada em boa parte das universidades apenas a determinados espaços, menosprezando outros que poderiam dialogar melhor com as realidades locais?

funciona de forma hierárquica, isto é, a hierarquia do saber. A carreira é indispensável, mas o carreirismo é abominável e não pode ser encorajado. O carreirismo leva à raridade do pensamento crítico e abrangente e conduz, também, ao reforço da burocracia como entorno privilegiado e até mesmo como princípio diretor da vida acadêmica. E, nessa lista, finalmente, a pressa. A universidade não é o lugar da pressa, ela pode e deve ser o lugar do bulício, sucedido pela calma, e nunca o lugar da pressa. Cada dia nos pedem que sejamos produtivos e que entreguemos relatórios em prazos cada vez menores e boa parte dos colegas o aceitam tranquilamente, deixando que o sistema burocrático acabe por ser reitor dentro da vida acadêmica.

É muito interessante como os argumentos de Santos (1997) convergem, em 2019, com as preocupações relatadas pelo professor Oscar, da UTP, acerca do que ele nomeia como **egoteca e egobiografia**, a partir do incômodo provocado pela pergunta feita acerca dos critérios de publicação e das suas percepções produtivas, inclusive provocando uma corrida para publicar em razão de impactos salariais das/os docentes colombianas/os

*(Pausa) Essa pergunta me dá um pouco de... De responder a essa pergunta, em questão da minha dinâmica de pesquisa... Eu não sei se é irresponsável ou se é tão dinâmica que estou publicando com todos estes, eles que estão pesquisando. Então é... (...) Eu não sei se (gestos com as mãos) você vai chegar lá, com suas revisões, com certos decretos que regulamentam a atividade docente, e de pesquisa nas universidades, que são como uma espécie de estímulo... Para incrementar o nosso salário. Não sei, talvez como se fazem no México e na Argentina, eu não sei como é no Brasil, mas é uma forma onde o professor que pesquisa (gestos com as mãos) pode ter uma maior remuneração por sua produção acadêmica. Sim, e isso me beneficiou. E, claro, sem dúvida isso faz parte dos grandes debates que temos tido, no país e nas universidades, de que os professores somente publicam pela pontuação, e para que o salário aumente e se é relevante... Ou seja: eu acredito que nisso aí há muitas (gestos com as mãos) telas para ver. E eu sou consciente dessa crítica, certo? Mas também por outro lado ficamos pensando (gestos)... Ficaremos de braços cruzados? É que nossos trabalhos estamos fazendo em coletivo. Então isso me deixa assegurado, que isso tem pertinência, não é simplesmente alimentar a egoteca (risos) ou a egobiografia... Senão que estamos relacionados com processos formativos, com estudantes que entendem o papel da pesquisa, que entendam a importância dessa pesquisa para fora desta universidade, certo? Sei que estamos pesquisando desde aqui, mas que estejamos olhando para fora das janelas. (OSCAR, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)*

Do mesmo modo, são pertinentes também as preocupações da professora Alicia, uma das mais antigas docentes do programa de Ciencias de la Educación, acerca das queixas na distribuição dos recursos públicos por agências de fomento em editais. Que, salvas as devidas proporções e diferenças características, se assemelha um pouco ao que ocorre no Brasil, ainda que neste último país a gratuidade do ensino esteja prevista em lei e haja mais alternativas de agências de fomento/recursos, se comparado à Colômbia

*(...) Por editais, nunca me deram por bonita e jovem (risos). Porque já me passou essa época e que... Mas me deram por capacidade e para mim isso está bem! (Gestos com as mãos). No caso do Colciencias são editais nacionais... E eles são muito excludentes, também. Tenho, pois, a percepção de que o Colciencias é*

*excludente em muitas coisas. Mas também eu participei, eu também tive (recursos)... O que acontece é que cada vez é mais competitivo, demais. É excludente no sentido de que Colciencias, em primeiro lugar... Há gente que pensa que Colciencias é de ciências naturais. Isso já é uma exclusão. E a outra exclusão muito importante é que eles são muito de centro. Então eles... Geralmente são do centro de Bogotá e tudo... (Gestos com as mãos) Eu participei e fiquei a poucos pontos de ganhar um edital e quem ganhou foram pesquisadoras de Bogotá... Então seguimos sendo muito excludentes nessas coisas. Mas, contudo, não obstante a isso, temos o apoio do Colciencias também, para programas como (cita o nome de um programa), para projetos como jovens pesquisadores, para bolsas de doutorado... Pois sempre eu estive me postulando e sempre pude ter benefícios nos editais. Nunca me deram nada por outras razões. (ALICIA, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)*

Essa queixa disciplinar, relatada por Alicia frente aos editais e a natureza do Colciencias, atual Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação colombiano, pode ser remetido ao que Foucault (2014) apresenta acerca do que é valorizado ou não em sociedades, para se produzir as verdades que tem esse poder coercitivo, que também influencia não apenas as concepções ideológicas, assim como a formação das disciplinas mesmas. Bastaria imaginar, por exemplo, o que é que se entende por ciência, tecnologia e inovação nos documentos das agências de fomento (bem como de quem as dirige), para entender a força hierárquica dessas disciplinas, traduzida em alguns editais e na contemplação (ou não) de certas áreas.

Por essa razão é interessante a crítica de Alicia, de Oscar e das/os poucas/os docentes entrevistadas/os que pensaram essas questões para além das métricas, produtividade, permanência nos respectivos programas e áreas do conhecimento (FERREIRA, 2017). Com a palavra, Foucault (2014, p. 17. Grifo nosso)

*Mas ela (a vontade da verdade) é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido, e de certo modo atribuído. Recordemos aqui, e apenas a título simbólico, o velho princípio grego: que a aritmética pode bem ser o assunto das cidades democráticas, pois ela ensina as relações de igualdade, mas que só a geometria deve ser ensinada nas oligarquias pois demonstra as proporções na desigualdade.*

Sobre este ponto da egobiografia e das publicações, mencionados pelos professores Oscar e Alicia, são interessantes as ponderações do Sociólogo estadunidense Robert King Merton (1968) e da historiadora, também estadunidense, Margaret Rossiter (2003), acerca das repressões e negações sistemáticas, (porém ocultas) em questões como textos citados, lugares onde foram produzidos e quem os escreveu, fazendo que poucos (aqui é no masculino mesmo) cientistas sejam constantemente citados/visibilizados em publicações e muitos (também no masculino) não o sejam.

Ou dito de outro modo: àqueles/as que tem muito, mais ainda será dado e àqueles/as que pouco tem, até este pouco será retirado. É o Efeito Matheus, em alusão à parábola cristã bíblica, que Merton (1968) mencionou em seu trabalho da década de 1960. Já Rossiter (2003) evidencia os estereótipos afetivos, cognitivos e morais, estes imputados às mulheres cientistas: em inúmeros casos as suas publicações, para ser consideradas válidas, necessitam do aval “canônico” de produções consideradas “clássicas”, em sua maioria produzidas por homens. Rossiter (2003) fala, portanto, do Efeito Matilda (termo cunhado por ela), como modo de denúncia dessas subordinações ocultas em critérios de produção científica, aparentemente neutros. Interessante pensar que esses efeitos Matheus e Matilda, na visão do autor desta tese, necessitam também ser discutido no tocante às produções de outros centros que não estejam circunscritos em lugares de prestígio, fundamentalmente estabelecendo cruzamentos com questões como a racialidade/etnicidade, apenas para citar um exemplo. A àimõtologia, aqui defendida, pode ser um instrumento de complexificação dessas discussões.

Neste sentido, o item C da trilha analítica (diferenças e convergências em narrativas sobre gênero, raça e sexualidade), buscou estabelecer esse esforço de movimentos de encanterias<sup>97</sup>, em uma analogia ao esforço de queimar as lamparinas das ignorâncias debatidas na tese, percebidas nos discursos das/os docentes entrevistadas/os. É o que o quadro a seguir buscou, ao sintetizar as àimõs percebidas ao longo da realização das 23 entrevistas, entre 2017 e 2019.

**Quadro 09:** Quadro-Resumo das àimõs percebidas nos discursos das/os entrevistadas/os

Item	Àimõs percebidas
1	As cegueiras com relação ao trabalho acadêmico, maternidade e cuidado com dependentes
2	“Normativa discursiva naturalizada”: a meritocracia e a noção de igualdade, tanto para ascender à universidade quanto para pautar todas as relações acadêmicas
3	Os critérios quantitativos são sinônimos de uma boa produção acadêmica
4	A naturalização de áreas tidas como masculinas e femininas
5	Gênero, classe social e raça não são preponderantes nos processos de ensino, aprendizagem e produção acadêmica

Fonte: Criação Michel Alves Ferreira (2021) – Fundamentado a partir de Alcoff (1992; 2007; 2016); Foucault (1977; 2008; 2010; 2014); Gonzalez (1984; 1988); Haraway (1995); Mills (2008; 2018); Oliveira (2018); Proctor (2008); Ribeiro (2017); Santos (1996; 1997); Schiebinger (2014); Scott (1995;2019); Smithson (1985; 2008). Todos os direitos reservados.

Uma encanteria, registre-se, se trata de uma manifestação religiosa e sincrética das

<sup>97</sup> Encanteria também deu nome a uma das canções interpretadas por Maria Bethânia, no espetáculo Amor, Festa e Devoção, onde o autor desta tese teve a felicidade de ir ao show, realizado no Teatro Guaíra de Curitiba, em 2009. A canção em questão, que serviu de nomeação para este capítulo, foi escrita por Paulo César Pinheiro (2009). Os nomes das categorias analíticas geradas, a partir das realizações das entrevistas, também contém trechos da canção de Pinheiro (2009).

ancestralidades afro e ameríndias brasileira, com influências cristãs também. Entretanto, é importante ressaltar que a encanteria, assim como boa parte dos sincretismos religiosos existentes, são elementos de resistência à colonização violenta ocorrida nessas terras da atual América (NOGUEIRA, 2020), a qual a religião cristã certamente se beneficiou. A analogia empregada nesta seção remete a pensar que tipos de encantamentos discursivos, baseados em sentidos comuns, acerca de ignorâncias frente a questões de gênero e raça, se fizeram presentes nos discursos analisados das/os docentes entrevistadas/os.

Ademais, as provocações feitas em conversa com a vice presidenta da associação das/os docentes aposentadas/os da UTP, em 2019, foram muito interessantes não apenas para se ter um panorama da memória da universidade, mas para repensar as categorias analíticas que, mais tarde, desembocaram no conceito de àimõtologia, especialmente no tocante às questões de gênero e raça

*Um problema na universidade é a democracia. E quando se fala sobre isso as pessoas não entendem. Que a constituição diz? Que o povo colombiano se forma pelos direitos à paz... E isso mesmo não se vê na universidade. (...) (Gestos com as mãos) Qual é o compromisso da universidade pública? Qual seria a proposta para uma reforma da universidade pública? E o que é a democracia para nós? Eu acredito que, todavia, não temos claro a nível de comunidade acadêmica. (DOCENTE APOSENTADA, VICE PRESIDENTA DA ASSOCIAÇÃO DAS/OS DOCENTES APOSENTADAS/OS DA UTP)*

As categorias analíticas postas discursivamente, portanto, foram:

- Depressa como o vento: àimõs e a produção científica.
- Abrindo e fechando os pontos: percepções institucionalizadas?
- Apagando essa candeia: dos preconceitos, discriminações e estereótipos naturalizados.

Seguem as explicitações encontradas/dialogadas de cada uma destas categorias, a partir da seleção de trechos de algumas das 23 entrevistas realizadas, assim como de trechos das conversas realizadas com outros sujeitos que contribuíram para a pesquisa, e, finalmente, de excertos das anotações do diário de campo.

#### 4.2.1 Depressa como o vento: àimõs e a produção científica

São explícitas as diferenças de percepção que as/os entrevistadas/os tem acerca de suas próprias produções científicas, de seus discentes supervisionados e de seus pares de programa. Os aspectos quantitativos, assim como os critérios estabelecidos pelas agências de fomento à

pesquisa certamente influenciam no volume e visibilidade das publicações, causando uma certa pressão para entrega desses resultados, remetendo às questões acerca de carreira e carreirismo que Santos (1997) mencionou anteriormente. Assim, a maioria das/os docentes entrevistadas/os acredita que sua produção científica é considerada satisfatória, dentro do que se espera e é estabelecido.

O relato de André ilustra alguns destes elementos descritos, quando ele foi instado a responder sobre como via a sua produção científica/acadêmica:

*Olha, eh... eu sou bolsista produtividade do CNPq, nível IDT, desenvolvimento tecnológico. Então a minha produção ela é mais voltada pra desenvolvimento, realmente. Envolve desenvolvimento de hardware, patentes, coisas do tipo. Mas... você não tem como fugir de tá publicando artigos em periódicos. Até porque os programas... o CPGEI exige que você tenha uma produção, tanto em periódicos qualificados, nível A1, A2, B1... até B2 antigamente... agora só tá aceitando B1. E você tem que produzir (gesto com as mãos), pra poder se manter no programa, não tem outra forma, não é? E tem que ter defesas de mestrado, doutorado... e aí a participação de projetos. Isso é uma decorrente da necessidade de se permanecer (ANDRÉ, CPGEI, UTFPR).*

Quando se insiste na mesma pergunta, para que André descreva como percebe a sua produção científica/acadêmica, é possível notar uma certa queixa acerca de limitantes de pesquisa: pessoas para desenvolver/colaborar em pesquisas, recursos financeiros e o que o entrevistado menciona como dedicação e interesse de subordinados, no caso, orientadas/os.

*Eu considero que ela está adequada... a minha capacidade de produção, né? Eu poderia... eu poderia dizer que seria possível aumentar? Mas pra isso eu precisaria de ter, primeiro, alunos que se interessassem, dedicados... porque ciência não se faz sozinho, né? Então pra que eu possa produzir um artigo o aluno tem que desenvolver um trabalho, eu tenho que desenvolver parte do trabalho, junto com ele, não é? Então não tem como, não é... Isso acontecer. Hoje, é o que é possível ser feito (ANDRÉ, CPGEI, UTFPR).*

A questão da dedicação do/a supervisionado/a aparece quando o mesmo entrevistado diz não perceber diferenças nos números de artigos publicados por homens e mulheres do seu programa de vinculação. Sua resposta corroborou com grande parte dos 23 relatos dados à esta pesquisa

*Não. Não acho que tenha isso. Eu acho que... eh... depende da dedicação. Eu já tive homens que produziram muito e mulheres que produziram muito. Então depende da dedicação do aluno (ANDRÉ, CPGEI, UTFPR).*

Para a entrevistada Nadia, docente do mesmo programa de André, há diferenças de produção científica/acadêmica entre seus pares, mas unicamente atribuídas, de acordo com ela, por uma questão quantitativa.

*Como têm mais homens, claro que tem mais produção de homens (NADIA, CPGEI, UTFPR).*

Zenaldo, docente do PPGTE, crê, também, que não existem diferenças entre o volume de publicações e questões de gênero e sexualidade, onde explicita a partir de seus discentes sob supervisão.

*Não. Eu posso falar dos meus... do meu grupo de alunos, né? Eu acho que não. Tem mulheres muito boas, tem homens muito bons... eh, deixa eu ver... eu acho que... e aí tem os orientandos medianos, que... independente do sexo, mediante produção. Mas eu não vejo diferença. Eu tenho... tipo assim, orientandos excelentes, outros menos... nessa questão da produção (ZENALDO, PPGTE, UTFPR).*

Megg, também docente do PPGTE, tem uma percepção diferenciada, em relação a grande parte das/os docentes ouvidos/as em entrevista. Para ela, elementos como maternidade e atribuições do cuidado ao lar influenciam nas publicações de documentos científicos negativamente para as mulheres, usando a si mesma como exemplo.

*(...) A gente deixava a (cita o nome da filha) na escola... e eu vinha chorando! Então a probabilidade de eu ficar patinando, sabe... Assim... Até eu me concentrar, focar ou não sei o que, né? Isso sempre parecia uma choradeira... sempre parecia uma coisa assim: ai... de novo você falando! Mas o critério de avaliação de cima pra baixo sempre foi o mesmo! Então, né... Já tinha uma coisa diária, né? A área que eu trabalho... você vai ouvir isso de todas as pessoas (risos). A área que eu trabalho a gente precisaria de uns dez anos pra publicar um super artigo e tal. Porque a sensação que a gente tem é (gesto com as mãos) 'pera um pouquinho, eu tô chegando lá! Pera um pouquinho... eu tô chegando lá! Mas montar uma família e ter três turnos, e ter... Três turnos não! Três profissões diferentes que a gente tem. Ou quatro. Ou cinco, ou não sei o que. Eh... Em absoluto é... E considerado... assim. Então eu acho que isso, isso desemboca em quem... é, em quem se encaixou (...)* (MEGG, PPGTE, UTFPR).

As ponderações da entrevistada Megg corroboram com o texto de Hirata e Kergoat (2007), no sentido de que as diferentes atividades imputadas prioritariamente às mulheres, nas esferas do cuidado com a casa e dependentes, fazem com que seja tarefa única e exclusiva delas conciliar seus papéis de mãe, companheira, cuidadora, e ainda corresponder às expectativas implícitas à atividade acadêmica.

Outro elemento consequente, que se conecta com a fala da entrevistada Megg, diz respeito a desvalorização, por parte da sociedade, das atividades do cuidado com a casa e

dependentes, pois estes elementos não são visíveis quando se perfaz o levantamento do volume de produções e publicações científicas, só se observando o resultado, mas não desvelando as razões ocultas de tal métrica visível. Isso faz com que a ascensão profissional/acadêmica das mulheres seja complexa e demorada comparativamente aos homens, uma vez que o volume de produção/publicações pode ser menor (FERREIRA, 2017; FREITAS; LUZ, 2017; HIRATA; KERGOAT, 2007).

Isso também pode auxiliar no entendimento acerca das métricas de presença de bolsistas produtividade encontradas no CPGEI e PPGTE, havendo apenas sete pesquisadoras/es docentes bolsistas no PPGTE, contra 26 do CPGEI em 2016, apresentado no trabalho de Ferreira (2017). Entender as razões, conforme o autor, do porquê há poucas/os bolsistas nos dois programas, especificamente as mulheres bolsistas, é desvelar esse pragmatismo quantitativo das métricas de produção científica.

Ademais, estas considerações podem auxiliar a entender os motivos que levaram André, Zenaldo e Nadia (assim como a maioria das/os outras/os docentes) a não enxergar as críticas trazidas pelas falas de Megg, quando se pensam em questões de gênero nos volumes e métricas de publicações científicas, tal como Schiebinger (2014) descreveu como o viés inconsciente de gênero no desenvolvimento da ciência e tecnologia.

As mesmas questões apontadas no relato de Megg, também foram fortemente sentidas por Naine, acrescentando-se aí o fato de pensar em questões de classe social no trabalho doméstico e cuidado com dependentes, que não aparecem nas publicações. Naine inclusive relatou que não teve “ajuda” de uma cuidadora remunerada para seus dependentes

*Eh... a gente faz umas coisas que não tem Qualis, né? Por exemplo: carregar as crianças, deixar aqui elas escondidas (gestos com as mãos) enquanto você tá trabalhando, dar aulas com criança desenhando junto, ter que administrar essa coisa da família, né? Administrar o trabalho, pesquisar de madrugada... você tá lá cozinhando e de repente tem uma ideia bacana. As vezes se coloca uma imagem pra analisar na frente do fogão enquanto tá cozinhando, essas coisas fazem diferença mesmo, né? Que é coisas assim, que a gente sai correndo, por exemplo: ir à escola buscar filho. Então essas coisas não estão resolvidas. Então a gente ganhou muito, brigou muito, ganhou bastante. Mas isso não tá resolvido ainda. Então isso eu sinto bastante diferença. E tem diferenças de classe também, né? O fato da pessoa ter empregado (doméstico), ter mais auxiliares, poder deixar o filho o dia inteiro em uma escola... essas coisas também tem diferença, não é só uma questão de gênero. Então isso é marcado! Nunca fiz uma pesquisa e táí (aponta para o entrevistador) você pesquisando isso. Mas eu tenho essa intuição do que eu percebo no dia a dia. Eu vejo que as mulheres tão sempre com umas olheiras a mais (gestos com as mãos) (NAINE, PPGTE, UTFPR).*

São louváveis e disruptivas iniciativas como as do movimento de pesquisadoras/es, em sua imensa maioria mulheres, *Parent in Science* (2021a; 2021b). Desde 2016, o movimento



tem, como um de seus objetivos, a luta para pensar em condições de trabalho acadêmico que sejam mais equitativas aos pais, especialmente às mulheres, tal qual os relatos de Naine e Megg expuseram sobre a condição de mães pesquisadoras.

Urge mudanças, pelas agências de fomento, universidades e centros de pesquisa, pela revisão de critérios quantitativos de produtividade científica, bem como de acesso e permanência nestes espaços acadêmicos, uma vez que, historicamente, homens reúnem todas as condições estruturais para produzirem e ascenderem laboralmente mais rápido, conforme já relatado na pesquisa de Ferreira (2017) e também nos trabalhos de Kovaleski (2013) e Muzi (2011), ao analisar os espaços de produção científica da UTFPR e as mulheres, cada qual destes trabalhos com escopos analíticos diferenciados

Pensar a àimõtologia, tal como defendida aqui, remete a tornar esses processos aparentemente neutros e naturalizados quanto à sua objetividade e meritocracia, com respeito à avaliação de critérios de produção científica e cuidado/maternidade, em processos que sejam reflexivamente críticos, equitativos e conscientes de sua localização (ALCOFF 1992; 2007; 2016; PROCTOR; 2008; SCHIEBINGER, 2014).

Ao mesmo tempo, também permite pensar em conhecimentos que sejam situados e vistos em sua parcialidade (HARAWAY, 1995), de forma que os argumentos de autoridade das disciplinas (FOUCAULT, 2008; 2010; 2014) possam ser desmascarados em sua ideia difundida de fixidez e de quais valeriam mais.

É o que pode ser percebido na crítica que a professora entrevistada Enedina, do PPGTE, perfez às áreas do conhecimento, comparando o CPGEI ao seu programa. Embora em todo momento da entrevista Enedina tenha ressaltado que não perceba questões de gênero, raça e sexualidade no labor e saber acadêmico, neste trecho em específico é perceptível como é crítico seu entendimento de tecnologia para além dos artefatos, da neutralidade e da objetividade, bem como da hierarquização dos saberes ser prejudicial à própria noção do conhecimento, como asseverou os/as já citados/as Bastos (2015a; 2015b) e Carvalho (1998)

*Mas aqui vejo que você tem discriminação por aquilo que você faz. Né? Vejo muitos colegas meus do CPGEI que me falam assim: 'mas o que vocês fazem lá no PPGTE? Não é tecnologia! (Gestos com as mãos) Olha os títulos das monografias que vocês fazem!' E eu digo: 'você já leu a monografia pra saber o que que tem lá dentro?' Né? (ENEDINA, PPGTE, UTFPR)*

A encanteria àimõtológica, portanto, complexifica as questões relatadas/percebidas em trechos das entrevistas de Nadia, Megg e Enedina, quando se analisam questões que se relacionam à produtividade científica e elementos como área do conhecimento, cuidado,

maternidade, presenças de mulheres e homens em determinados campos. Também se correlaciona com o relato da professora Bonnie da UTP, com o adicional de que em seu país o acesso à pós-graduação é ainda mais complicado para mulheres e grupos sociais de estratos baixos

*(Pausa). Pois eu penso que as possibilidades de formação melhoraram. Eu considero que se uma pessoa tem as possibilidades econômicas, podem fazê-la facilmente. Porém em certa ocasião fizemos uma discussão de que em Colômbia (gestos com as mãos) e em países do terceiro mundo, as mulheres ficavam grávidas muito jovens. Então essas gravidezes truncavam os processos de formação acadêmica. (Gestos com as mãos) Meu caso não foi a exceção: aos 19 anos fiquei grávida de uma bebê, eu estava no quarto semestre de engenharia industrial e tive de sair por dois anos da universidade. Quando eu regresssei, terminei a graduação e precisava ir pro mercado de trabalho, já que havia uma pessoa a quem responder. Mas depois eu tive a opção de voltar à universidade, depois de oito anos no setor produtivo... E fiz os estudos do mestrado. Por que eu tomo essa decisão? Porque eu já tinha uma experiência no mercado de trabalho e eu queria mudar, queria buscar outros horizontes, melhorar meus ingressos econômicos. E eu vi como uma alternativa ter mais formação. Eu pensei 'se eu melhora minha formação acadêmica, eu consigo ascender salarialmente e também de retomar a minha formação profissionalizante'. Então é aí que eu volto. Quando eu volto, volto com uma bolsa para fazer o mestrado em engenharia elétrica e então... (Gestos com as mãos) eu considero que se não tivesse sido apresentada a oportunidade de bolsa, eu não poderia ter regressado novamente à vida laboral. Por que? Em países como a Colômbia, a formação em pós-graduação é muito cara. Então como é muito cara, as pessoas se abstêm de fazer essa formação. (BONNIE, INGENIERÍA, UTP)*

Um outro elemento pertinente para a discussão costurada nesta tese, apontado no tocante à produção científica, é apontado pela professora Lélia do PPGTE: que questões, não perceptíveis nos volumes de publicações, influenciam indiretamente a concepção de uma ciência dita neutra e imparcial, a produção científica e tecnológica, assim como da formação de futuras/os doutoras/es? Embora Lélia reconheça que esteja falando a partir do seu lugar de professora do design, suas questões são relevantes para se pensar em todos os campos do conhecimento acadêmico e das disciplinas/autoridade, pensando estas a partir de Foucault (2008; 2010; 2014)

*Por exemplo: quais são os temas que eu vou privilegiar na minha prática, tanto de produção acadêmica quanto de orientação e quanto de sala de aula? Que temas que eu levo pra sala de aula? (...) Quais são os conhecimentos que estão sendo deixados de fora, o que que a gente coloca como central dentro da... Em termos hegemônicos dentro da atuação profissional e da formação de estudantes, o que que tá ficando de fora... então me interessa muito discutir esse jogo (gestos com as mãos) do que que entra e do que que sai, o que que é validado e o que que não é... Pensar que sujeitos estão ficando de fora dessas preocupações. E isso reflete de certa maneira na produção que eu tenho. (LÉLIA, PPGTE, UTFPR)*

É interessante pensar que, as provocações relatadas por Lélia e Bonnie permitem o deslocamento de pensar a produção de modo igualitário e mesmo quantitativo, uma vez que

todas/os precisam publicar, para estar vinculadas/os nos respectivos programas. Entretanto, sob quais aspectos? O que é que está sendo valorizado pelas agências de fomento, no tocante aos critérios estabelecidos para a concessão de financiamentos de pesquisa? Por que as questões relatadas pelas professoras entrevistadas Megg e Naine, do PPGTE, assim como as pesquisas do movimento *Parent in Science* (2021a; 2021b), só tomaram corpo muito recentemente nas universidades, especialmente nos espaços da pós-graduação? Por que esse olhar de gênero, como asseverou Schiebinger (2014), irrita as/os cientistas, quando são obrigadas/os a perceber as lacunas sistêmicas das ignorâncias, em suas próprias pesquisas?

Poderia ir-se mais além: por que há essa verdadeira naturalização da ignorância frente as questões de raça e o saber, como bem apontou Mills (2008; 2018), uma vez que a realidade raça normalmente não se encontra enquanto elemento estruturante dos diálogos de produção do conhecimento? Por que esse modo de ver o conhecimento cartesianamente, como argumentou Carvalho (1998) há mais de vinte anos, ainda ecoa espaços dentro das universidades e centros de pesquisa?

Finalmente: Por que inexistem esses abraços epistêmicos, tomando como referências as provocações de Oliveira (2018) frente às travestis e transsexuais e o movimento negro, dentro de movimentos que já possuem um olhar crítico e avançado enquanto o conhecimento e saber, entretanto, ainda separam e hierarquizam os modos de ser e práticas de vida?

Outra vez: essas provocações devem deixar de ser respondidas e pensadas de modo dicotômico, uma vez que, como já foi dito ao longo de toda a tese: as universidades são reflexos de um tempo, momento, movimento, recursos e espaço, ainda mais circunscritas na realidade da América Latina. Por essa razão é digno de reconhecimento o relato da professora Bonnie, uma das poucas professoras da Ingeniería da UTP (dentre efetivas e temporárias), acerca de como ela produz com poucos recursos, busca empresas locais para pensar em soluções conjuntas e, finalmente, como essa universidade colombiana faz pesquisa nessas condições

*Bem, eu penso que o mais importante para fazer pesquisa é (gestos com as mãos) estar vigente com o estado da arte. Como se está vigente com o estado da arte? Não somente em participação em congressos e eventos... Mas também na parte de estar pesquisando todo o tempo na própria temática. Minha temática, atualmente, é com relação a desempenho de veículos. E eu atualmente sou coordenadora de um grupo de pesquisa... E nesse grupo de pesquisa trabalhamos em três linhas (gestos com as mãos): um, fazendo seminários com estudantes de graduação, onde começamos a encubar algumas ideias, fazemos revisões específicas do estado da arte e vemos oportunidades de pesquisa... Que provavelmente não façam os estudantes da graduação... Mas que quem possa desenvolvê-los são os estudantes de mestrado e doutorado. Então a partir dessa primeira fundamentação que fazemos nos seminários, oferecemos algumas condições para que eles possam fazer mestrado... E no mestrado terminem de formalizar um processo que já começou na graduação.*

*Como passamos ao doutorado? Então a partir das leituras próprias que fizemos no estado da arte, de (gestos com as mãos) papers, dissertações, teses... Temos identificado possíveis linhas de pesquisa. Como estamos trabalhando atualmente? Estamos envolvidos na engenharia, com a indústria 4.0. O que é a indústria 4.0? É a indústria conectada. E o que requer a indústria conectada? Soluções eficientes, soluções rápidas. E isso como fazemos? (Gestos com as mãos) Através de ferramentas matemáticas, através de técnicas como as meta heurísticas, que me resolvem de forma muito eficiente e muito rápida... E estamos atualmente desenvolvendo um projeto que se chama o problema de desempenho de veículos aplicado à logística de última milha. O que é a logística de última milha? A distribuição de mercadorias em sua fase final ao consumidor final. O que identificamos aí? Que os custos associados a essa logística de última milha são mais ou menos 30% do valor do produto. Então se intervimos nesses processos, então vamos melhorar a competitividade de nossas organizações. O que tratamos de fazer? Então estamos propondo ferramentas que se possam implementar em pequenos comércios, para pequenos distribuidores. E, adicionalmente, estou desenvolvendo um projeto, chamado jovem pesquisador, onde estamos identificando empresas próximas ao nosso entorno, que são empresas metalomecânicas, que possuem um problema delicado que é a parte de sequenciamento de tarefas. (Pausa). Então, a parte de transporte e a parte de sequenciamento de tarefas são dois temas que se comunicam entre si porque a matemática é transversal e me serve para resolver os dois problemas. (BONNIE, INGENIERÍA, UTP)*

Também é importante asseverar que as universidades, ao passo em que exercem esses espaços de poder em seus discursos sobre o conhecimento, a ciência e tecnologia, são atacadas por certos setores no tocante à sua função à sociedade. Função esta cada vez mais utilitarista do conhecimento e que não apenas encontra eco, mas pode se tornar a norma, como asseverou Santos (1997) há vinte e quatro anos atrás, e como o professor Alfonso, de Ciencias de la Educación, alerta em sua pergunta

*O que estamos fazendo, em um mundo onde aparentemente temos aumentado a cobertura educativa... Mas o que está acontecendo, com relação aos níveis de formação crítica das pessoas? Esse é um tema que devemos olhar desde a perspectiva da educação (...)* (ALFONSO, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)

A pergunta colocada pelo professor Alfonso ao fim da entrevista, poderia muito bem sintetizar a complexidade em se produzir nesses espaços, bem como de formar novas doutoras/es. Ao mesmo tempo, àmòs sistêmicas analisadas desmascaram discursos de que as condições para se produzir são iguais para todas e todos, uma vez que são desvelados preconceitos, discriminações, violências discursivas e, finalmente, visões torpes de se pensar/ver e agir no mundo.

Se por um lado existe essa pressa, depressa como o vento utilitarista, para publicar, fazer convênios, pontuar e indexar, preferencialmente em bases internacionais<sup>98</sup>, por outro há

---

<sup>98</sup> Quando se emprega a palavra internacionais nessa frase, são as valorizadas as que estão em certos países europeus e majoritariamente nos Estados Unidos. A língua inglesa é a que impera nas publicações, perfazendo uma verdadeira ditadura da língua e dos “centros” dos saberes, conforme texto publicado no *El País* de Juan Miguel Hernández Bonilla (2021).

a preocupação com uma formação crítica, apontada no relato e em toda a entrevista de Alfonso, que seja voltada para entender que um conhecimento, incentivado nestes moldes, mais prejudica do que ajuda, tal como já asseverado por Santos (1997).

#### 4.2.2 Abrindo e fechando os pontos: percepções institucionalizadas?

É importante salientar que o entendimento de institucionalizadas, nesta tese, está pautado em Michel Foucault (2008; 2010; 2014): para além de um conjunto de normativas e disciplinas constituintes de cada instituição (e seus espaços de convívio entre os sujeitos), importa pensar em suas práticas discursivas adotadas, que poderão resultar em corpos dóceis/reprodutores destes discursos apreendidos nos diferentes segmentos da sociedade.

Acredita-se que pensar as instituições e suas conexões a partir de Foucault (2008; 2010; 2014) pode desvelar questões que contribuiram para negar e/ou dificultar historicamente o acesso de sujeitos dentro dos espaços acadêmicos. É o que a já citada Oliveira (2017), em sua tese, mencionou acerca da saída/desistências de bichas pretas, viados e travestis dos espaços escolares. Essa saída, para a autora, não deve ser chamada de evasão e sim de expulsão escolar, devido às sistemáticas violências sofridas ao longo de todo o seu processo de escolarização. Ou seja: essas pessoas não são bem-vindas na escola, mesmo que as normativas e documentos oficiais não explicitem essa expulsão.

Neste sentido, são corroboradas as considerações da tese de Oliveira (2017) com o relato do professor Alfonso sobre o papel da universidade e o acesso a ela por certos grupos sociais, especialmente às instâncias decisórias

*Eu penso que seria a respeito do papel que todos esses grupos minoritários tiveram para a construção e formação da universidade... Que queremos e que necessitamos. Ou seja, entender que papéis esses grupos estão nos processos de tomada de decisões (da universidade) ... Desses grupos minoritários. Creio que há que se criar espaços para empoderá-los, quer dizer... (Gestos com as mãos) chegar a nos perguntarmos por que as minorias seguem tendo tão baixa participação?! Que isso não é apenas um problema de número, porque... A necessidade é que possamos ver a universidade desde outros olhares! Desde outras perspectivas, para que possamos fazer uma universidade e pós-graduações... E uma educação mais inclusiva. (ALFONSO, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP).*

É interessante pensar que as preocupações, relatadas por Alfonso, também foram percebidas nas anotações do diário de campo, no tocante à aprovação, pela UTP, de uma resolução universitária que objetiva garantir a atenção integral, à toda a comunidade, às vítimas de violências de gênero e violências sexuais, a Resolução nº 493<sup>99</sup> (UTP, 2019). Essa

<sup>99</sup> Link: <https://www2.utp.edu.co/cms-utp/data/bin/UTP/web/uploads/media/comunicaciones/documentos/RR->

Resolução, histórica, é fruto de lutas de coletivos, estudiosas/os do assunto e movimentos sociais de Risaralda. O pesquisador, autor desta tese, teve a oportunidade de participar de uma dessas reuniões. No registro do diário de campo consta

*Nesta reunião, diferentes coletivos e representantes da Vice-reitoria de Responsabilidade Social e Bem Estar Universitário da UTP, se propuseram a discutir os efeitos, avanços e pontos a explicitar, da Resolução 493 da UTP, tanto do fluxo de ações a serem tomadas em casos de violências, quanto do alcance de atuação do comitê para a prevenção e atenção de todas as formas de violências baseadas em gênero e violência sexual. Alguns dos questionamentos dos ouvintes foi com relação à não presença, na composição do comitê, de representantes dos estudantes da universidade, assim como da não obrigatoriedade de expertos do tema que sejam da própria universidade. Ademais, em esta reunião, também se definiu um cronograma de ações: formativas, estabelecimento de redes de atenção, discutir cada ponto da Resolução e datas regulares para as próximas reuniões. (DIÁRIO DE CAMPO, 21 DE MARÇO DE 2019, UTP).*

O esforço, com a aprovação da Resolução nº 493 (UTP, 2019), conforme conversas posteriores com a então membro da equipe de Vice-reitoria de Responsabilidade Social e Bem-estar Universitário, era também de desnaturalizar determinados comportamentos racistas, sexistas e lgbtfóbicos, todavia circunscritos nos espaços de convívio da universidade. Eram nítidas a sensibilidade e a atuação política das mulheres, com quem este pesquisador teve contato em 2019, em movimentos feministas da universidade e do Departamento colombiano de Risaralda.

É lamentável constatar que, se por um lado as normativas, resoluções e demais documentos pretendem garantir a equidade e o respeito às diferenças nos espaços educativos, por outro as agressões discursivas (para além das físicas) racistas, sexistas e lgbtfóbicas, ainda ocorrem nesses espaços. E as pessoas que proferem tais agressões, também de certo modo representam a instituição, ainda que em certos casos não estejam imbuídas/os de cargos diretivos/hierárquicos. Fica aqui o registro de que na UTFPR inexistente uma resolução<sup>100</sup> do Conselho Universitário, até o presente momento, que garanta a atenção a essas vítimas, tal como existe na UTP.

Portanto abrir e fechar os pontos, a partir do conceito de àimõtologia posto na tese, também remete a trazer excertos de relatos que confrontem a ideia de uma universidade totalmente livre de violências racistas, sexistas e lgbtfóbicas. Nota-se que embora não estejam

---

[493-DE-2019-PDF.pdf](#)

<sup>100</sup> Por outro lado, há se de reconhecer o esforço da UTFPR, citando como exemplo a aprovação da Instrução Normativa Conjunta 001/2017 – PROGRAD/PROPPG/PROREC (UTFPR, 2017), que orienta acerca do nome social de pessoas trans discentes nas dependências da universidade, em seus documentos e sistemas. Contudo, a aprovação também é fruto da reivindicação e de ações de coletivos da universidade, pesquisadoras/es de gênero, para além dos movimentos da universidade em atender a legislação.

nos documentos, instruções normativas e resoluções, acredita-se que são as práticas discursivas que podem revelar, mais diretamente, essas violências.

Neste sentido é interessante e complexo o relato da professora Alicia, de Ciencias de la Educación, ao trazer um pouco da história da cidade de Pereira, assim como das ações ocorridas na UTP (louváveis, registre-se), para reforçar o argumento discursivo de autoridade (FOUCAULT, 2008; 2010; 2014) de que exclusões não existem na instituição.

*(...) Veja, esta cidade e esta universidad... (Gestos com as mãos) A cidade é uma cidade receptora de populações refugiadas indígenas, afro... Então a cidade é receptora disso. Porque se pensarmos na cidade de Manizales, esta sim é excludente. Nos colégios, em um onde estudou meu filho, ali não se estudavam negros, indígenas nem pensar... (Gestos com as mãos) Pobres nem pensar. Aquí (em Pereira) isso não é assim, pelo contrário: é uma cidade receptora. (Pausa). Eu trabalhei muito em dois colégios que haviam misturas, ou seja que haviam populações por quantidades... Negros, indígenas, refugiados, e ao contrário não haviam disputas... Aquí na universidad temos políticas de inclusão, Aquí não tinha isso de não receber ninguém, ao contrário... Se respeita o que está na lei... Que (Gestos com as mãos) há populações pertencentes a grupos minoritários que tem cotas, por direito, à esta universidad. Isso se vê aquí. Aquí inclusive há conselho indígena (Cabildo Indígena Universitario de la UTP). (Pausa). Quando fizemos o PEI (Projeto Educativo Institucional, equivalente ao Projeto Político Pedagógico brasileiro) inclusive foi trabalhado para que colocássemos a inclusão... O desafio que tínhamos era de construir uma sociedade mais inclusiva, uma universidad mais inclusiva. (Gestos com as mãos) Eu acredito que aquí não são vistas essas exclusões. Ao contrário: se busca cada vez mais... (ALICIA, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)*

Os argumentos discursivos de autoridade, percebidos no relato da professora Alicia da UTP, são revelados (portanto a *àimòs*) em expressões confrontadas como “*se respeita o que está na lei... (logo) eu acredito que aquí não são vistas essas exclusões*”

Daí, quando foram ouvidas/os estudantes da UTP de coletivos afro e LGBTI+, é possível perceber as dores ao abrir esses pontos. Uma estudante negra da UTP, em conversa realizada já no fim do estágio doutoral, relatou como era a experiência de ser uma estudante, como é sua relação com a instituição e como ela percebe a relação da instituição para com ela

*Creio que é uma camuflagem (ser mulher negra na universidad). As vezes uma pessoa briga pelas coisas, mas normalmente se retrata, retrai, se guarda muitíssimas coisas.... Nas aulas, em questionar algo, e eu acredito que isso não vem somente da universidad e sim de mais atrás: em todos os espaços do colégio (...)* (ESTUDANTE UTP, COLETIVO AFRO)

Por outro lado, como revelado na pesquisa dos já citados Ferreira, Oliveira e Casagrande (2017), apresentada em um dos mais importantes congressos internacionais de gênero do mundo<sup>101</sup>, houve a constatação de uma certa irritação, de algumas das/os estudantes

<sup>101</sup> O congresso se chama Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero e a pesquisa em questão foi apresentada em agosto de 2017, nas dependências da Universidade Federal de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis.

de pós-graduação do *Campus* Curitiba, em responder questões sobre gênero, raça e o papel das pessoas negras nesses espaços. Um/a das/os respondentes inclusive tentou, pelo argumento de autoridade da disciplina, desqualificar a pesquisa, respondendo que as perguntas estavam mal formuladas e que a pesquisa era do campo da estatística e, portanto, incorreta.

Mills (2018), em sua análise sociológica da ignorância racial ocorrida nos Estados Unidos, relata a dificuldade em se estabelecer “fronteiras” entre a ignorância enquanto uma construção social e a ignorância branca e, esta última, nem sempre precisa estar imbuída de má fé em suas operações. Salvas as devidas proporções e localizações analítico/discursivas, é interessante pensar nos argumentos de Mills (2018), com os relatos confrontados da estudante negra da UTP ouvida, da professora Alicia e da pesquisa realizada por Ferreira, Oliveira e Casagrande (2017). Também, de como essas percepções (tanto de estudantes quanto das/os docentes entrevistadas/os) confrontam o que se está disposto nas normativas, documentos e resoluções da universidade.

Por essa razão se afirma que é complexo e um tanto simplista pensar em instituições apenas com relação ao conjunto de documentos que a definem. Do mesmo modo em que também é complicado pensá-la apenas a partir dos relatos, uma vez que há disputas discursivas e de poder. Reafirma-se: a universidade é reflexo do seu tempo, momento, movimento e espaço. Demonizá-la pode favorecer narrativas a serviço do anti intelectualismo (SANTOS, 1997), assim como romantizá-la cria a ideia de um espaço perfeito, sem opressões, violências e discriminações.

Quando se pensa nas relações de gênero, que poderiam estar institucionalizadas nos modos de se produzir C&T na UTFPR e nos programas das/os docentes entrevistadas/os, Zenaldo oferece um olhar pertinente para debate, a partir de sua percepção histórica da pós-graduação e, particularmente, da UTFPR.

*Eu acho que se a gente olhar pra história... é que se vê um processo. Tinha lá uns pretendentes de determinada função, e dentre eles tinha uma mulher e aí não... e tal. Se você o histórico, em nível de coordenação de programa (referindo-se ao PPGTE), eh... eu acho que não, né? Mas pra diretor de pesquisa e pós-graduação nós tivemos acho que só a Fulana (omitiu-se o nome real da docente citada), aqui... na diretoria, que eu sucedi a Fulana... e na Pró Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação nunca tivemos uma mulher até agora, né... que era só a Beltrana (nome de colega docente também omitido pelo entrevistador) que foi Pró Reitora de Relações Empresariais e Comunitárias. Estatisticamente, historicamente... aparentemente sim (referindo-se a pergunta da entrevista). Mas eu não sei exatamente em quais circunstâncias exatamente tinham candidatas... então logicamente como é que você vai falar isso? Era pra ter um sistema de cotas pra isso? Obrigar a colocar algumas pessoas na lista? Eh... mas se a gente olhar pra o histórico (da UTFPR) eu acredito que sim.*



(ZENALDO, PPGTE, UTFPR).

Este mesmo entrevistado, no ano de 2017, quando indagado se estas situações descritas em sua resposta ocorriam desde antes da UTFPR se tornar universidade, responde que

*Ah... eu acho que lá era pior, hein? Eu acredito que a mulher tá ocupando um espaço melhor, agora. Eu acho que na época... nossa! Era... direção? Teve um tempo aqui que só tinha esse prédio (referindo-se à sede do Campus Curitiba) aqui. Mulheres? Bom, até porque mulheres professoras tinham só em curso de desenho, curso de decorações, artes, essas coisas assim, né? Mas nunca chegaram em cargos de direção (ZENALDO, PPGTE, UTFPR).*

Já Nadia, do CPGEI, quando inquirida a responder a mesma pergunta, demonstrou percepções diferentes, respondendo que

*Na pós-graduação não. Não notei. Aqui a gente já teve homem e mulher como coordenador de pós... não tem diferença nenhuma. Igual! (NADIA, CPGEI, UTFPR).*

Megg foi uma das poucas pessoas entrevistadas que explicitou diretamente uma situação de preconceito vivenciada na universidade, usando a si própria como exemplo. Esta resposta pode estar relacionada com elementos de gênero institucionalizados nas práticas/relações com a área de estudo, a universidade e a própria C&T.

*Pois não foi uma vez nem duas. Eh, eh... eu acho que a gente, né, como professor. Nós estamos sujeitos a isso. E muitas vezes, por pura boa vontade, que você tá ali como coordenadora, você tá ali como pró-reitora... boa vontade, no sentido de ajudar, né? E, e... aí acontece alguma coisa porque o conceito de ética é tá pouco estranho, né, ultimamente (risos)? Acontece coisas. Então eu já vi desde coisas corriqueiras, de... olha... então, por exemplo, eu cheguei aqui... eu cheguei aqui porque meu marido veio pra cá. Vim falar com o maravilhoso João Augusto, mas ele é uma propaganda enganosa... porque nem todos (referindo-se aos seus colegas homens de programa à época da sua chegada) são como ele, né? Mas eu achei que era (risos). Eu achei que era. E daí eu fui trabalhar com um professor que nem... que há muito tempo não tá mais aqui e tal. Então eu fui trabalhar com esse professor e aí eu cheguei e falei assim: 'então, o João Augusto pra eu procurar trabalhar com você, tô a sua disposição, né? Eh... porque eu tenho mestrado, só, e queria dar aula junto... ou queria ficar ali, dar assistência, e tal'. Mas cheguei assim, com a caneta e papel na mão, né? e aí o que eu ouvi foi assim: 'vamos deixar claro: você tá aqui porque nós queremos o seu marido (pausa longa). Você faz ele feliz, então...' (risos). Na época, pra variar, eu fiquei assim (gestos e expressão para representar que não se importou): Ah! É?! Mas depois eu fiquei bastante incomodada com isso, assim. Então esse tipo de coisa... A hora que você ouve, nem cai a ficha direito. Depois é que você fala: uau (risos)! Tem alguma coisa esquisita, assim. Será se é por causa da área, né? Então a partir disso eu via acontecer comigo e eu via, do meu lado, acontecendo, né? Quando você... acontece com você, a hora que você internaliza, você passa a identificar, né, do lado. E na hora é assim: o que é que você tá fazendo, né? Tanto com mulheres, como com homens, com*

*outras pessoas de gêneros misturados, enfim, né? (...)* (MEGG, PPGTE, UTFPR).

Em sua dissertação, Muzi (2011) destacou que, embora a UTFPR exista há pouco tempo, as práticas de gênero, institucionalizadas, ocorrem desde o tempo em que a universidade era uma escola básica de ensino profissional, em 1909. E que mesmo depois de transformada em universidade há essa complexidade em ressignificar as relações institucionais/elementos de gênero. A autora relata (2011, p. 215. Grifos da autora):

Por outro lado, passar de um número de duas mulheres na década de 1910 para 299 oitenta anos depois significa que as primeiras conquistaram espaços e estes não serão perdidos. O que nos interessa problematizar é que espaços são estes? Quais as atividades atribuídas a elas? Nesse caso, é notório que as configurações nesta instituição não são diferentes do que encontramos em outras. Assim como na maioria das instituições de ensino, algumas áreas foram e seguem sendo mais ocupadas por mulheres e outras por homens. Essa “distribuição” de acordo com o sexo da pessoa caracteriza uma dinâmica pautada na reprodução da divisão sexual do trabalho, quando percebemos que em áreas das Ciências Humanas e Sociais há predominância feminina e nas Ciências Exatas e Engenharias, a predominância segue sendo masculina.

As ponderações de Muzi (2011) correspondem ao panorama que o entrevistado Zenaldo relatou acerca da presença, participação feminina e a natureza da instituição, conhecida como uma escola de engenharia e, portanto, eminentemente masculina, diga-se nas entrelinhas.

Entretanto, de novo: estas práticas de gênero que podem, todavia, se encontrar institucionalizadas, são complexas e difíceis de serem percebidas. De forma que há essa irritação e incômodo quando se passa a perceber, finalmente, tal como Schiebinger (2014) mencionou acerca do olhar agnotológico para questões de gênero na ciência e tecnologia. Também urge pensar nas necessidades de se questionar/mudar processos normativos que naturalizam/convertem certos sistemas relacionais nestes espaços acadêmicos em **cistemas**<sup>102</sup>, como bem asseverou Vergueiro (2015), ao pensar em sua dissertação como dispositivos de poder agem nas instituições, reafirmando miopias de gênero e raça sobre certos grupos sociais, contribuindo ainda mais para sua estigmatização. Respeitando os limites teórico/metodológicos e os escopos temporais, Vergueiro (2015) oferece outros olhares e pode dialogar certamente com as pesquisas de Muzi (2011) e Schiebinger (2014).

<sup>102</sup> Vergueiro (2015), na seção 4.1 de sua dissertação, costura as suas próprias vivências com a de diversas/os autoras/es, para demonstrar a violência dos binarismos operando nos espaços acadêmicos. Ainda são poucas as produções que denunciam em suas pesquisas a não neutralidade de um conhecimento, produto, processo, método, disciplina e artefato, estes todos fundamentados na norma e escondidos em um discurso dito universal, mas que é, finalmente: branco, binário, masculino, circunscrito em saberes ditos “universais” que “originaram” no “norte”. Trazendo Vergueiro (2015) para dialogar com esta tese, urge trazer encanterias que também revelem essas ignorâncias sistêmicas/binárias, presentes nas instituições.

Neste sentido, é interessante o dado de que, das/os 23 docentes entrevistadas/os, 14 ocuparam ou ocupam cargos administrativos e/ou de chefia/coordenação na UTFPR e UTP, seja nos respectivos programas de pós-graduação, ou em outras instâncias.

André foi um dos/as entrevistados/as que declarou não ter exercido esses cargos durante todo o tempo em que esteve vinculado ao programa, ou mesmo à universidade, quando instado a responder à pergunta que abordava este tema. Para ele

*A pesquisa e cargos administrativos são sempre um problema. Eu procuro exercer atividades de colaboração. Participar em comissões eu sempre participei mas cargos de coordenação nunca participei. E por enquanto eu não tenho... por enquanto tô me dedicando à pesquisa. (ANDRÉ, CPGEI, UTFPR).*

Mesmo as/os entre as/os docentes entrevistadas/os brasileiras/os e colombianas/os que ocuparam ou ocupam cargos/funções administrativas de coordenação e chefia, houve essa queixa da dificuldade em conciliar pesquisa e os cargos, o que impacta nas métricas de produtividade. Ao mesmo tempo, como as/os docentes universitários/as são também pesquisadoras/es<sup>103</sup>, a pesquisa acaba sendo realizada nos espaços de tempo que sobram, conforme relato da professora Lélia do PPGTE

*Eu gosto muito de escrever; eu tenho prazer em escrever um texto. Mas nos últimos tempos a escrita tem gerado muita ansiedade por causa da falta de tempo. Porque é assim, aquela coisa de você encaixar nos tempos, nos buracos da agenda e a coisa não vai pra frente, fica encalhado, e daí você fica pensando que o negócio tá em aberto e fica pensando (gestos com as mãos), aí você sai de lá e então... Embora eu goste muito, em função da rotina, a escrita tem me gerado uma certa ansiedade. Eu tenho produzido, tenho publicado coisas mesmo assim, mas menos do que eu gostaria. Gostaria de ter mais tempo pra poder escrever porque é uma coisa que eu gosto e que me dá prazer; não é? (LÉLIA, PPGTE, UTFPR).*

Ademais, sobre a questão de cargos, também é pertinente trazer para a discussão a memória da presença das mulheres, a partir do relato da professora aposentada da UTP e vice presidenta, à época do estágio doutoral, da associação das/os docentes aposentadas/os da universidade

*Eu chego no ano de 75 (1975) na universidade. (...) Como chegam as mulheres à universidade? Pelas humanidades, uma vez que se precisava atender a formação do ciclo (de educação) básico... (do departamento de Risaralda). Então aí começou a (cita os nomes das mulheres pioneiras que chegaram). Somente chegou uma mulher nas áreas duras em química (cita a professora), e como havia desenho na arquitetura, então havia uma mulher. Começa a romper pela educação e pelas*

---

<sup>103</sup> Dentro das universidades analisadas, a função de docente e pesquisador/a são combinadas. Salvo se as/os docentes recebem recursos públicos para a realização de suas pesquisas, mediante a apresentação em editais internos e externos à universidade, inexistente uma remuneração percebida e constante para a realização desse serviço em seus salários. O que complexifica ainda mais os debates acerca da pesquisa realizada nas universidades para além dos recursos públicos, pessoal docente e distribuição de bolsas de pesquisa.

*humanidades.* (DOCENTE APOSENTADA, VICE PRESIDENTA DA ASSOCIAÇÃO DAS/OS DOCENTES APOSENTADAS/OS DA UTP)

A docente menciona na conversa, inclusive, os problemas que enfrentou quando foi nomeada vice-reitora da universidade, nos anos de 1990. Colegas docentes, que segundo a professora sempre a trataram muito bem e convergiam nas decisões políticas e nas lutas encampadas pela melhoria da universidade, mudaram suas percepções sobre ela a partir do momento em que assume um alto cargo na universidade, mesmo tendo ela todas as qualificações necessárias. Aliás: por dois meses, ela ocupou interinamente o cargo de reitora, sendo a única mulher, até o presente momento, a chefiar a UTP

*Ou seja, eram dois pecados (gestos com as mãos): ser mulher e ser da educação. E não ser engenheira, porque todos os diretores e vice-reitores eram engenheiros. E da Faculdade de Educação nunca havia estado em um cargo desses.* (DOCENTE APOSENTADA, VICE PRESIDENTA DA ASSOCIAÇÃO DAS/OS DOCENTES APOSENTADAS/OS DA UTP)

É muito interessante como os relatos da docente aposentada da UTP convergem com as pesquisas/teorias mencionadas em toda esta seção e capítulo, assim como da complexidade em se pensar nas cotidianidades das relações percebidas dentro dessas instituições.

Do mesmo modo, o trecho do relato a seguir, da professora Bonnie, da UTP, é contrastante às percepções dada pela docente aposentada. É importante destacar que na maioria das entrevistas realizadas para esta pesquisa, quando o assunto é instituição, cargos, produção, orientação/supervisão e pesquisa, dão bastante ênfase a questões como mérito, competência e igualdade, deixando de lado outras questões que podem influenciar nas percepções internas e externas do que seria essa complexa instituição universitária

*Porque a universidade, como empresa, que faz os seus processos de seleção... Eu penso que sim, que é muito transparente em definir quais são as habilidades que devem ter a pessoa. Então o que eu observo é que pode ser que não temos a quantidade suficiente de mulheres qualificadas para chegarem a esses cargos de direção. Não é porque seja uma coisa de gênero... É porque se fazem as candidaturas a esses postos, provavelmente as mulheres que se apresentam não tem... Não estão suficientemente qualificadas para chegar a esses cargos. Porque a universidade sim é mais aberta nessa direção. Porque, por exemplo: (gestos com as mãos) eu sei que licenciatura em pedagogia há um monte de professoras mulheres... Deve ser pela linha. Aqui em engenharia industrial temos quase que uma paridade entre professores homens e professoras mulheres. Em engenharia elétrica mais homens, em engenharia mecânica mais homens... Então... Em medicina mais homens, Então pode ser porque as mulheres não estão qualificadas para chegarem a essas posições.* (BONNIE, INGENIERÍA, UTP).

A àmetològia pensada aqui remete a evidenciar lacunas que existem, tanto no que se entende por uma instituição, quanto por suas práticas discursivas que primam por reforçar a ideia e senso comum de uma neutralidade, de “acesso a todas e todos” e meritocrata, mas que

escondem elementos violentamente racistas, sexistas, lgbtfóbicos, ideológicos e classistas.

Tais como os percebidos no relato da professora Bonnie, que pode sugerir uma responsabilização única às mulheres que participam em processos seletivos, que por não terem a “competência”, não conseguiram ascender à universidade e/ou a cargos administrativos, bolsas de pesquisa e equipamentos, ignorando os motivos das disparidades de gênero em determinadas áreas... Difícil e complexo, portanto, visualizar esses elementos, é certo! Também, ao visualizá-los, estes podem ser usados de base para a elaboração de discursos completamente rasos, usados por grupos sociais perversos e antiéticos que querem a deslegitimação de toda a universidade, da ciência, da tecnologia e do próprio conhecimento acadêmico.

A tragédia das *fake news* e o modo de condução da pandemia em certos países, só reforça esse argumento da manipulação da ignorância enquanto condição humana para uma ignorância sistêmica, tendo a *internet* e grandes corporações de comunicação como seus veículos principais de propagação dessa confusão de informações, inclusive corroborando com o anti intelectualismo que Santos (1997) asseverou há mais de duas décadas.

Neste sentido, a àimotológica pode ser um instrumento potente para complexificar essas discussões e denunciar discursos perversos, estejam onde estiverem. Tais como o recente e chocante discurso do Ministro da Educação do Brasil, que diz que o diploma não tem serventia nenhuma porque não tem emprego, desconsiderando sistemicamente que a questão do desemprego é sim uma questão de projeto de poder, não uma pretensa culpa e responsabilidade individual de quem quer chegar à universidade<sup>104</sup> e ter uma vida melhor.

Deste modo, o fragmento do relato da professora Bonnie é um exemplo que confirma a tese central desta pesquisa, explicitada na página 39, mas que é importante recuperá-la novamente: a baixa presença de sujeitos histórico/hierarquicamente considerados abjetos, quando se fala em produção científica e tecnológica, se deve a práticas racistas, sexistas, misóginas e lgbtfóbicas manifestadas na cotidianidade das relações sociais, ocorridas desde a gênese da universidade e que podem estar naturalizadas/mascaradas discursivamente quando se pensa em CTEM como eminentemente masculinas e brancas.

Em outras palavras: a universidade, ao mesmo tempo em que é um espaço de produção de conhecimento, importante à sociedade e à formação cidadã, é reflexo de seu tempo, momento, movimento e espaço. É preciso deixar de ignorar sistemicamente as

---

<sup>104</sup> Notícia veiculada no Portal G1 (2021), com o link <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2021/08/21/ministro-da-educacao-diz-que-diploma-de-universidade-nao-adianta-porque-nao-tem-emprego.ghtml>

violências que estão circunscritas em seus espaços, disciplinas e discursos produzidos, mas que estão mascaradas na pecha da neutralidade e objetividade do conhecimento, a objetividade sexista e classista que Haraway (1995) critica e que Mills (2008; 2018) evidencia também, mas acerca da ignorância branca e o conhecimento. Ignorar essas violências sistêmicas, parafraseando Smithson (1985), remete a esconder o caráter não negociado da *àimòs*, uma vez que essas faltas de “capacidades”, “competências” e “méritos” para se ascender a algum lugar escondem interesses, disputas de poder, modos de ver o mundo e de agir na cotidianidade das relações sociais.

Basta pensar que apenas em 1879 as mulheres, no Brasil, puderam estar nos espaços da universidade, conforme relato destacado no artigo da professora Maria Margaret Lopes (1998), apenas para citar um exemplo que contrasta com as percepções relatadas pela professora Bonnie, no tocante à abertura da universidade em processos de seleção para determinados grupos sociais que sofreram (e ainda sofrem, infelizmente) historicamente invisibilizações, violências, discriminações.

Por isso relatos como o do professor Alfonso, de Ciencias de La Educación, são importantes para observar a universidade por outros prismas

*Pois veja: eu penso que das diferenciações por razões de gênero, de origens étnicas ou por razões de crenças religiosas... Me parece que sim, que devemos trabalhar muito na parte de formação dos estudantes, (gestos com as mãos) para que sejam mais tolerantes. Me aconteceu um caso muito particular essa semana, que tiveram de apresentar um trabalho sobre a família e em nenhuma parte (do trabalho) existia a família homoparental. Então eu lhes dizia que isso é uma realidade que existe e que devemos respeitar, que isso deve ser feito para os jovens... Que deve ser feito um trabalho forte em formar os estudantes com relação à diferença! Se nós nas instituições educativas, nas universidades e na pós-graduação não apostamos nisto, dificilmente vamos mudar a sociedade e a sociedade seguirá em caminho derradeiro que não respeita o diferente. Então me parece que isso sim, deve ser trabalhado nos doutorados... Algo que tem de ser revisado um pouco, dar um pouco de valor ao panorama. Faz pouco tempo eu li um artigo de uma mulher afrodescendente que dizia que em sua escola lhe ensinaram que usar a cor de carne... E ela dizia: eu também sou um humano e minha pele não é da cor que tem esse lápis. Então me parece que esses são os elementos que devemos começar a trabalhar: como os diferentes grupos participam de uma maneira mais equitativa que... Para que também o que fazamos seja de uma maneira mais equitativa (ALFONSO, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP).*

O relato do professor Alfonso aponta a urgência de se trazer discussões que primem por verdades, no plural (FERREIRA, 2020) e tal como defendido nesta tese, que façam as pessoas serem mais livres, circunscritas não apenas no conhecimento produzido, mas na formação **cidadã** e em **respeito efetivo** às diferenças.

Se por um lado é importante celebrar e defender as conquistas realizadas desde o

processo da redemocratização brasileira, assim como desde a Constituição de 1991 e o fim de um conflito armado de cinco décadas na Colômbia em 2016, por outro é fundamental avançar em questões de direitos humanos, aprimorar/corrigir esses processos e as legislações que são suas bases. É fechar os pontos das ignorâncias sistêmicas que estão presentes nas instituições, uma vez que elas são reflexo da complexidade, violência, solidariedade, disputas e lutas, materializadas na cotidianidade das relações sociais. Repete-se: é preciso fechar os pontos e avançar, portanto, nesta encanteria à motológica.

#### 4.2.3 Apagando essa candeia: dos preconceitos, discriminações e estereótipos naturalizados

Quando perguntada como costuma perceber a presença e participação das mulheres nos espaços da pós-graduação, a professora Nadia, do CPGEI, destaca que a presença e participação das mulheres está relacionada a uma questão de área de estudo. Mas ao mesmo tempo, ela cita um exemplo de política pública estadunidense para incentivo de meninas às áreas CTEM, não se percebendo, contudo, o questionamento dos porquês de determinados campos do conhecimento serem predominantemente masculinos.

*Eu acho que é normal, não vejo diferença nenhuma. Tem poucas mulheres, mas mais por uma causa de área. É..., mas é uma questão só de mudar um pouco a política de atração. É. Eu sei que existe, por exemplo, nos Estados Unidos... existem muitos... é... programas onde eles procuram incentivar meninas já no nível do segundo grau a se interessarem por áreas que são predominantemente masculinas... do tipo física, matemática.... Mas o Brasil não existe. Que eu saiba, desconheço, né... esse tipo de incentivo, a nível de primeiro e segundo grau (ensino fundamental e médio atual). (NADIA, CPGEI, UTFPR).*

Da mesma forma, Nadia, quando instada sobre a percepção que tem acerca dos modos de relação entre alunas e alunos, parece indicar em sua fala uma percepção negativa de sexo e gênero a alunas as quais ela não considera boas, mediante o critério de competência/capacidade cognitiva, explicitando em seu relato:

*Eu acho assim: as boas alunas nunca... nunca, eh... observei, é, alguma forma de elas tentarem se impor ou usarem o sexo como forma de demonstrar competência. Já as alunas mais ou menos meia boca (gestos com as mãos), algumas delas usam os seus atrativos pra tentar convencer os rapazes a ajuda-las (risos). Mas isso assim: uma percepção minha, que nem sei se isso é verdade. Pode ser que sim, sei lá. Só uma mera... adivinhação, entende? (NADIA, CPGEI, UTFPR).*

Nadia parece entender que a questão de sexo e gênero, neste exemplo dado, está unicamente relacionada a uma questão de sedução/sexual. É possível estabelecer uma relação com o que Foucault (1977) descreveu como repressão do sexo/sexualidade pelas instituições e

peças que circulam nestes espaços, quando a entrevistada dicotomiza o que seria uma aluna boa e uma aluna não tão boa assim, esta última utilizando artimanhas de sedução para conseguir o que deseja. Enquanto a primeira aluna considerada boa, pela fala de Nadia, pode indicar um sinal de neutralidade, competência e ausência do sexo e sexualidade, conforme seu entendimento.

O entendimento, apresentado nos dois trechos do relato de Nadia, foi comum à maioria dos relatos das/os docentes entrevistadas/os, no sentido de ou não dizerem que percebem essas questões, só se importando com a questão do ensino e aprendizagem, ou estigmatizando, imputando ao gênero uma conotação repressiva e negativa. Afinal, essas questões, conforme as percepções dos relatos dessas/es docentes, não são de maior importância para serem discutidas, quanto ao conhecimento posto na universidade.

Kovaleski (2013), em sua tese acerca de questões de gênero em duas universidades tecnológicas<sup>105</sup>, evidencia o incômodo percebido pelas docentes mulheres entrevistadas sobre as dificuldades de progressão em suas carreiras estarem diretamente relacionadas a estereótipos de cuidado feminino/lar e capacidade cognitiva, mesmo elas tendo tanta capacidade (senão mais) profissional quanto seus pares homens. A explicitação de Kovaleski (2013, p. 224) corrobora com as considerações tecidas nesta seção:

Sob a ótica das relações de gênero o que demonstrou a comparação entre a UTFPR e a UTC? Mais semelhanças do que diferenças. Dos dois lados do Atlântico, a grande maioria das entrevistadas concordou em dizer que a articulação entre o trabalho reprodutivo e o profissional representava dificuldade à sua progressão na carreira universitária. As francesas salientaram muito mais do que as brasileiras, o fato da universidade se apresentar como um mundo masculino e que isso incidia inclusive nos mecanismos de recrutamento de pesquisadoras/es e professoras/es. Percebeu-se um conformismo mais acentuado do lado das brasileiras, em relação à divisão das tarefas domésticas porque, apesar de não acharem justa essa divisão entre os sexos, nenhuma das entrevistadas mencionou possibilidades de negociações na organização da vida familiar com o marido e/ou companheiro.

É perceptível a interconexão das características/categorias centrais debatidas com as perspectivas teóricas de Scott (1995; 2019) e Foucault (1977; 2014). Acredita-se que as relações percebidas entre os sujeitos escolhidos para esta pesquisa evidenciaram questões de gênero que foram notadas em certos momentos. Em outros, além de não serem notados, as falas trouxeram reforços de estereótipos para as pessoas desviantes da norma, que se aventuram a estar na academia (VERGUEIRO, 2015).

<sup>105</sup> A autora investigou as relações de gênero/institucionais entre docentes, em cursos *stricto-sensu* da UTFPR e Universidade Tecnológica de Compiègne (UTC), na França, a partir de dados oficiais da época e de entrevistas semiestruturadas realizadas com as professoras/es das duas instituições. *Link* de acesso: [http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/709/1/CT\\_PPGTE%20\\_D\\_Kovaleski,%20Nadia%20Veronique%20Jourda\\_2013.pdf](http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/709/1/CT_PPGTE%20_D_Kovaleski,%20Nadia%20Veronique%20Jourda_2013.pdf).



O entendimento de gênero enquanto uma conotação repressiva e negativa, também pôde ser perceptível em algumas entrevistas realizadas, no tocante à ascensão a funções. Por essa razão, o relato da professora Mabel, da Ingeniería da UTP, é interessante e, em certa medida, se corrobora com as costuras realizadas por Nadia, no que diz respeito a gênero, sexo, estudantes, docentes, ensino e pesquisa, tudo refletido no que seria um bom/boa e mau/má estudante

*Não. Não... o que eu consegui, eu consegui (pausa) pelos meus próprios méritos. Porque você também sabe que há mulheres que tentam se promover por outros meios porque são mulheres, então... (Gestos com as mãos). Não inventemos mentiras, ser mulher te abre portas para muitas coisas. Eu vi uma vez, inclusive, um vídeo, que não sei se você viu, seguramente que sim... Quer é um vídeo de uma mulher que não está arrumada, e pede favores, e as pessoas como que não dão caso. E logo ela se coloca como muito bonita e em todas as partes fazem favores. Isso é uma coisa que é... Que não se deve esconder; que sabemos que sim ou que não, que se tem a cara bonita, se vai e... As pessoas são mais amáveis. Mas eu nunca senti, porque eu seja mulher, que por esse tipo de coisas, eu tenha sentido, não! Eu acredito que eu tenha sentido pelo meu trabalho. Inclusive nem sequer porquê... É que me ajudaram a entrar na universidade... (Gestos com as mãos) Porque isso pode passar; eu sou uma conhecida... Não! Estou aqui porque eu passei no concurso, porque eu fui uma boa estudante, deixei uma boa imagem porque isso é muito importante. Um mau estudante nunca irão chamar; ainda que traga seu currículo, nunca o aceitarão em um grupo, hum... E creio que tem sido como o esforço que eu coloquei que permitiu que eu estivesse aqui. E em agradecimento à universidade, a universidade me deu muitas oportunidades. Eu sou o que eu sou hoje em dia porque pela universidade, pelas oportunidades que me deram a universidade. E comparando com as muitas pessoas que eu conheço, que estudaram comigo, eu me considero abençoada, abençoada total, porque meu trabalho é maravilhoso, tenho um ambiente laboral que à parte de coisas que passa aqui, é bom... Que me permitiu fazer muitas coisas, que me permite... Ou seja, que a universidade permite fazer o que você quiser fazer. Desenvolver (gestos com as mãos) em tudo o que quiser; em viajar; conhecer gente, ter contatos, ter conhecimento, se atualizar, inclusive... Uma vez estivemos em uma viagem muito bonita porque foi até uma feira e fomos em um grupo grande. Então esse tipo de coisas que se não trabalha bem é muito difícil. E tinha pessoas que se formaram comigo que hoje estão na indústria que, hoje em dia, são escravas de estar... Digamos que cumprindo com um dever. Nós não, nós... Parte das aulas são um dos deveres e tudo, mas acabamos fazendo também outras coisas e tudo, nos atualizando, nos apoiando, eu não sei. Eu devo agradecer muito ao meu trabalho e eu estou feliz. Como eu digo, não pelo sentido de que eu seja... Por meu esforço, por minha dedicação, pelo que eu me dediquei e pelo que a universidade me permitiu. (MABEL, INGENIERÍA, UTP)*

Os exemplos relatados pelas entrevistadas, citadas anteriormente, corroboram para o reforço de estereótipos na C&T, reforçando, a partir da produção de discursos científicos/tecnológicos, que para ser considerado competente nestas áreas há de se ter características comumente atribuídas ao universo masculino: objetividade, neutralidade, assertividade, firmeza. Às mulheres, a sexualidade e o sexo são comumente características negativas, estereotipadas e moralistas (FOUCAULT, 1977, 2014; SCHIEBINGER, 2014; SCOTT, 1995; 2019). Por conseguinte, essa mesma afirmativa também poderia ser estendida

às pessoas negras e pessoas LGBTI+, uma vez que o reforço dos estereótipos tem em comum a base machista e racista estrutural das relações sociais cotidianas.

Neste sentido se entende por que existem distorções acerca do que seria o machismo e como ele opera na cotidianidade das relações, observado em trechos do relato da professora Mabel e, confirmando, a manifestação da àimòs número cinco (Quadro 9): de que gênero, classe social e raça não são preponderantes nos processos de ensino, aprendizagem e produção acadêmica.

Ao mesmo tempo, é relevante o que alerta a professora Bonnie, colega de Mabel, acerca de como o machismo opera nas demonstrações públicas de afeto nos espaços da UTP, reforçando características valorizadas e circunscritas ao masculino

*Na universidade é muito mais fácil vermos mulheres de mãos dadas do que homens de mãos dadas. Mas como estamos em um ambiente machista, é mais fácil ver mulheres lésbicas que homens homossexuais. Eu penso que eles se coíbem um pouco mais... Como de fazer esses tipos de expressões, em Pereira. Na universidade vemos algumas pessoas... Mas isso é muito pouco. E a experiência que tenho com meus estudantes é que provavelmente que algumas pessoas com tendências homossexuais... Mas eu os vejo que são bastante disciplinados. (BONNIE, INGENIERÍA, UTP).*

É pertinente observar que, no relato da professora Bonnie, como o rigor está associado diretamente ao fato do que seria um bom estudante para ela, no caso de estudantes homossexuais. Apagar a candeia das àimòs remete a dizer que questões de gênero, classe social e raça são sim preponderantes nos processos de ensino, aprendizagem e permanência de estudantes, uma vez que se é esperada emulações universais de comportamentos socialmente aceitos e esperados nesses espaços, do que viria a ser, finalmente, um bom e boa estudante. Se aceitam essas pessoas, **mas nem tanto**.

Ao mesmo tempo, Bonnie denuncia em seu relato o machismo estrutural percebido na cotidianidade das relações universitárias, afetando as relações de estudantes LGBTI+ com esses espaços, o que corrobora com o relato a seguir de um estudante LGBTI+ negro colombiano, ouvido por este pesquisador.

*(...) eu concebo o mundo racializado. (...) nem todas as pessoas negras estão dispostas a assumir sua sexualidade (falando de afetividade entre homens negros homossexuais). (...) e, também desde o meu contexto, a minha homossexualidade está ligada com a questão da branquitude. Então digamos que desde o momento em que o homem negro assume ser uma pessoa livre sexualmente, socialmente... Está negando a sua negritude (dada). Então digamos que neste sentido é muito difícil conceber minha sensibilidade desde um amor afrocentrado. Então o que isso gera pra mim? Pois me gerou conflitos internos, me gerou concepções de querer suicidar, de conceber o suicídio como uma questão muito mais política, porque não quero enfrentar isto, não quero viver isto. Então tudo isso, emocional e psiquicamente me tem gerado estados de decadência profunda, inclusive de deixar a universidade (...)*

(ESTUDANTE NEGRO E LGBTI, UTP).

Foi um dos relatos mais dolorosos ouvidos por este pesquisador. O estudante em particular disse que só aceitou conversar porque sabia que o pesquisador também é uma pessoa negra e LGBTI+. Disse que estava cansado dos espaços da universidade, mas queria que seu relato fosse reverberado, de algum modo, na pesquisa. Sabia da importância em estar ali na universidade (não apenas para ele mesmo, bem como para sua família), mas também estava consciente das contradições existentes dentro dos espaços formativos.

Neste sentido é salutar como as ponderações de Carla Giovana Cabral (2006), ao debater acerca de uma dialogicidade e situacionalidade para o conhecimento e a ciência, se conectam com o que se está propondo nesta tese: em pensar a epistemologia como um instrumento de desvelar estruturas opressivas/violentas de relações, mascaradas por disciplinas e discursos que querem a todo instante reforçar uma universalidade/humanidade de gênero e raça que não existe na prática, uma vez que são estabelecidas hierarquias de opressão e violência que são estruturais. O relato do estudante reforça a inexistência da ideia de universalidade e humanidade, que foi percebida nos discursos da maioria das/os docentes entrevistadas/os.

Ao mesmo tempo, também é importante fugir de essencialismos que não dialogam com epistemologias propositivas de mudanças sociais, como asseverou Alcoff (2016). É pelas telas e pelas janelas de Cabral (2006), embora esta tese e o texto dessa autora partam de matrizes epistemológicas distintas, que é possível pensar em estratégias de apagar candeias da ignorância sistêmica. Sugere a autora, ao tecer críticas à ciência apenas enquanto um problema social.

Minha reflexão propõe uma forma de pensar que concilie, por exemplo, as dimensões social e histórica e as analise criticamente, sem ignorar, contudo, aspectos emocionais, evitando olhar apenas para cada uma, sem buscar pontos que possam se inter-conectar, inter-relacionar, conflitar. Em outras palavras, minhas análises não podem ser lidas sob o ponto de vista de apenas uma mulher ou um grupo e assim serem generalizados, mas deve(ria)m expressar a riqueza e a complexidade do comportamento humano em sociedade (CABRAL, 2006, p. 72).

Seguindo: Zenaldo, ao responder a mesma pergunta (como costuma perceber a presença e participação das mulheres nos espaços da pós-graduação), apresenta uma percepção diferente de Nadia e Bonnie, ao considerar a carga familiar imputada primariamente às mulheres. Essa percepção só foi percebida após a provocação da pergunta:

*A única coisa que, eh... que pode sentir, eh... Olhando assim a questão das orientações, que... Às vezes as preocupações extra pesquisa, das mulheres, é mais*

*família... E dos homens seja mais trabalho, sabe? Então se eu apertar o sujeito... Ah, o que que deu (gesto com as mãos), tal e tal... A justificativa é trabalho. Se eu apertar a mulher, não se apertar, mas... No sentido de verificar o que tá acontecendo, às vezes aparecem problemas muito mais pessoais, familiares. Eh... talvez... eu não tinha parado pra pensar nisso! Mas a partir da pergunta me faz refletir a isso, sabe? (ZENALDO, PPGTE, UTFPR).*

Já André parece demonstrar o mesmo entendimento de Nadia acerca da mesma pergunta:

*Não. No curso ao qual estou ligado isso não fica tão evidente. A gente... pelo menos... eu procuro... eh... não buscar esse tipo de informação, tá? Eu procuro dar as minhas aulas, independente de quem esteja... de que sexo, de que gênero, de que opção... procuro tratar as pessoas de forma igual. Então... (ANDRÉ, CPGEI, UTFPR).*

Porém quando instado a responder acerca de preconceitos sofridos/vivenciados nos espaços da universidade, há uma constatação oficiosa e superficial, na opinião de André, de que há preconceitos na UTFPR, embora ele não tenha percebido no programa onde atua. Nota-se que a resposta de André corrobora com boa parte das demais respostas das/os docentes entrevistadas, tanto da UTFPR, quanto da UTP: de que se ouvem falar em preconceitos e discriminações, mas que pouco presenciaram

*Dentro da universidade é o que você ouve falar, tá? Então o que você ouve falar eu acho que você... não dá pra colocar no papel. Mas com certeza deve sofrer. Isso eu não tenho dúvidas, tá? Porque... principalmente questões de raça, você vê pelo número de pessoas. Assim como você tem um... o sexo feminino, eh... uma pequena participação, o número de negros na pós-graduação, o número de negros na graduação é pequeno. Então com certeza isso tem problemas sim (ANDRÉ, CPGEI, UTFPR).*

Ficam então os questionamentos, suscitados a partir do relato de André e Zenaldo: o que é que seria, afinal um bom ou uma boa estudante? Como é que, ainda em 2021, seja tão complexo e difícil perceber a baixa presença de determinados grupos sociais representativos à população, em áreas do conhecimento X, Y ou Z? Por que é que os méritos, a neutralidade e a objetividade são utilizados para mascarar e ignorar essas relações percebidas de gênero (SCOTT, 1995; 2019) e raça (MILLS, 2008; 2018; OLIVEIRA, 2017), bem como as estruturas discursivas de poder que estão subjacentes à estas relações? Por que ainda se acredita que, *‘dentro das minhas aulas, cada um deixa os seus problemas de lado?’*

Nádia, ao responder acerca da percepção de vantagens e desvantagens em sua trajetória atribuídas ao fato de ser mulher, utiliza o exemplo da maternidade e divisão das atividades domésticas como uma questão de gênero que favorece os homens que estão na

academia, contribuindo para reforçar o estereótipo de engenharia masculina. Para ela, ser mulher pode ser uma desvantagem primeira, o que desmonta argumentos da universalidade e neutralidade e objetividade discursiva, perceptível em toda a pesquisa.

*Nenhuma vantagem. Desvantagem, só, né? Tem que... engravida, fica seis meses fora, aí você fica um pouco... Tem que atender criança, neném... Não sei o que, aí é uma desvantagem. Mas eu acho que isso está mudando. Porque os homens, hoje, como companheiros, tem dividido um pouco mais essa... esse trabalho na casa, né? Mais nesse sentido. Talvez as gerações atrás a coisa fosse um pouco mais complicada. Mas... Você está num meio acadêmico, em teoria, uma classe um pouco mais educada... no sentido de formação. Então é isso, nota-se que é minimizado. Mas se você pensar, talvez em um outro ambiente, acredito que não, tá? Eu sei de colegas aí que ficam falando 'ai, porque eu vou economizar na empregada'... E a mulher dele se lasca lá porque tem de ficar fazendo serviço de casa (risos). (NADIA, CPGEI, UTFPR).*

Já o professor Elkín, da Ingeniería da UTP, não percebe vantagens pelo fato de ser homem. Notou-se em seu argumento que, em razão de circular em ambientes bastante acadêmicos, determinadas questões de gênero, etnia e raça não perpassaram no seu labor e tampouco em sua formação. Inclusive é interessante que essa neutralidade, percebida nas suas relações e nos espaços em que circulou, pode ser correspondida, novamente, ao universo masculino. Por essa razão o contraponto, do relato a seguir de Elkín, ao relato de Nádia, uma vez que ela demonstra as desvantagens às mulheres com o exemplo da maternidade e cuidado com o lar/dependentes.

A fundamentação basilar da afirmação é a partir das pesquisas das já citadas Casagrande e Lima e Souza (2017; 2016a; 2016b; 2015) e Lombardi (2016), ao realizarem pesquisas dentro do campo das engenharias e constatarem a força do universo masculino presente na formação de um futuro/a engenheiro/a. O complexo é que esse modelo de profissional, aparentemente neutro, remete a um ideal/matriz cisheterossexual e ao sistema descrito por Vergueiro (2015), de forma que todas as pessoas que desejam cursar essas carreiras e que são desviantes dessa norma imposta, poderiam sofrer discriminações ao longo de todo o seu processo formativo.

*Não, eu não percebo nenhuma vantagem. (Pausa). Porque nos ambientes em que tenho estado, são ambientes muito acadêmicos... Onde o que eu posso perceber é que não há nenhum tipo de benefício relacionado às minhas origens, certo? Sobretudo no tempo em que eu estive nos Estados Unidos. O fato de ser latino não me dá nenhum privilégio sobre os demais. E estando aqui na universidade tampouco.... Que por minhas condições me facilitaram... Não. Para nada. (ELKÍN, INGENIERÍA, UTP)*

O interessante é que, ao final dessa entrevista, Elkín comenta acerca do movimento de

mulheres nas engenharias e como isto tem crescido nos espaços da universidade. Se há uma sensibilização a ter mais presença de mulheres e do papel relevante destas à sociedade e as engenharias, entretanto cegueira da *àimòs* remete ao fato de não conseguir questionar essas matrizes, nas gêneses dos discursos percebidos durante todo o seu processo formativo, o que pode reverberar em suas práticas docentes e formativas/cidadãs, na sala de aula.

É o que também pôde ser percebido na entrevista com o professor John, colega de Elkín na Ingeniería. Ao relatar acerca dos motivos que o fizeram ter escolhido a engenharia mecânica, John relatou com prazer que é como se estivesse brincando por toda a vida, uma vez que desde a infância ele gostava da mecânica. Mas ao mesmo tempo, é enfático ao dizer da relevância das mulheres neste campo

*Se eu gostaria que tivessem mais mulheres na engenharia mecânica? Claro! Seria muito mais agradável! Mas isso não depende da gente, do imaginário... Do imaginário que te disse: que a mecânica não é para as mulheres. Mas a mecânica sim... É para as mulheres (risos), certo? (JOHN, INGENIERÍA, UTP).*

De modo contrastante, é importante o que a professora Mabel, da Ingeniería da UTP, relata acerca da estrutura do bloco de engenharia onde trabalha e questões de gênero, especificamente com relação ao banheiro destinado às mulheres

*Não, só tenho uma anedota (pausa). Que inclusive vou te dizer uma coisa: eu não tinha me dado conta do que tinha acontecido no momento, depois alguém me fez dar conta... (Gestos com as mãos) Esse edifício está reconstruído. Esse edifício sofreu em um terremoto... Não sei se você sabe, mas teve um terremoto no ano de 1999, onde Arménia (capital do departamento de Quindío, distante há mais ou menos uma hora de Pereira) e Pereira sofreram muito. O edifício sofreu muito, ele foi fechado e reconstruído. Ou seja que isto aqui é uma reconstrução. Isso aconteceu no ano de 2001, 2002. Eu já trabalhava aqui desde 1996. E quando fizeram o edifício, se você perceber bem, não há banheiros femininos para professoras. Nunca fizeram um banheiro... Ou seja, pra elas... Nem me tiveram em conta. E alguém depois disse 'veja, é que fizeram um...' E eu nem... Nós mulheres usamos um banheiro que são para pessoas com deficiências. E nós assumimos que esse banheiro era para nós mulheres. Porém veja que aí há um certo grau de machismo. Porém eu não considerei como uma ofensa para mim (gestos com as mãos) mas sim, eles falharam. E é uma falha muito grande, que é como ignorar uma mulher que necessita do mínimo, que é um banheiro (MABEL, INGENIERÍA, UTP).*

É grave a cegueira da ignorância sistêmica de gênero, apresentada pela professora Mabel, acerca dos banheiros femininos no bloco da engenharia onde atua. Do mesmo modo, também é perceptível o reforço da mesma em dizer que o caso relatado não se traduziu em uma ofensa à ela, mas apenas a uma falha, um esquecimento, embora reconhecidamente machista. É interessante pensar que, a partir de Foucault (1977; 2008; 2010; 2014), as palavras **falha** e **ofensa**, revelaram as contradições discursivas de uma universidade que

aparentemente é isônoma, meritocrata e objetiva em seus processos formativos, documentos, acessos e mesmo em suas estruturas prediais, como o caso relatado pela professora Mabel. Mas que em suas práticas discrimina, segrega e exclui, em alguns casos violentamente. Senão por que a UTP ratificaria, então, a Resolução nº 493 (UTP, 2019), voltada às vítimas de violência e assédio sexual e de gênero, construída a partir das demandas coletivas, majoritariamente das mulheres da universidade colombiana? Ou então porque a UTFPR não pensou, até o presente momento, em construir uma resolução que dê atenção às vítimas de violências de gênero, sexual e raciais?

A professora Enedina, do PPGTE, embora tenha ressaltado a todo instante da entrevista que as questões de gênero não eram preponderantes no tocante ao conhecimento (a *àimòs* número cinco do quadro 9), tem um relato interessante com relação às mulheres nos espaços formativos da universidade

*Mas as mulheres que vem pra pós-graduação, elas também já estão mais situadas, né? Elas já tem uma outra visão, elas já tem um outro tratamento... e elas não vão ser aquelas pessoas que vão ser submissas, não é? Se alguém falar de forma diferente ou se alguém fizer coisas de forma diferentes, vai haver um posicionamento (gestos com as mãos)! Pelo menos é o que eu vejo, tá? E o que eu sinto, também. Não sei se eu respondi... aí eu já fui viajando em outras coisas, né? Então... (ENEDINA, PPGTE, UTFPR)*

Também é pertinente, para esta pesquisa, as revisitações da memória que a entrevistada Bonnie faz de sua infância, acerca da matemática e de estereótipos imputados à área, ainda que não seja estudiosa do campo de gênero

*Porque nós mulheres somos muito temerosas da matemática. Minhas companheiras aqui do programa se dedicam a ministrar (aulas) nos cursos de administração de salários... De contabilidade... Coisas clássicas administrativas. (Gestos com as mãos) As matérias fortes de engenharias que seriam os cursos de produção, os cursos de controle de qualidade, os cursos de operação de pesquisas, dão (aulas) os homens (O entrevistador insiste, perguntando sobre os motivos das mulheres serem mais temerárias nas matemáticas, em sua percepção). Eu não sei se é por alguma coisa cultural... (Gestos com as mãos) onde dizem às meninas que brinquem com bonecas, e os meninos que brinquem com carros. As mulheres que se vistam de rosa e os meninos se vistam de azul. No meu caso, eu não gostava das bonecas. Não sei porque. Mas tampouco eu gostava dos carros. Eu não tinha esses interesses de tanto protótipo... Não! E, eu fui a mais velha de dois irmãos, então eu sempre fui dedicada à escola, às tarefas, ajudava os meus irmãos. Então eu não sei... Acho que por aí fui desenvolvendo as habilidades em matemática e eu gostava muito, mas também eu gostava muito das ciências sociais. Eu ficava encantada! Então eu acho que é uma mistura rara, inclusive (BONNIE, INGENIERÍA, UTP).*

Ou seja: o conhecimento é generificado, situado e parcial, havendo diferenças nos modos como se formam e se ensinam meninos e meninas. O livro de Casagrande (2017) e a tese de Oliveira (2017), já citados ao longo de toda a tese, são salutares ao desestabilizar essas

noções ditas neutras mas que são circunscritas ao universo masculino heterossexual e branco, seja nas relações de gênero durante as aulas de matemática na educação básica, quanto nos tratamentos que são dados às bichas, viados, travestis e bichas pretas nos diferentes ambientes escolares.

É o que pode ser percebido no relato da professora Sonia, do CPGEI, acerca das dificuldades de ser mulher no campo das engenharias, embora a docente entrevistada também tenha percepções negativas acerca do gênero

*E o fato de você ser mulher na engenharia é uma coisa ruim, eu acho, porque você sempre tem que mostrar que você pode, assim, que você consegue, sabe? Eh... fica uma coisa meio que 'pois é, você na área de engenharia, mulher...'. Existia muito uma coisa assim (gestos com as mãos): não é só homem que sabe fazer isso, que consegue isso, né? Ainda mais na parte de telecomunicações, de redes, né? Mas então eu acho que você tem que ter uma... Tem que se auto afirmar, tem que ter uma coisa muito forte pra não se perder, sabe? Eu acho que é uma coisa que... Mas faz parte da personalidade da pessoa também, né? Se você consegue responder isso de uma forma bem, né? Eu sempre consegui... Nunca tive problema, assim, de nada. Nem de um professor falar alguma coisa errada, mal colocada, tanto aqui quanto na França. Do tipo de alguém fazer uma brincadeira ou algum comentário que eu não gostei ou de falar alguma coisa e a pessoa já notar e daí já acabou. Eu nunca tive problema de assédio, de nada, assim. Sempre foi muito tranquilo, assim. (SONIA, CPGEI, UTFPR)*

Este fragmento do relato da professora Sonia, pode ser conectado ao que a pesquisadora brasileira Betina Stefanello Lima (2013) conceituou, em seu artigo, como o drible da dor: a recusa sistemática de mulheres em carreiras CTEM, de enxergar preconceitos e discriminações sofridas ao longo de toda a sua trajetória acadêmica. Para Lima (2013), a recusa se deve ao fato desses campos do conhecimento ser postos enquanto neutros, imparciais e objetivos em seus modos de produzir ciência e tecnologia, operados por um discurso meritocrata que dificulta inserir percepções de gênero. Fica complexo, portanto, que essas mulheres vejam as suas dores e dificuldades sentidas em toda a sua trajetória profissional.

Entretanto, a *àimòs* discutida nesta tese e suas cegueiras busca complexificar ainda mais a discussão: não se trata apenas de uma recusa, de um drible da dor e uma dificuldade em enxergar algo, uma vez que a ignorância sistêmica é deliberada, produtiva e intencionalmente posta para confundir, levar ao erro, enganar, naturalizar práticas sociais e em casos extremos até à morte (basta pensar na pandemia do Covid-19 enquanto lamentável exemplo). É bom lembrar que a ignorância, conforme Smithson (2008; 1985), deveria ser vista enquanto uma teoria social.

Pensar a *àimòtología*, a partir de todos os relatos desta seção, remete a desnaturalizar



estereótipos, fundamentados em racismos, sexismos, lgbtfobias, ensinados culturalmente desde a infância, e que certamente irão regular as noções de mundo e do que seria masculino e feminino: coisas de menino e coisas de menina, e que estarão presentes, mais tarde, nas disciplinas/campos dos saberes (FOUCAULT, 1977). Destarte, também permite que se deixe de entender gênero, nas práticas cotidianas, como sinônimo de feminino, tal como asseverou Scott (2019) no começo dos anos 2000, ao revisitar o seu conceito e a utilização dele.

Do mesmo modo, pensar a àimotologia remete a desnaturalizar questões como deficiências de aprendizagem, de determinados grupos sociais, como exclusivamente de responsabilidade dos sujeitos. É a ignorância branca relatada por Mills (2008; 2018), que nem sempre é de má fé, percebida em trechos do relato da professora Bonnie, da UTP, ao relatar acerca das dificuldades que estudantes negros/a da região de Chocó, departamento administrativo com maior concentração de população afrocolombiana, possuem no ensino e na aprendizagem em matemática e leitura/escrita. A ignorância branca desconsidera questões sociais, econômicas e históricas, estruturantes na gênese da formação e imaginário cultural, que estão fundamentadas em racismos sistêmicos.

*Na graduação eu tenho notado que estudantes que vem do Chocó (um dos 32 departamentos da Colômbia), que é a zona negra mais próxima da gente (do departamento de Risaralda, ela se referia), eles vem com muita deficiência na parte de leitura e escrita e na parte de cálculo. Eles vêm com muitas deficiências. (Gestos com as mãos) Não só neste programa... Eu tenho visto em outros programas que eles vem com muitas dificuldades. Não sei se é porque o nível acadêmico lá é diferente na parte de graduação... Mas inclusive nós também! Temos muitas dificuldades de ingresso (de estudantes na UTP) na parte de compreensão de leitura. Quando chega na pós-graduação, pode ser que pela maturês da vida mostra... Ou tenha permitido que ele desenvolva outras habilidades. Já como são pais, eles tem de se dedicar aos filhos, fazer tarefas com os filhos... Seguramente lêem para os filhos, eu não sei. (BONNIE, INGENIERÍA, UTP)*

Neste sentido e, partindo de Mills (2008; 2018) e Smithson (1985; 2008), chega a ser triste, como foi para este pesquisador, ouvir o relato da professora Alicia, acerca da maneira como lidou com uma situação envolvendo racismo, uma vez que à época era coordenadora de um programa de mestrado da universidade

*Não. Não... Não, não, não, temos de ter muito cuidado com isso porque... Por exemplo: no mestrado eu era coordenadora e chegou o caso de uma professora que não aceitaram o seu trabalho porque era negra (gestos com as mãos). A desculpa que foi dada era essa porque se perdeu o prazo de entrega. Então quando essa professora vem com essa aluna e traz o caso para mim, me diz 'essa professora... Primeiro que veja o trabalho que me trouxe. Quando eu peço para que o apresente, veja como o apresenta! (Gestos com as mãos)'. Então eu converso com a professora e aí se via claramente... (Gestos com as mãos) Então a professora me diz que 'ela se sente discriminada, que a professora a discrimina por ser negra!' Então eu a chamo (a aluna) e digo: 'Me conta, o que te faz pensar isto?' E (gestos repetidos com as*

mãos) *'isto, isto e isto...'* *'Então o que é?'* *'Então ela me disse 'não, é porque me senti muito mal porque a professora me discriminava! (Gestos com as mãos) Então era uma forma de sair disso (do trabalho)'* *'Então eu lhe disse: 'diga quando você está se sentindo bem, vá e apresente novamente o trabalho (gestos com as mãos)'* *'Então fui fazendo outras perguntas e eu fui percebendo que não... Que isto não tinha fundamento. O que aconteceu é que os questionamentos (da professora) se deram porque havia ali um trabalho de supervisão e o trabalho dela (a aluna) era regular... Então não era por algo como 'porque eu sou negra você me discrimina!'* (Gestos com as mãos). *'É o mesmo que dizer que por eu ser mulher então tem que me dar privilégios e eu não estou de acordo com isso! A discriminação positiva é muito odiosa! Discriminação é discriminação! É que 'é porque eu sou mulher, porque eu sou indígena, porque eu sou negro... Então nos deem este trato!' E Não! Isso vale enquanto pessoa! Por que tem de ser assim?!'* (ALICIA, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP)

Os trechos do relato da professora Alicia, tais como *'É que 'é porque eu sou mulher, porque eu sou indígena, porque eu sou negro... Então nos deem este trato!' E Não! Isso vale enquanto pessoa!'* e *'porque eu sou negra você me discrimina!'*, ou ainda *'É o mesmo que dizer que por eu ser mulher então tem que me dar privilégios e eu não estou de acordo com isso!'* desconsideram que a formação dos sujeitos não são iguais, por mais que os direitos, garantias básicas e fundamentais estejam postos na constituição dos países, Colômbia e Brasil, no caso. Também sugere desconsiderar que nem todas as pessoas tiveram condições iguais e equitativas para viver e existir dignamente, ainda que as instituições e os documentos que as compõem prevejam a dignidade integral à pessoa.

Por outro lado, é importante ter o cuidado em reconhecer todo o trabalho educativo relevante da professora entrevistada, uma das mais idosas e mais antigas, vinculadas ao programa de pós-graduação de Ciencias de la Educación, alguns deles relatados ao longo de toda a entrevista. Ademais de faltar, também, outros elementos e informações mais aprofundadas para se analisar, com mais precisão, o caso relatado pela professora.

Entretanto, é importante salientar que embora a sua concepção humanista seja válida, o problema é que esta concepção não é igualmente aplicada na cotidianidade das relações, conforme assevera Mills (2008; 2018) ao debater o conceito de ignorância branca e os processos de socialização de pessoas brancas e negras.

Finalmente: essas condições estão sim atreladas a questões de gênero, raça, classe social, território e sexualidade. Não apenas essa afirmação é feita com base em todo o estudo sério realizado ao longo de cinco anos de pesquisa (entre mestrado e doutorado), mas também com base em todas as violências que o autor desta tese sofreu e experienciou ao longo de toda a sua vida. Considerar todas essas questões não remete a dizer que é privilégio, conforme percebido em alguns dos relatos das/os docentes entrevistadas/os.

Não se trata, conforme Mills (2008; 2018) de circunscrever essas questões da

ignorância branca à individualidade, até porque se incorreria em injustiças e em esvaziar a própria noção de racismo a algo circunscrito à pessoa, apenas. E a ignorância, que se está debatendo na tese, remete à essa produção cultural sistêmica, que é usada para manipular e negligenciar as diferenças percebidas nas relações entre os sujeitos, bem como das relações de poder inerentes a elas, como dito por Scott (1995; 2019), Foucault (1977; 2008; 2010) e Oliveira (2017; 2018). Por essa razão, é possível dizer acerca da cegueira frente a essa ignorância branca relatada por Mills (2008; 2018), bem como da agnotologia relatada por Schiebinger (2014), percebida pelo entrevistador durante toda a entrevista do professor Quintín, único docente da pesquisa que se declarou negro

*Na minha época todos os professores eram homens e todos os homens eram engenheiros. Hoje (gestos com as mãos) você vê licenciadas (...) Nunca me ocorreu isso, e se ocorreu eu nunca (gestos com as mãos) senti... Eu nunca senti isso, pela minha cor, pelo meu tamanho, pelas origens de onde eu vim... (QUINTÍN, INGENIERÍA, UTP)*

Durante toda a entrevista, o docente relatou não sentir o que ele dizia por ‘essas coisas’. Entretanto, ao realizar a última pergunta do roteiro de entrevistas, Quintín convidou este pesquisador a tomar um café nas dependências da universidade. A conversa informal, uma das mais agradáveis tidas com as/os docentes entrevistadas/os da UTP, durante todo o período do estágio doutoral, foi de aproximações, no sentido deste docente de mais de 70 anos querer entender mais profundamente dos motivos da pesquisa e das teorias utilizadas, bem como da vida deste pesquisador.

Do mesmo modo, a fala de um estudante LGBTI+ e negro da UTP não apenas foi conectada às vivências pessoais deste pesquisador. Bem como também auxilia no desmascaramento da neutralidade e igualdade de determinados grupos sociais em espaços acadêmicos (FERREIRA; OLIVEIRA; CASAGRANDE, 2017) e de militância. É os abraços, aos quais Oliveira (2018) contundentemente relatou em seu texto

*Na verdade, se estou em um lugar onde majoritariamente as pessoas são brancas (universidade), eu estarei sempre enojado e sempre sentirei raiva. E, se estou em um contexto negro, sempre sentirei raiva. Ou seja, neste caso estou destinado a algo que terei de aprender a conviver (...). Eu creio que muitas pessoas têm entendido isso, porque, por exemplo, no ano passado (2018) se suicidaram seis companheiros do movimento negro: pessoas trans, pessoas heterossexuais negras, porém muito importante (todas) a nível de concepção política, muito importante para nós (...)* (ESTUDANTE NEGRO E LGBTI, UTP).

Também há essa conexão com o que a professora Aurora relatou, acerca da importância de pesquisas que objetivam criticar os saberes postos, a partir dos próprios sujeitos subalternizados em uma costura social, ao ser perguntada sobre as diferenças nas

## relações entre seus estudantes e a produção de conhecimento

*Todos tem as mesmas capacidades e fazem coisas maravilhosas, inclusive aos que pertencem a grupos minoritários, até porque eles fazem as pesquisas voltadas para as suas comunidades. Por exemplo: há pouco tempo, tivemos um estudante de Embera Chami (comunidade indígena pertencente ao departamento colombiano de Risaralda) que realizou uma pesquisa sobre o conceito do número, que não é o mesmo conceito de números decimais que temos. Pois claro, é pensar em sua comunidade e fazer pesquisa para ela. Com relação à sexualidade, creio que há uma tendência muito demarcada em querer ressaltar aqueles que são oprimidos. Por exemplo: se é uma pessoa transsexual, ela quer fazer a pesquisa sobre a importância de respeito, ou do valor de... O normal que é ser uma pessoa transsexual, o aporte que as pessoas transsexuais trazem para a comunidade, ou como é a vida das pessoas transsexuais em termos emocionais... De pronto creio que há uma tendência dos grupos minoritários a fazer coisas que se identificam. E os majoritários fazem coisas majoritárias. De classe social, creio que os estudantes que chegam ao doutorado são, mais ou menos, da mesma classe social. Eu não conseguiria dizer quem tem mais dinheiro ou quem não tem, na realidade não acredito, não creio que... Não conseguiria fazer essa análise (AURORA, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP).*

Há de se reconhecer a mudança da universidade de ontem e de hoje, uma vez que ela é reflexo de um tempo, momento, contexto e movimentos. É o que assevera o professor Raúl ao responder a última pergunta da entrevista

*Eu sim, sou dos que quero que nossa sociedade (gestos com as mãos) mude em temas de gênero e de raça, ou seja: que deixemos simplesmente de dizer e que façamos. Mas que façamos por convicção e não simplesmente porque devemos, porque tem que fazê-lo. O que tem de haver é... Uma mudança cultural. Vai tomar um tempo mas eu acredito que estamos no caminho, porque anteriormente, nessa universidade, não se viam casais do mesmo gênero. Isso tem mudado, não se via (gestos com as mãos) e era um escândalo. Imagina nos anos 90, quando eu estudei! Hoje em dia, casais do mesmo sexo... Aqui na universidade já acontece... E isso faz parte da vida cotidiana e que ninguém deve ter problema com isso. Então eu sinto que temos avançado. Nos falta? Sim. Mas pouco a pouco tem que mudar isso. Também nos temas de gênero tem muito que... Muito por avançar. Mas eu aspiro que um dia seja por convicção. Pela convicção da sociedade e não simplesmente porque queremos, porque devemos fazer, senão que... Todos somos iguais e deveríamos ter a mesma oportunidade, sem importar a orientação sexual e a raça muito menos (RAÚL, INGENIERÍA, UTP).*

No entanto, as provocações do professor Alfonso é que são mais contundentes, no sentido de repensar o próprio modo ao qual o conhecimento é produzido nestes tempos atuais

*Mas sim, é uma realidade os atos de discriminação por razão das convicções e posições políticas, religiosas, e por razão das inclinações e das definições sexuais. Eu acredito que sim, vivemos em um mundo que... (Gestos com as mãos) Eu vejo com preocupação que avançamos muito em tecnologia e em ciência, que fizemos grandes avanços... Mas que cada vez parece que estamos dando as mesmas voltas e cada vez se encontra elementos de mais intolerância... Quando se olha o giro que faz o mundo politicamente, outra vez se volta pra trás e se pensa 'algo está acontecendo'. (ALFONSO, CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN, UTP).*

A àimòtologia, oferecida nesta tese, pode auxiliar no entendimento dessas lacunas percebidas e relatadas desde o prólogo. A candeia da ignorância sistêmica perversa é apagada no momento em que as diferenças não são estigmatizadas, no momento em que naturalizações racistas, sexistas, classistas e lgbtfóbicas, circunscritas às gêneses das formações sociais, são evidenciadas. É preciso coragem para apagar essa candeia, tal como o escritor colombiano Gabriel García Márquez (2005) teve ao contar a história da família Buendía.

Ao narrar a saga de uma família colombiana de uma cidade, esta esquecida pelo governo colombiano, a solidão não se apresenta somente como uma condição para além de uma realidade fantástica. Solidão que García Márquez (2005) recriou no livro, a partir das histórias que ele ouvia de seus avós: mostra como a solidão, inerente à condição humana, pode servir tanto de fonte de escolhas mais saudáveis de outras interações que primem por uma ética da diferença inflexiva, conforme o citado Teixeira (2019), quanto por distanciamentos, negação do sujeito e de sua própria história a partir da diferença, traduzindo em uma verdadeira política de morte de gênero, raça, classe e território

Entretanto, antes de chegar ao verso final já tinha compreendido que não sairia nunca daquele quarto, pois já estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilonia acabasse de decifrar os pergaminhos e que tudo o que estava escrito neles era irrepitível desde sempre e por todo o sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra (García Márquez, 2005, p. 394).

Macondo, a cidade de García Márquez (2005) e que pode ser a Macondo vivida por estas pandemias de ordem moral, social, econômica, acadêmica, racial, de gênero, sanitária, política e principalmente humanitária, pode ser tanto condenada ao esquecimento pautado pela ignorância sistêmica, quanto revivida nas memórias solitárias de cada sujeito. A àimòtologia, finalmente, pode ser utilizada nesta fresta histórica da pandemia, para se buscar outras verdades mais abarcentes e dignas. Que o diga a Inês Rainha de Mariano, Camargo e Mathias (2021). Que o diga a Aimó de Prandi (2017). Que o digam as pessoas ouvidas em todos os cinco anos desta pesquisa, entre mestrado e doutorado.

## 5 LOS ESPACIOS DEL CONOCIMIENTO Y DEL OLVIDO: COSTURAS E ARREMATES FINAIS

O relógio marca duas horas e quarenta e oito minutos da tarde, do dia 04 de agosto de 2021, horário de Brasília. A primeira coisa que vem à mente, ao revisar e finalizar a escrita de uma pesquisa, que se está trabalhando desde março de 2016, é o que a professora e pesquisadora Marutschka Moesch (2002) escreveu, acerca da produção de saberes para o turismo que contemplem a prosa e a poesia. Se toma a liberdade em reproduzi-la aqui, ainda que haja determinadas normativas acadêmicas, certas delas não circunscritas em documentos, mas, em discursos percebidos em certos docentes universitários, que digam que não é de bom tom fazer citações nas considerações “finais” de um trabalho

O sujeito do turismo tem sido restrito ao *homo economicus*, como participante ativo do fenômeno ou consumidor potencial a ser despertado por uma publicidade eficiente. A este sujeito são negados os dois elementos da vida humana: a prosa e a poesia. A poesia é um modo de viver na participação, no amor, no fervor, na comunhão, na exaltação, no rito, na festa, na embriaguez, na dança, no canto que, efetivamente, transfiguram a vida prosaica, feita de tarefas práticas, utilitárias, técnicas. (MOESCH, 2002, p. 41. Grifos da autora)

Desde 2019 o mundo e particularmente o Brasil, está terrivelmente assolado por um contexto pandêmico que ceifou (e lamentavelmente ainda ceifará) a vida de milhares de pessoas. Dois parentes do autor desta tese perderam suas vidas entre 2020 e 2021. Ainda que estes parentes não fossem próximos, a dor do vazio para quem fica é avassaladora.

Outro elemento complicador se resume ao fato do lamentável e perverso contexto de extremismos em que o mundo vive. O desrespeito ao conhecimento e a dignidade da pessoa humana, cada vez mais é percebido em discursos, condutas e atos que normalizam a violência, as dores do outro, somado ao vilipêndio de políticas públicas que garantam o mínimo (ou menos do que o mínimo, às vezes) de condições equitativas para quem, em uma costura social, encontra-se rompido, rasgado, danificado.

Portanto é difícil escrever estas páginas, adicionalmente com a aflição de não saber se haverá emprego depois de tudo isto, se haverá vida depois de tudo, dadas as incertezas sanitárias que assolam, certamente, quem está mais vulnerável. Como “competir” com grupos sociais que buscam as informações a partir de certos veículos que manipulam, distorcem, confundem a informação e o conhecimento, inclusive reproduzindo para outros, em uma reação de *fake news* em cascata? Como estabelecer análises que não se traduzam na responsabilização da ignorância apenas para o sujeito ignorante? Como pensar em modos de

vida que verdadeiramente primam pela efetivação interdisciplinaridade, para além de algumas balelas discursivas abstratas, mas que é extremamente difícil de ser posta em operação, dados os interesses e maneiras como se produzem as disciplinas e os discursos, como bem salientou Foucault (2008; 2010; 2014)?

A ignorância é uma condição humana. Ponto. Ninguém nasce sabendo tudo e nem há como saber. E isto não é, em si, um problema. Nos cruzamentos das escolhas que quaisquer sujeitos fazem, sempre há alternativas que serão deixadas de lado, e aí incluem fatores culturais, políticos, ideológicos, econômicos, sociais, linguísticos, estéticos e territoriais... Todos estes e tantos outros dialogados/recheados de disputas de poder, o que também é comum em quaisquer relações humanas.

A ignorância pode ser positiva e benéfica, inclusive, conforme Proctor (2008) asseverou. A pesquisa vive da ignorância, do erro e da dúvida. Uma vez que para desenvolver seus métodos, técnicas, processos, teorias e procedimentos, é compromisso de quem trabalha com ela, bem como dos laboratórios e institutos, deixar de lado caminhos que levariam muito mais tempo para se chegar ao resultado esperado. Tudo isto com valores e posições que estejam pautados por uma ética da diferença e da parcialidade, conforme Teixeira (2019) escreveu em seu livro a respeito do tema ética, como força para se produzir verdades a partir das diferenças.

O erro, neste caso, é salutar. A maravilha em se produzir vacinas para o Covid-19, em tempo recorde, não está apenas direcionada a questões geopolíticas, econômicas e sanitárias. Mas também a todo um saber acumulado, todo um conjunto de erros realizados por pessoas que vivem e trabalham com a ciência e a tecnologia. Do mesmo modo, benzedeiças, *Bàbálòrìsàs* e *Ìyálòrìsàs* que conhecem os usos de cada erva, parteiras que entendem magistralmente do corpo feminino e que levam séculos de expertise, também se valem desta ignorância positiva para operar os seus saberes.

O problema está quando ocorre a estigmatização de todas as outras alternativas não escolhidas, a partir de um discurso que omite informações, produz outras com o objetivo de confundir, levar as pessoas ao erro e a acreditar que existe uma noção universal, objetiva e imparcial de mundo, de mérito, de igualdade, de conhecimento, de raça, de gênero, de religião e mesmo de sujeito. Essas estigmatizações da ignorância, sistêmicas, é que são perigosas e perversas. Taí o exemplo das *fake news* como um dos seus efeitos cruéis. Neste sentido, as referências trazidas para esta tese discutiram a ignorância a partir dessas preocupações, ao mesmo tempo em que buscaram desestabilizar do seu conceito o caráter unicamente negativo.

Do mesmo modo, o compromisso político e ético deste pesquisador, em abrir um pouco da sua própria história, ao buscar entender sobre a ignorância também de lugares que comumente são marginalizados, de ouvir e principalmente atender as demandas do trabalho de campo, foram determinantes para costurar este documento final. Que é incompleto, com arestas, mas que possui ao mesmo tempo esse olhar de uma ciência circunscrita em saberes situados (HARAWAY, 1995).

O prazer pela escrita, em entender que apesar de todos os problemas, disputas e precariedades laborais de fazer pesquisa acadêmica na América Latina, foi colocado em cada capítulo deste documento. Capítulos estes nomeados a partir de músicas que contavam uma história de existências e resistências outras. Resistências e existências postas a partir de Alcoff (1992; 2007; 2017), Foucault (1977), Gonzalez (1984; 1988), Ribeiro (2017) e Scott (1995; 2019), cada qual de seus escopos analíticos, políticos e teóricos.

Com este não foi diferente. O título foi inspirado em uma bela canção, escrita pelos colombianos Carlos Vives e Iván Benavides (1995): *La Tierra del Olvido*. Esta canção não apenas valoriza os ritmos e a cultura local, mas também busca estabelecer um diálogo destes contextos locais com outras culturas, outros povos. É um canto de amor à Colômbia e a sua história complexa, linda, triste, forte, alegre e bela, que este pesquisador teve o prazer de ver um pouco durante o estágio doutoral.

Da mesma maneira, o prazer também esteve presente na escolha dos pseudônimos para nomear os sujeitos desta pesquisa. Foram contempladas biografias de pessoas negras, trans e indígenas brasileiras/colombianas (apêndices V e VI) que possuem notáveis contribuições em seus campos de atuação. A visibilidade é elemento fundamental para se questionar porque há tão poucas pessoas, de grupos sociais tão representativos à sociedade, em espaços como a academia.

Aliás: a escrita e a leitura salvou a vida deste pesquisador de encontrar outros destinos tristes e trágicos, tão comuns a pessoas negras e LGBTI+ em todo o mundo. A escrita e a leitura, portanto, são a prosa e a poesia que Moesch (2002) comentou, lá no início deste capítulo, e que este homem negro, gay e latinoamericano, leva para a vida cotidiana, ou pelo menos tenta levar.

A pesquisa surgiu de um projeto de mestrado, apresentado em 2014 e 2015, em dois processos distintos de seleção do PPGTE, ao qual se logrou êxito no último. Parte dela foi defendida em uma manhã fria de 21 agosto de 2017, registrando quatro graus Celsius. Os resultados quantitativos encontrados, assim como as primeiras entrevistas realizadas em 2017,



apontavam para outros elementos que influenciam decisivamente a produção e divulgação científica, assim como a imagem da universidade perante a sociedade.

Para além da dissertação, o projeto de pesquisa de 2014 e 2015 gerou artigos, apresentação da pesquisa em eventos científicos de importância local, nacional e internacional, capítulos de livros, projetos de extensão de divulgação científica, debates. Também gerou frustrações, angústias, alegrias, aproximações com outras pesquisadoras/es, mudanças de escopos analíticos teóricos, caminhos inesperados, surpresas... Enfim, a revisitação das formas de investigar, ver e sentir o mundo. Uma pesquisa séria, nunca sisuda. Que cumpriu com os procedimentos de pesquisas no campo das ciências humanas, sociais e interdisciplinares. Parece óbvio e redundante escrever isto em pleno 2021, mas em tempos onde se diz que nas universidades se faz balbúrdias, bem como da desvalorização do campo das ciências humanas e interdisciplinares, é preciso deixar essa memória registrada.

Também é preciso deixar registrado que, o fato do pesquisador ser o primeiro estudante do PPGTE a ter realizado a progressão direta do mestrado para o doutorado, assim como em finalizar a pesquisa em cinco anos, é, antes de tudo, uma conquista coletiva de todo um grupo de pessoas que colaboraram indiretamente para que este documento estivesse materializado. Por isso da importância de docentes sensíveis às diferenças, assim como das agências de fomento e de políticas de alocação de recursos públicos para o ensino, a pesquisa e a extensão. O que foi relatado também por todas/os as/os docentes brasileiras/os e colombianas/os entrevistadas/os, em maior ou menor grau.

Neste sentido, é possível afirmar tranquilamente que os objetivos da pesquisa foram parcialmente atendidos, uma vez que seria interessante e necessário realizar outras conversas para aprofundar o que as/os docentes disseram e fazem em seus trabalhos de ensino, pesquisa e extensão. A pergunta de pesquisa (como se manifestam as *epistemologias* frente a percepções de gênero e raça nos discursos/lugares enunciativos de docentes de cursos de pós-graduação da UTFPR E UTP?) só pode ser respondida se pensar em uma universidade, um conhecimento, uma ciência e uma tecnologia, enfim... Que deixem a cartesianidade de lado, relatada por Carvalho (1998) em seu texto, há mais de vinte anos atrás. A presença cada vez maior de pessoas de estratos econômico/sociais baixos, assim como de pessoas LGBTI+, pessoas indígenas e pessoas negras, obriga esses espaços a repensar seus discursos e repensar o próprio conhecimento produzido, compartilhado e dialogado com a sociedade.

Mais: é necessário repensar o que é a própria ciência, o que é tecnologia e o que é o conhecimento. Propor diálogos que varram, de vez, uma universalidade e objetividade

fundamentadas a partir do que grandes espaços de saber e conhecimento mundiais ditaram historicamente o que sejam essas questões, as epistemologias propositivas revolucionárias que Alcoff (2016) asseverou em seu texto.

Não se trata de menosprezar, contudo, estas contribuições dos grandes centros e dos seus conhecimentos circunscritos/produzidos. Ou como diz um amigo, de ‘jogar a água do banho da criança fora, junto com ela e a sua bacia’. Mas sim de criticizar critérios, métricas, citações, revistas, referências, disciplinas, discursos, produções e acessos que insistam em uma cartesianidade, igualdade, objetividade, isonomia e meritocracia que simplesmente inexitem em sociedades marcadas pela desigualdade estrutural trazida pelo colonialismo, sexismo e racismo. É preciso repensar o que é ser, ver, agir e estar na universidade na América Latina, nos moldes de como propõe Gonzalez (1988) em seu texto, acerca da formação histórica e cultural deste continente latinoamericano.

Portanto a pesquisa nunca é estanque. A pesquisa revela outras possibilidades e está circunscrita a recursos materiais, financeiros, espaciais, humanos. Por isso deve ser registrada e agradecida novamente a disponibilidade das/os docentes entrevistadas/os em participar da investigação. Afinal foram muitas horas de registros fonográficos e conversas outras realizadas, que produziram um volume extenso de material. Nesta tese foram apresentados excertos de todo o material produzido, o que gera possibilidades para a realização de outras pesquisas. Assim como os excertos dos registros do diário de campo, apresentados no documento. Especialmente os realizados durante o estágio doutoral. Registros estes que são fundamentais para quaisquer pesquisadores/as no ofício das incursões do trabalho de campo.

Sem contar que cada país tem as suas aproximações, diferenças e particularidades. Por isso é digno de registro de louvor a forma como se pensa e produz na pós-graduação. Especialmente na Colômbia, país que não possui a gratuidade prevista em lei, da graduação e pós-graduação. A UTP e a UTFPR têm muito mais semelhanças, entre o ser universidade e o pensar ciência e tecnologia, do que diferenças, o que pode ser tanto de modo cartesiano e hierárquico, quanto de modo integrado e interdisciplinar. Os relatos das/os docentes entrevistadas/os também convergiram para isto. O que é interessante para se realizar pesquisas futuras, para entender melhor noções de universidades em um contexto latinoamericano.

Outro questão relevante e necessária, para se pensar em pesquisas futuras, remete a ouvir técnicos/as administrativos/as e mais estudantes (para além dos/ ouvidos/as durante os cinco anos de pesquisa), peças fundamentais para a manutenção das universidades e que, em certos casos, não tem o seu devido labor reconhecido/valorizado. Esta pesquisa, até mesmo

em razão de seus tempos, não alcançou ouvi-los/as amplamente.

Do mesmo modo, é pertinente (e urgente) a UTFPR elaborar resoluções para atenção às vítimas de violências de gênero, sexual e raciais nos espaços universitários, devidamente discutidas por toda a universidade e chanceladas pelos seus órgãos máximos diretivos/administrativos. É digno de registro que a universidade colombiana analisada, a UTP, realizou todo um esforço conjunto e interdisciplinar para a construção da já citada Resolución de Rectoría nº 493 (UTP, 2019), ainda que esta possua alguns limites, tal como comentado nesta tese.

O conceito/noção particular de àimõtologia e de manifestações àimõtológicas, para além de ser fruto de leituras e de uma construção realizada com o campo investigativo, buscou contemplar a noção das ancestralidades afro e dos modos de ser, ver e estar no mundo à universidade. São poucos os escritos que versam sobre a temática da ignorância, produzidos por pessoas negras, indígenas, LGBTI+, ou pelo menos visibilizados. Por essa razão da importância em contemplar a oralidade e a coletividade, materializada nas conversas realizadas com o *Bàbàlòrìsà* e a *Ìyálòrìsà* entre 2019 e 2020, convertidos finalmente em procedimentos metodológicos/analíticos importantes para esta pesquisa. Do mesmo modo, outro indicativo para pesquisas e trabalhos futuros concerne ao aprofundamento de àimõtologia e de manifestações àimõtológicas, inclusive criticando o conceito/noção trazido nesta tese.

É preciso romper com a lógica de que determinados grupos sociais só podem produzir, escrever, atuar e falar de determinados assuntos e de seus lugares enunciativos. É a distorção de pensar o falar e a localização do falar, já asseverado por Gonzalez (1984) na década de 1980, Alcoff (1992) desde o começo dos anos 1990 e, mais tarde, por Ribeiro (2017), cada qual dessas mulheres a partir de um escopo e intencionalidades. Estes espaços coletivos, que valorizam a tradição oral, também produzem conhecimento, ciência e tecnologia. A língua Iorubá é um exemplo vivo e pulsante, é palavra que canta e vibra, conforme Nogueira (2008).

A construção de uma trilha analítica, pensada exclusivamente para analisar os discursos/enunciados produzidos das/os docentes entrevistadas/os, assim como as sínteses percebidas entre suas aproximações, distanciamentos, lacunas e, finalmente, àimòs (quadros 7, 8 e 9), revelou o quanto as universidades não devem ser demonizadas e tampouco romantizadas. Elas, assim como seus representantes (docentes, estudantes e servidoras/es técnicas/os administrativas/os), estão circunscritas em um tempo, momento, movimento e lugar. São o retrato de uma sociedade, que também é complexa em suas relações cotidianas.

São o retrato da América Latina.

Entretanto, a pesquisa revelou que urge pensá-la de outros modos. Não é aceitável que em pleno 2021 os modos de ensino e aprendizagem ainda estejam circunscritos, mesmo na pós-graduação, a modelos do século XIX, no tocante a argumentos de disciplinas e de autoridade que reforçam estereótipos/naturalizações de áreas duras ou moles, de áreas masculinas ou áreas femininas, ainda todas pela matriz binária e submetidas a um sistema, conforme Vergueiro (2015).

O que foi percebido em alguns relatos das/os docentes entrevistadas/os, tendo como referência teórica considerações foucaultianas sobre os enunciados e os discursos, aplicadas às análises realizadas. Destarte, excertos de outros relatos de pessoas vinculadas à universidade, somadas à pesquisa de Ferreira, Oliveira e Casagrande (2017), assim como as anotações do diário de campo, foram utilizados para corroborar com estas afirmações. Ainda há pessoas, representantes dessas instituições acadêmicas, que operam discursos com elementos racistas, sexistas, classistas e lgbtfóbicos. Que nem sempre é consciente, visível e de má-fé, conforme Mills (2008; 2018) teorizou acerca da ignorância branca, e Schiebinger (2014), ao falar acerca de um viés da agnotologia voltada para questões de gênero, bem como para a aplicação do conceito às gêneses de todos os processos de fazer ciência e tecnologia.

Não é aceitável, também, que as universidades estejam suscetíveis a violentos processos de precarização do seu labor, do saber e das discussões em seus espaços, tudo em nome de uma cartesianidade do conhecimento (CARVALHO, 1998) puramente tecnicista (BASTOS 2015a; 2015b; HABERMAS, 1975), por vezes tacanha e voltada para atender exclusivamente a um mercado laboral. A função da universidade é de formar cidadãos/os e ela cumpre com este papel, registre-se.

Que, ademais, este mercado acadêmico também pressiona por métricas de publicação e produção científica cada vez mais altas. Como se as métricas, por si só, fossem o único indicativo de qualidade e isonomia, como foi discutido na dissertação em 2017, e mais recentemente pelo movimento *Parent in Science* (2021a; 2021b), ao relatar as questões da maternidade/paternidade, cuidado aos/às dependentes e essa “igualdade” por publicar que ainda, infelizmente, desconsidera a divisão social e sexual do trabalho, que Hirata e Kergoat (2007) já alertavam, em meados dos anos 2000.

Como se publicar em inglês fosse o único indicativo de qualidade, embora esta língua seja uma das mais importantes atualmente, pelo alcance que ela possui. A interdisciplinaridade, portanto, vai se tornando cada vez mais difícil de trabalhar, e o sentido

crítico vai sendo substituído por uma lógica imposta pelo capital. Que certamente afeta na formação de estudantes e futuras/os doutoras/es. Inclusive em editais para concursos públicos de docentes e pesquisadores/as que deixam de considerar a riqueza e a multiplicidade de olhares da interdisciplinaridade. É, novamente, percebida a autoridade e os argumentos que constituem os discursos disciplinares e Foucault (2008; 2010; 2014) se mostrou bastante pertinente e salutar, para entender a questão da interdisciplinaridade posta atualmente.

As universidades também são espaços do conhecimento e do esquecimento, tal qual o título desta seção final. Parece um pouco contraditório escrever isto, mas esquecimento, neste caso, está relacionado às lacunas sistêmicas das *àimòs*, o desconhecimento que Prandi (2017) mencionou em seu conto dessa menina valente, escravizada, retirada de sua família, morta em terras alheias e que só queria, para além de saber quem era e qual era a sua história, receber um abraço epistêmico e coletivo. Tal como Oliveira (2018) questionou da falta deste abraço aos movimentos sociais de negros e negras, frente às lutas das travestis e mulheres transexuais.

A *àimòtologia* defendida aqui, mais do que circunscrever uma noção em um tempo, momento, movimento e espaço, também gostaria que a universidade, finalmente, abraçasse mais epistêmica e coletivamente as diferenças, repensando o conhecimento produzido e seus modos de interagir com a sociedade. Revelar as lacunas discursivas das *àimòs* do conhecimento, de gênero e raça, se traduz em mais um instrumento de apresentar verdades, em minúscula e no plural. Verdades situadas, que façam as sociedades serem um pouco mais livres, quiçá plenamente democráticas, algum dia. Afinal, não é possível esquecer de onde partem as localizações discursivas e atuações políticas em uma costura social, certo?

## ANO PASSADO EU MORRI... MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO? EPÍLOGO

Vinte e cinco de agosto de 2021. Catorze horas e treze minutos de uma tarde quente para os padrões de Curitiba. É preciso fechar os pontos dessa gira epistemológica da tese, de um processo de mudanças pessoais e profissionais que iniciaram, se eu resgatar a memória, no dia em que decidi que iria embora de Foz do Iguaçu, lá no ano de 2005. Tal como no prólogo, aqui eu escrevo em primeira pessoa e fora das normas, ao mesmo tempo em que revisito nas minhas memórias aquele rapaz de vinte e quatro anos, recém-formado, com a arrogância típica de quem tem seus vinte e poucos, cabeça cheia de sonhos.

Olhando para o momento atual em que vivo, em que mais de meio milhão de pessoas partiram em razão da pandemia do Covid-19, fico pensando naquele rapaz de vinte e quatro anos. Ao mesmo tempo que jamais imaginou viver as coisas que viveu em quinze anos de Curitiba, também sente os mesmos espantos que sentiu anteriormente acerca de um mundo desigual, violento e triste. Espantos circunscritos especialmente para grupos sociais em que o fim do mundo, conforme Ailton Krenak (2019), já existe há taaaaanto<sup>106</sup> tempo que, parece que foi necessário um vírus, um mundo e sistema perversos para escancarar que a vida e a condição humana é incerta.

Há e, sempre houve, grupos sociais que insistem em tecer para certos povos uma colcha perversa e míope de universalidade, dominação e violências. Como eu e muita gente neste mundão faz parte de grupos sociais em que o fim do mundo já está posto no nosso dia a dia, não temos outra saída senão viver. E, a cada morte em que tentam impor à gente, a gente segue, mesmo assim, pois o lixo continua falando. Salve, Lélia Gonzalez (1984)!

Não escolhi ser brasileiro, homem, gay, negro, pobre e latinoamericano. Mas posso escolher, minimamente, como lidar com essas características que fazem parte de mim.

Fim de mundo? Que fim de mundo? Só se for pra quem criou essa colcha míope e perversa. Pra gente, que querem colocar debaixo dela e, que essa gente finge ignorar nosso poder de agência, estamos é muito além disso, pois seguimos vivendo e existindo: pegando ônibus lotado todo dia, tomando bala de polícia, apanhando de companheiros violentos porque também foram formados na violência, comendo mal, tendo as terras e o salário roubados, padecendo nos hospitais sem ao menos conseguir respirar, sendo motivo de deboche na mídia, sofrendo os efeitos das *fake news* ... E a lista é graaaaaande, minha gente!

Mas ao mesmo tempo, estamos muuuuuito além deste fim de mundo, sabe? Pois vamos

---

<sup>106</sup> Sim, é desse jeito mesmo que quero grafar. E aqui volto a escrever em primeira pessoa.

à universidade, reescrevemos o que nos foi determinado, respiramos onde está irrespirável. Vivemos muito além do que as estatísticas determinam.

Para aquele rapaz de vinte e quatro anos eu, moço de quarenta, devo um pedido de desculpas e um muito obrigado. Desculpas por não ouvir você melhor, por não te abraçar epistemicamente, tal como Oliveira (2018) fortemente contou em seu texto sobre as travestis e mulheres trans. É certo que eu estava muito ocupado tentando viver mediante as condições que eu tinha, à época. Mas também é certo que eu não acreditava nesse fim de mundo imposto, sabendo que eu mesmo tinha a tesoura para picar essa colcha perversa e ver pra além desse cenário.

Também devo agradecer ao Michel de vinte e quatro anos, por não ter desistido, mesmo quase sufocado por essa colcha do desemprego, do racismo estrutural, da lgbtfobia, da intolerância religiosa, dos vários abusos, do territorialismo e do classismo. Ademais, esse rapaz só chegou até hoje, vinte e cinco de agosto de 2021, porque também muita gente o ajudou, e segue ajudando porque simplesmente acreditam na coletividade.

Por isso reproduzo um poema que escrevi em 2006, um tanto tosco, mas perfeito para encerrar essa gira epistemológica que começou lá em março de 2016, ainda no mestrado. Eu tinha intitulado *Pensamentos de Uma Tarde Ácida*, e em 2006, recém-chegado em Curitiba, escrevia muitos poemas e poesias, pra passar o tempo enquanto buscava trabalho e não encontrava. Nunca foi publicado (até agora)

*Tenho dó dos idiotas que acreditam  
 Numa vida digna e existência útil  
 Enquanto houver desprezo e soberba  
 Pela dignidade humana,  
 serão sempre demagogos  
 envoltos numa conversa fútil.*

*Que adianta crer na felicidade  
 Se estou diluído pela garrafa de pinga?  
 Que adianta crer na verdade  
 Se todo mundo sorri mas no íntimo xinga?*

*Tenho raiva dos idiotas que pensam  
 Que qualquer ser é inferior  
 Roubam dos outros o pudor  
 Cingem de vil moralidade  
 Fazem da vida alheia  
 Uma triste via dolorosa.*

*Que adianta crer na solidariedade*

*Se meu íntimo está cheio de maldade?  
Que adianta ver a piedade  
Se meu ser está envolto numa grande e fatalista acidez?*

*Tenho nojo de todos estes versos  
Mas tenho ainda mais nojo e dó  
Daqueles que piamente acreditam  
Que não dá para lutar vorazmente  
A favor duma vida digna e existência útil.*

É com ele que agradeço e fecho o ponto desse capítulo da vida chamado tese. É com ele que inicio outros capítulos da minha vida, fruto de uma coletividade e resistências.



## REFERÊNCIAS

ADÉBÁYÒ, Ayòbámi. **Fique comigo**. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. Proposta estabelece cotas para ingresso em programas federais de pós-graduação. [21 set. 2020]. **Câmara dos Deputados**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/693803-proposta-estabelece-cotas-para-ingresso-em-programas-federais-de-pos-graduacao/>. Acesso em: 08 jul. 2021.

ALCADÍA DE PEREIRA. **Información del municipio**. Disponível em: [http://www.pereira.gov.co/MiMunicipio/Paginas/Informacion-del-Municipio.aspx#](http://www.pereira.gov.co/MiMunicipio/Paginas/Informacion-del-Municipio.aspx#/)/. Acesso em: 31 mar. 2020.

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. Tradução de Cristina Patriota de Moura. **Revista sociedade e estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 129-143, jan./abr. 2016.

ALCOFF, Linda Martín. Epistemologies of ignorance: three types. *In.*: SULLIVAN, Shannon; TUANA, Nancy (orgs.). **Race and epistemologies of ignorance**. Nova Iorque: State University of New York Press, 2007, p. 39-57.

ALCOFF, Linda Martín. The problem of speaking for others. **Cultural Critique**, Minnesota, n. 20, p. 5-32, 1991/1992.

ALMEIDA, Rodolfo; ZANLORENSSI, Gabriel. Gênero e raça de estudantes do ensino superior no Brasil por curso e área. **NEXO** [13 dez. 2017]. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2017/12/13/G%C3%AAnero-e-ra%C3%A7a-de-estudantes-do-ensino-superior-no-Brasil-por-curso-e-%C3%A1rea>. Acesso em: 16 jan. 2018.

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Loyola, 2002.

ANGULO GRANADA, Lubi. Mujeres afrodescendientes y educación superior en Colombia: Una aproximación a sus antecedentes. **Revista de investigación miradas**, Pereira, n.º 1, p. 187-203, 2018.

ANZALDÚA, Gloria. La prieta. *In.*: MORAGA, Cherrié; CASTILLO, Ana. **Este puente, mi espada**: voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos. Traduzido por Ana Castillo e Norma Alarcón. São Francisco: ISM Press, 1988, p. 156-168.

ARROYO, Joe. La Rebelión. *In.*: **Joe Arroyo y la verdad**: grandes éxitos. Miami: Disco Fuentes, 1991, faixa 3.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In.* NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 93-110.

ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOCIALES DE LA CIENCIA Y LA

TECNOLOGÍA (ESOCITE). **Página inicial**. Disponível em: <http://www.esocite.la/>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BÁRBARA, Lenin Bicudo. Investigações sobre a ignorância humana: uma introdução aos estudos da ignorância, acompanhada de um exame sociológico sobre a persistência da homeopatia e a consolidação do masculinismo ontem e hoje – volume 1. 2018. 861f. **Tese** (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

BARDIN. Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BARROS, Carlos Juliano. Opinião: bilionários vão ao espaço, e pobres nem podem buscar trabalho em outro país [20 jul. 2021]. **Uol**. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/colunas/carlos-juliano-barros/2021/07/20/bilionarios-vao-ao-espaco-e-pobres-nem-podem-buscar-trabalho-em-outro-pais.htm>. Acesso em: 01 ago. 2021.

BARROS, Jose; BAZANTA, Sonia. El pescador. Produzido por Real Word Studios. *In.*: **Toto la Momposina y sus tambores**. Wiltshare: Real Word Studios, 1993, faixa 3.

BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida. A imaterialidade da tecnologia. *In.*: SILVA, Maclovia Corrêa da (org.). **Conversando com a tecnologia**: contribuições de João Augusto Bastos para a educação tecnológica. Curitiba: Editora UTFPR, 2015a, p. 17-52.

BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida. A educação tecnológica na sociedade do conhecimento. *In.*: SILVA, Maclovia Corrêa da (org.). **Conversando com a tecnologia**: contribuições de João Augusto Bastos para a educação tecnológica. Curitiba: Editora UTFPR, 2015b, p. 149-172.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para coleta de dados qualitativos. *In.*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 39-63.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesse do conhecimento – evitando confusões. *In.*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 17-36.

BBC. Paro nacional en Colombia: 4 motivos detrás de las multitudinarias protestas y cacerolazos en Colombia contra el gobierno de Iván Duque. **BBC** [21 nov. 2019. Atualizado 22 nov. 2019]. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50503455>. Acesso em: 09 jul. 2021.

BELLO, Laura Vanessa Pachón; *Et. al.* Movimiento nacional cimarrón: uso de la comunicación alternativa para convertirse en un agente político y lograr un empoderamiento pacifista [nov. 2017]. **Movimiento Cimarrón**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/19aUw0tt8T0wcGNjFTZzPFI0DhQkTU3Ff/view>. Acesso em: 31 mar. 2020.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Revisão de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: USP, 1976.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *Et. al.* Revisão Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.

BOGHOSSIAN, Bruno. Bolsonaro está disposto a produzir massacre com sua ignorância - presidente não tem evidências ou estudos para justificar reação delirante à crise. **Folha de São Paulo** [29 mar. 2020]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/brunoboghossian/2020/03/bolsonaro-esta-disposto-a-produzir-massacre-com-suaignorancia.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2020.

BONILLA, Juan Miguel Hernández. Em 95% dos artigos científicos, inglês cria 'ditadura da língua'. Apenas 1% está em português e espanhol. **El País** [28 jul. 2021]. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-07-28/em-95-dos-artigos-cientificos-ingles-cria-ditadura-da-lingua-apenas-1-esta-em-portugues-e-espanhol.html>. Acesso em: 02 ago. 2021.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm). Acesso em: 08 jul. 2021.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 6.545 de 30 de junho de 1978**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6545.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6545.htm). Acesso em: 08 jul. 2021.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 30 mar. 2020.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 11.184 de 7 de outubro de 2005**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/111184.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111184.htm). Acesso em: 08 jul. 2021.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm). Acesso em: 08 jul. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto\\_7566\\_1909.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf). Acesso em: 08 jul. 2021.

BUTLER, Judith. Judith Butler sobre a covid-19: o capitalismo tem seus limites [20 mar. 2020]. Tradução de Artur Renzo. **Blog da Boitempo**. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Carla Giovana. Pelas telas, pela janela: o conhecimento dialogicamente situado. **Cadernos Pagu**. Campinas, n.27, jan./jun. 2006, p. 63-97.

CARVALHO, Marília Gomes de. Conclusão - estudos de ciência, tecnologia e gênero: rompendo paradigmas? *In*: CARVALHO, Marília Gomes de (org.). **Ciência, tecnologia e gênero**: abordagens iberoamericanas. Curitiba: Editora UTFPR, 2011, p. 407-415.

CARVALHO, Marília Gomes de. **Tecnologia e sociedade**. *In*: BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida. Tecnologia & interação. Curitiba: Cefet/PR, 1998, cap. 5, p. 89-102.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. **Interthesis**, Florianópolis, v.8, n.2, p.20-35, jul./dez. 2011.

CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Silenciadas e invisíveis**: relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática. Curitiba: Editora CR7, 2017.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de. Violência simbólica de gênero em duas Universidades Brasileiras. *In*: WANZINACK, Clóvis; SIGNORELLI, Marcos Claudio (orgs). **Violência, gênero e diversidade**: Desafios para a educação e o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Autografia, 2015, p. 79-108.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. **Revista de estudos feministas**, Florianópolis, v.24, n.03, p. 825-850, set./dez. 2016a.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de. Quem faz engenharia e licenciatura na UTFPR? Análise sob a perspectiva de gênero. *In*: CASAGRANDE, Lindamir Salete; LUZ, Nanci Stancki da (orgs.). **Entrelaçando gênero e diversidade**: matizes da divisão sexual do trabalho. Curitiba: Editora UTFPR, 2016b, p. 123-168.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de. Percorrendo labirintos: trajetórias e desafios de estudantes de engenharias e licenciaturas. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 168-200, jan. / mar. 2017.

CASTAÑEDA, Luzia Aurelia. Eugenia e casamento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 10. n. 3, p. 901-930, set. / dez. 2003.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Noémia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CMAP TOOLS. **Knowledge modeling kit, version 6.01**. Institute for Human Machine Cognition, West Florida University, USA. Conjunto de programas. Disponível em: <http://cmap.ihmc.us/cmaptools/>. Acesso em: 27 fev. 2018.

CORREA OLARTE, Maria Eugenia. La feminización de la educación superior y las implicaciones en el mercado laboral y los centros de decisión política. **Tese**. Universidad Externado de Colombia, Bogotá, 2005.

CORREA RAMÍREZ, Jhon Jaime; AGUDELO CASTAÑEDA, Natalia; NIÑO POSADA, Christian Javier. **Facultad de ciencias de la educación de la UTP (1967-2017): 50 años en la construcción de un proyecto educativo para una nueva región**. Pereira: Editorial Universidad Tecnológica de Pereira, 2018.

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *In: Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004, p. 7-16.

CUNHA JUNIOR, Henrique. NTU: introdução ao pensamento filosófico Bantu. **Educação em debate**, Fortaleza, ano 32, v. 1, n. 59, 2010, p. 25-40.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Metodologia afrodescendente de pesquisa [Texto de trabalho na disciplina de Educação Gênero e Etnia na perspectiva dos Afrodescendentes - 2006-1. Texto Disponibilizado pelo autor no Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afrobrasileira, Educação e Ações Afirmativas no Brasil, realizado pela Universidade Tuiuti do Brasil e pelo Instituto de Pesquisa da Afrodescendência]. *In.: Afro-descendentes*. Disponível em: <http://afrodescendentes-sjb.blogspot.com/p/medologia-afrodescendente-de-pesquisa.html>. Acesso em: 04 abr. 2020.

DEMÉTRIO, Fran; *Et. Al.* Pensando sobre gênero e sexualidade na saúde: notas sobre a experiência do LABTRANS/UFRB/CNPq. **Revista da ABPN**. Guarulhos, v.10, Edição Especial – Caderno Temático: Letramentos da Reexistência, 2018, p. 483-504.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (DANE). **Censo general 2005**. Disponível em: <http://www.dane.gov.co/index.php/estadisticas-por-tema/demografia-y-poblacion/censo-general-2005-1/censo-general-2005>. Acesso: 25 dez. 2017.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (DANE). **Censo nacional de población y vivienda 2018**. Disponível em: <https://www.dane.gov.co/index.php/estadisticas-por-tema/demografia-y-poblacion/censo-nacional-de-poblacion-y-vivenda-2018>. Acesso: 30 mar. 2020.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (DANE). **Estadísticas por tema mercado laboral**. Disponível em: <https://www.dane.gov.co/index.php/estadisticas-por-tema/mercado-laboral>. Acesso: 30 mar. 2020.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (DANE). **Ley 142 de 1994**. Disponível em: [https://www.dane.gov.co/files/dig/ley142\\_1994.pdf](https://www.dane.gov.co/files/dig/ley142_1994.pdf). Acesso: 30 mar. 2020.

D'OSOGIYAN, Fernando. Igi Òpè: o dendezeiro [2 fev. 2016]. **ILÉ ÀŞE ÒŞÒLÚFÓN-ÍWÌN**. Disponível em: <https://ileaxeoxolufaniwin.wordpress.com/2016/02/02/igi-ope-o-dendezeiro/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

EL OBSERVATORIO DE LA UNIVERSIDAD COLOMBIANA. **Rectores de universidades**. Disponível em: <https://www.universidad.edu.co/rectores-de-universidades/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

EMICIDA; DJ JUH; VASSÃO, Felipe. AmarElo. Produzido por Emicida, Felipe Vassão e Laboratório Fantasma. *In.*: **AmarElo**. São Paulo: Sony Music e Laboratório Fantasma, 2019, faixa 10.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Danúbia de Andrade. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. **Revista de estudos feministas**, Florianópolis, v.24, n.03, p. 691-713, set./dez. 2016.

FERREIRA, Michel Alves. Teu samba é uma reza! Por verdades que primem por uma ética das diferenças e desvelamentos de discursos àimõtológicos [20 abr. 2020]. Belo Horizonte. **Revista Senso**. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/analise/teu-samba-e-uma-reza-por-verdades-que-primem-por-uma-etica-das-diferencas-e-desvelamentos-de-discursos-aimo%CC%A3tologicos/>. Acesso em: 29 jul. 2021.

FERREIRA, Michel Alves. PARA ALÉM DAS MÉTRICAS: produção científica de docentes no contexto de dois programas de pós-graduação da UTFPR e questões de gênero. 2017. 123f. **Dissertação** (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

FERREIRA, Michel Alves; FELLNER, Ana María Rivera. Brigitte Baptiste fala aos Cadernos de Gênero e Tecnologia. **Cad. Gen. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 9-14, jan. jun./2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/issue/view/586>. Acesso em: 13 jul. 2021.

FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Ciência da ignorância ou ignorância da ciência? Agnotologia e ladinoamefricanidade a partir de experiências brasileiras e colombianas. **Ciencia nueva: revista de historia y política**, Pereira, v.4, n.02, p.1-24, jul./dez. 2020a.

FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Movimentos, tecnologia e pessoas negras: é possível um outro turismo? **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v.8, n.01, p.149-167, abr. 2020b.

FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Megg Rayara Gomes de Oliveira Fala aos Cadernos de Gênero e Tecnologia. **Cad. Gen. Tecnol.**, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 5-12, jul. dez./2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/10313/6415>. Acesso em: 13 jul. 2021.

FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. E quem disse que não é seu lugar? Por um turismo democrático e inclusivo para negros e negras. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**, Curitiba, v.3, n.01, 36, p. 1-21, jan./jun. 2018.

FERREIRA, Michel Alves; OLIVEIRA, Glacielli Thaiz Souza de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Negras e negros na pós-graduação da UTFPR: onde estão? *In*: 13º MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO 11 – TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS. 13. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497033075\\_ARQUIVO\\_negras\\_](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497033075_ARQUIVO_negras_)

e\_negros\_na\_pos\_graduacao\_versao\_final.pdf. Acesso em: 15 dez. 2017.

FRANCO, Marielle. O novo sempre vem [8 jan. 2018]. São Paulo. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-novo-sempre-vem/>. Acesso em: 29 mar. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAG, Bárbara. Quadro Teórico. *In: Escola, estado e sociedade*. São Paulo: Editora Moraes LTDA, 6 ed., 1986, p.15-43.

FREITAS, Lucas Bueno de; LUZ, Nanci Stancki da. Gênero, ciência e tecnologia: estado da arte a partir de periódicos de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 49, e174908, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332017000100304&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000100304&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 26 mai. 2017. Epub 13-Mar-2017. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700490008>.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: Curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade do saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon de Albuquerque. S: Edições Graal, 1977.

FUNDAÇÃO INÊS DE CASTRO. **Biografia**. Disponível em: <https://fundacaoinesdecastro.com/ines-de-castro/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem Anos de Solidão**. Tradução de Eliane Zagury. 56 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Eds.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 64-89.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. *In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (eds.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 244-270.

GOBERNACIÓN DE ANTIOQUIA. **Anuario estadístico de Antioquia 2016**. Disponível em: <http://www.antioquiadatos.gov.co/index.php/3-1-9-poblacion-censada-por-grupo-etnico-en-los-municipios-de-antioquia-censo-2005>. Acesso em: 25 dez. 2017.

GOBERNACIÓN DE RISARALDA. **Generalidades**. Disponível em:

<https://www.risaralda.gov.co/publicaciones/100015/generalidades/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONZALEZ, Lélia. A categoria-político cultural da amefricanidade. **Tempo brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92-93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Estudos Sociais Hoje**, Brasília: ANPOCS, p. 223- 244, 1984.

GRAFF, Norma Blazquez. Epistemología feminista: temas centrales. *In*: GRAFF, Norma Blazquez; PALACIOS, Fátima Flores; EVERARDO, Maribel Ríos (coord.). **Investigación feminista**: epistemologías, metodología y representaciones sociales. Ciudad de Mexico: UNAN-CEICH, 2012, p. 21-38.

GUBA, Egon. Criteria for assessing the trustworthiness of naturalistic inquiry. *Education, Communication and Technology Journal*, n.29, v.2, p.75-91, 1981.

HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência enquanto ideologia. *In*: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 303-333.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: TADEU, Tomaz (organização e tradução). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 33-118.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução de Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 05, p. 7-41, 1995.

HIRATA, Helena; Kergoat, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução de Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

HOLLANDA, Chico Buarque de. Geni e o Zepelim. *In*: **Ópera do Malandro**. Rio de Janeiro: Polygram'Philips, 1978/1979.

ILÊ ASÈ OPÔ OMIDEWÁ INDESCO - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E CULTURAL OMIDEWÁ. **Dendezeiro (Igl Ope)**. Disponível em: [http://omidewa.com.br/public\\_html/arquivos/751](http://omidewa.com.br/public_html/arquivos/751). Acesso em: 30 jul. 2021.

INSTITUTO COLOMBIANO DE CRÉDITO EDUCATIVO Y ESTUDIOS TÉCNICOS EN EL EXTERIOR – ICETEX. **Página inicial**. Disponível em: <https://portal.icetex.gov.co/Portal/Home>. Acesso em: 26 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2014/IBGE**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características étnico-raciais da população**: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.



INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da educação superior 2016**: notas estatísticas. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2016/notas\\_sobre\\_o\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2016.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf). Acesso em: 15 dez. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA. **Situação social da população negra por estado**. Brasília: IPEA, 2014.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Caderno estatístico - município de Curitiba** [Curitiba: dez. 2017]. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdfL.php?Municipio=80000&btOk=ok>. Acesso em: 25 dez. 2017.

ISUPERIO, Antonio. Dedicção e meritocracia. *In*: **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/isuperio/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

IYAGUNÃ, Dalzira Maria Aparecida. Templo religioso, natureza e os avanços tecnológicos: os saberes do candomblé na contemporaneidade. 2013. 160f. **Dissertação** (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

JORGE, Lídia. **La instrumentalina**. Tradução de Luis Carlos Henao de Brigard. Bogotá: Caballito de Acero, 2019.

KATZ, Jonathan Ned. A genealogia de um conceito sexual: da história homossexual à história heterossexual. *In*: KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Tradução de Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 13-30.

KER, João. Os ataques de Weintraub às universidades da "balbúrdia" - responsável por gerir o ensino superior público, ministro da Educação já foi alvo de manifestações contrárias de reitores e cientistas, denúncia por dano moral e até pedido de impeachment. [19 fev. 2020]. **Terra**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia,c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html>. Acesso em: 25 jul. 2021.

KOVALESKI, Nadia Veronique Jourda. Relações de gênero entre docentes dos programas de pós-graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e da Universidade Tecnológica de Compiègne (UTC-França): um estudo comparativo das carreiras de homens e mulheres. 2014. 254f. **Tese** (Doutorado em Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Schhwarz, 2019.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: an essay on abjection**. Translate by Leon Roudiez. New York: Columbia University Press, 1982.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 9ª Ed. 2006.

LABAÑINO, Yumei de Isabel Morales. *Objetos sagrados: a Santería cubana através de sua cultura material*. 2017. 167f. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

LAMAS, Marta. Usos, dificultades y posibilidades de la categoría “género”. *In*: LAMAS, Marta (org.). **El género: la construcción cultural de la diferencia sexual**. PUEG/UNAM, Miguel Ángel Porrúa: Ciudad de Mexico, 2013, p. 327-366.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na física. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 883-903, set./dez. 2013.

LIMA FILHO, Domingos Leite. QUELUZ, Gilson Leandro. A tecnologia e a educação tecnológica: elementos para uma sistematização conceitual. **Revista Educação & Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 19-28, jan./jun. 2005.

LINIKER E OS CAMELOWS. Zero. *In*: **Cru EP**. Araraquara: Vulkania, 2015, faixa 1.

LOPES, Maria Margaret. Aventureiras nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 10, p. 345-368, 1998.

LUC, Mauren. Universidades Federais do PR pedem socorro a deputados – corte de 18% no orçamento de custeio inviabiliza funcionamento das instituições em 2021. [23 mar. 2021]. **Plural**. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/universidades-federais-do-pr-pedem-socorro-a-deputados/>. Acesso em: 09 jul. 2021.

LOMBARDI, Maria Rosa. “Por que são tão poucas?”: um estado da arte dos estudos de engenharia e gênero. **Textos FCC**, São Paulo, v. 49, n.2, p. 1-48, 2016.

MARIANO, Denis; CAMARGO, Octávio; MATHIAS, Janine. **Inês rainha**. Produzido por Du Gomide e dirigido por Carolina Bassani [vídeo clipe]. Curitiba: Estudio Lahun, 4 minutos e 47 segundos, mar. 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÁXIMO, Luiz Carlos; CUIÇA, Manu da. A verdade vós fará livre. *In*: **Sambas de enredo das escolas de samba 2020**. Rio de Janeiro: Universal Music, 2019, faixa 1.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

MERTON, Robert King. The Matthew effect in science: the reward and communication systems of science are considered. **Science**, v. 159, n. 3810, p. 56-63, jan. 1968.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 9-29.

MILLS, Charles W. White ignorance. *In*: PROCTOR, Robert. N; SCHIEBINGER, Londa. (Eds.). **Agnotology: the making and unmaking of ignorance**. Palo Alto: Stanford University Press, 2008, p. 230-249.

MILLS, Charles W. Ignorância branca. Tradução de Breno Ricardo Guimarães Santos. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 17, n. 1, p. 413-438, 2018.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOREIRA, Herivelto. Critérios e estratégias para garantir o rigor na pesquisa qualitativa. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**. Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 405-424, jan./abr. 2018.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Os Desafios do Ensino da Disciplina de Metodologia da Pesquisa na Pós-Graduação. **Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p. 244-257, set./dez. 2011.

MOVIMIENTO CIMARRÓN. **Censo 2018: no a la minorización de la población afrodescendiente en Colombia** [9 out. 2017] Disponível em: <http://movimientocimarron.org/hagamonos-contar-bien-no-a-la-minorizacion-de-la-poblacion-afrodescendiente-en-colombia/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

MOVIMIENTO CIMARRÓN. **Quienes somos**. Disponível em: <http://movimientocimarron.org/quienes-somos/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

MUZI, Joyce Luciane Correia. De Escola de Aprendizizes à Universidade Tecnológica: desvelando a participação das mulheres na história de uma instituição de educação profissional. 2011. 234f. **Dissertação** (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NICOLOSI, Larissa. Preta, travesti e “casca de ferida”: essa é a doutora Megg - no dia 30 de março, Megg Rayara Gomes de Oliveira conquistou seu título de Doutora pela UFPR – mas a luta não acaba no fim da defesa da tese. [04 mai. 2017]. Curitiba. **Jornal Laboratório da Universidade Federal do Paraná: jornal comunicação**. Disponível em: <http://jornalcomunicacaoufpr.com.br/preta-travesti-e-casca-de-ferida-essa-e-a-doutora-megg/>. Acesso em: 20 fev. 2018.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. A palavra cantada em comunidades-terreiro de origem Iorubá no Brasil: da melodia ao sistema tonal. 2008. 238f. **Tese** (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Por que você não me abraça? Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. **Sur**: Revista Internacional de Direitos Humanos. São Paulo, v.15 n.28, p. 167-179, 2018.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. 190f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

PARENT IN SCIENCE. **Mulheres e maternidade no ensino superior no Brasil**. Disponível em: [https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b\\_6ac0cc4d05734b56b460c9770cc071fc.pdf](https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_6ac0cc4d05734b56b460c9770cc071fc.pdf). Acesso em: 01 ago. 2021a.

PARENT IN SCIENCE. **Relatório de atividades: 2016-2021**. Disponível em: [https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b\\_be4c284828694041803db8f8aa86d259.pdf](https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_be4c284828694041803db8f8aa86d259.pdf). Acesso em: 31 jul. 2021b.

PÉREZ-BUSTOS, Tania. “No es sólo una cuestión de lenguaje”: lo inaudible de los estudios feministas latino-americanos en el mundo académico anglosajón. *Scietiae Studia*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 59-72, 2017.

PÉREZ-BUSTOS, Tania. **Hoja de vida de Tania Pérez-Bustos a julio de 2017**. Disponível em: <https://taniaperezbustos.jimdo.com/yo-mujer-maestra-cient%C3%ADfica/>. Acesso em: 12 fev. 2018.

PETRUCCELLI, José Luis. Autoidentificação, identidade étnico-racial e heteroclassificação. In. PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lucia (orgs.). **Características étnico-raciais da população: classificações e identidades**. Rio De Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2017.

PICHONELLI, Matheus. Pandemia da ignorância: emburrecemos na última década ou é só mais acesso? [19 maio 2020]. **Uol**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/19/pandemia-da-ignorancia-emburrecemos-nos-ultimos-dez-anos.htm>. Acesso em: 27 jul. 2021.

PINHEIRO, Paulo César. Encanteria. Produzido por Biscoito Fino. In. **Encanteria**. Rio de Janeiro, 2009, faixa 4.

PORTAL G1. Ministro da Educação diz que diploma de universidade não adianta porque não tem emprego - Milton Ribeiro questionou busca por 'diploma na parede', com uso do Fies: 'Depois termina o curso e fica endividado. E não consegue pagar porque não tem emprego'. No evento em SP, houve protesto de estudantes que foram retirados à força por PM. [21 ago.

2021]. **Portal G1.** Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2021/08/21/ministro-da-educacao-diz-que-diploma-de-universidade-nao-adianta-porque-nao-tem-emprego.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2021.

PORTAL GELEDÉS. **Yorùba: língua, memória e parte da consciência do povo negro.** [19 nov. 2009]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/yoruba-lingua-memoria-e-parte-da-consciencia-do-povo-negro/> Acesso em: 28 jul. 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Aimó: uma viagem pelo mundo dos orixás.** São Paulo: Seguinte, 2017.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PROCTOR, Robert N. A missing term to describe the cultural production of ignorance (and its study). *In*: PROCTOR, Robert N; SCHIEBINGER, Londa. (Eds.). **Agnotology: the making and unmaking of ignorance.** Palo Alto: Stanford University Press, 2008, p. 1-33.

QUEIROZ, Ivo Pereira de. Fanon, o reconhecimento do negro e o novo humanismo: horizontes descoloniais da tecnologia. 2013. 221f. **Tese** (Doutorado em Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

REPUBLICA DE COLOMBIA. MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL. **Decreto nº 978 de 7 de junio de 2018.** Disponível em: [https://www.mineduacion.gov.co/1759/articles-390067\\_recurso\\_9.pdf](https://www.mineduacion.gov.co/1759/articles-390067_recurso_9.pdf). Acesso em: 08 jul. 2021.

REPUBLICA DE COLOMBIA. MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL. **Compendio estadístico de la educación superior colombiana** [Bogotá 2016]. Disponível em: [https://www.mineduacion.gov.co/1759/articles-360739\\_recurso.pdf](https://www.mineduacion.gov.co/1759/articles-360739_recurso.pdf). Acesso em: 30 mar. 2020.

REPUBLICA DE COLOMBIA. MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL. **Consejo Nacional de Acreditación – Ley 30 de diciembre 28 de 1992.** Disponível em: [https://www.mineduacion.gov.co/CNA/1741/articles-186370\\_ley\\_3092.pdf](https://www.mineduacion.gov.co/CNA/1741/articles-186370_ley_3092.pdf). Acesso em: 08 jul. 2021.

REPUBLICA DE COLOMBIA. MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL. **Sistema nacional de información de la educación superior - SNIES.** Disponível em: <https://www.mineduacion.gov.co/sistemasinfo/Informacion-a-la-mano/212400:Estadisticas>. Acesso em: 30 mar. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

RIGOLIN, Camila Carneiro Dias *Et. Al.* Métricas da participação feminina na ciência e tecnologia no contexto dos INCTs: primeiras aproximações. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.143-170, mai.2013.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso:

aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. **Alea: estudos neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 305-322, jun./dez. 2005.

ROSSITER, Margaret. L'effet ~~Matthieu~~ Mathilda en sciences. Les cahiers du CEDREF, Paris, n. 11, p. 21-39, 2003.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a economia política do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sônia Corrêa. Recife: SOS corpo, 1993.

RUBIN, Gayle. **Thinking sex**: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In.: VANCE, Carole (ed.). *Pleasure and danger: exploring female sexuality*. London: Routledge and Kegan Paul, 1985, cap. 9, p. 143-178.

SANTOS, Milton. O intelectual e a universidade estagnada. **Revista ADUSP**. São Paulo, n. 11, out. 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Vander Luiz Lopes dos; BENITE, Anna Maria Canavarro. Perspectivas de uma educação antirracista – Sankofa e o ensino de química. **Revista da ABPN**. Guarulhos, v.10, n. 26, jul./out. 2018, p. 125-152, DOI 10.31418/2177-2770.2018.v10.n.26.p125-152.

SCHIEBINGER, Londa. Expandindo o kit de ferramentas agnotológicas: métodos de análise de sexo e gênero. Tradução de Cecília Sardenberg. **Revista Feminismos**. v. 2, n. 3, set./dez. 2014.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan Wallach. Fantasias do milênio: o futuro do gênero no século XXI. Tradução de Flavia Costa Cohim Silva. **Cad. Gen. Tecnol**. Curitiba, v. 12, n. 39, jan./ jun. 2019, p. 319-339.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. . Tradução de Guacira Lopes Louro. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71- 99.

SEMANA. Paro Nacional: Colombia ha tenido más de 37 paros desde 2002. [5 jul. 2021]. **SEMANA**. Disponível em: <https://www.semana.com/nacion/articulo/paro-nacional-colombia-ha-tenido-mas-de-37-paros-desde-2002/202146/>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SERVICIO NACIONAL DE APRENDIZAJE. **Quienes somos**. Disponível em: <https://www.sena.edu.co/es-co/sena/Paginas/quienesSomos.aspx>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Carlos Alberto Silva da. Clementina de Jesus: um corpo cultural, ancestral e da indústria cultural. 2016. 163f. **Tese** (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem. Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetória de cientistas na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

SINDUTFPR. Governo Bolsonaro tirou R\$ 24 milhões orçamento interno da UTFPR em 2021. [25 jun. 2021]. **SINDUTFPR**. Disponível em: <http://sindutfpr.org.br/novo/2021/06/25/governo-bolsonaro-tirou-r-24-milhoes-orcamento-interno-da-utfpr-em-2021/> Acesso em: 09 jul. 2021.

SMITHSON, Michael. Social theories of ignorance. *In*: PROCTOR, Robert N; SCHIEBINGER, Londa. (Eds.). **Agnotology: the making and unmaking of ignorance**. Palo Alto: Stanford University Press, 2008, p. 209-229.

SMITHSON, Michael. Toward a social theory of ignorance. **Journal of the Theory of Social Behaviour**, v. 2, n. 15, p. 151-172, jul./1985.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TABAK, Fanny. **O Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

TEIXEIRA, Thiago. **Inflexões éticas**. Belo Horizonte: Editora Senso, 2019.

TOKARNIA, Mariana. Negros representam 28,9% dos alunos da pós-graduação [13 de maio de 2015]. Brasília. **EBC Agência Brasil**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-05/negros-representam-289-dos-alunos-da-pos-graduacao>. Acesso em: 12 Jan. 2018.

TOP WIEW. **Rainha Inês de Castro, de Portugal, ganha homenagem na voz de Janine Mathias**: a história da primeira rainha póstuma de Portugal foi a inspiração da canção "Inês Rainha", já disponível nas plataformas de streaming da cantora. [10 mar. 2021]. Disponível em: <https://topview.com.br/estilo/rainha-ines-de-castro-de-portugal-ganha-homenagem-na-voz-de-janine-mathias/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

UNESCO. **Atlas of gender inequality in education**. 2016. Disponível em: <http://www.tellmaps.com/uis/gender/#!/tellmap/-1195952519>. Acesso em: 02 fev. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAIANO. Nota de pesar: UFRB manifesta profundo pesar pelo falecimento da professora Fran Demétrio. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/6231-ufrb-manifesta-profundo-pesar-pelo-falecimento-da-professora-fran-demétrio>. Acesso em: 28 jul. 2021.

UNIVERSIDAD TECNOLÓGICA DE PEREIRA. **Resolución de Rectoría nº 493 (22 de febrero de 2019)**. Disponível em: <https://www2.utp.edu.co/cms-utp/data/bin/UTP/web/uploads/media/comunicaciones/documentos/RR-493-DE-2019-PDF.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2021.

UNIVERSIDAD TECNOLÓGICA DE PEREIRA. **Facultades**. Disponível em: <https://www2.utp.edu.co/institucional/facultades>. Acesso em: 04 abr. 2020.

UNIVERSIDAD TECNOLÓGICA DE PEREIRA. **Ley 41 de 1958**. Disponível em: <https://www.utp.edu.co/cms-utp/data/bin/UTP/web/uploads/media/secretaria/documentos/LEY-41-DE-1958-PDF.pdf>. Acesso: 31 mar. 2020.

UNIVERSIDAD TECNOLÓGICA DE PEREIRA. **Doctorado en ciencias de la educación**. Disponível em: <https://educacion.utp.edu.co/doctorados/ciencias-de-la-educacion/inicio.html>. Acesso em: 04 abr. 2020.

UNIVERSIDAD TECNOLÓGICA DE PEREIRA. **Doctorado en ingeniería**. Disponível em: <https://ingenierias.utp.edu.co/doctorados/ingenieria/inicio.html>. Acesso em: 04 abr. 2020.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para a elaboração de trabalhos acadêmicos**. Curitiba: UTFPR, 2008.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. **Instrução Normativa Conjunta 001/2017 – PROGRAD/PROPPG/PROREC**: Dispõe sobre procedimentos para o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero por pessoas travestis e transexuais do corpo discente, nas dependências da UTFPR e revoga a Instrução Normativa Conjunta n. 001/15 – PROGRAD/PROPPG/PROREC [23 mar. 2017]. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/documentos/graduacao-e-educacao-profissional/prograd/instrucoes-normativas-conjuntas/instrucao-normativa-conjunta-001-2017-prograd-proppg-prorec/instrucao-normativa-conj001-17-prograd-proppg-prorec.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2021.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. **História da universidade**. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/a-instituicao/historico>. Acesso em: 26 mai. 2017.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. **Sobre a UTFPR**. Disponível em: <http://portal.utfpr.edu.br/institucional/sobre-a-utfpr-1>. Acesso em: 22 jul. 2020.

URIBE MALLARINO, Consuelo; VÁZQUEZ CARDOZO, Socorro; PARDO PÉREZ, Camila. Subsidiar y segregar: la política de estratificación y sus efectos sobre la movilidad social en Bogotá. **Papel Político**, Bogotá, v.11, n. 1, p. 69-93, jan./jun. 2006.

VELHO, Léa. LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, v.10, p. 309-344, 1998.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244f. **Dissertação** (Mestrado em Cultura e Sociedade). Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

VIEIRA, Celso de Oliveira. Razão, alma e sensação na antropologia de Heráclito. 2010. 203f. **Dissertação** (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

VIGOYA, Mara Viveros. La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. **Debate feminista**, Ciudad de México, v. 52, p. 1-17, 2016.

VIGOYA, Mara Viveros. Social Mobility, Whiteness, and Whitening in Colombia. **Latin**



**American and Caribbean Anthropology**, v. 20, n. 3, p. 496-512, 2015.

VIVAS, Julián. El ‘error’ del Dane que borró del mapa a 1,3 millones de afros: omitir una pregunta en el censo 2018 derivó en que algunos lo califiquen de ‘genocidio estadístico’ [25 nov. 2019]. Bogotá. **El Tiempo**. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/colombia/otras-ciudades/el-error-del-dane-que-borro-del-mapa-a-1-3-millones-de-afros-436936>. Acesso em: 29 mar. 2020.

VIVES, Carlos; BENAVIDES, Iván. La tierra del olvido. Produzido por Carlos Vives *Et. Al.* *In.*: **La tierra del olvido**. Bogotá: PolyGram, 1995, faixa 3.

YUKA, Marcelo; SEU JORGE; CAPPELLETI, Ulisses. A carne. Produzido por Alê Siqueira. *In.* **Do cóccix até o pescoço**. Salvador: Maianga, 2002, faixa 6.

WADE, Peter. Repensando el mestizaje. **Revista colombiana de antropologia**, Bogotá, v. 39, p. 273-293, jan./dez. 2003.

WESTIN, Ricardo. Corte de verbas da ciência prejudica reação à pandemia e desenvolvimento do país. [25 nov. 2020]. **Agência Senado**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/09/corte-de-verbas-da-ciencia-prejudica-reacao-a-pandemia-e-desenvolvimento-do-pais>. Acesso em: 09 jul. 2021.

## APÊNDICE I – PEQUENO GLOSSÁRIO

*Aimó, àimò*: ignorância, desconhecimento, desconhecido, em uma perspectiva coletiva.

*Àşę*: termo que erroneamente é associado apenas à energia, em uma perspectiva individualista. Como os modos de ser, estar, viver e atuar no mundo, para as ancestralidades afro, são diferentes da cosmovisão ocidental (uma vez que inexistente essa separação entre a “alma” e corpo), *Àşę* pode ser compreendido como a força dialética e dialógica, vital a todos os seres. Se o *Àşę* passa a ser compreendido deste modo, resgata o caráter ético, moral, da natureza e coletivo desta força, que é concreta e material, não apenas circunscrita como abstrata, individual e espiritualizada.

*Bàbólòrìsà*: título coletivo máximo concedido ao guardião das ancestralidades afro, também responsável por administrar as vivências, cotidianidades e os ofícios sagrados nos espaços de terreiro

*Ch’ixi*: termo da cultura andina Aymara que remete à cor cinza, à primeira vista. Mas que se observada de perto e atentamente, possui manchas brancas e negras que não se misturam entre si, uma vez que estão justapostas. O *ch’ixi*, portanto, fornece uma ideia Aymara do que está, ao mesmo tempo, incluído e não incluído. Este termo é utilizado pela Socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui para propor um outro olhar acerca dos processos de mestiçagem na América Latina e as lutas políticas, sobretudo de populações indígenas e andinas. A pesquisadora, ao propor uma visão de agir, ser e estar no mundo pautada pela epistemologia *Ch’ixi*, perfaz uma tentativa política de superação de binarismos e essencialismos de se pensar os processos violentos de colonização, a agência dos sujeitos colonizados, os territórios e a cotidianidade das relações culturais, sociais e econômicas.

*Iya*: significa mãe. Em tradições poligâmicas também pode ser referida à primeira esposa.

*Ìyálòrìsà*: título coletivo máximo concedido à guardiã das ancestralidades afro, também responsável por administrar as vivências, cotidianidades e os ofícios sagrados nos espaços de terreiro

*Orun*: o mundo onde vivem os Òrisás, Orixás, separado do Ayé, que é a terra

*Òrisás, Orixás*: divindades, as deusas e deuses das ancestralidades e da cultura Iorubá. Essas divindades diferem muito da noção de divindades para religiões monoteístas, uma vez que características e condições humanas estão circunscritas em seus modos de manifestação à cultura e ancestralidades Iorubá.

*Opolopo Igi Ôpê*: conexão da coletividade com a natureza, os Orixás, com a colaboratividade, com as diferenças. Esse termo é entendido à partir da noção de abundância (*Opolopo*), associada à *Igi Ôpê* (árvore que produz o dendê, o dendezeiro), uma vez que para a cultura Iorubá e para as ancestralidades Afro, desta árvore tudo se aproveita. O azeite de dendê é um exemplo proeminente das ancestralidades e cultura afro, para a culinária brasileira.

*Yòpe*: sujeito/indivíduo ignorante, o que desconhece algo.

**APÊNDICE II - ROTEIROS DE ENTREVISTAS UTILIZADOS ANTES E APÓS EXAMES DE QUALIFICAÇÃO DE MESTRADO E DOUTORADO, APROVAÇÃO DA PESQUISA EM COMITÊ DE ÉTICA E TEORIAS PRINCIPAIS À ÉPOCA (BRASIL E COLÔMBIA)**



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e  
Sociedade



**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**Título da pesquisa:** MULHERES NA ACADEMIA: ASPECTOS MÉTRICOS E QUESTÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO DE DOIS PROGRAMAS *STRICTO SENSU* DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL PARANAENSE

**Pesquisador:** Michel Alves Ferreira

**Orientadora responsável:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lindamir Salette Casagrande

**Tipo de pesquisa:** Mestrado

**Tempo estimado de duração da entrevista:** Entre 30 a 60 minutos.

**Equipamentos utilizados:** Gravador de som.

**Natureza da entrevista:** Semiestruturada.

**Dados da/do participante e da entrevista:**

**Data de realização da entrevista:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ **Horário:** \_\_\_\_\_

**Nome completo<sup>1</sup>:** \_\_\_\_\_

**Sexo/Gênero:** ( ) Feminina ( ) Masculino ( ) Intersexo ( ) Transgênero ( ) Outra/o  
( ) Nenhuma/Nenhum

**Idade:** \_\_\_\_\_ **Formação Acadêmica:** \_\_\_\_\_

**Autodeclaração étnico/racial conforme os critérios estabelecidos pelo IBGE<sup>2</sup>:**

( ) Amarela ( ) Branca ( ) Indígena ( ) Morena ( ) Negra ( ) Parda ( ) Preta ( ) Outra.  
Qual? \_\_\_\_\_

**Tempo de serviço no programa:** \_\_\_\_\_ **Tempo de serviço como docente:** \_\_\_\_\_

**Concursada/o da instituição, convidada/o ou visitante:** \_\_\_\_\_

**Local de realização da pesquisa:**

**Instituição:** Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

**Unidade 1:** CPGEI ( ) **Unidade 2:** PPGTE ( )

<sup>1</sup> Na dissertação serão utilizados nomes fictícios.

<sup>2</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conforme estudo publicado pelo IBGE em 2008 sobre as características étnico-raciais da população brasileira. O material se encontra disponível para compra no sítio do IBGE, porém as tabelas estão disponíveis para *download* <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas\\_raciais/default\\_raciais.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/default_raciais.shtm)>.

## **PERGUNTAS**

### **CARACTERÍSTICAS GERAIS**

- 1) Qual a sua função atual dentro do programa?
- 2) Você pode nos contar sobre como se deu o seu interesse pela sua área de estudo?
- 3) Como foi a sua chegada neste programa?
- 4) Como foi sua recepção/acolhimento neste Programa?
- 5) Você exerce ou já exerceu funções de chefia no programa ou na universidade?
- 6) Você orienta trabalhos de mestrado e doutorado?
- 7) Dos estudantes sob a sua supervisão, qual o sexo/gênero da maioria?

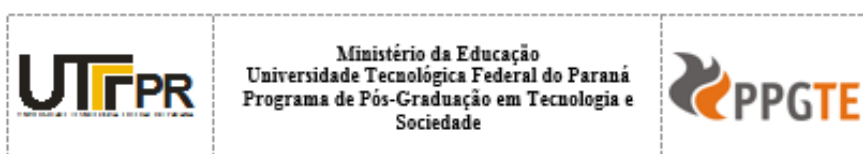
### **PRODUÇÃO CIENTÍFICA E PARTICIPAÇÃO ACADÊMICA**

- 8) Como você vê a sua produção acadêmico/científica (publicações, pesquisas...)?
- 9) Você acredita que há diferença nos números de artigos publicados por homens e mulheres do Programa?
- 10) Recebe ou recebeu recursos para a realização de projetos e/ou pesquisas?
- 11) Pode nos relatar como se dá ou se deu o recebimento destes recursos?
- 12) Com que frequência você costuma citar seus pares do programa nas suas publicações?
- 13) Com que frequência você é citado/a em publicações de seus colegas?

### **QUESTÕES DE GÊNERO**

- 14) Como você percebe a participação e presença feminina no espaço da pós-graduação (enquanto estudantes, docentes e pesquisadoras)?
- 15) E como você percebe a participação e presença masculina no espaço da pós-graduação (enquanto estudantes, docentes e pesquisadores)?
- 16) Acredita que existam dificuldades vivenciadas no meio acadêmico em razão do sexo/gênero?
- 17) Costuma perceber diferenças de gênero na forma com que suas alunas e alunos se relacionam entre si e com o meio acadêmico?
- 18) Para você há diferenças no desenvolvimento das pesquisas de seus orientandos e orientandas que possam ser atribuídas ao gênero?

- 19) Como você se relacionava com seus colegas de turma quando foi aluno/aluna?
- 20) Como você se relaciona com seus orientandos e orientandas? Há diferença dependendo do sexo do estudante?
- 21) Acredita que exista diferenças de aprendizagem e capacidade intelectual entre eles que possam ser atribuídas ao sexo/gênero?
- 22) Você sofre, sofreu ou viu algum colega docente sofrer algum tipo de preconceito dentro da universidade e programa relacionados ao gênero ou a raça/etnia?
- 23) Se sim, gostaria de compartilhar?
- 24) Percebe vantagens ou desvantagens na sua trajetória na pós-graduação pelo fato do seu sexo/gênero?
- 25) Percebe diferenças de sexo/gênero em cargos de chefia na pós-graduação?



### ROTEIRO DE ENTREVISTA

**Título da pesquisa:** E QUEM DISSE QUE NÃO É TEU LUGAR? Ladinoamefricanidade e lugar de fala na produção científica e tecnológica docente de cursos de pós-graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e Universidad Tecnológica de Pereira.

**Pesquisador:** Michel Alves Ferreira

**Orientadora responsável no Brasil:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lindamir Salette Casagrande (UTFPR)

**Supervisora de Estágio Doutoral na Colômbia:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tania Pérez-Bustos (Universidad Nacional de Colombia)

**Tipo de pesquisa:** Doutorado

**Tempo estimado de duração da entrevista:** Entre 60 a 90 minutos.

**Equipamentos utilizados:** Gravador de som.

**Natureza da entrevista:** Semiestruturada.

### INTRODUZINDO A CONVERSA...

Muito obrigado por compartilhar do seu tempo para participar desta entrevista. Quero começar este bloco introdutório conversando um pouco sobre sua experiência e vivências na sua formação acadêmica até chegar como professor (a) de pós-graduação.

1) Como você vê a profissão de professor (a) e pesquisador (a) hoje?

**Nota:** após este começo introdutório e convidativo, se solicita à/ao entrevistada/o os seguintes dados descritos em ficha a seguir, para a caracterização devida. É importante salientar à pessoa a ser entrevistada que:

- O objetivo geral e finalidades da entrevista, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Consentimento Para Uso de Imagem e Som de Voz (TCUISV) devidamente assinado.
- Os nomes reais serão substituídos por nomes fictícios, preservando a identidade da pessoa entrevistada.
- Uma cópia da transcrição realizada será encaminhada ao e-mail da pessoa entrevistada, a fim de verificar eventuais inconsistências.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do/a participante da pesquisa

### FICHÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO

**Dados da/do participante e da entrevista:**

**Data de realização da entrevista:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ **Horário:** \_\_\_\_\_

**Nome completo<sup>1</sup>:** \_\_\_\_\_

**Sexo/Gênero:**  Feminina ( ) Masculino ( ) Intersexo ( ) Travesti ( ) Transsexual  
 Transgênero ( ) Assexual ( ) Outra/o: Qual? \_\_\_\_\_  
 ( ) Nenhuma/Nenhum

**Idade:** \_\_\_\_\_ **Estado Civil:** \_\_\_\_\_

**Filhas/os e/ou dependentes?** S  Quantos? \_\_\_\_\_ N ( )

**Formação Acadêmica (graduação, mestrado e doutorado):**

**(SE BRASIL)**

**Autodeclaração étnica/racial, conforme os critérios estabelecidos pelo IBGE<sup>2</sup>:**

Amarela ( ) Branca ( ) Indígena ( ) Morena ( ) Negra ( ) Parda ( ) Preta ( ) Outra.  
 Qual? \_\_\_\_\_ ( ) Nenhuma.

**(SE COLÔMBIA)**

**Autodeclaração étnica/racial, conforme os critérios estabelecidos pelo DANE<sup>3</sup>:**

Afrocolombiano/a ( ) Afrodescendiente ( ) Blanco/a ( ) Indígena ( ) Mestizo/a  
 ( ) Mulato/a ( ) Negro/a ( ) Raizal del Archipilago de San Andrés y Provincia  
 Palenquero de San Basilio ( ) ROM/Gitano/a ( ) Ninguna de las anteriores.

**Tempo de serviço no programa:** \_\_\_\_\_ **Tempo de serviço como docente:** \_\_\_\_\_

**Concursada/o da instituição, convidada/o ou visitante:** \_\_\_\_\_

**Local de realização da pesquisa:**

**Instituição A:** Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

**Unidade 1:** CPGEI  **Unidade 2:** PPGTE ( )

**Instituição B:** Universidad Tecnológica de Pereira (Pereira - Colômbia)

**Unidade 1:** ENGENHARIAS  **Unidade 2:** HUMANIDADES ( )

<sup>1</sup> Os nomes reais serão substituídos por nomes fictícios de pesquisadoras/es inerentes à área de estudo das/os entrevistadas/os.

<sup>2</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conforme estudo publicado pelo IBGE em 2008 sobre as características étnico-raciais da população brasileira. O material se encontra disponível para compra no site do IBGE, porém as tabelas estão disponíveis para *download* <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas\\_raciais/default\\_raciais.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/default_raciais.shtm)>.

<sup>3</sup> Conforme último censo nacional, realizado em 2005 pelo Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE). Cabe destacar que em 2018 está em processo a realização de um censo nacional colombiano. *Link:* <<http://microdatos.dane.gov.co/index.php/catalog/421>>.

## **PRIMEIRA PARTE : PRODUÇÃO CIENTÍFICA, PRESENÇA NOS ESPAÇOS DA UNIVERSIDADE E SEU LUGAR DE FALA**

Vamos conversar um pouco a respeito do fazer pesquisa e pensar/produzir conhecimento na universidade.

2) O que você entende por ciência e tecnologia? Poderia explicar como esse entendimento influencia na sua atuação acadêmica e formação profissional?

3) Como você vê a sua produção acadêmico/científica atual (pensando em volume de publicações, pesquisas realizadas, projetos de pesquisa...)?

Perguntas de aprofundamento :

3.1) de que modo?

3.2) pode me citar algum exemplo?

4) Como se dá a colaboratividade técnica/científica entre seus colegas pesquisadores na pós-graduação?

Pergunta de aprofundamento :

4.1) pode me citar algum exemplo?

5) Você recebe ou recebeu recursos para a realização de projetos e/ou pesquisas?

Perguntas de aprofundamento :

5.1) se sim : quais são as fontes de financiamento e como foi o processo?

5.2) se sim : que tipo(s) de projeto(s)?

5.3) se não : por quê?

6) Com que frequência você costuma citar seus colegas, do programa de pós-graduação onde trabalha, nas suas publicações?

Perguntas de aprofundamento :

6.1) se não costuma citar : por quê?

6.2) se costuma citar : pode me falar mais a respeito?

7) Pode me contar um pouco como é a estrutura de funcionamento da universidade e do programa de pós-graduação onde voce atua?

Perguntas de aprofundamento :

7.1) como são pensadas e tomadas as decisões?

7.2) quem ou que grupos de pessoas decidem, na sua opinião?

7.3) como é a tua participação neste processo de decisão?

7.4) na sua opinião, qual o lugar do/a aluno/a nesta estrutura da pós-graduação?

8) Você acredita que há diferenças nos números de artigos publicados por homens e mulheres docentes do programa em que atua?

Pergunta de aprofundamento :

8.1) se sim ou não: por quê?



## **SEGUNDA PARTE : INTERSECCIONALIDADES E O LUGAR DOS SUJEITOS NA PÓS-GRADUAÇÃO**

Agora vamos falar um pouco sobre o seu lugar enquanto sujeito, no processo de produção e pensar o conhecimento, especialmente na pós-graduação.

9) O que fez você se interessar pela sua área de estudo?

Perguntas de aprofundamento :

9.1) de que modo?

9.2) e o que aconteceu durante o processo?

9.3) pode dar exemplos?

10) Como você se relacionava com seus colegas de turma e professores quando foi aluno/aluna, pensando desde seus primeiros anos de formação escolar?

Perguntas de aprofundamento :

10.1) pode nos dar exemplos?

10.2) era diferente o relacionamento entre homens e mulheres?

10.3) houve situações que você considerou ser constrangedoras ou ofensivas?

11) O que fez com que você se tornasse professor/a e pesquisador/a?

12) Me conte como foi a tua chegada no programa de pós-graduação onde atua.

Perguntas de aprofundamento :

12.1) como os/as teus/uas colegas te receberam?

12.2) alguma situação em específico que queira compartilhar?

13) Como você vê e percebe a presença e participação de homens e mulheres na pós-graduação da tua universidade (pensando em alunas/os, docentes e demais funcionárias/os)?

Pergunta de aprofundamento :

13.1) Se a presença da mulher for menor: Por que você acha que isso acontece?

14) Para você, quais são as maiores dificuldades que os/as alunos/as enfrentam na universidade e pós-graduação?

Pergunta de aprofundamento :

14.1) Pode nos dar algum exemplo?

14.2) E por que você acredita nesses motivos mencionados?

15) Para você, há diferenças no desenvolvimento das pesquisas de seus orientandos e orientandas que possam ser atribuídas a questões de sexualidade, etnia/raça e classe social?

Pergunta de aprofundamento :

15.1) se sim ou não: por quê?

15.2) você teve muitos orientandos/as não brancos?

16) Você sofre, sofreu ou viu algum colega docente e/ou estudante sofrer algum tipo de preconceito/discriminação dentro da universidade?

Perguntas de aprofundamento :

16.1) se sente confortável em compartilhar algum exemplo?

16.2) se compartilha exemplo : por que acha que isso acontece?

17) Costuma perceber diferenças de relacionamento e convivência entre seus alunos e alunas?

Pergunta de aprofundamento :

17.1) Pode nos dar algum exemplo?

17.2) Se não : por quê?

18) Durante toda a sua trajetória escolar, sabe me dizer se a maioria de seus/suas professores/as eram mulheres ou homens?

Perguntas de aprofundamento :

18.1) e professoras/es negras/os : quantas/os teve?

18.2) e professoras/es indígenas e/ou de outra etnia?

18.3) e professoras/es que declaravam publicamente sobre sua sexualidade?

19) Você percebe vantagens ou desvantagens na sua trajetória acadêmica pelo fato de suas origens étnicas/raciais e sexo?

Perguntas de aprofundamento :

19.1) se sim ou não : por quê?

20) Percebe diferenças de sexo, sexualidade e etnia/raça em cargos de chefia na pós-graduação e demais espaços na universidade?

Pergunta de aprofundamento :

20.1) se sim ou não: por quê? E em quais cargos?




21) Como você percebe o relacionamento entre o conhecimento produzido na universidade e o diálogo com a sociedade?

22) Há alguma outra informação que gostaria de compartilhar?

Pergunta de aprofundamento :

22.1) alguma pergunta que gostaria que tivesse sido feita?

**Muito Obrigado pela sua participação e presteza nesta pesquisa.**

	<p>Ministerio de Educación Nacional de Colombia          Universidad Nacional de Colombia          Facultad de Ciencias Humanas          Escuela de Estudios de Género</p>	
	<p>Ministério da Educação - Brasil          Universidade Tecnológica Federal do Paraná          Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade</p>	

### ENTREVISTA

**Título da pesquisa:** **¿Y QUIÉN DICE QUE NO ES TU LUGAR?**  
 Ladinomefricanidade y lugar de enunciación de sujetos en la producción científica y tecnológica docente de cursos de posgrados de la Universidade Tecnológica Federal do Paraná y Universidad de Tecnológica de Pereira.

**Investigador principal:** Michel Alves Ferreira

**Supervisora de Tesis en Brasil:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lindamir Saete Casagrande (UTFPR)

**Supervisora de Pasantía en Colombia:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tania Pérez-Bustos (Universidad Nacional de Colombia)

**Nivel de investigación:** Doctorado

**Tiempo necesario de la encuesta:** de 60 hasta 90 minutos.

**Equipamientos necesarios:** Grabadora de voz y sonido.

**tipo de la entrevista:** Semi estructurada.

**Observación:** se solicita a la persona entrevistada los siguientes datos descritos en el formulario a continuación, para su caracterización debida. Es importante subrayar a la persona a ser entrevistada que:

- El objetivo general y finalidades de la entrevista, según el Formulario de Consentimiento Libre e Informado (FCLI) y Consentimiento Informado Para el Uso de la Imagen y el Sonido de la Voz (FCUISV) debidamente firmado.
- Los nombres reales serán reemplazados por nombres ficticios, preservando la identidad de la persona entrevistada.
- Una copia de la transcripción realizada será enviada al correo electrónico de la persona entrevistada, a fin de verificar eventuales inconsistencias.

### FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO PERSONAL

**Datos de la/del participante y de la entrevista:**

**Fecha de la entrevista:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ **Hora:** \_\_\_\_\_

**Nombre y Apellido<sup>1</sup>:** \_\_\_\_\_

<sup>1</sup> Los verdaderos nombres son sustituidos por nombres ficticios de investigadores/as inherente en el área de estudio de los/as entrevistados/as.

\_\_\_\_\_  
 Firma del Investigador

\_\_\_\_\_  
 Firma del participante de la investigación

\*: Após observâncias da supervisora de estágio no exterior.

<p><b>Sexo/Género:</b> <input checked="" type="checkbox"/> Femenina <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Intersexo <input type="checkbox"/> Travesti <input type="checkbox"/> Transexual  <input checked="" type="checkbox"/> Transgénico <input type="checkbox"/> Asexual <input type="checkbox"/> Otra/o: ¿Cuál? _____  <input type="checkbox"/> Ninguna/Ningún</p> <p><b>Edad:</b> _____ <b>Estado Civil:</b> _____</p> <p><b>Hijas/os e/o otras personas que dependen de ud. S</b> <input checked="" type="checkbox"/> <b>¿ Cuantos?</b> _____ <b>N</b> <input type="checkbox"/></p> <p><b>Formación académica (pregrado, maestría y doctorado)</b> _____          _____          _____</p> <p>¿ <b>Cómo usted se auto declara étnica y racialmente, en consonancia con los criterios de etnia y raza del Departamento Administrativo Nacional de Estadística<sup>2</sup>:</b>  <input checked="" type="checkbox"/> Afrocolombiano/a <input type="checkbox"/> Afrodescendiente <input type="checkbox"/> Blanco/a <input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Mestizo/a  <input type="checkbox"/> Mulato/a <input type="checkbox"/> Negro/a <input type="checkbox"/> Raizal del Archipiélago de San Andrés y Provincia  <input checked="" type="checkbox"/> Palanquero de San Basilio <input type="checkbox"/> ROM/Gitano/a <input type="checkbox"/> Ninguna de las anteriores.</p> <p><b>Tiempo de servicio en este posgrado:</b> _____ <b>Tiempo de servicio total como docente:</b> _____</p> <p>¿Es docente de planta de la institución, invitado o tiene otro régimen laboral?          _____</p> <p><b>Institución:</b> Universidad Tecnológica de Pereira  <b>Unidad 1:</b> CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN <input checked="" type="checkbox"/> <b>Unidad 2:</b> INGENIERÍA <input type="checkbox"/></p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

### COMENZANDO...

Muchas gracias por compartir su tiempo para participar de esta entrevista. Quiero comenzar este bloque introductorio conversando un poco sobre su experiencia y vivencias en su formación académica hasta llegar a ser profesor (a) de posgrado. Mi primera pregunta sería:

1) ¿Cómo ves la profesión de profesor (a) e investigador (a) hoy en Colombia?

### PRIMER BLOQUE: PRODUCCIÓN CIENTÍFICA, PRESENCIA EN LOS DIFERENTES ESPACIOS DE LA UNIVERSIDAD Y SUS LUGARES DE ENUNCIACIÓN

Hablemos un poco sobre hacer investigaciones y pensar/producir el conocimiento en la universidad.

2) ¿Qué entiende por ciencia y tecnología? ¿Podría explicarme cómo esa comprensión influencia su actuación académica y formación profesional?

|

<sup>2</sup> De acuerdo con el último censo colombiano - Censo 2005 de Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE). *Link:* <<http://microdatos.dane.gov.co/index.php/catalog/421>>. En 2018 y en 2019, el gobierno colombiano está realizando otro censo, que todavía está en curso.

Firma del Investigador

Firma del participante de la investigación

3) ¿Cómo usted percibe su producción académica / científica actual (pensando en el volumen de publicaciones, investigaciones realizadas, proyectos de investigación ...)?

Preguntas de profundización<sup>2</sup>:

3.1) si la respuesta es dicotómica : ¿de qué manera ocurre?

4) ¿Cómo se da la colaboración técnica / científica entre sus colegas investigadores en el posgrado?

Pregunta de profundización:

4.1) ¿me puede citar algún ejemplo?

5) ¿Usted recibe o recibió recursos financieros para la realización de proyectos y / o investigaciones?

Preguntas de profundización:

5.1) si recibe o recibió: ¿cuáles son las fuentes de financiación y cómo fue el proceso para obtenerlos?

5.2) si recibe o recibió: ¿qué tipo de proyecto (s)?

5.3) si no: ¿por qué?

6) ¿Con qué frecuencia suele citar a sus colegas, del programa de posgrado donde trabaja, en sus publicaciones?

Preguntas de profundización:

6.1) si no suele citar: ¿por qué?

6.2) se suele citar: ¿puede hablarme más al respecto?

7) ¿Cómo se piensan y se toman las decisiones administrativas/académicas en la universidad y en el programa de posgrado en que usted actúa?

Preguntas de profundización:

7.1) ¿quién o qué grupos de personas deciden?

7.2) ¿cómo es su participación en este proceso de toma de decisiones?

7.3) ¿cuál es el lugar del / la alumna/o en esta estructura del posgrado y en el proceso de toma de decisiones?

8) ¿Usted cree que hay diferencias en los números de artículos publicados por hombres y mujeres docentes del programa en que actúa?

Pregunta de profundización:

8.1) si o no: ¿por qué?

## **SEGUNDO BLOQUE : INTERSECCIONALIDADES Y EL LUGAR DE LOS SUJETOS EN EL POSGRADO**

Ahora hablemos un poco sobre su lugar como sujeto que piensa, comparte y produce conocimiento en la universidad y en el posgrado.

9) ¿Cómo percibes la relación entre el conocimiento producido en la universidad y el diálogo con la sociedad?

<sup>2</sup> Estas preguntas solo se realizan si en la respuesta hay dudas o se necesita de mayores aclaraciones.

Firma del Investigador

Firma del participante de la investigación

10) ¿Qué le hizo interesarse por su área de estudio?

Preguntas de profundización:

10.1) ¿de qué modo?

10.2) ¿y lo que sucedió durante el proceso?

10.3) ¿me puede dar ejemplos?

11) ¿Cómo usted se relacionaba con sus compañeros/as de clases y profesores cuando fue alumno / alumna, pensando desde sus primeros años de formación escolar?

Preguntas de profundización:

11.1) ¿ puede darnos ejemplos?

11.2) ¿ era diferente la relación entre hombres y mujeres?

11.3) ¿ hubo situaciones que usted consideró ser delicadas, humillantes o ofensivas?

12) Cuénteme cómo fue su llegada al programa de postgrado donde trabaja.

Preguntas de profundización:

12.1) ¿Cómo lo recibieron sus compañeros?

12.2) ¿alguna situación en particular que quiera compartir?

13) ¿Cómo usted ve y percibe la presencia y actuación de hombres y mujeres en el posgrado de la universidad (pensando en alumnas / os, docentes y demás funcionarias / os)?

Pregunta de profundización:

13.1) Si la presencia de la mujer es menor: ¿Por qué cree que esto sucede?

14) Para usted, ¿cuáles son las mayores dificultades que los / las alumnos / as enfrentan en la universidad y el postgrado?

Preguntas de profundización:

14.1) ¿Puedes darnos algún ejemplo?

14.2) ¿Y por qué usted cree en esos motivos mencionados?

15) Para usted, ¿hay diferencias en el desarrollo de las investigaciones de sus orientandos y orientandas que puedan ser atribuidas a cuestiones de sexualidad?

Pregunta de profundización:

15.1) si sí o no: ¿por qué?

16) ¿Cómo usted ve y percibe la presencia y actuación de hombres y mujeres afrocolombianas/os, mestizas/os e indígenas en la universidad y especialmente el posgrado (pensando en alumnas / os, docentes y demás funcionarias / os)?

Preguntas de profundización:

16.1) ¿usted tuvo o tiene estudiantes supervisados que no eran / son personas blancas?

16.2) ¿tuvo o tiene estudiantes supervisados que fueron desplazados por algún motivo?

17) ¿Usted sufre, sufrió o vio algún colega docente y / o estudiante sufrir algún tipo de prejuicio / discriminación dentro de la universidad?

Preguntas de profundización:

17.1) ¿se siente cómodo/a en compartir algún ejemplo?

17.2) si comparte ejemplo: ¿por qué cree que eso sucede?

18) ¿Suele percibir diferencias de relación y convivencia entre sus alumnos y alumnas?

Pregunta de profundización:

18.1) ¿Puede darnos algún ejemplo?

18.2) Si no: ¿por qué?

19) Durante toda su trayectoria escolar, ¿podría decirme si la mayoría de sus profesores / as eran mujeres u hombres?

Preguntas de profundización:

19.1) y profesoras / es negras / os: ¿cuántas / os tuvo?

19.2) ¿y profesoras / es indígenas y / o de otra etnia?

19.3) ¿y profesoras / es que declaraban públicamente sobre su sexualidad?

20) ¿Usted percibe ventajas o desventajas en su trayectoria académica por sus propias orígenes étnicas / raciales y sexo o género?

Preguntas de profundización:

20.1) si sí o no: ¿por qué?

21) ¿Usted percibe diferencias de género y etnia / raza en cargos de dirección en el postgrado y demás espacios en la universidad?

Pregunta de profundización:

21.1) si sí o no: ¿por qué? ¿Y en qué cargos?

22) ¿Hay alguna otra información que le gustaría compartir?

Pregunta de profundización:

22.1) ¿alguna pregunta que quisiera que se hubiera hecho?

Muchas gracias por su participación en esta encuesta y investigación

Firma del Investigador

Firma del participante de la investigación

## APÊNDICE III – TCLE/TCUISV, FCLI e FCUISV (BRASIL E COLOMBIA)



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e  
Sociedade



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) E TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ (TCUISV)

**Título da pesquisa:** MULHERES NA ACADEMIA: ASPECTOS MÉTRICOS E  
QUESTÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO DE DOIS PROGRAMAS *STRICTO*  
*SENSU* DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL PARANAENSE

**Pesquisador:** Michel Alves Ferreira

E-mail: [mferreira@alunos.utfpr.edu.br](mailto:mferreira@alunos.utfpr.edu.br) / [maferreiragi@gmail.com](mailto:maferreiragi@gmail.com)

**Orientadora responsável:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lindamir Salete Casagrande

E-mail: [lindasc2002@gmail.com](mailto:lindasc2002@gmail.com)

#### Local de realização da pesquisa:

**Instituição 1:** Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica e Informática Industrial (CPGEI)

**Endereço e Telefone:** Avenida Sete de Setembro, nº 3165, blocos C e D. Rebouças, Curitiba/PR. CEP:80230-901 / (41) 3310-4680

**Coordenador:** Prof. Dr. Jean Carlos Cardozo da Silva

#### Local de realização da pesquisa:

**Instituição 2:** Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE)

**Endereço e Telefone:** Avenida Sete de Setembro, nº 3165, bloco C. Rebouças, Curitiba/PR. CEP:80230-901 / (41) 3310-4785

**Coordenadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nanci Stancki da Luz

## A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

### 1. Apresentação da pesquisa.

Esta pesquisa pretende contribuir com as produções acadêmicas da UTFPR, do PPGTE e em especial com os estudos de gênero, ciência e tecnologia realizados pelo programa e do Núcleo em Gênero e Tecnologia (GeTec) historicamente e com reconhecimento pelos seus pares em âmbito nacional/internacional, de forma que apresente um mapeamento de como se dá a presença e participação das mulheres na pós-graduação da UTFPR. Parte-se de dois dos programas *stricto sensu* da universidade melhor avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na avaliação trienal do ano de 2013: o CPGEI e o PPGTE. Cabe destacar que esta pesquisa de forma alguma é estanque e se esgota em si mesma; Também é pertinente dizer que os estudos sociais voltados à discussão de gênero, além de visibilizar as relações



percebidas entre os sujeitos, evidenciam elementos afetivos, cognitivos e morais nos diferentes espectros da atividade humana, inclusive nos artefatos, processos e métodos.

## 2. Objetivos da pesquisa.

O objetivo geral:

Analisar em que aspectos se dá a participação feminina na docência e pesquisa *stricto sensu*, considerando representatividade, questões de gênero e volume de produção acadêmica no contexto de dois programas de pós-graduação da UTFPR.

Objetivos específicos:

- Levantar as características dos respectivos cursos *stricto sensu* elegidos para a pesquisa, a partir de informações e métricas encontradas em suas fontes de dados oficiais e também nas plataformas da Capes e Sucupira.
- Identificar o volume de produção científica de mulheres e homens atuantes como docentes/pesquisadores nos dois programas.
- Verificar se o gênero interfere na inserção, permanência e produção científica de homens e mulheres na pós-graduação.

## 3. Participação na pesquisa.

Sua participação na pesquisa será feita por meio de entrevista semiestruturada que será gravada e transcrita para a análise. Após a transcrição os arquivos de voz serão apagados.

## 4. Confidencialidade.

Todos os participantes da pesquisa terão seu nome mantido em sigilo. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados com fins exclusivamente acadêmicos/científicos.

## 5. Riscos e Benefícios.

5a) **Riscos:** Os possíveis riscos aos entrevistados e entrevistadas é de desconforto devido à demora do processo de realização da própria entrevista e de constrangimento diante de alguma pergunta que possa afetar emocionalmente.

5b) **Benefícios:** Os benefícios dessa pesquisa lhe são indiretos; a pesquisa pode servir de instrumento para tomada de decisões na universidade e em particular nos programas analisados, para fomento de maior presença e visibilidade feminina; também poderá contribuir para a desconstrução de preconceito institucionalizado, se comprovado pelas informações encontradas na pesquisa, e estereótipos cognitivos sobre a capacidade e a força profissional da mulher pesquisadora/docente.

## 6. Critérios de inclusão e exclusão.

6a) **Inclusão:** Poderão participar desta pesquisa professores e professoras credenciadas nos dois programas de Pós-Graduação selecionados para esta pesquisa.

6b) **Exclusão:** Serão excluídos da pesquisa docentes destes Programas que se encontrarem afastados de suas atividades por qualquer motivo no momento da pesquisa.

## 7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Os participantes têm a liberdade e direito de recusar ou retirar o consentimento para participação na pesquisa em qualquer etapa, assim como requerer qualquer esclarecimento em qualquer etapa da pesquisa, sem sofrer nenhuma penalidade.

### 8. Ressarcimento e indenização.

Esclarece-se que não há nenhum tipo de ressarcimento e nem remuneração para a sua participação. No que se refere à indenização, esta será garantida conforme legislação vigente.

#### ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). **Endereço:** Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** (41) 3310-4494, **e-mail:** coep@utfpr.edu.br.

#### B) CONSENTIMENTO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome Completo: \_\_\_\_\_  
 RG: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_  
 Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Nome completo: \_\_\_\_\_  
 Assinatura pesquisador (a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Michel Alves Ferreira, via e-mail: [mferreira@alunos.utfpr.edu.br](mailto:mferreira@alunos.utfpr.edu.br) / [maferreiragi@gmail.com](mailto:maferreiragi@gmail.com) ou telefone:

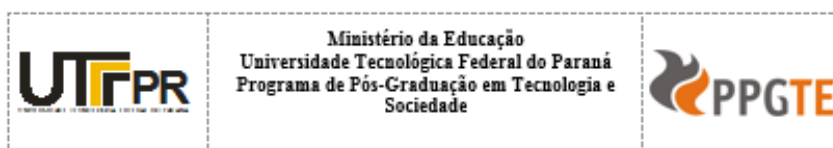
#### Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR).

**Endereço:** Avenida Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** 3310-4494, **E-mail:** [coep@utfpr.edu.br](mailto:coep@utfpr.edu.br)

OBS: este documento deve conter 2 (duas) vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao participante da pesquisa.

\* Alguns dados pessoais dos pesquisadores foram suprimidos neste documento final.



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) E TERMO  
DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ  
(TCUISV)**

**Título da pesquisa:** E QUEM DISSE QUE NÃO É TEU LUGAR?  
Ladinoamefricanidade e lugar de fala na produção científica e tecnológica docente de cursos de pós-graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e Universidad Tecnológica de Pereira.

**Pesquisador:** Michel Alves Ferreira

E-mail: [mferreira@alunos.utfpr.edu.br](mailto:mferreira@alunos.utfpr.edu.br) / [maferreiragi@gmail.com](mailto:maferreiragi@gmail.com)

**Orientadora responsável:** Prof.ª Dr.ª Lindamir Salete Casagrande

E-mail: [lindasc2002@gmail.com](mailto:lindasc2002@gmail.com)

**Local de realização da pesquisa no Brasil:**

**Instituição 1:** Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica e Informática Industrial (CPGEI)

**Endereço e Telefone:** Avenida Sete de Setembro, nº 3165, blocos C e D. Rebouças, Curitiba/PR. CEP:80230-901 / (41) 3310-4680

**Coordenador:** Prof. Dr. André Schneider de Oliveira

**Instituição 2:** Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE)

**Endereço e Telefone:** Avenida Sete de Setembro, nº 3165, bloco C. Rebouças, Curitiba/PR. CEP:80230-901 / (41) 3310-4785

**Coordenadora:** Prof.ª Dr.ª Marília Abrahão Amaral

**A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE**

**1. Apresentação da pesquisa.**

Esta pesquisa pretende contribuir com as produções acadêmicas da UTFPR, do PPGTE e em especial com os estudos de gênero, ciência e tecnologia realizados pelo programa e pelo Núcleo em Gênero e Tecnologia (GeTec) historicamente e com reconhecimento pelos seus pares em âmbito nacional/internacional, de forma que apresente um estudo qualitativo de como se dá a presença e participação de docentes, especialmente de mulheres e pessoas negras/indígenas autodeclaradas, na pós graduação da UTFPR e da Universidad Tecnológica de Pereira, esta localizada na cidade de Pereira - Colômbia. Destarte, os mesmos processos de realização de entrevistas a serem realizadas aqui no Brasil, serão replicados em território colombiano, durante período de realização de estágio doutoral (01 de outubro de 2018 a 30 de setembro de 2019 – Edital PDSE/CAPES 47/2017). No Brasil, parte-se de dois dos programas *stricto sensu* da universidade melhor avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na avaliação trienal do ano de 2013: o CPGEI e o PPGTE. Cabe

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do/a participante da pesquisa

destacar que esta pesquisa de forma alguma é estanque e se esgota em si mesma; Também é pertinente dizer que os estudos sociais voltados à discussão de gênero e etnia/raça, além de visibilizar as relações percebidas entre os sujeitos, evidenciam elementos afetivos, cognitivos e morais nos diferentes aspectos da atividade humana, inclusive nos artefatos, processos e métodos utilizados.

## 2. Objetivos da pesquisa.

O objetivo geral: Analisar a percepção das/os docentes sobre as questões de gênero e etnia/raça na docência/pesquisa da pós-graduação, no contexto da UTFPR e da Universidad Tecnológica de Pereira.

Com relação aos objetivos específicos, estes são dispostos em quatro itens:

- Analisar as percepções das/os docentes de cada programa de pós-graduação escolhido para a pesquisa, acerca das relações de gênero e etnia/raça em suas atividades internas;
- Comparar as percepções de gênero e etnia/raça dos/as docentes de todos os programas selecionados para a pesquisa, considerando os contextos de cada país e universidade;
- Verificar se as/os docentes percebem a interferência do gênero e etnia/raça na inserção, permanência e produção científica de homens e mulheres nos programas pesquisados;|
- Identificar possíveis obstáculos que se impõe a pesquisadores/as de um sexo e não às/aos de outro no exercício das funções de docência/pesquisa.

## 3. Participação na pesquisa.

Sua participação na pesquisa será feita por meio de entrevista semiestruturada que será gravada e transcrita para a análise. Após a transcrição os arquivos de voz serão apagados.

## 4. Confidencialidade.

Todos os participantes da pesquisa terão seu nome mantido em sigilo, sendo atribuído um nome fictício para a apresentação dos dados da pesquisa na construção da tese. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados com fins exclusivamente acadêmicos/científicos.

## 5. Riscos e Benefícios.

**5a) Riscos:** Os possíveis riscos aos entrevistados e entrevistadas é de desconforto devido à demora do processo de realização da própria entrevista e de constrangimento diante de alguma pergunta que possa afetar emocionalmente.

**5b) Benefícios:** Os benefícios dessa pesquisa lhe são indiretos; a pesquisa pode servir de instrumento para tomada de decisões na universidade e em particular nos programas analisados, para fomento de maior presença e visibilidade feminina e de pessoas negras; também poderá contribuir para a desconstrução de preconceitos dentro dos espaços da universidade, se comprovado pelas informações encontradas na pesquisa, e estereótipos cognitivos sobre a capacidade e a força profissional destes sujeitos ao produzir pesquisa.

## 6. Critérios de inclusão e exclusão.

**6a) Inclusão:** Poderão participar desta pesquisa professores e professoras credenciadas nos dois programas brasileiros de Pós-Graduação selecionados para esta pesquisa.

**6b) Exclusão:** Serão excluídos da pesquisa docentes destes Programas que se encontrarem afastados de suas atividades por qualquer motivo no momento da pesquisa.

## 7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Os participantes têm a liberdade e direito de recusar ou retirar o consentimento para participação na pesquisa em qualquer etapa, assim como requerer qualquer esclarecimento em qualquer etapa da pesquisa, sem sofrer nenhuma penalidade.

### 8. Ressarcimento e indenização.

Esclarece-se que não há nenhum tipo de ressarcimento e nem remuneração para a sua participação. No que se refere à indenização, esta será garantida conforme legislação vigente.

### ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). **Endereço:** Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** (41) 3310-4494, **e-mail:** [coep@utfpr.edu.br](mailto:coep@utfpr.edu.br).

### B) CONSENTIMENTO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome Completo: _____		
RG: _____	Data de Nascimento: ____/____/____	Telefone: _____
Endereço: _____		
CEP: _____	Cidade: _____	Estado: _____
Assinatura: _____		Data: ____/____/____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Nome completo: _____	
Assinatura pesquisador (a): _____	Data: ____/____/____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Michel Alves Ferreira, via e-mail: [mferreira@alunos.utfpr.edu.br](mailto:mferreira@alunos.utfpr.edu.br) / [maferreiragi@gmail.com](mailto:maferreiragi@gmail.com) ou telefone

### Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:




Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). **Endereço:** Avenida Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** 3310-4494, **E-mail:** [coep@utfpr.edu.br](mailto:coep@utfpr.edu.br)

**OBS:** este documento deve conter 2 (duas) vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao participante da pesquisa.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do/a participante da pesquisa

\* Alguns dados pessoais dos pesquisadores foram suprimidos neste documento final.

	<p>Ministerio de Educación Nacional de Colombia          Universidad Nacional de Colombia          Facultad de Ciencias Humanas          Escuela de Estudios de Género</p>	
	<p>Ministério da Educação - Brasil          Universidade Tecnológica Federal do Paraná          Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade</p>	

**FORMULARIO DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO (FCLI) Y  
 CONSENTIMIENTO INFORMADO PARA EL USO DE LA IMAGEN Y EL  
 SONIDO DE LA VOZ (FCUISV)**

**Tema de investigación:** ¿Y QUIÉN DICE QUE NO ES TU LUGAR? Ladinomefricanidade y Lugar de Enunciación de sujetos en la producción científica y tecnológica docente de cursos de posgrados de la Universidade Tecnológica Federal do Paraná y Universidad Tecnológica de Pereira.

**Investigador principal:** Michel Alves Ferreira

**Supervisora de Tesis en Brasil:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lindamir Saete Casagrande (UTFPR)

**Supervisora de Pasantía en Colombia:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tania Pérez-Bustos (Universidad Nacional de Colombia)

**Nivel de investigación:** Doctorado

**Teléfono del investigador:**

(Colombia)

Correo electrónico: [mferreira@alunos.utfpr.edu.br](mailto:mferreira@alunos.utfpr.edu.br) / [maferreiragi@gmail.com](mailto:maferreiragi@gmail.com) / [malves@unal.edu.co](mailto:malves@unal.edu.co)

**Espacios de investigación**

**Institución:** Universidad Tecnológica de Pereira (UTP)

**Programas de Posgrado:**

- 1) Programa de Posgrado en Ciencias de la Educación – Área Pensamiento Educativo y Comunicación
- 2) Programa de Posgrado en Ingeniería

**Dirección y Teléfono:** Carrera 27# 10-02 – Barrio Alamos – Pereira, Risaralda (Colombia)

(+57) 6 313-7300

**Coordinadora 1:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Consuelo Orozco Giraldo (Ciencias de la Educación)

**Coordinador 2:** Prof. Dr. Harold Salazar Isaza (Ingeniería)

**A) INFORMACIONES AL PARTICIPANTE**

**1. Presentación.**

Esta investigación pretende contribuir con las producciones académicas de la UTFPR, del PPGTE y en especial con los estudios de género, ciencia y tecnología realizados por el programa y el Núcleo en Género y Tecnología (GeTec). Se basa en un estudio cualitativo de cómo se da la presencia y la participación de docentes en el proceso de producción de

Firma del Investigador

Firma del participante de la investigación

conocimiento científico y tecnológico, especialmente de mujeres y personas no blancas autodeclaradas, en el posgrado de la UTFPR, Curitiba, Brasil, y de la Universidad Tecnológica de Pereira, Colombia. Los mismos procesos de entrevistas realizadas en Brasil serán replicados en Colombia durante la vigencia de la pasantía (01 de octubre de 2018 a 30 de septiembre de 2019 – Convocatoria PDSE/CAPEB 47/2017). En Colombia, fueron elegidos los siguientes criterios para la realización del trabajo de campo en los programas de posgrado de Ciencias de la Educación y de Ingeniería de la UTP: tiempo de existencia de los programas, reconocimiento del Ministerio de la Educación y su clasificación evaluativa actual, áreas de conocimiento con similitudes a los programas de posgrado brasileños investigados y número de estudiantes matriculados. Cabe destacar que esta investigación de ninguna manera se estanca y/o se agota en sí misma; también es pertinente decir que los estudios sociales orientados a la discusión de género y etnia / raza, además de visibilizar las relaciones percibidas entre los sujetos, evidencian elementos afectivos, cognitivos y morales en los diferentes aspectos de la actividad humana, incluso en los artefactos, procesos y métodos utilizados.

## 2. Objetivos de la investigación.

El objetivo general:

Analizar la percepción de las y los docentes sobre las cuestiones de género y etnia / raza en su ejercicio de la docencia e investigación, en el contexto de la UTFPR y de la Universidad Tecnológica de Pereira.

Con respecto a los objetivos específicos, éstos están dispuestos en cuatro ítems:

- Analizar las percepciones de los docentes de cada programa de posgrado elegido para la investigación, acerca de las relaciones de género y etnia / raza en sus actividades internas;
- Comparar las percepciones de género y etnia / raza de los / as docentes de todos los programas seleccionados para la investigación, considerando los contextos de cada país y universidad;
- Verificar si los docentes perciben la interferencia del género y etnia / raza en la inserción, permanencia y producción científica de hombres y mujeres en los programas investigados;
- Identificar posibles obstáculos que se impone a investigadores/as de un sexo y no a los/ as de otro, en el ejercicio de las funciones de docencia y investigación.

## 3. Participación.

Su participación en la investigación será realizada por medio de una entrevista semiestructurada que será grabada y transcrita para el análisis. Después de la transcripción, los archivos de voz serán borrados.

## 4. Confidencialidad.

Todos los participantes en la investigación tendrán su nombre mantenido en secreto,

---

Firma del Investigador

Firma del participante de la investigación

siendo atribuido un nombre ficticio para la presentación de los datos de la investigación en la construcción de la tesis. Los datos obtenidos en esta investigación serán utilizados con fines exclusivamente académicos / científicos.

#### **5. Riesgos y Beneficios.**

**5a) Riesgos:** Los posibles riesgos a los entrevistados y entrevistados es de incomodidad, debido a la demora del proceso de realización de la propia entrevista y de constreñimiento ante alguna pregunta que pueda afectar emocionalmente.

**5b) Beneficios:** Los beneficios de esta investigación le son indirectos; la investigación puede servir de instrumento para la toma de decisiones en las universidades y en particular en los programas analizados, para el fomento de mayor presencia y visibilidad femenina y de personas negras/ indígenas; también puede contribuir a la deconstrucción de prejuicios dentro de los espacios de la universidad, si es comprobado por las informaciones encontradas en la investigación, y estereotipos cognitivos sobre la capacidad y la fuerza profesional de estos sujetos al producir investigación.

#### **6. Criterios de inclusión y exclusión.**

**6a) Inclusión:** Podrán participar en esta investigación profesores y profesoras activos (de planta o catedráticos) en los dos programas colombianos de posgrado seleccionados para esta investigación.

**6b) Exclusión:** Serán excluidos de la investigación docentes de estos programas que se encuentren jubilados o alejados de sus actividades por cualquier motivo en el momento de la investigación.

#### **7. Derecho a salir de la investigación y a aclaraciones durante el proceso.**

Los participantes tienen la libertad y el derecho de rechazar o retirar el consentimiento para participar en la investigación en cualquier etapa, así como requerir cualquier aclaración en cualquier etapa de la investigación, sin sufrir ninguna penalidad.

#### **8. Resarcimiento e indemnización.**

Se aclara que no hay ningún tipo de resarcimiento ni remuneración para su participación. En lo que se refiere a la indemnización, ésta será garantizada conforme a la legislación colombiana vigente.

#### **B) CONSENTIMIENTO**

Yo declaro tener conocimiento de las informaciones contenidas en este documento y haber recibido respuestas claras a mis preguntas acerca de mi participación directa (o indirecta) en la investigación y, adicionalmente, declaro haber comprendido el objetivo, la naturaleza, los riesgos, beneficios, resarcimiento e indemnización relacionados con este estudio.

Después de reflexión y un tiempo razonable, decidí, libre y voluntariamente, participar en este estudio. Soy consciente de que puedo dejar el proyecto en cualquier momento, sin ningún perjuicio.

Nombre y Apellido: \_\_\_\_\_

Documento de identificación: \_\_\_\_\_ Fecha de Nacimiento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Teléfono: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Firma del Investigador

\_\_\_\_\_  
Firma del participante de la investigación



Dirección: \_\_\_\_\_

Ciudad: \_\_\_\_\_ Departamento: \_\_\_\_\_

Firma: \_\_\_\_\_ Fecha: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Yo declaro haber presentado el estudio, explicado sus objetivos, naturaleza, riesgos y beneficios y haber respondido de la mejor manera posible a las preguntas formuladas.

Nombre y Apellido: \_\_\_\_\_

Firma investigador (a): \_\_\_\_\_

Fecha: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Para todas las cuestiones relativas al estudio o para retirarse del mismo, podrán comunicarse con Michel Alves Ferreira, vía correo electrónico: [mferreira@alunos.utfpr.edu.br](mailto:mferreira@alunos.utfpr.edu.br) / [maferreirazi@gmail.com](mailto:maferreirazi@gmail.com) / [malves@unal.edu.co](mailto:malves@unal.edu.co) o teléfono:

\_\_\_\_\_  
Firma del Investigador

\_\_\_\_\_  
Firma del participante de la investigación

\* Alguns dados pessoais do pesquisador foram suprimidos neste documento final.

## APÊNDICE IV - TERMO DE COMPROMISSO, DE CONFIDENCIALIDADE DE DADOS E ENVIO DE RELATÓRIO FINAL À ÉPOCA DO MESTRADO



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

### \*TERMO DE COMPROMISSO, DE CONFIDENCIALIDADE DE DADOS E ENVIO DO RELATÓRIO FINAL

**Michel Alves Ferreira e Lindamir Salete Casagrande**, pesquisadores responsáveis pelo projeto de pesquisa intitulado **Mulheres na Academia: aspectos métricos e questões de gênero no contexto de dois programas *Stricto Sensu* de uma universidade federal paranaense**, comprometemo-nos a dar início a este estudo somente após apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e registro de aprovado na Plataforma Brasil.

Com relação à coleta de dados da pesquisa, nós pesquisadores, abaixo firmados, asseguramos que o caráter anônimo dos dados coletados nesta pesquisa será mantido e que suas identidades serão protegidas. Nós pesquisadores, manteremos um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os formulários: **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e /ou Termo de Consentimento de Uso de Voz e Imagem**, assinados pelos participantes serão mantidos pelo pesquisador em confidência estrita, juntos em um único arquivo.

Asseguramos que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Assentimento Livre e Esclarecido; e/ou Termo de Consentimento de Uso de Voz e Imagem, que poderá ser solicitada de volta no caso deste não mais desejar participar da pesquisa.

Eu, como professora orientadora, declaro que este projeto de pesquisa, sob minha responsabilidade, será desenvolvido pelo aluno **Michel Alves Ferreira**, do curso de **Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade**.

Declaro, também, que li e entendi a Resolução 466/2012 (CNS) responsabilizando-me pelo andamento, realização e conclusão deste projeto e comprometendo-me a enviar ao CEP/UTFPR, relatório do projeto em tela quando da sua conclusão, ou a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Curitiba, 30 de novembro de 2016.

---

**Michel Alves Ferreira**  
**Pesquisador Responsável**

---

**Lindamir Salete Casagrande**  
**Professora Orientadora de Pesquisa**

\* O documento original está assinado e sob a guarda do pesquisador responsável.

## APÊNDICE V – BREVES BIOGRAFIAS BRASILEIRAS UTILIZADAS PARA NOMEAR OS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Geledés. Disponível em:  
<https://www.geledes.org.br/engenhaira-nadia-ayad-brasilira-vence-concurso-mundial-por-sua-pesquisa-com-carbono/> Acesso em: 07 jul. 2021.  
 Todos os direitos reservados.



### NADIA MOHAMMED ELMASSALAMI AYAD

(1992- )

#### UMA DAS POUCAS ENGENHEIRAS NEGRAS FORMADAS PELO IME

Formada em 2016 pelo Instituto Militar de Engenharia (IME), a carioca e filha de acadêmicos sudaneses Nadia, ganhou aos 23 anos um prêmio internacional promovido pela empresa de engenharia sueca Sandvik. Seu prêmio decorreu de uma pesquisa com grafeno, um derivado do carbono, onde a utilização da substância permite que o processo de filtragem de água para a população seja mais barato e eficiente. A Jovem também foi ganhadora de outros três prêmios; Em 2015, na Universidade de Manchester, fez um curso de aperfeiçoamento em bioengenharia científica de materiais. Seu interesse é cursar doutorado fora do país com a temática de usos de biomateriais na medicina.

Fontes:  
<http://lattes.cnpq.br/4521553033382057>

[http://www.sandvik.coromant.com/en-gb/mww/pages/inn\\_nadia.aspx](http://www.sandvik.coromant.com/en-gb/mww/pages/inn_nadia.aspx);

El País. Disponível em:  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/24/ciencia/1487948035\\_323512.html?rel=mas](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/24/ciencia/1487948035_323512.html?rel=mas). Acesso em: 28 fev. 2017. Todos os direitos reservados.



### SONIA GUIMARÃES

(1957- )

#### PRIMEIRA MULHER NEGRA A LECIONAR NO ITA E UMA DAS PRIMEIRAS MULHERES A OBTER O TÍTULO DE MESTRA E DOUTORA EM ÁREAS CTEM

Paulista de nascença, sempre estudou na rede pública de ensino. Tinha o sonho de cursar engenharia, mas passou na graduação em licenciatura em ciências da Universidade Federal de São Carlos na década de 1970. Em 1989 obtém seu título de Doutora em Materiais Eletrônicos pela Universidade de Manchester (Inglaterra). Em 1993 ingressa no Instituto Tecnológico da Aeronáutica do Brasil (ITA), se tornando a primeira mulher e mulher negra a dar aulas na instituição. Ajudou na fundação da Ong. Afrobrás. Integra a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN); Luta pela maior presença de mulheres e pessoas negras nas áreas CTEM.

Fontes: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/primeira-professora-negra-no-ita-sonia-guimaraes-cobra-igualdade-para-mulheres-conservadorismo-ja-nao-e-mais-capaz-de-nos-parar.ghtml>;  
<https://www3.unicentro.br/petfisica/2019/05/23/sonia-guimaraes/>;  
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4781039U9>

Folha Uol. Disponível em:  
<https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1871806-travesti-conquista-doutorado-com-tese-sobre-racismo-e-homofobia.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2021. Todos os direitos reservados.



## MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA

(1965 - )

PROFESSORA, PESQUISADORA, ATIVISTA, PINTORA E TRAVESTI NEGRA, A PRIMEIRA A OBTER O DOUTORADO NO PAÍS

Esta paranaense de Cianorte/PR, é Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2017), onde também realizou o seu mestrado (2012). É Licenciada em Desenho (1994) e Especialista em História (1996) da Arte pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, atual Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Também cursou a especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira, Educação e Ações Afirmativas no Brasil pela Universidade Tuiuti do Paraná (2008). Sua tese, intitulada O diabo em forma de gente: (R)Existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação, foi indicada em 2018, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, como representante ao Prêmio Capes de melhores teses do ano de 2017. É coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFPR, servidora da Fundação Cultural de Curitiba (FCC). Em 2019 assumiu a vaga, após aprovação em concurso público, de Professora Adjunta do Departamento de Educação da UFPR, sendo uma das únicas docentes travestis negras brasileiras a estar nestes espaços. No vestido vermelho da foto à esquerda, usado no dia de sua defesa de tese, estava escrito o nome de todas as travestis e transexuais brasileiras assassinadas até aquela data.

Fontes: Ferreira; Casagrande (2019), link em <https://periodicos.utfrpr.edu.br/cgt/article/view/10313>; <http://lattes.cnpq.br/0966589193883906>; <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1871806-travesti-conquista-doutorado-com-tese-sobre-racismo-e-homofobia.shtml>

Twitter. Disponível em:  
[https://twitter.com/naine\\_terena](https://twitter.com/naine_terena). Acesso em: 16 fev. 2017. Todos os direitos reservados.



## NAINE TERENA DE JESUS

(?- )

UMA DAS POUCAS DOUTORAS INDÍGENAS BRASILEIRAS, PARA ELA A ARTE É INSTRUMENTO FORTE DE SOCIALIZAÇÃO E RESISTENCIA INDIGENA

Doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2014), esta indígena da etnia Terena é graduada em Radialismo pela Universidade Federal do Mato Grosso (2003) e Mestre em Artes Pela Universidade de Brasília (2007). Fez dois pós doutorados (Universidades Estadual e Federal do Mato Grosso). Artista, ativista e intelectual, atua principalmente no estado do Mato Grosso, junto à Oráculo Comunicação, Educação e Cultura, prestadora de serviços que realiza assessorias, pesquisas, consultorias e eventos para órgãos públicos, iniciativa privada e comunidade. Seus interesses de pesquisa estão relacionados a tecnologias da informação e comunicação, arte e história indígena, rádio e comunicação.

Fontes: <http://lattes.cnpq.br/9166774663920965>; <https://oraculocomunica.wordpress.com/>; <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/196/depoimento--naine-terena>; <https://dialogocontemporaneo.wordpress.com/2016/02/07/naine-terena-de-jesus/>

CBN Curitiba. Disponível em: <https://cbncuritiba.com/ufpr-fara-homenagem-primeira-engenheira-negra-do-brasil/>. Acesso em: 16 fev. 2017. Todos os direitos reservados.



## ENEDINA ALVES MARQUES

(1913 - 1981)

### A PRIMEIRA ENGENHEIRA NEGRA BRASILEIRA

A história desta curitibana passou por muitas décadas esquecida, embora tivesse participado da construção de grandes obras no Paraná, tais como o Colégio Estadual e a Usina Capivari Cachoeira, maior central hidrelétrica do sul brasileiro. Única mulher e negra formada em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná na década de 1940 (antes dela, somente outros dois homens negros teriam concluído a faculdade), Enedina era a única menina na casa de dez irmãos, onde a mãe era lavadeira. Embora tivesse apoio dos patrões de sua mãe para estudar, chegou a ser babá e, ao terminar o atual ensino médio, Enedina foi professora em escolas da rede básica, no interior do Paraná nos anos de 1930. Exerceu diversos cargos públicos entre as décadas de 1940 até 1961, quando se aposentou. Solteira e sem filhos, falece aos 68 anos.

Fontes: <https://www.buildin.com.br/enedina-alves-marques/>; <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/negra-enedina-a-engenheira-11zwmvt8aj8h2nbi9qb61drr2/>; <https://www.crea-to.org.br/noticia-150673-20-de-novembro-dia-da-consci-ncia-negra>; <https://cbncuritiba.com/ufpr-fara-homenagem-primeira-engenheira-negra-do-brasil/>

Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-1935-nascia-lesia-gonzalez/>. Acesso em: 07 fev. 2020. Todos os direitos reservados.



## LÉLIA GONZALEZ

(1935 - 1994)

### PIONEIRA NOS ESTUDOS E MILITÂNCIA NEGRA BRASILEIRA, ESPECIALMENTE DAS MULHERES NEGRAS, PERSEGUIDA PELA DITADURA MILITAR, ACADÊMICA RECONHECIDA, E UMA POLÍTICA ATIVA

Belo Horizontina de nascimento, Lélia Gonzalez se muda para o Rio de Janeiro na década de 1940. Mãe com ascendência indígena e pai de ascendência negra, a penúltima de 18 filhos tornou-se uma das mais importantes acadêmicas e militantes negras latino americanas, tanto por tensionar nos espaços em que frequentava questões de raça, classe e gênero muito antes da sistematização do termo interseccionalidade (e mesmo gênero) no país, quanto por suas atuações política, cultural, territorial e social do Brasil, África e América Latina. A historiadora, antropóloga e filósofa falece aos 59 anos em 10 de julho de 1994, deixando uma vasta obra e no auge de sua produção de pensamento.

Fontes:

[http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2737/1/CT\\_PPGTE\\_M\\_Teixeira%2c%20Patr%2c%20adcia\\_2017.pdf](http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2737/1/CT_PPGTE_M_Teixeira%2c%20Patr%2c%20adcia_2017.pdf); <https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-10-de-julho-lesia/>; <https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-1935-nascia-lesia-gonzalez/>; <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/a-atualidade-e-a-urgencia-de-lesia-gonzalez-em-2020/>

Wikipédia. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9\\_Rebou%C3%A7as](https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Rebou%C3%A7as). Acesso em: 16 fev. 2017. Todos os direitos reservados.



## ANDRÉ REBOUÇAS

(1838-1898)

### ENGENHEIRO E ABOLICIONISTA BRASILEIRO

O baiano André Rebouças foi bacharel em ciências físicas e matemática pela Escola de Aplicação da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, em 1857. Dois anos depois, obtém seu título de engenheiro militar pela mesma instituição. André e seu Irmão Antônio, que faleceu precocemente em 1874, são importantes ícones da engenharia brasileira. Seus projetos, encampados pelo Imperador Dom Pedro II, envolveram a construção de uma estrada de ferra que ligou Curitiba ao litoral paranaense, além de obras de saneamento básico no Rio de Janeiro. Serviu o exército como engenheiro militar na Guerra do Paraguai. Integrou o movimento abolicionista do Brasil. Acompanha a família imperial quando ocorre a Proclamação da República, em 1889. Residiu em Luanda e, por último, na Ilha da Madeira, onde comete suicídio em 9 de maio de 1898.

Fontes: <https://educacao.uol.com.br/biografias/andre-reboucas.htm>;  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9\\_Rebou%C3%A7as](https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Rebou%C3%A7as);  
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000340396>

Mídia Max. Disponível em: <http://www.midiamax.com.br/cotidiano/estudante-uems-primeiro-engenheiro-ambiental->. Acesso em: 07 fev 2020. Todos os direitos reservados



## ZENALDO MOREIRA MARTINS

(1990 - )

### PRIMEIRO INDÍGENA GUARANÍ KAIWOÁ FORMADO EM ENGENHARIA AMBIENTAL PELA UEMS

Bacharel em Engenharia Ambiental no ano de 2015, pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), única universidade brasileira que contempla, em seu sistema de cotas vagas reservadas a indígenas. Seu trabalho de conclusão de curso remeteu aos estudos de resíduos de borrachas de câmaras de ar de pneus para substituição de areia no processo de fabricação de concreto endurecido, de modo que o material produzido com os resíduos pavimente calçadas, ciclovias e outros espaços de circulação de pessoas. Seu irmão, também indígena, é formado em biologia pela mesma universidade.

Fontes: <http://www.ivinoticias.com.br/noticia/51754/em-colacao-de-grau-extraordinaria-uems-forma-63-novos-profissionais>; <http://www.midiamax.com.br/cotidiano/estudante-uems-primeiro-engenheiro-ambiental-indigena-formado-ms-271130>.

## APÊNDICE VI - BREVES BIOGRAFIAS COLOMBIANAS UTILIZADAS PARA NOMEAR OS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Afrocolombianos visibles. Disponível em:  
[http://afrocolombianosvisibles.blogspot.com/2018/07/bonnie-jessenia-prado-pino\\_49.html](http://afrocolombianosvisibles.blogspot.com/2018/07/bonnie-jessenia-prado-pino_49.html). Acesso em: 07 abr. 2020. Todos os direitos reservados.



### BONNIE PRADO PINO

(1986/1987? -)

ENGENHEIRA AEROSPACIAL E UMA DAS FUNDADORAS DA  
AFRO LATINO EXPERIENCE

Esta colombiana nascida no departamento de Chocó e filha de pai professor e mãe cientista, vinda de uma das regiões com a maior concentração de população afro no país, fez sua graduação em Engenharia Eletrônica Pela Pontifícia Universidad Javeriana, em Bogotá. É mestra em Engenharia Aeroespacial pela Universidade do Texas. É doutoranda em Astrodinâmica e Aplicações Espaciais na Purdue University, West Lafayette, Indiana. É uma das fundadoras, em 2014, da Afro Latino Experience, Ong que tem como finalidade combater as diferentes formas de manifestação do racismo no continente latino americano e também fomentar o conhecimento produzido por pessoas negras nas áreas CTEM.

Fontes: [http://afrocolombianosvisibles.blogspot.com/2018/07/bonnie-jessenia-prado-pino\\_49.html](http://afrocolombianosvisibles.blogspot.com/2018/07/bonnie-jessenia-prado-pino_49.html); <https://www.theafrolatinoexperience.com/>; <https://especiales.dinero.com/cuarenta-menores-de-cuarenta/bonnie-prado.html>.

El Espectador. Disponível em:  
<https://www.elespectador.com/noticias/ciencia/decidi-no-publicar-como-un-acto-de-rebeldia-ministra-de-ciencia-articulo-899381>. Acesso em: 07 abr 2020.  
 Todos os direitos reservados.



### MABEL TORRES TORRES

(1972 -)

PRIMEIRA MINISTRA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA COLOMBIANA

Esta chocoana, doutora em ciências biológicas pela Universidad de Guadalajara (México) e professora da Universidad Tecnológica del Chocó, foi nomeada ministra em dezembro de 2019. Uma de suas pesquisas remete à suposta cura ou remissão de alguns tipos de câncer a partir de uma planta específica, o que tem gerado controvérsias de parte da comunidade científica e de críticos ao governo colombiano Iván Duque. Mesmo assim, a professora tece críticas ao sistema de publicações e aos modos de se fazer ciência. É ganhadora de 17 reconhecimentos públicos por alguns de seus trabalhos, de acordo com seu currículo oficial (CVLAC).

Fontes: [http://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod\\_rh=0000052094](http://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=0000052094); <https://lasillavacia.com/quienesquien/perfilquien/mabel-gisela-torres-torres>; <https://www.sciencemag.org/news/2020/02/colombia-s-first-ever-science-minister-faces-calls-resign-over-fungi-based-cancer>; <https://www.elespectador.com/noticias/ciencia/decidi-no-publicar-como-un-acto-de-rebeldia-ministra-de-ciencia-articulo-899381>.

Historia Personajes Afrocolombianos. Disponível em:  
<http://historiapersonajesafro.blogspot.com/2017/10/alicia-rios-hurtado-1958-2017.html> Acesso em: 07 abr. 2020.  
 Todos os direitos reservados.



## ALICIA RIOS HURTADO

(1958 - 2017)

FORMADORA DE JOVENS CIENTISTAS LOCAIS E EXPERTA EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS

A Doutora em Ciência em Tecnologia de Alimentos pela Universidad Politécnica de Valéncia (Espanha), nascida no interior do departamento de Chocó, foi docente da Universidad Tecnológica del Chocó, onde também exerceu cargos administrativos. No início da Década de 1990 foi Secretária de Meio Ambiente e Recursos Naturais do Departamento del Chocó. Foi diretora encarregada do Colciencias (atual Ministério da Ciência e Tecnologia colombiano), esteve em equipes de trabalho ligadas ao Ministério do Meio Ambiente e Ministério das Comunicações entre 2008 a 2011. Recebeu diversos prêmios e reconhecimentos, dentre eles um prêmio em reconhecimento ao seu trabalho pelo Ministério da Educação Nacional. Falece em Bogotá no dia 15 de outubro de 2017.

Fontes:

[http://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod\\_rh=0000052027](http://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=0000052027);  
<http://historiapersonajesafro.blogspot.com/2017/10/alicia-rios-hurtado-1958-2017.html>

Icesi. Disponível em:  
<https://www.icesi.edu.co/unicesi/5718-asamblea-departamental-del-valle-hace-reconocimiento-a-aurora-vergara>. Acesso em: 07 abr 2020. Todos os direitos reservados



## AURORA VERGARA FIGUEROA

(1987/1988? - )

JOVEM CIENTISTA E DIRETORA DO CENTRO DE ESTUDOS AFRODIASPÓRICOS DA UNIVERSIDAD ICESI

Esta socióloga, nascida em Cali e levada para Chocó com apenas quatro anos depois do assassinato de seu pai durante o auge do Cartel de Cali, conquistou com apenas 26 anos, em 2014, o título de Doutora em Sociologia pela Universidade de Massachusets e, também, foi a terceira colombiana laureada com o prêmio Martín Dinsky, pela LASA (Latin American Studies Association, como melhor tese produzida “Raza, género y propiedad en Colombia: una etnografía histórica de las luchas de los afrocolombianos por la tenencia de la tierra”. É docente da Universidad ICESI, em Cali. Recebeu reconhecimento público pela Assembléia Legislativa do Departamento del Valle de Cauca por suas contribuições acadêmicas e militância contra o racismo e a violência em Colômbia.

Fontes: <https://www.elpais.com.co/cali/conozca-a-aurora-vergara-mujer-premiada-por-su-aporte-a-la-poblacion-afro.html>; <https://www.icesi.edu.co/unicesi/todas-las-noticias/5718-asamblea-departamental-del-valle-hace-reconocimiento-a-aurora-vergara>.





Facultad de Ciencias Humanas UNAL. Disponível em:  
<http://www.humanas.unal.edu.co/2017/docentes/mara-viveros-vigoya/publicaciones>. Acesso em: 07 abr. 2020.  
 Todos os direitos reservados.

## MARA VIVEROS VIGOYA

(?)

FUNDADORA DA ESCOLA DE ESTUDOS DE GÊNERO DA UNAL E REFERÊNCIA LATINOAMERICANA PARA OS ESTUDOS FEMINISTAS, DE GÊNERO E RACIAIS

De formação comunista (o pai foi deputado ligado as pautas do movimento negro colombiano na década de 1950 e a mãe uma das pioneiras do movimento feminista no país), a economista se converteu em antropóloga em razão de suas vivências como militante feminista e militante negra. Obteve seu título de Doutora em Ciências Sociais pela Ecole Des Hautes Etudes En Sciences Sociales em 1990. É referência latino americana para os estudos sobre interseccionalidade, masculinidades, antropologia e saúde e os estudos de gênero. Laureada por inúmeros prêmios nacionais e internacionais, a professora Mara possui extensa colaboração com muitas/os cientistas e vasta produção acadêmica. Preside a LASA (Latin America Studies Association). Desde 1995 é professora da Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad Nacional de Colombia.

Fontes: <https://lasaweb.org/en/executive-council/>;  
<http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Entrevista%20con%20Mara%20Viveros%20Vigoya.pdf>;  
[http://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod\\_rh=0000221490](http://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=0000221490)



Las Orillas. Disponível em:  
<https://www.las2orillas.co/manuel-zapata-olivella-un-legado-que-lucha-por-no-quedar-en-el-olvido/>.  
 Acesso em: 07 abr 2020. Todos os direitos reservados.

## MANUEL ZAPATA OLIVELLA

(1920 - 2004)

MÉDICO, ANTROPÓLOGO E ESCRITOR COLOMBIANO

Um dos grandes intelectuais do seu tempo, autor de inúmeros textos que destacava a subalternidade do ser negro em seu país, combinadas às manifestações culturais e a violência da cotidianidade das relações pautadas em um processo de escravização que deixou marcas na sociedade colombiana, onde sua obra mais conhecida, “Changó, el gran putas”, de 1983, apresenta todas estas questões em um romance. Seus escritos e militancia dos anos 1940 a 1970 foram importantes para a constituição do pensamento pós-colonial na América Latina e Caribe. Ainda é pouco conhecido no Brasil.

Fontes: <https://www.las2orillas.co/manuel-zapata-olivella-un-legado-que-lucha-por-no-quedar-en-el-olvido/>;  
<https://alchetron.com/Manuel-Zapata-Olivella>;  
<https://www.bibliotecadigitaldebogota.gov.co/resources/2078224/>.

Caicedo International. Disponível em: <http://caicedo-international.com/hugo-caicedo.html>. Acesso em: 07 abr. 2020. Todos os direitos reservados.



## HUGO CAICEDO

(?)

### PENSAMENTO SISTÊMICO EM PESQUISAS EM BIOTECNOLOGIAS

Este jovem Doutor em Biomédica pela Universidade de Illinois e com Pós-Doutorado em Sustentabilidade e Inovação Corporativa em Harvard tem como interesses de pesquisa as biotecnologias e as tecnologias digitais, que iniciaram desde sua formação em 2005 como Engenheiro Eletrônico na Universidad del Valle, com sede em Cali. Tem como especialidade o desenvolvimento de tecnologias de biomarcadores para certos tratamentos de cânceres. Dentre suas atividades, também é professor convidado da Universidade de Harvard desde 2017, bem como obteve o reconhecimento pela prefeitura de Cali por sua contribuição acadêmica. Seus dois irmãos (Olga e Julio) também são cientistas premiados colombianos, dentro das áreas de biologia e engenharia de materiais

Fontes: <https://www.youtube.com/watch?v=K6zoAiQc4gI>; <http://caicedo-international.com/hugo-caicedo.html>; <https://www.elspectador.com/noticias/nacional/afrocolombianos-del-ano-articulo-672454>

Las Orillas. Disponível em: <https://www.las2orillas.co/50-anos-de-las-luchas-de-quintin-lame/>. Acesso em: 07 abr 2020. Todos os direitos reservados.



## QUINTÍN LAME

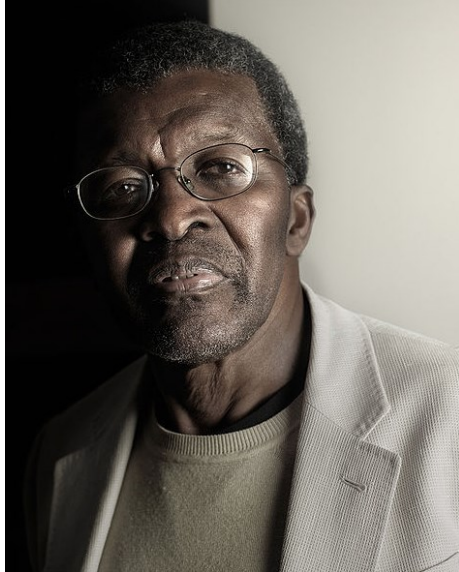
(1880 - 1967)

### ESTUDIOSO DO DIREITO, ESCRITOR, MILITAR E LÍDER INDÍGENA

Esteve presente em grandes acontecimentos da futura Colômbia, tais como a Guerra dos Mil dias (1899-1902). Preso e torturado inúmeras vezes (mais de 100) durante toda sua trajetória política e marcado por uma história de inúmeras violências e tragédias pessoais, Manuel Quintín Lame é importante para a história colombiana por ter sido um dos primeiros líderes a reivindicar o respeito às culturas indígenas e aos territórios, frente aos interesses dos governos colombianos e de exploradores da terra. Ainda que tenha visto poucos avanços em vida, sua luta e figura foram fundamentais para o surgimento de inúmeros movimentos em defesa das comunidades indígenas no país a partir da década de 1970, resultando no reconhecimento formal do Estado pela Constituição Colombiana de 1991.

Fontes: <https://www.las2orillas.co/50-anos-de-las-luchas-de-quintin-lame/>; [https://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php/Manuel\\_Quint%C3%ADn\\_Lame](https://enciclopedia.banrepcultural.org/index.php/Manuel_Quint%C3%ADn_Lame); [https://web.archive.org/web/20131029222016/http://www.proyectoquintinlame.org/index.php?option=com\\_frontpage&Itemid=1](https://web.archive.org/web/20131029222016/http://www.proyectoquintinlame.org/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1); <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-41507530>

Wikipédia. Disponível em:  
 <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dr\\_Ra%C3%BALG.\\_Cuero.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dr_Ra%C3%BALG._Cuero.jpg). Acesso em: 07 abr. 2020. Todos os direitos reservados.



## RAÚL CUERO

(1948 - )

### BIÓLOGO, INVENTOR E CIENTISTA DE PROJEÇÃO INTERNACIONAL

Nascido na cidade de Buenaventura, este ex jogador de basquete da seleção colombiana tem suas pesquisas relacionadas à microbiologia, tendo inclusive contribuído em pesquisas da NASA sobre o planeta Marte. É Doutor em Microbiologia pela Universidade de Strathclyd em Glasgow, Inglaterra. Recebeu um título de Doutor Honoris Causa pela Universidad de Antioquia, na Colômbia, em 2010 e outro pela Universidade de Heibelberg, de Ohio (Estados Unidos).

Fontes: [https://www.elcolombiano.com/historico/raul\\_cuero\\_honoris\\_causa-PDEC\\_111482](https://www.elcolombiano.com/historico/raul_cuero_honoris_causa-PDEC_111482);  
<https://www.elpais.com.co/valle/raul-cuero-cientifico-de-buenaventura-que-triunfa-en-la-nasa.html>;  
<https://afrocolombia.webnode.es/products/raul-cuero/>;  
<http://afrocolombianosvisibles.blogspot.com/2010/05/raul-cuero-afrocolombiano-006.html>;  
<https://www.elspectador.com/noticias/temadeldia/12-afrocolombianos-de-2010-articulo-242339>.

Universidad del Valle. Disponível em:  
<http://geografia.univalle.edu.co/grupo-de-investigacion-territorios?id=31> Acesso em: 07 abr 2020. Todos os direitos reservados



## ELKÍN DE JESUS SALCEDO HURTADO

(1957/1958? - )

### DOUTOR EM FÍSICA E MATEMÁTICA, ESPECIALISTA EM SISMOLOGIA

Este Doutor em Física e Matemática pela Universidade de Moscou, é professor do departamento de geografia da Universidad Del Valle. Foi de 1992 a 1996 membro da equipe de pesquisa do Serviço Geológico Colombiano. Dentre seus interesses de pesquisa, o professor Elkín se dedica a entender historicamente os abalos sísmicos da região de seu departamento.

Fontes:

[https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod\\_rh=0000238740](https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=0000238740);  
<http://geografia.univalle.edu.co/grupo-de-investigacion-territorios?id=31>;  
<http://afrocolombianosvisibles.blogspot.com/2010/05/elkin-de-jesus-salcedo-hurtado.html>

Facebook. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/fundacioncolordecolombia/photos/ferney-qui%C3%B1ones-sinisterra-phd-en-ingenier%C3%ADa-civil-con-%C3%A9nfasis-en-geotecnia-de-/10156498299455045/>. Acesso em: 07 abr. 2020. Todos os direitos reservados.



## FERNEY QUIÑONES SINESTERRA

(? -)

### PAVIMENTAÇÃO ECOLÓGICA COMO ALTERNATIVA TÉCNICA E VIÁVEL

Doutor em Geotécnica pela Universidade de Brasília (2014), este engenheiro civil com sua formação acadêmica iniciada no departamento de Cauca é docente das Universidades de Tolima e de Ibagué. Ganhador de quatro prêmios, dentre eles de melhor tese da área de engenharia, pela Associação Catarinense de Engenheiros.

Fontes: [scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod\\_rh=00006640571/](https://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=00006640571/); <http://blogs.eltiempo.com/afrocolombianidad/2015/12/22/afrocolombianos-del-ano-2015-ultimos-12-nominados/>; <https://afrocolombia.webnode.es/products/raul-cuero/>; <http://afrocolombianosvisibles.blogspot.com/2010/05/raul-cuero-afrocolombiano-006.html>; <https://www.elespectador.com/noticias/temadeldia/12-afrocolombianos-de-2010-articulo-242339>.

IAEN. Disponível em: <https://www.iaen.edu.ec/teachers/john-anton>. Acesso em: 07 abr 2020. Todos os direitos reservados.



## JOHN ANTÓN SÁNCHEZ

(? -)

### DIÁSPORAS AFRICANAS NAS AMÉRICAS, RAÇA, RACISMO E MOVIMENTOS SOCIAIS

Este antropólogo colombiano, formado pela Universidad Nacional de Colombia, é Doutor em Ciências Sociais pela Flacso em 2009, e está vinculado a universidade pública equatoriana Instituto de Altos Estudios Nacionales (IAEN). Antes disto, foi Reitor da Universidad Técnica Luis Vargas Torres, também no Equador. É membro do Instituto para la Investigación y Desarrollo Afrodescendiente de Costa Rica e também do Observatorio para la Justicia Afrodescendiente en Latinoamérica, da Universidade da Flórida (Estados Unidos).

Fonte: <https://ojala.fiu.edu/>; <https://www.iaen.edu.ec/teachers/john-anton/>; <https://alarifirstconference.fas.harvard.edu/people/john-ant%C3%B3n-sanchez>; <http://afrocolombianosvisibles.blogspot.com/2010/05/elkin-de-jesus-salcedo-hurtado.html>

Facebook. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/drwilliammurillo>. Acesso em: 08  
 abr. 2020. Todos os direitos reservados.



## WILLIAM LIBARDO MURILLO MORENO

(? -)

### CIRURGIÃO PLÁSTICO RECONHECIDO

Este médico, membro da Sociedade Colombiana de Cirurgia Plástica e da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, tem mais de 23 anos de experiência, desenvolvendo técnicas próprias em seus atendimentos e com vivências em diversos países, especialmente Brasil, Estados Unidos e Guiana Francesa, lugares onde iniciou e aperfeiçoou sua formação acadêmica/atendimentos. De volta à Colômbia, exerce atualmente atividades de assistência social, docência e conferências em diversas universidades. Em 2010, foi condecorado pelo Ministério da Cultura da Colômbia como personalidade afrocolombiana relevante para o país. Também é músico.

Fontes: [https://issuu.com/revistaebano/docs/edici\\_n\\_bano\\_no\\_13/17](https://issuu.com/revistaebano/docs/edici_n_bano_no_13/17);  
<http://afrocolombianosvisibles.blogspot.com/2012/01/william-libardo-murillo-moreno.html>;  
<https://www.cirurgiaplastica.org.co/miembros-sccp/murillo-moreno-william-libardo/>.

Unicamp. Disponível em:  
<https://www.unicamp.br/unicamp/eventos/2019/11/01/programa-artista-e-pesquisador-residente-recebe-oscar-montero-lider-do-movimento>. Acesso em: 08  
 abr 2020. Todos os direitos reservados.



## ÓSCAR DAVID MONTERO DE LA ROSA

(? -)

### CIENTISTA POLÍTICO COM ATUAÇÃO NOS MOVIMENTOS INDÍGENAS E EDUCAÇÃO

Responsável pelo documentário “Hijos de la Madre Tierra”, este jovem acadêmico formado pela Universidad Nacional de Colombia, militante e pertencente à etnia Kankuamo, é membro da ONIC – Organización Nacional Indígena de Colombia, atuando como conselheiro dos direitos dos povos indígenas, direitos humanos e paz. Coordena a execução do Relatório Nacional de Memória Histórica acerca dos efeitos sociais e políticos dos conflitos ocorridos no seu país e as lutas das comunidades indígenas colombianas. Também busca discutir a educação superior para as populações indígenas e afrocolombianas/afrodescendentes.

Fontes: <https://www.unicamp.br/unicamp/eventos/2019/11/01/programa-artista-e-pesquisador-residente-recebe-oscar-montero-lider-do-movimento>; <https://www.onic.org.co/>; <https://pacifista.tv/notas/indio-inculto-campana-rae-change/>;



## ALFONSO MÚNERA

(1954 - )

### HISTORIADOR RECONHECIDO

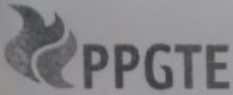

Este historiador, nascido em Cartagena de Indias, cursou a graduação em direito (Universidad de Cartagena), mestrado em história e doutorado em história latino americana e os estados, estes últimos na Universidade de Connecticut, nos Estados Unidos. Seu livro “El fracaso de una nación - región, clase y raza en el caribe colombiano 1717-1821” tece uma discussão crítica acerca da formação do estado colombiano e como muitas das lutas das populações afro em favor da atual Colômbia foram, em muitos casos, homogeneizadas. O historiador argumenta que a radicalidade e o entusiasmo destas populações era mais significativa do que das elites, que em muitos casos lutaram pela libertação frente ao domínio espanhol apenas por conveniências de sua classe. Ganhador de reconhecimentos a nível nacional e internacional, Alfonso Múnera Cavadía foi embaixador da Colômbia em 2017, em Trinidad e Tobago; de 1999 a 2003 foi embaixador na Jamaica. Além de docente da Universidad de Cartagena desde 1981, ministra conferências e aulas em outras universidades pelo país. É membro também da Asociación de Estados de Caribe.

Fontes: [http://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod\\_rh=0000153850](http://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=0000153850);  
<https://www.eluniversal.com.co/cultural/alfonso-munera-la-pasion-por-la-historia-DX2145555>;  
<https://www.cancilleria.gov.co/en/newsroom/news/viceministra-relaciones-exteriores-patti-londono-posesiono-alfonso-munera-embajador>;  
<http://www.acs-aec.org/index.php?q=es/>;  
<http://afrocolombianosvisibles.blogspot.com/2010/11/alfonso-munera-cavadia.html>;  
<https://www.unicartagena.edu.co/investigacion/institutos/instituto-internacional-de-estudios-del-caribe/investigadores-iiecaribe>;

**APÊNDICE VII - MODELO DE REGISTRO DE DIÁRIO DE CAMPO CRIADO E UTILIZADO NA COLÔMBIA**

<b>DIARIO DE CAMPO – UTP (síntesis de los apuntes)</b>	
<b>Actividad realizada</b>	<b>Fecha:</b>
<b>Investigador/Observador</b>	
<b>Objetivo/pregunta</b>	
<b>Situaciones</b>	
<b>Lugar-espacio</b>	
<b>Personas con quien hablé</b>	
<b>Descripción de actividades, relaciones y situaciones observadas</b>	<b>Consideraciones interpretativas/analíticas con respecto al objetivo de la tesis e/o pregunta de investigación)</b>
<b>Otras observaciones</b>	

**ANEXO I - TERMO DE APROVAÇÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 496  
APÓS A RECOMENDAÇÃO PARA A PROGRESSÃO DIRETA DE MESTRADO  
PARA DOUTORADO**

Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria Geral do Campus Curitiba  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e  
Sociedade

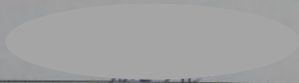
---

**TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 496**


A Dissertação de Mestrado intitulada PARA ALÉM DAS MÉTRICAS: produção científica de docentes no contexto de dois programas de pós-graduação da UTFPR e questões de gênero defendida em sessão pública pelo(a) candidato(a) Michel Alves Ferreira no dia 21 de agosto de 2017, foi julgada para a obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Tecnologia e Trabalho e aprovada em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade.

Profª. Drª. Nadia Veronique Jourda Kovaleski - (UTFPR)  
Profª. Drª. Maria Rosa Lombardi - (FCC)  
Profª. Drª. Marília Gomes de Carvalho - (UTFPR)  
Profª. Drª. Lindamir Salete Casagrande - (UTFPR) - *Orientadora*

Curitiba, 21 de agosto de 2017.

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª. Nanci Stancki da Luz  
Coordenadora do PPGTE

---

 UTFPR - PPGTE Av. Sete de Setembro, 3165 80230-901 Curitiba PR Brasil  
www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/programas/ppgte Fone: +55 (41) 3310-4785

\* o documento original se encontra assinado e sob a guarda do pesquisador responsável.



## ANEXO II - CARTA DE ACEITE DE ESTÁGIO NO EXTERIOR PELA UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA (SEDE BOGOTÁ)

Dirección de Relaciones Exteriores



UNIVERSIDAD  
**NACIONAL**  
DE COLOMBIA

Bogotá, D.C., mayo 24 de 2018

[DRE-02213-18]

Señores  
**MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES**  
**REPÚBLICA DE COLOMBIA**  
Colombia

Respetados señores:

Me complace informarles que el estudiante **MICHEL ALVES FERREIRA**, vinculado a la Universidade Tecnológica Federal do Paraná, ha sido **ACEPTADO** como estudiante visitante de tiempo completo (más de 10 horas) para realizar Pasantía en la Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad Nacional de Colombia, Sede Bogotá, del 1 de octubre de 2018 al 30 de septiembre de 2019.

Esta movilidad fue aprobada mediante comunicación oficial expedida por la Dirección Académica de la Sede Bogotá.

Por este motivo solicito su colaboración para otorgar el permiso correspondiente que le permita permanecer en nuestro país en calidad de estudiante visitante de la Universidad Nacional de Colombia.

Cordialmente

Profesor  
**PABLO ENRIQUE ABRIL CONTRERAS**  
Director (E)

SESQUICENTENARIO  
UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA



Carrera 45 No. 26-85  
Edificio Uriel Gutiérrez, 5 piso, oficina 514  
Teléfono: (57-1) 3165050  
Bogotá, Colombia  
dironi@unaLedu.co

Patrimonio  
de todos  
los colombianos

\* o documento digitalizado se encontra assinado e sob a guarda do pesquisador responsável.

## ANEXO III - CERTIDÃO DE EX-BOLSISTA PDSE (EDITAL 47/2017 CAPES)



Ministério da Educação - MEC  
 Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES  
 Setor Bancário Norte, Quadra 2, Bloco L, Lote 06  
 CEP 70.040-031 - Brasília, DF

### CERTIDÃO DE EX-BOLSISTA

Declaramos, para os devidos fins, que o(a) Sr(a). MICHEL ALVES FERREIRA, CPF [REDACTED] foi bolsista da Capes, na modalidade Doutorado Sanduíche no exterior, no âmbito do PDSE - Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, conforme dados abaixo:

**Nº DO PROCESSO:** 88881.190381/2018-01

**TÍTULO DO PROJETO/TESE:** Inscrição - PDSE à Edital nº 47/2017 à Seleção 2018

**PERÍODO DA BOLSA:** 10/2018 a 09/2019

**INSITUIÇÃO DE ESTUDO:**

UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA - Colômbia

As bolsas do PDSE - Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior são isentas de imposto de renda de acordo com a legislação vigente (Lei nº 9.250, de 26 de dezembro de 1995, art. 26; Decreto nº 3.000, de 26 de março de 1999 - Regulamento do Imposto sobre a Renda (RIR/1999), art. 39, inciso VII; Instrução Normativa SRF nº 15, de 2001, art. 5º, inciso XVII), não caracterizando vínculo empregatício e não cabendo recolhimento de contribuição previdenciária.

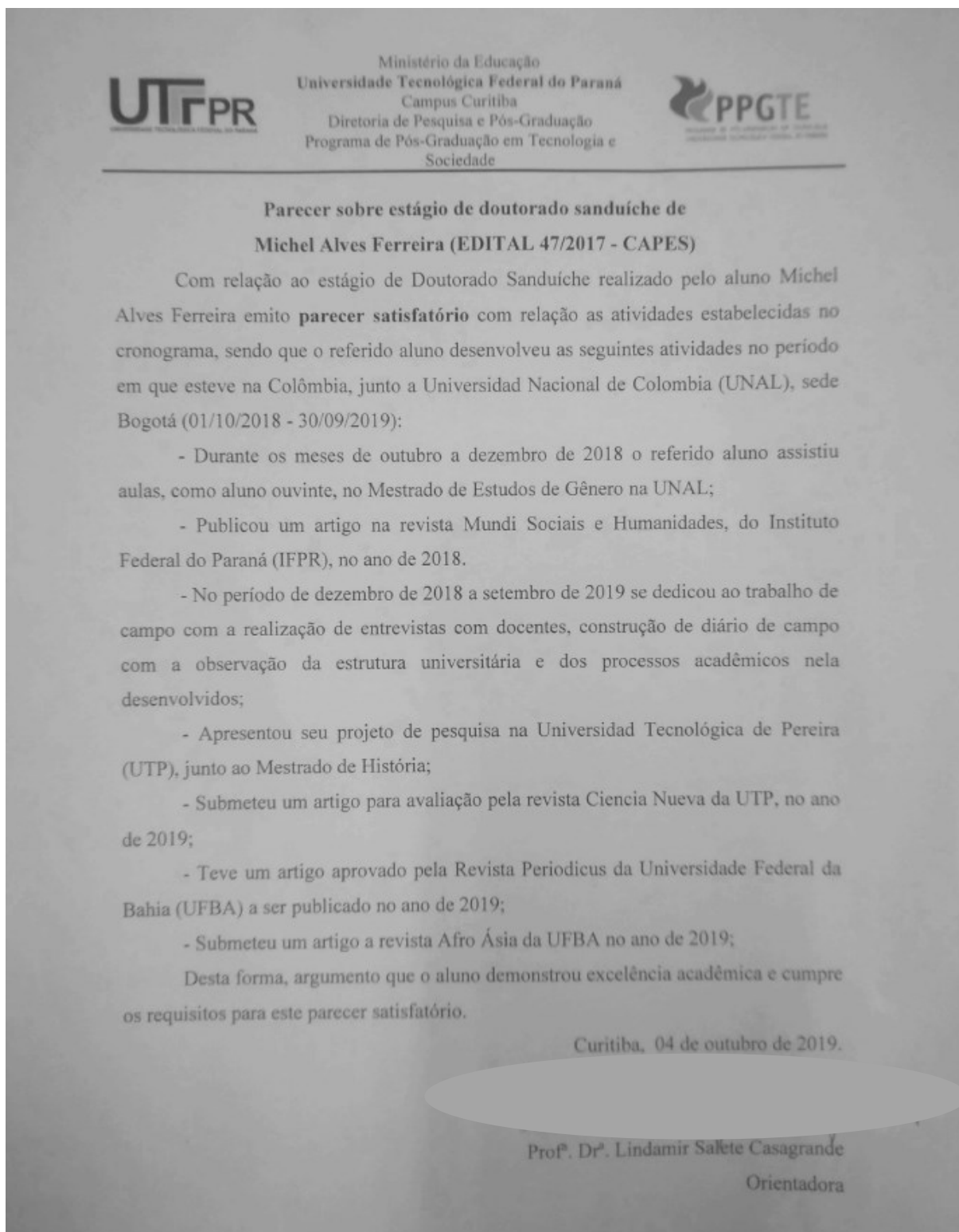
Atenciosamente,

Coordenador (a) Geral de Acompanhamento e Monitoramento de Resultados  
 Esta assinatura independe de reconhecimento de firma, por se tratar de documento público  
 - Art. 19, Inciso II - Constituição Federal do Brasil

A fim de validar a autenticação deste documento, por favor acesse <http://validadocumentos.capes.gov.br/> e informe o seguinte código: 2JcL40Bb344e-

\* o documento digitalizado se encontra assinado e sob a guarda do pesquisador responsável.  
 Dados pessoais do pesquisador foram suprimidos deste documento.

**ANEXO IV - PARECERES APROVADOS PELA CAPES DA ORIENTADORA BRASILEIRA E COLOMBIANA, SOBRE AS ATIVIDADES REALIZADAS EM ESTÁGIO NO EXTERIOR**



\* o original se encontra assinado e sob a guarda do pesquisador responsável.

Bogotá, 7 de Octubre de 2019.

A quien corresponda,

Por medio de esta comunicación confirmo que **Michel Alves Ferreira** (pasaporte \_\_\_\_\_), estuvo realizando una pasantía en Escuela de Estudios de Género, de la Facultad de Ciencias Humanas de La Universidad Nacional de Colombia – Sede Bogotá, en calidad de Estudiante doctoral (modalidad sándwich). Su estancia se realizó entre el 1 de octubre de 2018 hasta el 30 de septiembre de 2019 y tuvo las siguientes actividades:

- Durante octubre y diciembre de 2018 asistió a clases de la Maestría de Estudios de Género de esta Universidad.
- Entre diciembre de 2018 y septiembre de 2019, realizó actividades trabajo de campo (entrevistas piloto y entrevistas definitivas con los sujetos elegidos de la investigación y observación de dinámicas), en la Universidad Tecnológica de Pereira.

Junto con esto, el estudiante fue invitado a compartir los avances de su investigación doctoral en la Maestría en Historia de la Universidad Tecnológica de Pereira (julio/2019) y a someter un texto, a ser evaluado (agosto/2019) para posible publicación en una revista científica de esta misma universidad. Las actividades realizadas en Colombia durante su pasantía fueron parte de su investigación doctoral en el Posgrado en Tecnología y Sociedad de la Universidad Tecnológica Federal de Paraná, Brasil.

Dicho lo anterior mi dictamen sobre su estancia es satisfactorio. Quedo atenta por si requieren alguna aclaración o información adicional de mi parte sobre este particular.

En solidaridad,

2  
AÑOS  
Bicentenario

**Tania Pérez Bustos**  
Coordinación de posgrados  
Escuela de Estudios de Género

[Página 1 de 1]  
Elaboró: Nancy Rincón – secretaria posgrado  
Revisó: Tania Pérez Bustos – Coordinadora posgrado

Calle 44 # 45-67  
Edificio 862, UCT Bloque A  
(+57 1) 3165238 - (+57 1) 3165000 EXT: 10403-10404  
Bogotá, D. C., Colombia  
posesgen\_fchbog@unal.edu.co

Proyecto  
**cultural y colectivo**  
de nación

\* o documento digitalizado se encontra assinado e sob a guarda do pesquisador responsável. Dados pessoais do pesquisador foram suprimidos neste documento.

## ANEXO V - LETRAS DAS CANÇÕES UTILIZADAS PARA INSPIRAÇÃO E NOMEAÇÃO DOS CAPÍTULOS E ALGUMAS SEÇÕES DESTE TRABALHO

A Verdade Vós Fará Livre, de Luiz Carlos Máximo e Manu da Cuíca (2019) – Título desta tese

Senhor, tenha piedade  
Olhai para a terra  
Veja quanta maldade  
Senhor, tenha piedade  
Olhai para a terra  
Veja quanta maldade

Mangueira  
Samba, teu samba é uma reza  
Pela força que ele tem  
Mangueira  
Vão te inventar mil pecados  
Mas eu estou do seu lado  
E do lado do samba também

Mangueira  
Samba, teu samba é uma reza  
Pela força que ele tem  
Mangueira  
Vão te inventar mil pecados  
Mas eu estou do seu lado  
E do lado do samba também

Eu sou da Estação Primeira de Nazaré  
Rosto negro, sangue índio, corpo de  
mulher  
Moleque pelintra no buraco quente  
Meu nome é Jesus da Gente

Nasci de peito aberto, de punho cerrado  
Meu pai carpinteiro, desempregado  
Minha mãe é Maria das Dores Brasil

Enxugo o suor de quem desce e sobe  
ladeira  
Me encontro no amor que não encontra  
fronteira  
Procura por mim nas fileiras contra a  
opressão  
E no olhar da porta-bandeira pro seu  
pavilhão

E no olhar da porta-bandeira pro seu  
pavilhão

Eu tô que tô dependurado  
Em cordéis e corcovados  
Mas será que todo povo entendeu o meu  
recado?

Porque, de novo, cravejaram o meu corpo  
Os profetas da intolerância  
Sem saber que a esperança  
Brilha mais na escuridão

Favela, pega a visão  
Não tem futuro sem partilha  
Nem messias de arma na mão  
Favela, pega a visão  
Eu faço fé na minha gente  
Que é semente do seu chão

Do céu deu pra ouvir  
O desabafo sincopado da cidade  
Quarei tambor, da cruz fiz esplendor  
E ressurgi pro cordão da liberdade

Mangueira  
Samba, teu samba é uma reza  
Pela força que ele tem  
Mangueira  
Vão te inventar mil pecados  
Mas eu estou do seu lado  
E do lado do samba também

Mangueira  
Samba, teu samba é uma reza  
Pela força que ele tem  
Mangueira  
Vão te inventar mil pecados  
Mas eu estou do seu lado  
E do lado do samba também

Eu sou da Estação Primeira de Nazaré  
 Rosto negro, sangue índio, corpo de  
 mulher  
 Moleque pelintra no buraco quente  
 Meu nome é Jesus da Gente

Nasci de peito aberto, de punho cerrado  
 Meu pai carpinteiro, desempregado  
 Minha mãe é Maria das Dores Brasil

Enxugo o suor de quem desce e sobe  
 ladeira  
 Me encontro no amor que não encontra  
 fronteira  
 Procura por mim nas fileiras contra a  
 opressão  
 E no olhar da porta-bandeira pro seu  
 pavilhão  
 E no olhar da porta-bandeira pro seu  
 pavilhão

Eu tô que tô dependurado  
 Em cordéis e corcovados  
 Mas será que todo povo entendeu o meu  
 recado?  
 Porque, de novo, cravejaram o meu corpo  
 Os profetas da intolerância  
 Sem saber que a esperança  
 Brilha mais na escuridão

Favela, pega a visão  
 Não tem futuro sem partilha  
 Nem messias de arma na mão  
 Favela, pega a visão

Eu faço fé na minha gente  
 Que é semente do seu chão

Do céu deu pra ouvir  
 O desabafo sincopado da cidade  
 Quarei tambor, da cruz fiz esplendor  
 E ressurgi pro cordão da liberdade

Mangueira  
 Samba, teu samba é uma reza  
 Pela força que ele tem  
 Mangueira  
 Vão te inventar mil pecados  
 Mas eu estou do seu lado  
 E do lado do samba também

Mangueira  
 Samba, teu samba é uma reza  
 Pela força que ele tem  
 Mangueira  
 Vão te inventar mil pecados  
 Mas eu estou do seu lado  
 E do lado do samba também

Mangueira  
 Samba, teu samba é uma reza  
 Pela força que ele tem  
 Mangueira  
 Vão te inventar mil pecados  
 Mas eu estou do seu lado  
 E do lado do samba também

AmarElo, composta por Emicida, DJ Juh e Felipe Vassão (2019) - Prólogo e Epílogo

Presentemente eu posso me  
Considerar um sujeito de sorte  
Porque apesar de muito moço  
Me sinto são, e salvo, e forte  
E tenho comigo pensado  
Deus é brasileiro e anda do meu lado  
E assim já não posso sofrer  
No ano passado

Tenho sangrado demais  
Tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro  
Tenho sangrado demais  
Tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro

Eu sonho mais alto que drones  
Combustível do meu tipo? A fome  
Pra arregaçar como um ciclone  
(Entendeu?)Pra que amanhã não seja só  
um ontem  
Com um novo nome  
O abutre ronda  
Ansioso pela queda (Sem sorte) Findo  
mágoa, mano  
Sou mais que essa merda (Bem mais)  
Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda  
Estilo água, eu corro no meio das pedra  
Na trama tudo os drama turvo

Eu sou um dramaturgo  
Conclama a se afastar da lama  
Enquanto inflama o mundo  
Sem melodrama, busco grana  
Isso é Hosana em curso  
Capulanas, catanas  
Buscar nirvana é o recurso

É um mundo cão  
Pra nóiz perder não é opção, certo?  
De onde o vento faz a curva  
Brotou o papo reto

'Num deixo quieto  
Não tem como deixar quieto  
A meta é deixar sem chão quem  
Riu de nóiz sem teto (Vai!)

Tenho sangrado demais  
Tenho chorado pra cachorro (Eu preciso  
cuidar de mim)  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro  
(Esse ano eu não morro)  
Tenho sangrado demais (Demais)  
Tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro (Belchior tinha  
razão)  
Ano passado eu morri (Hey!)  
Mas esse ano eu não morro

Figurinha premiada, brilho no escuro  
Desde a quebrada, avulso  
De gorro alto do morro e os camarada tudo  
De peça no forro e os piores impulsos  
Só eu e Deus sabe  
O que é 'num ter nada, ser expulso  
Ponho linhas no mundo  
Mas já quis pôr no pulso  
Sem o torro, nossa vida não vale  
A de um cachorro triste  
Hoje cedo não era um hit  
Era um pedido de socorro

Mano, rancor é igual tumor, envenena raiz  
Onde a plateia só deseja ser feliz  
Com uma presença aérea  
Onde a última tendência é depressão  
Com aparência de férias  
Vovó diz, odiar o diabo é mó boi (Mó boi)  
Difícil é viver no inferno, e vem à tona  
Que o mesmo império canalha que não te  
leva a sério  
Interfere pra te levar à lona  
Revide!

Tenho sangrado demais  
Tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais  
 Tenho chorado pra cachorro  
 Ano passado eu morri  
 Mas esse ano eu não morro  
 Ano passado eu morri (Vai)  
 Mas esse ano eu não morro

Permita que eu fale, e não as minhas  
 cicatrizes  
 Elas são coadjuvantes, não, melhor,  
 figurantes  
 Que nem devia tá aqui  
 Permita que eu fale, e não as minhas  
 cicatrizes  
 Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta  
 de nós?  
 Alvos passeando por aí

Permita que eu fale, não as minhas  
 cicatrizes  
 Se isso é sobre vivência, me resumir à  
 sobrevivência  
 É roubar um pouco de bom que vivi  
 Por fim, permita que eu fale, não as minhas  
 cicatrizes  
 Achar que essas mazelas me definem é o  
 pior dos crimes  
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz  
 sumir

Tenho sangrado demais (Falei!)  
 Tenho chorado pra cachorro  
 (Belo é o sol que invade a cela)  
 Ano passado eu morri  
 Mas esse ano eu não morro  
 (Liberdade, irmão!)  
 Tenho sangrado demais (Demais)  
 Tenho chorado pra cachorro  
 (Mais importante que nunca)  
 Ano passado eu morri (Mas e aí?)  
 Mas esse ano eu não morro  
 Tenho sangrado demais  
 Tenho chorado pra cachorro  
 (Tenho chorado demais)  
 (A rua é nóiz)

Ano passado eu morri (E aí?)  
 Mas esse ano eu não morro  
 Tenho sangrado demais (Demais)  
 Tenho chorado pra cachorro  
 Ano passado eu morri  
 Mas esse ano eu não morro

Aí, maloqueiro! Aí, maloqueira!  
 Levanta essa cabeça  
 Enxuga essas lágrimas, certo? (Você  
 memo')  
 Respira fundo e volta pro ringue (Vai)  
 Cê vai sair dessa prisão  
 Cê vai atrás desse diploma  
 Com a fúria da beleza do sol, entendeu?  
 Faz isso por nóiz  
 Faz essa por nóiz (Vai)  
 Te vejo no pódio  
 Ano passado eu morri  
 Mas esse ano eu não morro



El Pescador, composta por Jose Barros e Sonia Bazanta (1993) - Introdução

Va subiendo la corriente  
Con chinchorro y atarraya  
La canoa de bareque  
Para llegar a la playa

Va subiendo la corriente  
Con chinchorro y atarraya  
La canoa de bareque  
Para llegar a la playa

El pescador habla con la luna  
El pescador habla con la playa  
El pescador no tiene fortuna  
Solo su atarraya

Regresan los pescadores  
Con su carga pa vender  
Al puerto de sus amores  
Donde tienen su querer

Regresan los pescadores  
Con su carga pa vender  
Al puerto de sus amores  
Donde tienen su querer

El pescador habla con la luna  
El pescador habla con la playa  
El pescador no tiene fortuna  
Solo su atarraya

Regresan los pescadores  
Con su carga pa vender  
Al puerto de sus amores  
Donde tienen su querer

Regresan los pescadores  
Con su carga pa vender  
Al puerto de sus amores  
Donde tienen su querer

El pescador habla con la luna  
El pescador habla con la playa  
El pescador no tiene fortuna  
Solo su atarraya

Zero, composta por Liniker e os Caramelows (2015) – Capítulo 2

A gente fica mordido, não fica?  
Dente, lábio, teu jeito de olhar  
Me lembro do beijo em teu pescoço  
Do meu toque grosso, com medo de te transpassar

A gente fica mordido, não fica?  
Dente, lábio, teu jeito de olhar  
Me lembro do beijo em teu pescoço  
Do meu toque grosso, com medo de te transpassar

A gente fica mordido, não fica?  
Dente, lábio, teu jeito de olhar  
Me lembro do beijo em teu pescoço  
Do meu toque grosso, com medo de te transpassar

Peguei até o que era mais normal de nós  
E coube tudo na malinha de mão do meu coração  
Peguei até o que era mais normal de nós  
E coube tudo na malinha de mão do meu coração

A gente fica mordido, não fica?  
Dente, lábio, teu jeito de olhar  
Me lembro do beijo em teu pescoço  
Do meu toque grosso, com medo de te transpassar

A gente fica mordido, não fica?  
Dente, lábio, teu jeito de olhar  
Me lembro do beijo em teu pescoço  
Do meu toque grosso, com medo de te transpassar

Peguei até o que era mais normal de nós  
E coube tudo na malinha de mão do meu coração  
Peguei até o que era mais normal de nós  
E coube tudo na malinha de mão do meu coração

Deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você  
(Dente, lábio, teu jeito de olhar)  
Deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você  
Deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você  
Deixa eu bagunçar você, deixa eu bagunçar você

A gente fica mordido, não fica?

## La Rebelión, composta por Joe Arroyo (1991) – Capítulo 3

Quiero contarle, mi hermano  
 Un pedacito de la historia negra  
 De la historia nuestra, caballero  
 Y dice así  
 Uh  
 Dice

En los años mil seiscientos  
 Cuando el tirano mandó  
 Las calles de Cartagena  
 Aquella historia vivió

Cuando aquí llegaban esos negreros,  
 africanos en cadenas  
 Besaban mi tierra, esclavitud perpetua  
 Esclavitud perpetua  
 Esclavitud perpetua  
 (Que lo diga Salomé)  
 (Y que te dé)  
 (Chango, chango, chango)

Un matrimonio africano  
 Esclavos de un español  
 Él les daba muy mal trato  
 Y a su negra le pegó

Y fue allí  
 Se rebeló el negro guapo  
 Tomó venganza por su amor  
 Y aún se escucha en la verja  
 No le pegue a mi negra  
 (No le pegue a la negra)  
 (No le pegue a la negra)

Oye, man  
 No le pegue a la negra  
 (No le pegue a la negra)  
 No, no, no, no, no, no  
 (No le pegue a la negra)

Oye, esa negra se le respeta  
 (No le pegue a la negra)  
 Eh, que aún se escucha, se escucha en la  
 verja  
 (No le pegue a la negra)  
 No, no, no, no, no, no le pegue a la negra  
 (No le pegue a la negra)

Negra, que me dice  
 Chambalaquete, chambalequete  
 (No le pegue a la negra)  
 Y aún se escucha en la verja  
 (No le pegue a la negra)

Español con el alma negra  
 (No le pegue a la negra)  
 No lo envenena, no lo envenena  
 No le pegue a la, a la  
 (No le pegue a la negra)

Oye, porque el negro se te revela  
 (No le pegue a la negra)  
 Ya me pongo el alma prieta  
 (No le pegue a la negra)  
 No, no, no, no, no, no le pegue a  
 (No le pegue a la negra)

Habla mucho y no apretando, aprieta  
 (No le pegue a la negra)  
 No le pegue a la prieta  
 Porque a la negra se le respeta  
 (No le pegue a la negra)  
 (No le pegue a la negra)  
 (No le pegue a la negra)  
 No le pegues

Y con ustedes, Chelito de Castro  
 Vamos a ver que le pegue a jeva  
 (No le pegue a la negra)  
 Porque el alma, que el alma  
 Que el alma, que el alma  
 Que el alma se me revienta  
 (No le pegue a la negra)

Eh, no, no, no, no, no, no le pegue a mi  
 negra  
 (No le pegue a la negra)  
 Porque el alma se me agita, mi prieta  
 (No le pegue a la negra)  
 Hay lamento en la playa, negra  
 (No le pegue a la negra)

En la playa de Cartagena  
 (No le pegue a la negra)  
 No, no, no, no, no, no de Marbella, bella  
 (No le pegue a la negra)

En la maleta que cante y que llora  
(No le pegue a la negra)  
Porque entonces el negro se venga  
(No le pegue a la negra)  
El Chombo lo sabe  
Y tú también  
(No le pegue a la negra)

Inês Rainha, composta por Denis Mariano, Octávio Camargo e Janine Mathias (2021) –  
Capítulo 4

Era uma rainha  
Que derrubou o rei  
E deixou de ser rainha  
Tanto faz que tanto fez  
Da sua vida comezinha

Seu nome era Inês  
Falava português  
Mas pouco se entendia  
Daquilo que dizia  
Quis o que não queria  
Colocou a mesa e depois desfez.

Inês  
Marias, Clementes, Clementinas  
Sementes que regamos em terra fértil  
Quem destitui uma rainha?  
Não existe o fim do nosso reinado  
Vozes, corpos que carregam a coragem  
Sentir e conduzir  
Correm como o vento  
Às vezes soando tempestades  
Há de se dobrar ao seu coração  
Quem chega perto  
E não se faz desilusão.

Desfez o que não queria  
Quem sente sua magia  
Um reino que não queria  
Louvar a sua rainha  
Das simples coisas sabia  
O sol e a lua ouvia  
Um tempo que já se finda  
Eterna estrela guia.

## Encanteria, composta por Paulo César Pinheiro (2009) – Capítulo 4 (Análises)

Vou queimar a lamparina quando o rei me der sinal  
Eu sou da casa de mina, ele é da casa real  
Vou queimar a lamparina quando o rei me der sinal  
Eu sou da casa de mina, ele é da casa real

Eu desci da lua cheia  
Pelo raio que alumia  
Eu cheguei na sua aldeia  
Pra fazer encanteria  
Eu vim ver minha maninha  
Dona do fundo do mar  
Ela canta de noitinha  
De manhã dorme a cantar

Moço, apague essa candeia  
Deixa tudo aqui no breu  
Quero nada que clareia  
Quem clareia aqui sou eu

Vou queimar a lamparina quando o rei me der sinal  
Eu sou da casa de mina, ele é da casa real  
Vou queimar a lamparina quando o rei me der sinal  
Eu sou da casa de mina, ele é da casa real

Vim depressa como o vento  
Mas não sei porque é que eu vim  
Foi num canto de lamento  
Que alguém chamou por mim  
Acho que cheguei mais cedo  
Antes de quem me chamou  
Mas, se me chamou com medo  
Vou-me embora, agora eu vou

De qualquer maneira eu deixo  
Nessa casa, minha luz  
Abro ponto e ponto fecho  
Deixo o resto com Jesus

Vou queimar a lamparina quando o rei me der sinal  
Eu sou da casa de mina, ele é da casa real  
Vou queimar a lamparina quando o rei me der sinal  
Eu sou da casa de mina, ele é da casa real

La Tierra del Olvido, composta por Carlos Vives e Iván Benavides (1995) – Considerações  
 Finais

Como la luna que alumbra  
 Por la noche los caminos  
 Como las hojas al viento  
 Como el sol espanta al frío

Yo me muero  
 Yo me muero  
 Yo me muero  
 Yo me muero

Como la tierra a la lluvia  
 Como el mar espera al río  
 Así espero tu regreso  
 A la tierra del olvido

Tú tienes la llave de mi corazón  
 Yo te quiero  
 Más que a mi vida porque sin tu amor  
 Yo me muero  
 Tú tienes la llave de mi corazón  
 Yo te quiero  
 Más que a mi vida porque sin tu amor

Cómo naufragan mis miedos  
 Si navego en tu mirada  
 Como alertas mis sentidos  
 Con tu voz enamorada

Yo me muero  
 Yo me muero  
 Yo me muero  
 Yo me muero  
 Yo me muero

Con tu sonrisa del niña  
 Cómo me mueves el alma  
 Cómo me quitas el sueño  
 Cómo me robas la calma

Tú tienes la llave de mi corazón  
 Yo te quiero  
 Más que a mi vida porque sin tu amor  
 Yo me muero  
 Tú tienes la llave de mi corazón  
 Yo te quiero  
 Más que a mi vida porque sin tu amor  
 Yo me muero

Como la luna que alumbra  
 Por la noche los caminos  
 Como las hojas al viento  
 Como el sol espanta al frío

Como la tierra a la lluvia  
 Como el mar espera al río  
 Así espero tu regreso  
 A la tierra del olvido

Tú tienes la llave de mi corazón  
 Yo te quiero  
 Más que a mi vida porque sin tu amor  
 Yo me muero  
 Tú tienes la llave de mi corazón  
 Yo te quiero  
 Más que a mi vida porque sin tu amor  
 Yo me muero